romance

john updike

busca minha face

BIBLIOTECA AZUL

john updike

busca minha face

romance

Tradução
George Schlesinger

BIBLIOTECA AZUL

Copyright © 2002, John Updike
All rights reserved
Copyright da tradução © by Editora Globo s. a.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Seek My Face*

Editor responsável: Ana Lima Cecilio
Editor assistente: Erika Nogueira Vieira
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Preparação: Tomoe Moroizumi
Revisão: Rebeca Michelotti
Diagramação: Jussara Fino
Capa: Thiago Lacaz
Foto da capa: Jason Langer/Getty Images

cip-brasil. catalogação na publicação
sindicato nacional dos editores de livros, rj

U56b

Updike, John, 1932-2009
Busca minha face / John Updike ; tradução George Schlesinger. - 1. ed. - São Paulo : Biblioteca Azul, 2015.

Tradução de: *Seek My Face*
ISBN 978-85-250-6084-6

1. Romance americano. I. Schlesinger, George. II. Título.

15-20215 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2015

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Globo s. a.
Av. Jaguaré, 1485
São Paulo-sp 05346-902
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Epígrafes
Esta é uma obra de ficção.
“Deixe-me começar lendo para você”, diz a jovem vestida de preto...
Notas

Quando disseste "busca minha face", meu coração disse a Ti:
Tua face, Senhor, eu buscarei.
Salmo 27

Livros eram ainda governados pela velha regra,
nascida da crença de que a beleza visível
é um pequeno espelho para a beleza de ser.
czeslaw milosz, Um tratado sobre poesia

O que dirão os filhos dos nossos filhos
sobre nossos monstros-de-arte em anos futuros
quando a quietude cristã acalmar as nações
e, como na aurora da Renascença,
a pintura for deslumbrante e, espero, sagrada?
karl shapiro, Julgamento de um poeta

Esta é uma obra de ficção. Nada nela é necessariamente verdade. Contudo, seria em vão negar que um grande número de detalhes provém do admirável, completíssimo, *Jackson Pollock: An American Saga*, de Steven Naifeh e Gregory White Smith (Clarkson N. Potter, 1989), ou que alguns dos meus comentários ficcionais do artista derivam dos coletados em *Abstract Expressionism: Creators and Critics*, uma iluminadora antologia editada e apresentada por Clifford Ross (Harry N. Abrams, 1990).

J. U.

“Deixe-me começar lendo para você”, diz a jovem vestida de preto, uma figura esguia, sentada tensa e empertigada na beira da espreguiçadeira de um tecido xadrez grosseiro e desbotado, os braços de carvalho cor de laranja envernizados, que Hope conheceu inicialmente no solário em Germantown, onde seu avô se instalava para ler o jornal, com a cabeça reclinada para trás para usufruir as vantagens das grossas bifocais, sim, isso há mais de setenta anos, “uma declaração sua tirada do catálogo de sua última exposição, em 1996.”

Quando criança Hope sentava-se na cadeira tentando sentir como era ser adulta, apoiando seus pequenos cotovelos nos braços largos, espalhando os dedos, um anel de gordura em volta de cada articulação, na ponta da cavilha, que era encaixada no braço ligeiramente curvo, uma espécie de cunha de madeira com uma barra, a extremidade do assento fixando a cavilha. Os braços da cadeira eram separados demais para ela apoiar mais de um cotovelo e uma mão ao mesmo tempo. Devia ter — quanto? — uns cinco, seis anos. Mesmo quando nova, na década de 1920 ou ainda antes, a cadeira devia ter sido uma coisa desajeitada, deselegante, um tipo de mobília de verão torrando no calor do fundo do solário envidraçado, com o filodendro plantado no vaso e o descanso inclinado para os pés, e a parte de cima dividida como uma torta em longas fatias de couro triangulares de diferentes cores. Quando a morte da avó nos anos 1950 provocou, por fim, a desmancha da casa de Germantown, Hope desejou a velha cadeira e, não havendo objeção do seu bem-humorado irmão sobrevivente, trouxe-a para Long Island, onde foi colocada no andar superior, no seu assim chamado estúdio, no qual às vezes ela tentava ler junto à janela que dava para o norte, a janela corrediça que deixava penetrar o vento que vinha do estreito de Block Island, enquanto lá embaixo Zack ouvia discos de jazz — Armstrong, Benny Goodman, um arranhado Beiderbecke — alto demais; e de lá para o apartamento com Guy e as crianças na East Seventy-ninth, no quarto extra dos fundos com suas paredes pardas, ao lado do aquecedor que estalava como um prisioneiro demente enquanto ela tentava determinar seu próprio ritmo com o pincel carregado de tinta; e dali para Vermont, onde ela e Jerry haviam comprado e reformado uma casa e lá se enfurnado em seu último reduto na vida, uma cadeira transportada da mormacenta Pensilvânia para um clima mais frio, mais alto, todavia dificilmente incongruente nesta saleta da frente despojada, afetada, de teto baixo, os pés dianteiros redondos da cadeira pousados sobre o tapete oval de retalhos trançados em espiral, os pés traseiros quadrados sobre as tábuas do piso colorindo o reluzente preto-avermelhado de cerejeira, os marrons, os verdes e os estreitos carmins do tecido xadrez desbotando ainda mais num tom pálido, aqui na esparsa luz montanhosa do começo de abril. Estranho, Hope pensava, como as coisas nos seguem de lugar em lugar, mais leais que amigos de carne e osso, que nos abandonam quando morrem. A casa de Germantown tornara-se grande demais nos últimos e solitários anos de sua avó, suas grossas paredes de pedra foram abocanhadas até os peitoris do segundo andar por um sombrio matagal, hortênsias e azevinho e um pau-rosa cujos galhos se quebravam a cada tempestade de gelo ou neve, a caiação descascando e o reboco caindo em longos fragmentos quebradiços que se perdiam entre os caules de peônias, as raízes do pau-rosa. Ela tinha adorado morar lá quando pequena, mas depois que seus pais se mudaram para Ardmore, as visitas à casa davam uma sensação estranha, a gigantesca cicuta de ramos caídos ficara sinistra, o quintal com sua relva macia com um cheiro quente e estagnado, como o ar de uma estufa, a balança que seu ativo avozinho, a primeira pessoa cuja morte Hope conheceu, tinha pendurado no galho de uma nogueira apodrecendo, as cordas e a tábua de um jeito eternamente negligenciado que a assustava.

A jovem, uma lâmina fina e nova no velho e fofo revestimento da cadeira, lê com sua entrecortada voz nova-iorquina, uma voz que se inclina na direção de Hope com uma pressão de ansiedade mas também com o que parece ser, sob esta luz trêmula de um período tardio da vida, uma espécie de afetação filial, “*Por um longo tempo vivi como reclusa, temendo as muitas evidências da não existência de*

Deus abundantes no mundo. O mundo veio-me lentamente, é a colcha de retalhos do Diabo, colorida em vez de imaculada. Restrinjo minhas atuais telas a tons de cinza cada vez mais juntos um do outro, como que na pré-aurora, antes de a luz começar a alçar as arestas para a existência. Estou tentando, pode ser, pintar a santidade. Suponho que deveria ficar lisonjeada quando alguns críticos chamam esta de minha melhor fase — eles escrevem que finalmente me livrei da sombra do meu primeiro marido. Mas miraculosamente, pode-se dizer, parei de me importar com o que eles pensam, ou que imagem tenho aos olhos de estranhos. Fim da citação. Isso foi há cinco anos. Você diria que isto ainda é verdade?"

Hope tenta desacelerar a jovem, arrastando sua própria voz como se fosse um pensamento. "Bastante verdade, diria eu, apesar de soar num tom de autodramatização. Talvez 'temer' seja forte demais. 'Sentir horror e desgosto em relação a' poderia ter sido mais acurado — e apropriado."

Hope sente um nó na garganta com a presença dessa intrusa nervosamente agressiva, com sua face urbana branca, suas longas mãos de unhas escuras e seu traje dogmaticamente preto — gola rulê preta, jaqueta de couro sintético preta com um grande zíper central, cabelos pretos presos acima das orelhas por dois pentes curvos prateados e que caíam sobre as costas como um leque solto e sedoso — e o sinistro acabamento de um calçado grosseiro de bico quadrado, uma espécie de coturno, os cadarços passando por uma dúzia ou mais de ilhoses como duas escadinhas pretas subindo e sendo cobertas pelas bocas largas de suas calças, as quais eram feitas de um tecido finamente canelado, um pouco brilhante, que Hope nunca viu antes, um tecido sem nome. As botas, com aquele novo tipo de salto alto, largo para os lados mas estreito no sentido do comprimento, não aparentavam ser muito confortáveis, a não ser que agora o aspecto masculino fosse considerado confortável. É um novo século — mais espantoso ainda, um novo milênio. Este fato milenar é para Hope uma grande porta em branco que se fechou com uma forte batida, retendo atrás dela sua vida como uma criança sendo sufocada num refrigerador abandonado.

A voz da visitante, insistente com certa raiva, embora ainda femininamente flexível, insinuando-se para dentro dos ouvidos da presa, afirma, "Você foi criada como quacre".

"Bem, 'criada' é um termo delicado. Meu avô era um ancião, é verdade, mas meu pai, especialmente depois que nos mudamos para Ardmore, frequentava as reuniões apenas uma ou duas vezes por ano. Os Ouderkirk foram quacres holandeses; quacres holandeses povoaram Germantown, que, na realidade, é um nome impróprio: cidade alemã. Deveria ter sido chamada Dutchtown, cidade holandesa, da mesma forma que os 'holandeses da Pensilvânia' deveriam ter sido corretamente chamados de 'alemães da Pensilvânia'.[1] Bolsões desses quacres holandeses vinham ocupando o vale do Reno; os Ouderkirk vieram de Krefeld; o próprio Penn os visitara na década de 1670, falando-lhes da sua encantadora colônia, seu 'experimento sagrado' de além-mar. Quando vieram, nos anos 1680, alguns moraram em cavernas até poderem construir suas próprias casas. Minha mãe, porém, era relativamente episcopal, morna eu diria, mas jamais teria se considerado irreligiosa. Nós fomos todos juntos às reuniões algumas vezes, parece que foram bem poucas, mas na mente de uma criança o pouco representa muito. Lembro-me principalmente da luz e do silêncio, todos aqueles adultos esperando Deus falar por intermédio de um deles: tosses contidas, pés se embralhando no chão, o rangido de um banco. No começo aquilo me aborrecia, sabe como as crianças sempre ficam constrangidas por causa dos adultos. Aí a qualidade do silêncio mudava, dobrava uma esquina, como um anjo passando, e percebi que era um tipo benigno de *jogo*. Os Amigos falam de 'silêncio vivo'. Na verdade, alguém acabava, sim, falando. Os quacres faziam, *sim*, arranjos, mas deixavam espaço para Deus, por assim dizer, estragar esses arranjos. Havia uma espécie de elaborada cortesia naquilo tudo. Numa época havia um banco na frente para os anciãos e ministros registrados, mas do tempo que eu lembro, deve ser o final dos anos 1920 ou começo dos 1930, eu tinha dez anos em 1932, os bancos estavam dispostos num quadrado, de modo que ninguém

tivesse prioridade nos assentos. Apesar disso, meu avô nunca nos levou para um banco dos fundos.”

Cale a boca, Hope diz a si mesma. Este sempre tinha sido o seu defeito, falar, dar, flertar, tentar agradar demais, esforçar-se para seduzir. Seu avô usaria uma expressão quacre, “da criatura”, para qualquer coisa que fosse demais, humana demais, mundana demais, egoísta e cruel demais. A guerra era da criatura. Luxúria e intemperança, é claro, mas também razão, estudo e debate em excesso. As artes — com exceção da arte doméstica e edênica da jardinagem e da arte oculta de ganhar dinheiro — eram da criatura, uivos por reconhecimento e singularidade. Coisas da criatura eram fracas, sujas e indignas; eram uma forma de ruído. Quando criança, Hope falava demais, sentindo sua carinha redonda e sardenta corar de excitação, o coração quase explodir com seu próprio batimento, querendo, dentro de suas costelas, que ela inteira, da cabeça aos pés, do alto da cabeça à sola dos pés, fosse amada, segurada, desejada. Mesmo agora, à beira do túmulo, setenta e nove anos completados no mês passado, o infeliz mês de março, ela está tentando encantar a ágil estranha vestida de preto, por mais que tenha perdido seus encantos nas suas calças de veludo marrom e malha amarela de algodão, a gola alta desbeiçada e a grossa camisa xadrez flanelada desabotoada para disfarçar a barriga, mas na verdade tendo o efeito contrário; sua barriga se sobressai, mas seus seios e nádegas estão achatados; por baixo da roupa ela se tornou uma bruxa nua de Schongauer, com diabinhos de dor artrítica familiares a ela, ou a sonhadora Saskia de Rembrandt várias décadas depois, perdida em dobras e rugas. A reluzente franja ruiva, sua marca registrada quando moça, agora não está nem mesmo grisalha, mas branca, tão fina e seca e carente de corpo, cada fio espetado para os lados como se tivesse vontade própria, como se representasse uma mera recordação daquela que um dia cobrira sua testa com o delicado volume de uma couraça de cobre. Na época, ela usava cabelo curto, duas pontas curvando-se para tocar os ângulos de seu maxilar, o maxilar largo definindo o pentágono pálido que olhava do espelho de volta para ela com enganadora calma, firme em seu olhar sardento de avelã, o nariz pequeno e reto, os lábios não exatamente carnudos mas bem delineados, rápidos para expressar receptividade, rir, sorrir, até de si mesma, avaliando com tanta seriedade sua face no espelho, uma covinha destacando-se na parte inferior da bochecha esquerda. Quando criança ela se perguntava aonde ia o reflexo quando ela saía; espelhos pendiam nas paredes de Germantown como pinturas que sempre mudavam de tema. Os anos 1960 a liberaram do batom e daquelas encaracoladas permanentes dos anos 1940 e 1950, bem como de cintas e ligas; deixou o cabelo crescer, liso ao longo das costas, prendendo-o num prático rabo de cavalo para pintar ou fazer o serviço doméstico; ela tinha todo tipo de artificiosas presilhas e pentes curvos articulados, de casco de tartaruga e marfim antes de os elefantes ameaçados de extinção virarem um problema. O fantasma grisalho desse rabo de cavalo agora está preso na nuca com um desses elastiquinhos de cores de balas vendidos nas lojas de cinco-e-dez[2] de Montpelier (uma das poucas cinco-e-dez que restam, embora não se use mais esse nome, é só a expressão que ficou, pois com dez centavos já não se consegue comprar mais nada), e nos pés ela calça grossas meias cor de gaze e sandálias Birkenstock macias e confortáveis, que também são de outra época. Os anos 1960 tinham sido para ela uma grata liberação, um prazer, embora estivesse na casa dos quarenta na maior parte da década. Preocupações com dinheiro, com casamento haviam ficado para trás; ela era uma moradora de Manhattan com uma fazenda de cavalos em Connecticut, casada com Guy Holloway, o super bem-sucedido menino prodígio da Pop Art, e, mais gostoso ainda, mãe de três filhos pequenos, empurrando, de minissaia jeans e franja ruiva, um carrinho de metal com a pequena Dot sentada de macacão de veludo (no bolso da frente um ursinho observador ou um inocente canário) e os dois meninos indo atrás, choramingando por isto ou aquilo, pelos corredores da Gristede na Lexington Avenue, atulhados de cores consumistas sob o incandescente teto ventilado, aquelas cores tão desinibidas, laranjas e verdes fosforescentes e cáquis ácidos, uma década de arco-íris escandalosos, de folheado a ouro e prata voltando às telas, de cintilantes viagens psicodélicas. No entanto, os

entrevistadores sempre lhe perguntavam sobre os lúgubres, atemorizadores, anos 1940 e 1950, os primeiros, uma década de cinza-metálico, os últimos com aquele azul-claro doentio que pode ser visto nos filmes desbotados dos anos 1950 na televisão.

"Como as telas do seu primeiro marido", propõe a voz, contente com a conexão. "Atacado de todo lado da tela. Sem prioridade".

Ela está se referindo, Hope percebe, à casa de reuniões dos quacres. "Zack não tinha nada de quacre. Não tinha a menor paz interior, nenhuma. Sua mãe, depois que o pai de Zack foi embora, tentara engajar a família numa dessas grotescas seitas ocidentais, que sobem em altas montanhas esperando que o Senhor desça e acabe com tudo. Era uma das coisas sobre as quais ele não gostava de falar. Uma das muitas coisas. Ainda mantinha o ressentimento."

"Ressentimento porque era obrigado a subir, ou porque o Senhor não descia?"

Está sendo divertido, Hope se dá conta. Esta jovem talvez não precise ser enfrentada com resistência absoluta. Ela continua, sua voz ao mesmo tempo afiada e sedosa: "A falta de prioridade também me sugere *as suas* pinturas, as posteriores. Tudo equilibrado, nada intenso demais. Cada centímetro quadrado igualmente importante".

"Nunca fiz essa ligação", Hope lhe diz secamente. O tom seco teria sido abrandado com o acréscimo do nome da moça. Seu nome... Qual *é mesmo* o nome que ela deu, nas cartas e e-mails que a galeria de Hope na Fifty-Seventh Street lhe encaminhou, e depois ao telefone e finalmente à porta? Lá estava aquele corpo vivo, incongruente com as montanhas eternas às suas costas, surpreendente, uma pessoa alta de cabelo preto, a face pálida-urbana, num manto púrpura com um capuz enorme, como uma aparição da morte num filme de Bergman. Hope visualiza o "K" se ressaltando acima da linha, o "y" se lançando abaixo: Kathryn. Escrito desse jeito esquisito, rebuscado. As pessoas, agora que se afastaram de seus ancestrais e da Bíblia, dão os nomes mais estranhos, nomes que inventam, mães negras vivendo da previdência social e dando nomes às suas bonecas: Luceen, Baylee, Maryvonne. Seus próprios netos, cinco ao todo, e nenhum John ou Mary entre eles, nem mesmo um Bill ou uma Barbara. Agora é Barbra. Ardmore e Shipley eram cheias de Barbaras e Mary Anns. Hope imagina se sua visitante é judia. Ela nunca desenvolveu a habilidade que os antissemitas e os próprios judeus têm de identificar quem é judeu. Nos círculos artísticos presume-se que qualquer impetuoso ou com presença o seja, qualquer pessoa que fale rápido dando certo sabor às consoantes, dando ênfase àquele "g" final, mas nem isso parece funcionar sempre. Na Filadélfia os únicos judeus que eles conheciam eram seus dentistas; embora quacres e judeus tenham sido ambos perseguidos e estivessem mais próximos da religião bíblica do que, digamos, os católicos romanos, eles pertenciam a outras firmas de advocacia, a outros clubes de campo. A família de Hope pertencia ao Germantown Cricket Club, porque, ao contrário do Merion Cricket Club, tinha piscina, apesar de o salão de jantar ter aquele teto baixo deprimente. Havia enclaves inteiros que imitavam o estilo Tudor, grama espessa e cercas vivas altas, das quais corretores imobiliários invisíveis mantinham fora os judeus. Ela achava que Bernie Nova, por exemplo, com seu monóculo afetado e bigode enrolado com goma nas pontas era alemão, ou até mesmo armênio, como o grande e doido Korgi de fato era. Bernie e Roger Merebien eram aqueles entre a multidão de concorrentes de Zack com quem ela se sentia mais à vontade, que estimava mais fraternalmente; eram os mais articulados, redatores de declarações e cartas aos editores, formuladores de credos e cartas altivas à imprensa e, por conta disso, bastante condenscendentes com outros, com Zack e Phil e Seamus, por serem loquazes demais para a sublimidade, carecendo da paixão americana apropriada, além das palavras. A pele de Kathryn tem o lustro fosco, a maleabilidade racial, mas agora tanta coisa é maquiagem que ela pode ser também de descendência mediterrânea, ou da Europa Oriental. Estamos todos tão assimilados. No último sábado Hope estava assistindo ao noticiário vespertino e a apresentadora, em vez de Tom Brokaw, era uma moça

perfeitamente deslumbrante, olhos claros de topázio distantes entre si como os de um gatinho, boca larga de cantos bem definidos pronunciando tudo com uma inflexão ágil e perfeita, mais americana que os americanos, mais nítida, um toque daquela voz fragmentada rápida dos filmes de gângster e das comédias românticas dos anos 1930, e quando os créditos mostraram seu nome, não era nem sequer grego, era algo mais próximo ao turco, uma rápida retorcida de sílabas como uma palavra em inglês pronunciada de trás para a frente. O velho rebanho americano está sendo encoberto. Não era sem tempo, é claro: não há motivo para lamentar. Ao contrário. Ela e Zack eram do velho rebanho — quacre, ianque, pioneiro do Oeste, protestante, cada um sendo pastor à sua própria maneira, egressos nas névoas do norte da Europa para este país de sol forte, cancerígeno. "Kathryn", diz Hope, cimentando seu controle sobre o nome, "esse é na verdade mais um artigo sobre o Zack? Será que já não foram artigos demais?"

"Zack, não, você. Você inteira. O momento, o momento histórico, a explosão, quando tudo se juntou, e os Estados Unidos sobrepujaram Paris, e pela primeira vez lideramos a arte mundial. Por quê? Como?" Ela soa como uma apresentadora de notícias, lendo o *teleprompter* à medida que as linhas vão subindo. Hope sente os ossos pesados, como se fossem de chumbo, com a realidade que esta pessoa jovem está lhe atribuindo — *precisa* lhe atribuir, para justificar seu tempo, sua energia gasta, a monótona viagem pela autopista Thomas E. Dewey até Vermont, serpenteando através das fazendas de gado em pastos pedregosos e dos telhados exageradamente inclinados das casas de esqui e dos pequenos e belos colégios experimentais para os filhos complicados dos ricos, os postos de gasolina que também são minishopping centers, os pequenos restaurantes de almoço que tentam ser acolhedores com suas cortinas brancas nas janelas e geralmente estão fechados nesta época do ano, e então a noite de sono irregular no motel para conseguir estar à porta de Hope às 9h30; Hope lhe disse pelo telefone que seus dias começavam cedo, com algumas horas no estúdio depois do amanhecer, e terminavam cedo. A moça receia não obter o suficiente pela milhagem percorrida.

Aquele "você inteira", no entanto, foi simpático. Hope nunca foi considerada um soldado significativo, apenas uma adepta de campo, uma das muitas, e depois esposa, algo que poucas adeptas de campo conseguem. Suas pinturas constrangiam Zack, de certa forma uma subversão de sua masculinidade, e ele a escondia como pintora no andar de cima, como a maluca sra. Rochester. "Bem", ela sugere, "para ser simples em relação a isso, a guerra tinha deixado os outros países arruinados. Estavam exauridos. Da mesma maneira dominamos as Olimpíadas de 1948; todo mundo ainda estava fraco de fome."

Kathryn deixa isso de lado como algo ridículo, que não vale a pena. Não consegue imaginar fome e miséria como fatores culturais reais. Seu rosto se força a penetrar alguns centímetros no espaço entre Hope e ela mesma, ela na velha e macia cadeira do solário e Hope na sua dura cadeira de balanço, uma cadeira de balanço feita por antigos hippies em Burlington com não menos de, dizia o caprichado folheto impresso (em tinta verde) que veio junto, cinco tipos de madeiras diferentes; elas encolhiam em diferentes graus e tornavam o encaixe mais apertado à medida que a cadeira envelhecia, assim alegava o folheto. Ela dera a cadeira para Jerry no seu primeiro aniversário aqui, e tal alegação ainda não foi refutada. A cadeira sustenta seu peso quando ela se recosta para manter a inquisidora à distância. A rude claridade da luz matutina — nem uma única nuvem no céu azul, um reluzir de lama na terra nua diante da porta da cozinha quando ela abastecera o comedouro de pássaros dez minutos antes de Kathryn chegar, pontualmente demais — despe de beleza a face da entrevistadora, mostrando-a bruta e mal-humorada, seus olhos de ameixa escaranchados sobre um nariz comprido com um leve calombo, os lábios virados para baixo, determinados a não se distrair nem a serem cativados muito facilmente, lábios que poderiam derreter-se caso beijados mas que correm o risco de se consolidar numa permanente carranca azeda de ambição não realizada. Kathryn lança um olhar para as folhas de papel equilibradas sobre seu colo preto, suas coxas finas pressionadas com força uma contra a outra, páginas de perguntas impressas por um

computador para ajudá-la enquanto a fita da entrevista vai correndo na maquininha, uma Sony de dois tons de cinza, seu ronronar metálico no silêncio, na mesinha baixa entre elas, não uma mesa mas um velho baú de madeira que Hope comprou em Riverhead nos anos 1940 por vinte dólares, lixou e envernizou, naqueles primeiros anos quando ela e Zack estavam entusiasmados em criar um lar juntos na pontinha ventosa inundada de luz de Long Island, mundos distante do que ele chamava, eufemisticamente, encobrindo suas farras de bar em bar, de "uso e abuso" de Manhattan. Kathryn diz apressada, como se Hope fosse sensível a esses assuntos: "O triunfo foi explorado politicamente, eu sei, pelos Rockefeller e pela cia, entre outros, mas não vejo isso como movimento político, originalmente. Vejo como algo inocente, a última chama da nossa inocência idealista".

"Oh, não", Hope responde. "Não nos sentíamos inocentes em relação a nós mesmos. Sentíamo-nos muito sofisticados e um pouquinho malvados. E os pintores não se conheciam todos entre si igualmente bem, ou eu deveria dizer, não se gostavam igualmente entre si. Alguns dos outros, os mais intelectuais e bem organizados, não gostavam muito de Zack, especialmente depois que seus quadros tornaram-se tão famosos e seu hábito de beber voltou a ficar terrível. Zack não era fácil de se gostar, ou mesmo, após algum tempo, de se amar." Ela deixa a frase flutuar alguns segundos, atormentando a outra, tentando-a a decalcar prematuramente essa palavra atraente, "amor", mas Kathryn ignora a provocação, e Hope tem de continuar, explicando, esclarecendo o que sempre teria sido melhor deixar misterioso. Entrevistadores e críticos são os inimigos do mistério, da indeterminação que dá vida à arte. Ela agita a mão — nodosa, sardenta, cheirando a solvente de tinta — na ponta da manga da camisa xadrez flanelada do seu homem e diz: "Agora se espera que todo mundo se vire do avesso a um simples comando, como sementes impacientes quando tocadas, ou — como é que se chama aquela planta? — Maxixe. Zack detestava ser entrevistado; ofendia o seu senso de dignidade de classe mais baixa, de haver coisas que não se diz. Todos nós — Clem, Peggy, Betty, Herbie Forrest, costumávamos orientá-lo sobre o que dizer, mas quando chegava a hora ele se recusava a falar, ou só resmungava as palavras. Era sua arrogância — ele achava que não se podia buscar o reconhecimento, este devia vir a você sem ser pedido. Ele era louco por reconhecimento e, ainda assim, recusava-se a fazer o jogo". Ele continua lhe voltando aos poucos, sua cara quadrada de menino mau desorientado, seus três vincos salientes, covinhas profundas como se fossem uma amplificação — uma reafirmação mais forte — de sua própria covinha solitária, e com seu rosto a aparência das ruas de Manhattan de então, antes da arquitetura com fachadas de vidro e sacos plásticos para lixo: os passeios da East Ninth Street atulhados em dias de coleta com latas de lixo galvanizadas corroídas, lançadas com raiva na aba hidraulicamente erguida do caminhão de lixo, e o intenso barulho de metal que faziam no meio da noite, os lixeiros dando o troco a todos que dormiam a salvo acima deles. Na época as latas cheiravam claramente a lixo, e a guerra de classes não era disfarçada, sindicatos *versus* diretoria, os vermelhos contra os ricos. Não se desejava a ninguém que tivesse um bom dia; os prédios pareciam os mesmos em Manhattan e em qualquer outra cidade: de tijolo e com quatro andares de altura; cada quarteirão formava uma pequena aldeia, com um sapateiro, uma barbearia, um bazar dirigido por irmãs, uma lavanderia chinesa, um porão de carvão e lenha, uma *drugstore* com balcão de mármore para vender refrescos. A Eighth Street era uma espécie da *shuk* — um mercado oriental onde se era empurrado a cotoveladas até a sarjeta —, e a área ao norte e a leste de Washington Square tinha uma furtiva característica europeia, a Grace Church com seu campanário cinza em padrão losangular destacando-se onde a Broadway fazia uma leve curva, como uma rua medieval insinuante, e onde a Cooper Union flutuava em sua praça como um palácio veneziano marrom. A University Place era uma fieira de bares, inclusive o Cedar, o qual sempre parecia quente quando se abria a porta e suficientemente escuro para manter seus defeitos do lado de fora. Tinha cheiro de fumaça e serragem.

“Ele era” Hope diz, hesitante, consciente de si como possuidora, aos olhos negros pendulares da outra, de um estado mental divagador, esfiapado, além de qualquer utilidade a não ser alguns fiapos de memória a serem tecidos na história de outra pessoa, “ele era autoindulgente e dificilmente autoeducado. E obviamente bebia demais. Mas todos nós bebíamos demais, era parte da guerra, dos apagões, do nosso estado de espírito sombrio e desesperado, toda aquela morte, os jornais tratando diariamente da morte, centenas, milhares, números que hoje dariam manchetes gritantes. Era um mundo de homens. A arte era um mundo de homens. Eles mal podiam abrir espaço para as mulheres, mesmo quando se casavam conosco. Era um mundo rude, masculino. Você fala de Zack e do resto dos heróis desse momento histórico que você – qual é a palavra agora? – construiu, você os vê como titãs nas nuvens, mas os titãs eram na verdade um grupo triste, que teve um triste fim, se me lembro bem de Bulfinch, do livro sobre mitologia da minha infância. Exceto o velho e engraçado Bernie, que tinha se casado com o dinheiro, e Roger, que tinha um fundo fiduciário, e Onno, que começou a vender antes de qualquer outro, ele tinha aquele gosto europeu que *marchands* e compradores já podiam entender, não o nosso pobre tatear americano, vindo das profundezas, Jung e todos aqueles arquétipos; *todo mundo* era pobre e vinha sendo pobre havia anos, vivendo do Projeto, o Projeto Federal de Artes, antes da guerra e mesmo durante a guerra, embora a verba estivesse secando. No momento que você menciona, o pós-guerra, mesmo depois de a publicidade ter começado a entrar, Zack ainda não estava vendendo pinturas. Algumas gravuras e trabalhos em papel, mas não grandes pinturas. Ele estava em vias de ficar famoso, mas nós permanecemos supreendentemente pobres, e isto o enlouquecia. A galeria de Peggy deu a Zack um subsídio, tivemos de pedir-lhe emprestado para comprar a casa, uma casa e três acres por quatro mil dólares, pense nisso, só a terra valeria um milhão agora, lá perto dos Hamptons; ele nunca conseguiu ganhar aquela quantia, então a galeria ficou com os quadros. Simplesmente ficou com eles, durante anos. A maioria das pessoas não tinha ideia de que estava acontecendo algo maravilhoso. Não sabia que havia um momento. As pessoas ainda pensavam em Picasso e Miró e os surrealistas. Não Dalí; ele era tão desprezado quanto Benton e representava tudo que odiávamos.”

“É claro”, Kathryn murmura, em tom apaziguador, sentindo a inflamação, querendo que Hope fosse em frente.

“Dalí era um circo de um homem só, decoração de vitrine de loja de departamentos. Aliás, ele *fez* algumas vitrines para a Bonwit’s e aí se jogou pela vidraça arrebentando a montagem quando a gerência insistiu em vestir os manequins, que estavam, sei lá, pisando dentro de banheiras revestidas de pele e deitados em leitos de carvão em brasa, um monte de plumas e mãos sem corpo segurando espelhos. Saiu em todos os jornais, o que, obviamente, era o que ele queira. Ele entendia a publicidade e não tinha vergonha. Os europeus têm vergonha quando chegam aqui. Isso foi antes de eu me mudar para Nova York, mas Zack, por algum motivo, estava lá e descrevia a cena rindo, mas também ofendia o seu senso de dignidade que um artista se vendesse daquela maneira. Zack podia estar em farrapos, imundo de uma noite na sarjeta, mas tinha esse ideal de dignidade, sei lá, do artista não como um executante ou parasita da sociedade, mas como *operário*, e ao menos tão digno de respeito quanto um pregador ou um banqueiro. Era uma das coisas que eu amava nele.” Hope sente-se excitada, a face corada, o coração batendo forte, tentando agradar, picada pelo medo de parecer vacilante; as velhas inseguranças e a sensação de ridículo parecem tão próximas, como se essa moça clandestina fosse uma das loquazes jornalistas de arte que distribuía gracejos fáceis nos anos 1940 na *Time* e na *Life*. Mas na época em que essas publicações começaram a reparar nisso, a maré tinha virado. “Você fala de um momento histórico, Kathryn, mas a atenção estava toda voltada para algumas poucas galerias, com alguns críticos que, aliás, tinham seu próprio peixe para vender, seu próprio nome a fazer — Clem usou Zack para fazer seu nome, e quando Zack vacilou, Clem foi o primeiro a saltar do barco. As telas, aquelas que mais tarde todo

mundo pôde ver que eram magníficas, e isso foi por milhões, de que serviam elas? Eram grandes demais. Eram arte pública sem público. Zack — era patético —, quando estava bêbado de cair, costumava dizer às pessoas que grande investimento seus trabalhos seriam, e é claro que tinha razão. Um homem nos Flats — Jimmy Quinn, que dirigia uma barraca de verduras realmente vistosa — pegou como pagamento um pequeno quadro de Zack em mdf de trinta por quarenta e uns dez anos atrás finalmente o vendeu por dois milhões de dólares. Ele ainda anda por aí na sua picape caindo aos pedaços. Zack teria adorado."

Hope faz uma pausa, e os lábios de Kathryn se entreabrem para disparar outra pergunta na gravação, mas Hope ainda não terminou seu longo pensamento cheio de rodeios; há um retrato de Zack que ela quer acabar, embora a memória dele ameace sugá-la de volta, para longe, para baixo, como ondas espumantes nos seus tornozelos numa das praias, alguma praia rochosa além das falésias, além das fábricas de pescado, rumo à Ponta, onde permaneciam enquanto a tarde abandonava sua luz forte e ficava avermelhada e a brisa se instalava, e não havia nada ao sul além do Atlântico, alguns navios cinzentos no horizonte como etiquetas num arquivo. "Todos nós bebíamos", ela repete, "mas para Zack era um veneno, libertava demônios. Como muitos bebedores famosos, ele realmente não podia beber. Eu segurava o álcool melhor do que ele e na casa dos vinte eu não passava de uma coisinha minúscula." Zack estava na casa dos trinta quando começaram a sair juntos: ele, com seus quadris estreitos, seu peito e ombros recobertos de uma penugem loira; mesmo seus pés descalços eram lindos, protuberantes e largos nos artelhos, e o peito do pé branco como a pele do lado interno de um braço de mulher. Ela ficava parada ao seu lado, sentindo o sugar da arrebentação na altura dos tornozelos, o modo como ela puxa a areia de sob os calcanhares. Havia o barulho branco das ondas e o espargido aroma de praia, sal e iodo, e corpos marinhos apodrecendo, peixes e águas-vivas deixando seus redondos cadáveres ocres como poças de verniz nas rochas, abatidos, incapazes de voltar ao seu elemento, sua anatomia vagamente vislumbrada dentro da poça, inútil, arruinada, algo como uma respiração ainda acontecendo, pobres criaturas condenadas, como todos nós. Ela gostava do fato de Zack não ser muito mais alto que ela, como alguns homens, inclusive Ruk; sentia-se como uma Eva que combinava com ele, como naqueles maravilhosos painéis de Cranach em Pasadena, ou nos dois afrescos na capela Brancacci, o Masaccio tão angustiado e envergonhado, o anjo rubro sobre suas cabeças banindo-os, e o Masolino tão sereno, imponente e altivo, a pequena e benigna cabeça feminina de cobra acima da cabeça de Eva, Eva calma com seu cabelo loiro repartido ao meio, sem arrependimento, antes da Queda, a fenda de seu sexo não oculta, tampouco o pênis de Adão. Encare o fato: esta mulher jovem também é lenda. Hope imagina o corpo nu de Kathryn — o balanço do quadril na coxa, os seios com suas pontas rosadas flutuando sobre a caixa torácica, o triângulo púbico puro marfim-negro e oleoso como num Corot, tudo num lampejo, e então renuncia à imagem: é *da criatura*. Sua suscetibilidade à beleza, Hope sempre soube, é o que a manteve menor como artista. Os grandes vão além da beleza, eles a desdenham como os santos do deserto desdenhavam visões de concupiscência e conforto: o Diabo oferece o mundo como recompensa.

Ela diz à inquisidora, "O momento que você descreve, quando os Estados Unidos se autodefiniram em termos de arte, os artistas já vinham dizendo desde a Armory Show que isso devia acontecer; o que foi o Regionalismo senão uma tentativa de fazer acontecer? Benton e tudo mais, os murais da wpa. Nós éramos extremamente marginais, a abstração era um sonho etéreo como o comunismo. A mídia, que na época não tinha esse nome, ria às nossas custas; nós éramos uns loucos idiotas. Os Estados Unidos se deleitavam. Aqueles retratos de Zack na *Life*, e aí o filmezinho que aquele alemão terrível, mandão, fez, Hans qualquer coisa, foi aquilo que realmente o matou. Ele se odiou por virar celebridade, o novo Dalí. Por ter sido obrigado a reconhecer, suponho, que virar celebridade era o que ele quisera o tempo todo. Ele realmente tinha pouquíssimo talento, do jeito que a maioria dos estudantes de arte tem; tinha apenas esse terrível impulso de ser grande. Ele era desesperado para ser não só bom, mas *grande*. Outros

também achavam que tinham o impulso, mas não se apegaram a ele, distraíam-se com seu talento. Zack não se distraía dessa maneira; ele *se apegou*. Ele não tinha nada a não ser essa...” Ela não quer dizer ‘esperança’, ‘*hope*’. E prossegue, “Ele era terrivelmente desajeitado com o lápis, com o pincel. Suas mãos pareciam ser grossas demais para eles. E ele não *sabia* nada, comparado à maioria das pessoas. Havia ingressado com Benton na Art Students League; Benton via-se nele, suponho, seu lado fanfarrão, aquela coisa a oeste do Mississippi, e o talento de Zack não era ameaça; e aí, quando de volta à Califórnia Zack finalmente conheceu Siqueiros, embarcou na bagunça, nas novas pinturas industriais, no protesto social ou seja lá o que for, tudo novo e bagunçado, e foi de carro até o Pomona College para ver um mural que Orozco tinha feito de Prometeu; quando voltou para o Leste pegou o carro e foi até Dartmouth para ver aqueles Orozcos e adorou aquelas cores de terra, o desenho ruim, e como todo mundo em Nova York nos anos 1930 ele respirou o surrealismo, mas sem ter muito senso de teorias psicológicas por trás, era tudo como se aplicava a ele pessoalmente, o futuro grande Zack McCoy. Você mencionou a política, mas não me lembro de nós termos prestado muita atenção a ela, as coisas que as pessoas falam agora. Truman e o Plano Marshall, a China sob o domínio de Mao, a Europa à beira do abismo, e todos aqueles testes, testes de sirenes, a conversa sobre aniquilação: não tinha nada a ver conosco. Éramos absolutamente egoístas. Mesmo a guerra, embora nem todo mundo tivesse se safado de servir, muitos conseguiram. Os médicos do Exército os classificavam de loucos ou homossexuais, mesmo quando tinham esposa. Fiquei tão chocada, quando vim a Nova York com vinte anos, com o fato de ninguém mencionar a guerra, no seu pior ano, quando parecia que realmente podíamos perder e Hitler e Tojo dominariam o mundo. Nós só falávamos de pintura, de quem porra era quem.”

“Mas uma boa parte do grupo”, a entrevistadora objeta, com seu afetado conhecimento de livros, “era *muito* política. Muito esquerdista tipo anos 1930. Bernie Nova e Jarl Anders, especialmente. Se você lê os manifestos pós-guerra, eles são francamente — qual é a palavra? — apocalípticos. Eles viam o que estavam fazendo como uma revolução. Anders dizia — não tenho aqui a citação exata — que iria desfazer dois mil anos de falsidade e traição do espírito humano.”

Por que essa moça está recitando a vida da própria Hope para ela mesma? E não está fazendo direito. Bernie adorava fazer pronunciamentos, quanto mais afrontosos melhor, mas também era um homem extremamente engraçado, envolvente e gentil, um urso com seu bigode encerado e o ridículo monóculo antiquado, as palavras simplesmente brotavam dele, toques e abraços avunculares estimulando-a quando ela estava por perto. Jarl era mais distante, mais limitado, cinzento e lúgubre como um cadáver insepulto, um pouco paralisado em seus movimentos, observando com aqueles olhos, olhos obscurecidos como um maníaco vampiro de filme, mas também capaz de certa ternura agressiva, um súbito enxergar do interior de uma mulher, de um modo impossível para Zack. Zack via apenas uma mãe, um inimigo íntimo, qualquer que fosse a mulher para quem estivesse olhando: uma delicadeza ameaçadora, um sugar da areia sob os pés nas praias rochosas, onde ele fazia esculturas improvisadas das rochas, especialmente se houvesse filhos de outras pessoas para entreter. Ele gostava sim de crianças, mas sem senso de responsabilidade. Achava que seus filhos seriam como os de qualquer outra pessoa, a quem você vira as costas quando a hora de brincar chega ao fim.”

Hope admite, “Todos eles eram mais velhos, eu era o bebê; eles tinham lutado durante a Depressão tentando ser artistas, poderiam ter passado fome e virado alguma outra coisa não fossem o governo e o fap. Vinte e três dólares por semana era uma fortuna naquele tempo. Eram uma geração mais velha em alguns casos e, sim, restava neles muita coisa da Velha Esquerda. Acreditavam que deveria existir uma sociedade melhor do que esta, com um terço dos homens sem trabalho e os ricos usando cartolas e falando mal de Roosevelt. A guerra suprimiu tudo isso. Mas não de verdade. Persistiu debaixo do pano a necessidade de revolução. Ela se introduziu na arte. Tempo de guerra era privação, mas a mesma coisa

era a vida artística. Todas as notícias, de algum modo, passavam quase despercebidas, exceto as de arte. Fiquei tão surpresa, quando cheguei a Nova York aos vinte anos, com o fato de as escolas de arte ainda estarem tão fortes. Racionamento e títulos de guerra e propaganda onde quer que se olhasse, as ruas cheias de uniformes, e mesmo assim...”

“É claro”, Kathryn interrompe delicadamente, confundindo a pausa de Hope com uma divagação senil, “havia todos os emigrados, Duchamp e Mondrian e os surrealistas, Breton, Max Ernst...”

“Sim”, Hope responde de supetão. “Nós — eu, pelo menos; *você* talvez tivesse chegado a eles — nunca os víamos. Os ricos faziam deles bichinhos de estimação, eles badalavam em Connecticut e no Upper East Side, de todos eles só Mondrian não era esnobe em relação à vida americana, achava que podia aprender com ela; mas eles estavam lá, sim, do nosso lado do Atlântico, valorizando, criando uma *atmosfera*. Havia exposições. Essa era uma das nossas queixas, que as galerias davam todo seu espaço aos europeus. E naquela época Barr, no Museu de Arte Moderna, obviamente só podia pensar europeu.”

Quem era essa jovem, Hope imagina, para se intrometer (ela *deve* ser judia) na sua vida, lendo o que Hope viveu a partir de suas aplicadas folhas impressas? À medida que Hope envelhece, os fatos externos de sua vida, inclusive seu lendário casamento com Zack, parecem ter cada vez menos a ver com sua vida interior, uma vida que começou com ela notando as pinturas e reproduções penduradas na casa de Germantown, coisas singulares coletadas por um tímido gosto quacre — alguns exemplos da bela arte gráfica holandesa da Pensilvânia, a Dutch Fraktur, rebuscados certificados de matrimônio com bonequinhos coloridos a aquarela, oleografias com qualidade de revista da *Pinkie* de Lawrence e da *Mulher com jarro de água* de Vermeer emolduradas, e cabeças de faces rosadas com cabelos empoados, possivelmente retratos de Copley do grande museu cor de caramelo na Filadélfia que ela podia ver do banco de trás do Packard do pai quando iam de carro até Center City, ladeando o rio Schuylkill, preto como carvão. E a casa do seu avô continha algumas pinturas originais: pendurados na parede e envoltos em caixinhas de veludo, retratos em miniatura ovais de Ouderkirks mortos havia muito tempo e amontoados em túmulos, minúsculas e reluzentes presenças pontilhadas com pálpebras e dobras de orelhas e aneizinhos, se ela olhasse bem, e aquarelas de nastúrcios ou do reluzir do vale de Brandywine entre árvores com sua pesada folhagem pendente cujas sombras refletidas ela podia delinear na água, o trabalho de alguma prima ou tia de seus avós que tomara aulas de arte na virada do século e era considerada muito talentosa entre suas amigas fidalgas, e pinturas a óleo retratando picos e cordilheiras na tinta endurecida; havia uma com uma bacia de frutas sobre uma toalha de mesa xadrez, que Hope já desde muito pequena podia ver que era muito difícil de acertar, os quadradinhos subindo e descendo pelas dobras do pano, e outras maiores com bosques, troncos caídos como corpos com crosta apodrecendo, pinturas lúgubres estas, não agradáveis mas poderosas, fazendo a criança sentir a úmida melancolia, a estranha verdade de que esse emaranhado musgoso e sombrio, esse frouxo esparramado sobre um leito de folhas marrom-amareladas, esse retalho descuidado de floresta, da área selvagem original da Pensilvânia assombrada pelos índios, estaria sempre aí, quer houvesse alguém com cavalete ou não. A tinta *endureceu*, Hope via, tocando (a menina estava sozinha na sala, não havia ninguém para lhe dizer que não tocasse) suas pequeninas escamas ásperas. A tinta endurecida carregava um lampejo de radiante eternidade, junto do tatear, perfurante, da mão e do olho do pintor. Ela sentia nisso uma infinita e extensa magia, e também o elemento de protesto que fazia querer pregar na parede pedaços de um mundo que sempre lhe escorregava de sob os pés; o mundo era uma linha de montagem despejando bens adiante, numa pilha do perdido e esquecido. Com o protesto vinha um contentamento, a alegria de pequenas e provocadoras vitórias sobre o tempo, criando *coisas para guardar.*

Era sua mãe quem guardava seus cuidadosos desenhos e também foi ela quem sugeriu que um vizinho em Ardmore, para onde tinham se mudado da casa dos avós em Germantown, uma grande casa

recém-construída imitando o estilo Tudor, numa sombreada rua sinuosa, viesse lhe dar aulas de desenho. Ela tinha oito, nove anos. Por mais que olhasse, Hope não conseguia ver o que esse homem atarracado, com seu cheiro inusitado de fumo para cachimbo e de xerez culinário, e dentes podres, via nas sombras, o verde nos vermelhos, os azuis escondidos nos marrons. O pequeno "talento" de Hope tendia a desmoronar sob o peso da sua atenção masculina — seu nome era Rudolph Hartz —, e ela ficou aliviada quando os aluguéis de verão da família no Maine puseram fim às aulas de verão, que tinham lugar sob o mormaço da Filadélfia, com suas dores de cabeça, no quintal lateral ou à sombra do salgueiro ou da nogueira inglesa, a vegetação se espalhando com sutilezas de cor como serpentes ou sapinhos. As aulas dentro de casa ocorriam na biblioteca; páginas do *Evening Bulletin* eram espalhadas sobre a mesa de café, cujo mosaico formava uma longa corrente quadrada de pedaços mais claros, triangulares e trapezoidais, de madeira. Era como se seu pai esguio e tranquilo tivesse ficado mais largo e incorporado um odor de vícios germânicos e força bruta, debruçando-se sobre seu ombro, uma mão peluda segurando seu pincel, mergulhando-o no copo de água e nos escavados retangulozinhos de cor bruta na pequena bandeja dobrável do estojo de aquarela, misturando para formar uma cor lamacenta que parecia toda errada, mas quando salpicada no lugar fazia o objeto — o vaso, ou a boneca Kewpie, ou a pimenta amarela — de algum modo ganhar solidez. A pequena Hope sentia-se delgada demais para se sustentar sob a paixão do sr. Hartz, sentia-se um desperdício do tempo dele, sentia junto do cheiro de tabaco e de axilas rançosas a mediocridade dele, seu desapontamento; ele fazia parte da legião de ilustradores frustrados da Filadélfia, consignado à encomenda ocasional do retrato de um amigo ou de um cenário para montagens suburbanas de teatro amador.

As aulas, mesmo nos fins de semana de inverno, cessaram. Seus pais devem ter falado polidamente, como fazem os adultos, com o sr. Hartz. Hope taticamente deixou-se flutuar à deriva para longe da arte, de suas turvas saudades — o copo d'água turvando-se com a penetração do pincel, a lisa paleta de tília com pequenos círculos de óleos remexidos acinzentando-se com a mistura —, da mesma forma que para longe de um garoto que, por mais fascinante que fosse, jamais seria um marido apropriado. Ela tinha dez, onze anos. Como parte de uma boa educação, visitava museus: o interior da Casa do Tesouro no alto de Fairmont dava a sensação de um grande banco de mármore com alguns clientes zanzando e sussurrando sob as claraboias, enquanto no alto, fora do alcance, uma esguia Diana nua se equilibrava na ponta do pé; a mais eclesiástica — papai dizia "bizantina" — Academia de Belas Artes da Pensilvânia tinha compridas escadas que se erguiam entre as duas enormes e assustadoras telas de Benjamin West que, de algum modo, provinham da Bíblia, e, atrás delas, salas com estátuas brancas nuas porque eram deusas em vez de pessoas reais, e, no lugar de velhas figuras de penhascos e cachoeiras, retratos de Ben Franklin com seus lábios pequenos e maliciosos e George Washington parecendo dolorido e ruborizado; as salas mais distantes exibiam os trabalhos dos alunos da Academia, desenhos a carvão de faces negras monumentais e taciturnas observando, e trabalhadores da indústria postados defronte a fábricas fechadas, vestindo grossas toucas de pano com as barras baixadas até o cenho, envergonhadas pelo desemprego, amarrotadas pela injustiça, a abreviada perspectiva funcionando para encurvar e diminuir seus corpos como uma invisível prensa industrial, espremendo toda a cor do mundo; na comunidade vizinha de Merion um certo dr. Barnes havia transformado seus milhões da fábrica de antissépticos Argyrol numa coleção de quadros e, para abriga-la, construíra uma mansão com colunas dóricas em cujo interior alguns poucos escolhidos, admitidos mediante cuidadosos arranjos prévios, inclusive risonhas classes de moças do Colégio Shipley nos seus blusões verdes xadrez e meias verdes até o joelho combinando, podiam observar paredes cobertas com até quatro quadros um em cima do outro de corpos franceses e luz solar provençal, o impressionismo e seus filhos mais selvagens, estocadas policromáticas num novo paganismo, a arte despida de seus deveres com a história, com a devoção, com qualquer coisa que não a

glória de cada dia e sua pele sarapintada de cor. Essas visitas rápidas, esses contatos sancionados, mantiveram Hope ligada à sua capacidade infantil de maravilhar-se com essa cintilação chamada arte.

Em Bryn Mawr, nos dois primeiros anos da nova década, com a guerra na Europa escurecendo o horizonte do outro lado do Atlântico, o departamento de história da arte, ainda assombrado pela recém-falecida Georgiana Goddard King, amiga íntima de Gertrude Stein, reviveu o interesse de Hope pela beleza criada pelo homem — reviveu isso o bastante para que ela percebesse que Bryn Mawr não era o suficiente, estudar e admirar não era o suficiente, havia um mundo a menos de duas horas de trem onde a arte era vida, onde seu jovem corpo virginal com seu cérebro e seus olhos podia ser um instrumento, podia fazer e acontecer e *ser*, de alguma maneira, num estilo que sua gentil e desbotada Filadélfia jamais permitiria. No fim do seu segundo ano, enquanto sua mãe se arrepiava com os detalhes da mudança daquele ano para sua ilha no Maine, onde seu pai, cansado de aluguéis não lucrativos, comprara uma propriedade telhada cuja manutenção custou mais do que todos os aluguéis anteriores, Hope dirigiu-se a Nova York, no auge do calor de verão, para tornar-se artista. Seus pais ficaram chocados, mas era um tempo de choques, e ela tinha vinte anos e era 1942. Seu irmão mais velho deixou-se recrutar; o irmão caçula já havia se alistado. O pacifismo quacre estava suplantado, assim como a passividade feminina. Ela seguiu adiante com uma panóplia, retrospectivamente absurda, de um conjunto de bagagem azul que incluía duas caixas de chapéu em forma de tambor para envolver a vida colorida da criatura, seus pigmentos e artimanhas. Enquanto caminhava pelas perigosas ruas, abrindo caminho entre olhos nos quais registrava um golpe similar ao de um pincel, sua liberdade a encantava.

A voz de Kathryn se sobrepõe a ela naqueles lotados pavimentos vespertinos; está se mantendo no ritmo da mente de Hope. “Vamos deixar as galerias e a Arte Moderna para depois.” Ela examina as folhas impressas sobre seu longo colo preto. “Você primeiro foi aluna da Escola Feminina de Arte da Cooper Union para Progresso da Ciência e da Arte.”

“Fui. Elas tiveram dúvidas, mas me deixaram entrar, por força de alguns esboços que eu tinha feito e um autorretrato de seios nus, em acrílico. Naqueles tempos a Cooper Union era muito acadêmica, de mentalidade muito prática. O treinamento era organizado em ‘alcovas’. Na primeira alcova, os alunos desenhavam a partir de mãos e pés de gesso. Na segunda, de moldes de torsos. Na terceira havia moldes da figura inteira. Era só na quarta alcova que se desenhava com modelos vivos. Eu caí fora antes de chegar aos modelos vivos. O instrutor da segunda alcova, esqueço o nome dele, não queria nem me promover à terceira, dizia que eu era linear demais. No entanto me promoveu para se livrar de mim. Eu era uma encrenca, suponho. Estava tão entusiasmada de estar em Nova York, no Village.”

“O nome do instrutor era Leonard Wilton, o escultor”, a entrevistadora lhe diz, após consultar seu caderno de notas. “Mas antes de sair você, hã, se envolveu com outro instrutor, o pintor de retratos Gregor Rukavishnikov.”

“Ruk era na verdade apenas um instrutor substituto, já que o outro tinha sido recrutado para o Exército.” Hope suprime um anseio de estar lá fora, banhando o cérebro no ar fresco incolor. Pela janela, além da sua cabeça de cabelos presos com seus pentes prateados, ela vê nos arbustos de forsythia arqueando-se contra os peitoris um grupo de pássaros que começa abruptamente a se agitar e remexer, excitado por algo que está se passando entre eles: é o reino animal que sente primeiro a excitação da primavera; um esquilo surge do nada e encontra uma noz que ele ou outro esquilo enterrou em novembro; sentado numa morna pedra chata na parede, ele a segura com as duas patas e a gira, dando dentadas rápidas como uma minúscula máquina de escrever elétrica.

“Quer dizer”, ela diz a Kathryn, “ele ganhava o suficiente fazendo retratos na sociedade, seu negócio era chique, ele não precisava dar aula, ao contrário de muitos artistas. Ele se dava muito bem, realmente, até que a bebida tomou conta dele. Como professor não tentava ocultar sua indiferença, mas

era gentil, ia de um em um, flertando um pouquinho, mas nunca de forma grosseira; nós todas o adorávamos, desnecessário dizer, embora não confiássemos no seu estilo de pintura. Era comercial e, nos anos 1940, docemente antiquado: pescoços, silhuetas finas, cachos de cabelo esculpido em listas estilizadas, uma aparência de baixo-relevo *art déco*. Linhas definidas. Seus retratos tinham, como posso dizer, o aspecto falsamente arredondado que se costumava ver nas caricaturas da *Vanity Fair*."

"A pintura em pastel que ele fez de você, agora na Corcoran, é encantadora."

"Sim, o perfil. Aqueles golpes metálicos reluzentes. Os músculos da minha garganta, suponho. Mas para Ruk parecia, com sua facilidade, muito de um artifício; ele escarnecia de seu próprio trabalho e admirava os brutos e rudes: Soutine, Kokoschka, Picasso quando não era neoclássico, o Monet meio cego dos últimos tempos. Achava que Dubuffet, que estava começando a chamar alguma atenção nos Estados Unidos, podia dar em alguma coisa. Ele me dizia para relaxar."

Hope sente que Kathryn está insatisfeita. Quer que ela faça mais, de algum modo, com o pobre, querido e sem objetivos Ruk. Será que ela quer que Hope lhe conte como era foder com ele? Não era o forte de Ruk — ele fazia amor gostoso, quando estava meio sóbrio, mas seu coração estava menos nisso do que em dançar; ele precisava dar espetáculo, essa era a sua fraqueza, e mesmo sendo seu primeiro amante, Hope logo se sentiu trazendo para a cama a maior convicção, a maior disposição em arriscar constrangimento em nome das sensações que não podiam ser borrifadas com fixador e exibidas, que eram lindas mas não duradouras. Ela diz, "Ele era lindo", que é o que ele teria desejado que ela dissesse. "Era o homem mais lindo que já vi. Um metro e noventa pelo menos, uma testa alta branca, aqueles olhos amendoados russos, olhos azul-claros como de um husky siberiano, glaciais em torno das pupilas. O cabelo era liso e farto como o de uma mulher, e ele adorava as próprias pernas, eram tão compridas, os tornozelos tão finos. Ele vivia tirando as calças em festas, não para ser sexy, mas de um jeito que um dançarino de balé mostra as pernas. Dizia que era russo branco, o que significa tão pouco para um americano; naquela época todos os russos que conhecíamos eram brancos, em oposição aos vermelhos. Os vermelhos estavam na Rússia, resolvendo as coisas com os alemães. Para você basta isso sobre ele?"

Kathryn ergue sua face fosca luminosa e pisca uma vez suas pálpebras lubrificadas para registrar a hostilidade de Hope e mostrar que pode aguentá-la. "Não inteiramente", admite. "Você o amou?"

"Ah, é claro, tenho certeza. Não é isso que acontece a uma mulher jovem, com pouco mais de vinte anos, romântica em relação à arte e aos artistas? Vou dizer isso a favor de Ruk — ele me apresentou as coisas. Me apresentou Nova York. Tinha um Lincoln amarelo, Deus sabe onde ele arranjava gasolina para o carro. Ele me levava para cima e para baixo pelas avenidas, até lá em cima nos pontos do Harlem, os cafés, as festas. Era ele que me vestia. Eu me submetia totalmente — ele sabia o que fazia. Numa festa à fantasia ele me fez ir de freira, uma roupa que ele tinha feito ou roubado. Talvez tenha roubado de uma freira de verdade; ele me disse que suas irmãs eram ortodoxas russas e muito fanáticas, como a imperatriz Alexandra. Ele gostava de mim em vestidos pretos e com meias brancas para exibir minhas pernas. Pernas — apesar de eu não ser alta, tinha pernas de mulher alta, ele dizia. Ele pintava listras coloridas no meu rosto e punha algumas plumas no meu cabelo; me chamava de sua Pocahontas quacre. Ele fazia de mim uma *presença* no nosso estudiozinho da Cooper Union. Levava-me para estreias e me dizia o que era bom e o que não era tão bom: Picasso não era tão bom, ele era capaz de fazer mais, com demasiada facilidade. Matisse era bom porque tudo estava no limite máximo, obtido com esforço por um homem burguês simples. Picasso era um cigano, um bandoleiro, um bolchevique." Ela consegue começar a ouvir a voz de Ruk, sua voz leve com a tônica profunda, uma voz de coro russa, vibrante através da sua tela de sofismas. "Ele dizia que os surrealistas estavam certos no aspecto de que o subconsciente deve fazer o movimento, a fala, mas errados por serem todos literários, querendo apenas brincar de jogos de palavras e política. Ao mesmo tempo, executava aqueles retratos de mulheres mimadas da sociedade e

dos seus filhinhos bonitos, e até mesmo de seus belos cães. O melhor de Ruk eram os cães, certas raças. Mas ele bebia. Eu nunca tinha visto um homem beber daquele jeito; meu avô não bebia nada e meu pai, só vinho ocasionalmente, numa refeição especial; os pais dos meus amigos talvez tivessem um uísque na mão quando eu espiava na biblioteca, mas eu achava que era só um adereço, não sabia que a bebida podia ser uma religião. Eu também bebia, como já disse. Mas se para você não é uma religião, então você não é um bebedor de verdade. Em todo caso, Ruk... eu era jovem demais para ver que a coisa ia aumentar, que ele ia acabar sem fôlego, as mãos trêmulas, amarelas de nicotina, desesperado por não ser um gênio rude, um dos grandes brutos. E também qualquer homem da época que não estivesse nas Forças Armadas fazia de você uma subespécie. Os homens sentiam isso, mesmo que rissem dessa sensação. Ruk tinha um coração reumático, acho. Reumático bem como romântico. Havia muita coisa que ele não me contava, ou inventava mentiras."

"Eu li", Kathryn interrompe com um sorriso de consideração, ajustando em um centímetro a posição do Sony sobre o baú amarelo envernizado, "que ele se gabava de dormir com as mulheres da sociedade que pintava."

"Ele realmente dormiu com algumas delas. Eu sabia disso, apesar de não querer que ele descrevesse para mim. Ele queria descrever. Essa era a dele, exibir-se. Mas não tinha a pretensão de ser grande coisa; eu também tive minhas escapadelas naqueles dois anos que estivemos juntos. Talvez eu estivesse tentando deixá-lo com ciúmes. Ou só fazendo por fazer. Conheci tarde o sexo, e era como um brinquedo glorioso. Era poder, submissão e perigo, e era um jeito de conhecer alguém e fazer a pessoa conhecer você. Era um jeito de tecer uma espécie de fantasia de segredos. Hoje ainda não é a mesma coisa?"

Será que Kathryn enrubesceu? Certamente está afastando um pouco a cabeça, ajustando o ângulo como fez antes com o gravador. "Sim, talvez", ela diz, "suponho que sim. Mas agora temos a aids, e resta muito pouco da sensação de brinquedo glorioso. A ideia de o sexo fazer parte de alguma revolução já se foi. A ideia de filme pornô de qualidade. Sexo como uma causa."

Hope diz, sentindo-se censurada e assumindo um tom ríspido de repreensão em defesa própria, "Bem, querida, nós não tínhamos a aids, mas tínhamos a gravidez. E a gonorreia, como diziam. Não havia toda essa falação sobre câncer, como nos anos 1960. E a sífilis, se era para ter muito azar. Sempre tive sorte, eu imaginava que era assim porque meu coração era puro. E eu não dormia simplesmente com qualquer um, como algumas das garotas e modelos faziam, eu precisava ter respeito pelo homem. Tinha de pensar que ele era sério, pelo menos quanto à pintura. De qualquer maneira: Ruk, com quem você parece se importar um bocado. Ele era delicado comigo, delicado até onde um alcoólatra apaixonado por si mesmo pode ser. Ele me fez crescer, me apresentou as coisas. Deus é que sabe o que ele viu em mim."

"Se ele estava afundando, como você diz", Kathryn argumenta, "então você era um graveto ao qual ele se agarrou. Você era Hope, esperança." Outra piada; seus olhos, pesados e opacos como ameixas, se alargam e brilham, observando a reação da mulher mais velha. Para Hope, as piadas de Kathryn são estragadas pela desconfiança de que sejam manobras e não o espontâneo, desapegado abraço do absurdo que deve constituir o humor. Ruk e ela, numa noite de champanhe e vodca, riam e riam; todo mundo parecia ridículo e patético, sua retumbante voz de coro com as consoantes arrastadas insinuando uma caricatura depois da outra nos seus ouvidos. "O retrato que ele fez de você mostra o que ele via. Você parecia extremamente vital e confiante."

A intimidade desta abordagem — o fato de outra pessoa na sala respirando como um umidificador que chia delicadamente — deixa Hope desconfortável. Está acostumada à seca quietude da solidão, a ressequidos e puros dias de inverno. Diz, para restaurar uma distância, "Foi por meio de Ruk que conheci Korgi e Onno de Genoog."

“E como eles eram?”

Esses homens desaparecidos, por que a voz de Kathryn fica mais quente, evasivamente sem energia, como se contemplasse roubá-los para si? “Parecidos, realmente. Ambos eram imigrantes e tinham aquele elã continental; assumiam que o mundo era feito para o prazer humano, uma visão muito esnobe e bárbara, é claro, mas os tornava atraentes; dava-lhes ar de bravata e os liberava para pintar com aquelas adoráveis cores claras que usavam. Tinham a mesma idade, estranhamente, embora a gente pense em Korgi como de uma geração mais velha. Ele foi o primeiro a chegar lá. Quer dizer, houve Kandinsky e Malevich e Mondrian, é óbvio, fazendo abstração, mas eles eram como labaredas no mar, sinais solitários, religiosos de um modo maluco que não se podia esperar seriamente que alguém imitasse; quer dizer, *pensar* em teosofia e Madame Blavatsky é o que estão nos pedindo para engolir! Tudo volta a Kandinsky e seus ensaios, e Der Blaue Reiter, o espiritualismo nos resgatando do materialismo e da apavorante Renascença louca por perspectiva e assim por diante; tenho certeza que você sabe melhor do que eu, já que você andou estudando simplesmente tudo. Mas tudo que isso trouxe para Kandinsky foi uma porção de geometria feia e nervosa, enquanto o lugar aonde Korgi chegou revelou-se uma ilha, uma grande ilha cheia de flores fantásticas, comestíveis. Quer dizer, todo mundo podia comê-las, e crescer e crescer. Depois que Korgi se suicidou — quando foi isso? 1948, exatamente quando sua influência estava realmente triunfando —, Onno falou da primeira vez que visitou o estúdio de Korgi, na Union Square, em algum momento dos anos 1930. Dizia que a atmosfera era tão saturada de beleza que o deixava zonzo. ‘Sonso’, pronunciava ele. Foi uma revelação que ele nunca superou. Você pode vê-la nas cores que ambos usavam — aqueles rosas tom coral, azul-bebê, os traços faiscantes entre formas ovais como amebas ou leitos de lírios. Flutuando pela tela como, o quê? Essas coisas na visão que você enxerga quando olha para uma parede vazia, no humor vítreo — embora em Korgi obviamente tudo fique transparente, ao passo que Onno tentava engrossar tudo, um matagal feroz de pinceladas, mas ainda assim alegres, até mesmo infantis. Korgi, como Ruk, era impressionantemente alto, quase anormal, e seu inglês podia ser espirituoso. Ele chamava a Escola Regionalista de ‘pintura pobre para gente pobre’.”

Hope ri ao se lembrar do sotaque aveludado, a capa e o chapéu de abas largas, a arrogante indignação, a luz esquadrinhadora nos chorosos olhos armênios de cílios longos enquanto ele respeitosamente examinava a face de Hope em busca de suas oportunidades. Ele era, mantendo uma ligação parasítica com a Liga de Estudantes de Arte, um considerável ceifeiro nos maduros campos tomados pela arte. Ele dizia a uma moça: “Venha ao meu estúdio, *zeja o meu mulier*”. Mas Hope ria. Nunca ficou tentada. Ele era simplesmente um novo Ruk, embora com um gênio inocente, inegociável, que Ruk não tinha, e ela sentia nele reservas de niilismo com o qual a natureza volúvel de Ruk não a ameaçava. Ela era jovem demais, pensou, para assumir um homem perturbado, embora em poucos anos assumiria Zack.

“E foi Ruk”, ela informa a Kathryn, “que me pôs em contato com Hermann Hochmann e sua pequena escola, onde estava a ação real. Não penso que disséssemos ‘onde estava a ação real’ na época. Nem ‘o fino dos finos’. O que dizíamos? ‘Extremamente avançado’, talvez. Havia aquela noção militar de avanço. Hochmann havia montado sua oficina numa única sala enorme no terceiro andar na West Ninth Street. No dia em que entrei, a escola toda, cerca de vinte pessoas nos seus cavaletes, estava reunida em torno daquela natureza-morta absolutamente esquisita — uma cerâmica quebrada, um lenço de papel amassado, uma carta de baralho e uma bola de barbante de uma loja de ferragens, com a etiqueta de papel ainda grudada, e tudo tendo como fundo um celofane varrido por uma luz lateral, de modo que estava cheio de sombras e reflexos fragmentados. Era quase impossível de olhar, muito menos pintar. No entanto, todo mundo estava pintando e, depois de um ano, criando moldes de gesso; na Cooper o cheiro de tinta de verdade era celestial. Como o vento no seu rosto quando você patina no gelo.”

“Como era Hochmann?”

“Ah, Kathryn, você vai achar que sou boba por continuar dizendo isso, mas era bonitão. Todo homem com quem eu me deparava naqueles dias parecia ser bonitão. Mesmo que Hochmann na época já tivesse mais de sessenta anos, era alto e largo, com o cabelo crescido como de um músico, e traços tremendamente grandes: uma boca maravilhosamente sensual, imperiosa; e ainda muito germânico, muito solene, muito difícil de entender. Tanto o inglês dele quanto o que dizia. Ele não veio para cá antes dos cinquenta, e aí foi para a Costa Oeste. Era um missionário trazendo o evangelho do modernismo para um cenário artístico que, é claro, era muito a *American Wave*: os lavradores de Benton no estilo de El Greco, Grant Wood e Rockwell Kent, e a estilização neoépica. O estilo mural para o Homem Comum. Hurras para a democracia. Parte disso, John Steuart Curry, os irmãos Soyer, agora não parece tão terrível, torna-se história da arte, mas na época nós *desprezávamos* aquilo. A coisa com Hochmann era que havia um monte de gente falando vagamente sobre abstração como o único modo ético de pintar, mas ele oferecia uma prescrição concreta. Dizia coisas estarrecedoras, estarrecedoras para mim, pelo menos. Dizia que quando você põe uma única linha num pedaço de papel, não dá para dizer qual é a sua direção. Mas se você põe uma linha mais curta debaixo dela, a linha mais longa *se move*, e a mais curta vai na direção oposta. Ele dizia que o pedaço de papel agora havia se tornado um universo em movimento. Dizia que as bordas do papel também se tornavam linhas. E — isto deve ter sido Hegel, ou Kant, tese e antítese, seja lá o que for — que quando havia uma terceira coisa, como na música, quando duas notas se combinam para formar um terceiro som, esta terceira coisa era espiritual, não física, etérea. Isto era magia, ele sentia. As duas linhas movendo-se em direções diferentes tinham tensão entre si, e isto fazia delas uma coisa viva, o que ele chamava de ‘unidade viva’. Com a cor ficava mais complicado. A cor, dizia ele, fazia-nos sentir de certas maneiras: leves, deprimidos. Algumas cores retrocediam, outras iam para a frente. Ele ficava falando de ‘empurrar e puxar’. *Empuura e puuxa*.”

O laborioso e lento inglês de Hochmann, como concreto gotejando em blocos dentro de um misturador, a bela face vulnerável iluminada pela esperança diária de comunicar aos alunos a profundidade espiritual da pintura, os alunos em seus guarda-pós sujos, cor de salmão ou aveia, meias brancas e mocassins e sapatos bicolores espiando por baixo, os rapazes encostados nas paredes manchadas dos corredores, fumando, as moças em rígidas imitações do cabelo de Hollywood como era na época, estilo pajem, cortado reto, ondas rijas feitas com aqueles ferros de enrolar de ponta comprida, os quais você enfiava na tomada e eles se abriam feito um bico de pássaro, todas aquelas jovens cabeças ouvintes zunindo de esperança, com esfiapadas conexões com o passado e o futuro, as ruas lá fora marrons e cinzentas e tumultuadas no seu olho mental como algazarras em vilarejos num Chagall ou num Kirchner, mesmo os cumes pontiagudos no distante centro da cidade — o edifício Chrysler, o Empire State — recobertos de fuligem, as tóxicas nuvens de guerra, enquanto Hochmann se empenhava em transmitir sua mensagem salvadora: “*Begrenzung*. Como se diz em inglês? Limitação. A tela é uma limitação. Sem consciência da limitação não pode haver expressão do Infinito. *Unendlichkeit*. *Ewigkeit*. Beethoven cria Eternidade na limitação física da sinfonia. Qualquer limitação pode ser subdividida infinitamente. Isto envolve o problema do tempo e da relatividade. Uma estrela única vista sozinha no espaço não nos diz nada sobre o espaço. O espaço precisa ser vital e ativo. O espaço na tela precisa ter uma vida do espírito, a vida de uma mente criativa. O espaço pictórico existe bidimensionalmente, apenas. Quando a bidimensionalidade de um quadro é violada, ele se desfaz, como se diz, em partes; cria um efeito de espaço naturalista, um caso especial, uma porção de tridimensionalidade, e esta é uma expressão incompleta da experiência do artista. Logo, é inadequada. O leigo tem dificuldade em compreender que a criação plástica numa superfície plana não deve destruir essa superfície plana. A profundidade é criada por recessão de objetos aparentes rumo a um ponto de fuga, como na perspectiva

renascentista, mas em absoluta negação dessa doutrina pela criação de forças de superfície no sentido de *empurra e puxa*. E tampouco se deve tentar criar profundidade pelo uso de gradação tonal, não mais que criar profundidade cavando um buraco no quadro. Para criar o fenômeno de *empurra e puxa* numa superfície plana é preciso compreender que a figura plana, por natureza, reage automaticamente na direção oposta ao estímulo recebido, contanto que receba estímulo no processo criativo. A função do *empurra e puxa* com respeito à forma contém o segredo da monumentalidade de Michelangelo. Cézanne compreendia a cor como uma força de *empurra e puxa*, e criou nos seus quadros um enorme senso de volume, respirando, pulsando, expandindo e contraindo por meio do uso da cor. A cor é um meio plástico de criar, hã, *Abstände*. Intervalos. Intervalos são harmonias de cor produzidas por relações especiais, ou tensões. O mundo todo chega a nós, tal como o vivenciamos, por meio do reino místico da cor. Todo o nosso ser é nutrido por ela. A qualidade mística da cor deve igualmente achar expressão numa obra de arte. O zelo gerador de vida numa obra de arte está profundamente embutido em sua substância qualitativa. O *Geist*, espírito, numa obra é sinônimo de sua qualidade. O Real na arte nunca morre, porque sua natureza é predominantemente *geistig*, espiritual." E ele seguia e seguia pregando, fazendo uma pausa quando uma palavra alemã, um conceito kantiano, lhe ocorria primeiro e precisava ser dolorosa, inacuradamente, traduzida.

"Ainda assim", Hope diz a Kathryn, "ele nos fazia acreditar que fazer arte era a mais pura e elevada das atividades humanas, a abordagem mais próxima a Deus, o Deus que cria a Si Mesmo nesse empurrar e puxar de cores."

Todavia seu ensino, sua charmosa, fervorosa, pesada presença tinha um lado oco. Ele não deixava que os alunos vissem seu trabalho. Era tímido, o empreendimento tão grande, o Ideal era um capataz tão severo. Enquanto envelhecia e outros colhiam a glória que ele predissera, seu próprio trabalho estranhamente jazia morto em seu berço de teoria: quadrados e retângulos de cor bruta que pareciam amostras de um fabricante, sem empurrar nem puxar. Na época em que deu aulas a ela, suas formas ainda eram orgânicas, bulbosas e arrebatadas como as do jovem Kandinsky, mas sem as divagações russas, aquelas divagações à deriva do trabalho com o pincel, todas as cores de uma só vez, como uma decoração camponesa. "Plano, plano", Hochmann dizia sobre o ombro dela. "Mantenha sua figura *plana*. Você está perdendo o plano. Está criando *buracos*. Faça as cores", ele dizia, "cante." Cante como Beethoven, aqueles impossíveis acordes tremeluzentes carregados de destino feitos em tinta, em retângulos apunhalados na paleta. No fim dos anos 1960, após sua morte, Hope foi a uma gigantesca retrospectiva de Hochmann, um andar inteiro do Whitney, e as pinturas ao seu redor não existiam. Haviam evaporado, tinham se tornado paredes de coletores de poeira. Zack não havia se evaporado daquele jeito, apesar de Hochmann olhá-lo de cima para baixo, como um rufião americano, um ignorante sem controle. Como diria Ruk, um bandoleiro.

"Empurrar e puxar", Kathryn repete com polida perplexidade. "Você se sentiu, hã, próxima a ele como homem?"

"Se nós dormimos juntos, é o que você quer dizer? Por favor. Ele estava com mais de sessenta, e eu tinha, quanto? Vinte e dois? Você tem razão, eu teria dormido com ele se ele tivesse me pedido; eu o amava. Ele nos fez ver o nobre chamado que era a pintura. Alguém da sua geração provavelmente não pode acreditar o quanto a pintura parecia crucial, importante, *imensa*, naquela época. Era como sexo, sim, você tem razão ao sugerir isso. Ela ainda não havia sido domesticada. Não tinha sido colocada no seu lugar, na sua página na seção Vida, com uma batidinha na sua cabecinha atrapalhada."

Sua companheira resfolega com tanto vigor que um líquido escorre em seguida do comprido nariz branco. Kathryn olha para baixo e pesca em sua bolsa preta, quase tão grande quanto uma sacola, pousada junto à cadeira xadrez, um lenço de papel. Hope gosta mais dela por esse embaraço. Muco é

humano, uma das nossas secreções. E gosta menos de Kathryn por estar pronta demais para rir, por achar esta velha senhora que está sendo entrevistada divertida demais, uma casca de pessoa na qual qualquer pequeno sinal de impertinência ou frase atrevida é uma cômica surpresa. Tal prontidão para rir trai uma inveja nervosa. Hope estivera viva de um modo ingênuo, obtuso, frutífero, que está sendo negado a essa jovem mulher; Hope amara a si mesma, tendo sido criada na ilusão de um Deus amoroso; achara surpreendentes os fatos do seu corpo, à medida que emergiam de sob as saias, e o silêncio quacre referente a tais assuntos. Acariciava sua própria pele sedosa, nua, deixando marcas ovais amareladas das pontas dos dedos impressas em sua superfície rosada e sardenta, postando-se recém-banhada diante dos espelhos embaçados do apartamento na Jones Street que dividia com Cindy Jasinski, infestado de baratas, o banheiro atulhado com piso de minúsculos azulejos hexagonais, sua janela estreita aberta um ou dois dedos como uma boca respirando o ar do Village com seus cheiros matinais de café e latas de lixo esvaziadas e seus sons noturnos de jazz e táxis buzinando. A cada novo dia ela imaginava que maravilha lhe sucederia. O mundo de Kathryn é à prova de maravilhas, pré-processado, todas as emoções e impulsos analisados e reprimidos antes de poderem florescer, transformados em picadinho em livros de autoajuda e televisão, tudo reduzido a impulsos eletrônicos, bits, informação, informação cada vez mais sem sentido à medida que os cérebros encolhem e ficam pequenos demais para juntar tudo, o processamento sendo todo feito fora da mente, do coração, por máquinas frias e sem ruído. As narinas de Kathryn têm, sim, um aspecto meio rosado enquanto ela enfia o lenço de papel embolado de volta em sua grande bolsa preta. Ela carrega a insalubridade da cidade: os metrôs, os elevadores, o bafo das outras pessoas, o constante cansaço; as pessoas de Nova York ficam resfriadas durante o inverno inteiro, Hope também ficava, quando as crianças traziam para casa os germes da escola, mas, vivendo sozinha em Vermont, no frio de rachar antisséptico, o ar da montanha rico em raios ultravioleta, ela nunca faz mais do que fungar um pouco, seu velho sistema uma horda de anticorpos do outro lado da fertilidade e das tempestades químicas. Kathryn trouxe para esta casta saleta as máculas, o desequilíbrio, da fecundidade — o óvulo mensal expelido, a histeria de enredar-se com machos. É bom, Hope diz a si mesma, estar além de tudo isso.

É naquela hora da manhã, perto das onze, quando o sol lá fora na sua inclinação vertical aciona um pensamento de alívio, de suficiente e momentaneamente cumprido, que costuma fazer para si uma segunda xícara de chá, com o saquinho usado, cuidadosamente reservado na pia de aço inoxidável, pousado de pé como uma minúscula bolsa de mão ao lado do ralo redondo. Seu primeiro período de concentração teria se desacelerado e embaçado desde o café da manhã, e o saquinho usado alimentaria uma segunda investida, uma tentativa de espremer de si mesma algum bem adicional antes que o meio-dia se juntasse a ela com humanidade nos vulgares afazeres de manutenção diária, de compras e arrumação e puxar por telefone os poucos fios que lhe restam na vida, muitos deles ligados a especialistas médicos. Seu dentista fica lhe dizendo que seus dentes, os poucos frontais ainda sem tratamento de canal ou coroas, estariam muito mais claros sem aquele mergulho cotidiano no chá, mas há sempre, a cada manhã, um surto de ansiedade pela primeira xícara para animá-la, e aí, com a segunda mais pálida uma ou duas horas depois, ela pode contemplar sua obra ainda úmida com a aturdida autoadoração que tão estranhamente se alterna com sua certeza de que nada que ela faça é bom ou redunde, de fato, em alguma coisa. Ela frequentemente é tomada por um pavor de ter até agora desperdiçado sua vida, um pavor, no fundo, de ter desagradado a Deus, que não está ali, ou está ali apenas na forma de luz, que ela racionalmente entende como uma chuva de fótons desprovida de sentido, um universo de partículas que de vez em quando explode em criação por absolutamente nenhuma razão. Mas ela tem uma vida longa atrás de si que não pode ser tirada, cinco netos com alguma faceta de si embutida neles, obras em exibição no Hirschhorn e no Whitney, em Tóquio e Zurique e São Paulo, e um arquivo cheio de críticas, algumas delas muito lisonjeiras, mesmo

adoradoras. O pobre Zack não teve nada disso, saindo para o pequeno celeiro, suas tábuas soltas e cheias de vãos vazando calor com a mesma rapidez que o fogão a lenha o produzia, aqueles primeiros invernos na Ilha, durante aquela única hora antes que o frio chegasse irremediavelmente às suas mãos nas rústicas luvas de trabalho cujas pontas dos dedos ele cortara; ele tinha apenas aquele impulso criativo desesperado, aquele apetite por algo além da fama e riqueza, tão cego quanto o instinto de um animal enfermo buscando privacidade sob a varanda. Naqueles anos ele bebia menos — via como ela respondia à sua sobriedade e ainda queria agradá-la —, mas sua tosse de fumante levava horas da manhã para cessar.

Hope confia a essa moça, mas para mantê-la de guarda baixa, "Você *entende* que para ter um progresso artístico real deve haver não só robustos corações individuais, mas também certa, como posso dizer, *podridão* espalhada nas coisas de que apenas alguns poucos iniciados suspeitam. É este faro para o podre, às vezes penso, que exige a sensibilidade e a coragem." Ela também ficava com frio na barriga antes de cada aula de Hochmann, antes que sua mente se perdesse na pintura, naquele êxtase semelhante a uma droga, êxtase de autoesquecimento quando as coisas começavam a acontecer na tela, *na* pintura, Zack costumava dizer. O empurra e puxa. E já que Kathryn, inclinando-se para a frente na cadeira para inspecionar seu gravador, não dá sinal de ter ouvido esse oráculo abruptamente emitido, Hope lhe pergunta, com mais gentileza: "Você aceitaria uma xícara de chá se eu fizesse?".

Kathryn lança um olhar de aborrecimento para o aparelhinho cinza ronronando sobre a refinada arca com suas fileiras de pregos de bronze. "Podemos prosseguir ", a mulher insiste, "até esta fita acabar? Você não gostaria de me contar de como se lembra de ter conhecido Zack?"

Sentindo-se pressionada, sentindo que a outra mulher tem estado surda à sutileza do que ela disse, deixando a maquininha escutar em seu lugar, Hope diz, modelando uma consideração, "*Gosto* do jeito como você coloca. O modo como a gente se lembra vai lentamente substituindo o que realmente foi. Como fósseis". Ela acha que não está sendo clara e detalha, "Do mesmo modo que partículas minerais preenchem o formato onde um corpo apodreceu, uma espécie de processo de molde em cera perdida, como eu vejo. Zack", ela reafirma, aborrecida em pensar que a moça a veja como uma velha tola desperdiçando sua fita preciosa. "Como eu me lembro, foi num dos bailes de sábado no galpão do Sindicato dos Artistas na Sixteenth Street com a Sixth Avenue. Aquele homem bêbado me agarrou e me perguntou se eu queria foder, foi a palavra que ele usou, considerada bastante rude naquela época, mesmo entre os assim chamados boêmios. Fingindo dançar, ele empurrou o corpo dele contra o meu para mostrar que estava com uma ereção, e eu dei um bofetão na cara dele. Isso pareceu despertá-lo, porque de repente ficou extremamente polido, como um garotinho. Ficou me pedindo perdão, e eu não consegui me livrar dele. Estava bêbado demais para se lembrar de mim depois, mas eu me lembrava *dele*, e o via no Cedar Tavern, onde Ruk costumava me levar antes de subitamente desertar de Nova York e juntar-se à sua família em Minneapolis, onde eles tinham conseguido de algum jeito se firmar sobre os próprios pés. Ou sobre suas botas. Duas botas de russos brancos. Eu lhe disse que nunca entendi como sua família tirou seu dinheiro da Rússia. Quer dizer, aquele Lincoln amarelo custou um bocado para alguém. Joias, eu supunha, costuradas nos cintos. Você já ouviu falar do Cedar, tenho certeza — era um bar perfeitamente comum, pintado num tom sombrio de verde do lado de dentro, e de fora parecia exatamente igual a uma dúzia de outros bares da University Place, mas os pintores se apoderaram dele por algum motivo, ou porque não havia absolutamente arte alguma nas paredes, ou porque a gerência tinha tomado a decisão de aguentar artistas temperamentais. Eles se reuniam nos fundos, nas cabines que imitavam couro, e discutiam arte."

"Quem, exatamente?"

"Variava. Os que mais gostavam de discutir, que eram melhores na discussão, eram Bernie Nova e

Roger Merebien. E Mahlon Strunk, apesar de ter uma língua mais lenta e parecer mais velho; talvez fosse porque estava começando a receber alguma atenção de críticos e galerias enquanto o resto ainda era bastante ignorado. Mahlon também era aquele que levava as teorias surrealistas mais a sério, mesmo sendo de lá do Norte do estado, e muito tranquilo e pé no chão e *casado*, o que era algo meio surreal em si. Ele e a esposa, Myrtle, andavam pelo Village como um casal da classe trabalhadora num passeio de domingo, com sobretudos cinza combinando. Ele sempre carregava um guarda-chuva, o tipo de pessoa cautelosa que ele era, mas acreditava no automatismo. Na época Masson estava aqui no país e fez uma exposição na Galeria Buchholz, e ele era o surrealista que podíamos levar a sério, em oposição a Dalí, que, como digo, era tecnicamente tudo que desprezávamos, embora depois do fotorrealismo eu me pergunte agora por que nos sentíamos tão superiores. O fato de ele ser um tipo de espanhol tão diferente de Picasso podia ser o problema, apesar de que ambos eram *showmen*, cada um a seu modo. Sinto muito, não é o tipo de coisa que você quer, certo?"

"Quero qualquer coisa que você possa me dar. Tudo ajuda a formar o quadro."

"É tão difícil lembrar, honestamente. Depois de mais de cinquenta anos, quase sessenta. Mahlon era bem bacana com Zack, me lembro disso, e é claro que a ideia de deixar acidentes acontecerem na tela e poder fazer seu subconsciente falar era atraente para Zack, que, de todo modo, era tão bagunceiro. Mesmo nos anos 1930 ele desenhava direto na tela com o tubo. E ia pintando por cima mais e mais até a imagem original estar totalmente coberta. Éramos pobres, mas não economizávamos em tinta. Não estávamos tão interessados no ofício ou no produto final quanto no que a pintura fazia pelo pintor. Essa era a coisa, na época, de que todo mundo falava: botar o seu *eu* para fora, botá-lo na tela. Era por isso que a abstração era tão glamorosa, era tudo *eu*. Sei que tudo deve parecer muito ingênuo para a sua geração, que não acredita no eu, que acha que o eu é apenas um constructo social, da mesma forma que vocês não acreditam que haja escritores, apenas textos que se escrevem sozinhos e podem significar qualquer coisa." Sentindo-se culpada em relação a seus sentimentos resistentes, contratransferenciais, para com a entrevistadora, Hope tenta lançar sua mente no passado, naquela névoa opaca do passado.

Na pouco iluminada área dos fundos das cabines de couro sintético, a face redonda e ofegante de Merebien, mais jovem do que sua idade real, parecia uma lua branca, lustrosa de suor, insistindo em si mesma na névoa da fumaça de cigarros e vapores de cerveja.

"A assim chamada 'estética'", ele declarava em sua voz alta e afetada, afiada por anos de educação em Stanford e na Columbia, e algumas vogais inglesas colhidas num ano de pós-graduação em Oxford, concentrados não em arte mas em filosofia, remontando aos gregos, à ontologia, "é meramente o aspecto sensível do mundo, não é a finalidade da arte mas um meio, um meio para se chegar ao que vamos chamar de fundo infinito do sentimento, de modo a condensá-lo num objeto de percepção. Esses objetos de percepção são basicamente estruturas relacionais, o que oblitera a necessidade de representação. O impulso vindo do subconsciente, o momento automatista, é apenas um momento, um modo de dar a partida na mente pintante: sondar, encontrar, completar. A colagem é outra forma de alistar o aleatório, mas a maneira como os recortes são manuseados depende de *sentimento*, e aqui entra uma sutileza infinita, uma verdadeira tomada de *fôlego*" — sua cabeça redonda parecia girar sobre o pescoço como o feixe luminoso de um farol, como se desafiasse uma objeção à sua fala feminina —, "jogo de corpo-mente tentando libertar-se das respostas sociais mecânicas e, com isso, tornando-se essencialmente moral em subverter, e até mesmo derrubar, uma ordem social americana estabelecida que é desumana em seus instintos e respostas. Nosso próprio fascismo, poder-se-ia dizer."

"Exatamente!", bradava Bernie Nova. "Regionalismo é pintura fascista, apela para o mesmo *Lumpen*, rotula tudo mais como degenerado, exatamente como o nazismo mexe com o orgulho ferido e um ego nacional deformado. Odeia os franceses, odeia os imigrantes, é a América rural — o forcado, o gado

gordo, os campos de algodão, o caipira num calhambeque, a boa, simples e ereta gente do campo, Cristo senhor, as fileiras certinhas de milho, o tornado erguendo-se no horizonte —, a América rural é toda isolacionismo antinegro, antijudeu, antiurbano. A guerra, bendita seja, varreu para longe o isolacionismo; idem para a Cena Americana, embora seu populismo *à la* desenho animado constitua boa propaganda de guerra. E boa propaganda de esquerda, também."

"Propaganda não, expressão", objetava suavemente Mahlon Strunk, que, com toda sua aparência pesadona, era um doutrinário socialista. "O que os adeptos da Cena Urbana diziam estar lá, estava lá. Pobreza, ajuntamento humano, cortiços. Conceda-lhes isso, Bernie."

Diversos pintores começavam a objetar, a ser sardônicos, mas a voz em *staccato* de Bernie, uma voz nativa do Bronx, impossível de ser afogada, os cortava; ajeitando o monóculo no lugar com a sobrancelha erguida, e torcendo o bigode de um lado a outro com um movimento lateral dos lábios, prosseguia arrogantemente: "As fábricas de Pittsburgh, filas de pão, pretas de pernas longas trotando pela Hundred Twenty-Fifth Street — encarem, é tudo pintura barata, Benton e Grant Wood sem macacão. A arte americana virou uma fábrica de imagens de cartões-postais. Todo país tem seus artistas comerciais", declarava resolutamente, vendo que os outros queriam falar, "mas nem mesmo os nazistas alegam ter feito história da arte com eles. A americana não faz boa pintura americana; o projeto americano", dizia, removendo o monóculo e gesticulando com esse descorporificado emblema da visão, "é criar as condições a partir das quais grandes pintores — grandes cabeças, grandes *visionários* — possam surgir. É hora de os artistas recusarem o sucesso fácil, recusarem o dinheiro isolacionista-filisteu, repudiarem os negociantes de arte e diretores de museu; é hora de esquecermos o sucesso."

Isso era proclamado, as últimas frases, com a retumbante sonoridade das transmissões de rádio em tom alto do presidente Roosevelt, para um grupo que conhecera pouco sucesso. Suas pinturas — ecos fracos, vulgares, modestos de Miró e Mondrian, com uma massa lamacenta emprestada dos muralistas mexicanos — continham até agora apenas o desejo da ação revolucionária, não a sua concretização. Jarl Anders, magro e pastoso, filho de um pregador de Minnesota, xamã sem humor, gritava, rouco de ira, no Cedar Tavern das recordações de Hope:

"Um porre! Sempre, desde a Armory Show, tradição sintética e corrupção irresgatável! A Armory Show foi um porre, a fruta estragada da decadência europeia ocidental, enfiada goela abaixo dos caipiras americanos com todas suas evasões labirínticas, e desde então é confusão total. Nenhum berro sobre o individualismo, nenhuma manipulação de conceitos acadêmicos ou fetiches técnicos podem realmente liberar. Nenhum jogo literário e automatismo idiota, nenhuma esterilidade da Bauhaus, nenhum título religioso, nenhuma bajulação obscena aos agentes de fala macia do controle social podem sequer chegar à altura do dedão do pé do sublime."

"Minha nossa!", Myrtle Strunk tinha de exclamar, sentada espremida contra o marido. "O dedão do pé do sublime — Jarl, a que altura você diria que chegou? O tornozelo? A rótula do joelho?"

"Você está querendo zombar", ele declarava, o tronco rígido como as escuras figuras xamânicas quase abstratas proeminentes em seu trabalho, "mas retribuirei a sua descortesia com uma resposta honesta. Desde 1941 — e eu dato o ano precisamente como o mais portentoso que quaisquer exagerados acontecimentos em Pearl Harbor — o espaço e a figura nas minhas telas têm sido resolvidos numa total entidade psíquica, libertando-me das limitações de cada um e, ainda assim, fundindo-os num instrumento balizado apenas pelos limites da minha energia e intuição. Meu sentimento de liberdade é agora absoluto e infinitamente vibrante. Um *golpe único de tinta*, minha zombeteira Myrtle, um golpe único respaldado por uma mente que compreende sua potência e implicações pode restaurar ao homem sua liberdade perdida em vinte séculos de apologia e artifícios pictóricos para subjugação. A imaginação, não mais acorrentada pelas leis do medo, torna-se uma com a Visão. O Ato, intrínseco e absoluto, torna-se seu

significado e portador da sua paixão.”

O arrebatamento profético de Anders levantava um murmúrio, e então uma balbúrdia de comentários terrenos, inclusive pedidos de bebida para o garçom, mas todos ficavam, Hope sentia no róseo rubor de sua juventude, tocados, como uma multidão de frequentadores de igreja cheios de dúvidas pela possibilidade de algum absoluto desse tipo. Bernie, língua rápida, um grande janota palpiteiro em seu terno xadrez de miúdos quadradinhos pretos e vermelhos, se intrometeu: “Ceeerto. A imagem reconhecível — morta. Sensação, plasticidade — mortas. A beleza está morta: o impressionismo começou a matá-la, a redescoberta da arte primitiva e arcaica terminou o serviço. Beleza e comédia pertencem à mesma mentira cristã. Nietzsche disse isso: ‘A verdade é feia’. E disse: ‘Nós possuímos a arte a menos que pereçamos da verdade’. A única virtude que resta neste dia e nesta era é a coragem ante o irremediável. A única arte é aquela cujos símbolos captam a verdade fundamental da vida, sua tragédia. A arte primitiva é mágica porque é moldada pelo terror. O homem moderno tem seu próprio terror, e nós...”

Strunk objetava: “Há mais que isso, Bernie. Há, como disse o Roger, tudo que sentimos, inclusive júbilo. Há um reino interior; pintar o tira de dentro de nós. Nosso eu descobre suas leis naquilo que Jarl chamou de Ato.”

Bernie devolvia: “O eu — uma boneca de trapo, um fetiche. Os sentimentos do pintor, sua personalidade — quem se importa? Seus amigos surrealistas são playboys franceses, brincando com Freud, que já era brincalhão o suficiente. Quem diz que estar adormecido é mais profundo que estar acordado? Sonhos são uma bagunça — o lodo do cérebro. O que importa não é a psique mas a metafísica. Penetrar no mistério do mundo; para isso a mente do pintor deve ser pura como a do cientista e a do filósofo. Eu chamo de processo *plásmico*: o propósito da arte abstrata é converter a cor e a forma em plasma mental.”

“Meu Deus, que porre pseudoeuropeu”, protestava Jarl Anders.

Bernie Nova persistia: “A tela recruta o espectador em participação empática com o pensamento do artista. Ela expressa em primeiro lugar a mente, e o que quer que ainda seja sensório é secundário, um acidente incidental. Verdade antes de prazer.”

A luminosa cabeça redonda de Roger Merebien emergia de um amontoado com sua garota de cabelos emaranhados daquela noite. Como uma flauta, sua supercultivada voz anunciava: “Me parece que peço do processo de pintar uma de duas experiências distintas. Chamo uma delas de ‘o modo de descoberta e invenção’, a outra de ‘o modo do prazer e variação’. A primeira corporifica meu problema mais profundo, a luta mais amarga, rejeitar tudo que não sinto e acredito. A outra é quando quero pintar pelo simples prazer de pintar. A aflição de lidar com o desconhecido — o absoluto — se foi. Quando necessito de prazer, eu o encontro fazendo variações livres do que já descobri, aquilo que sei que é meu.

“Só tome cuidado”, advertia Bernie, “para não ficar decorativo.”

A pior palavra que podia se aplicar era “decorativo”. Zack tinha tanto medo de ser decorativo que jogava poeira e vidro quebrado nas suas telas úmidas; pisava em cima delas com seus sapatos sujos.

Phil Kaline, filho de um moleiro de Detroit que ainda tinha de descobrir sua assinatura — grandes pinturas em preto e branco —, sugeriu, “Vamos lá, seus merdas, não se trata de *saber*, trata-se de *dar*. Quando você termina de dar, a tela surpreende você tanto quanto qualquer pessoa. Para mim, é associação livre do começo ao fim; é procedimento que no final deixa um resultado. Às vezes faço desenhos preliminares, mas a pintura tende a destruí-los. A tinta nunca parece se comportar da mesma maneira. Ela não seca da mesma maneira. Não fica lá e olha para você da mesma maneira.”

Ela *endurece*, pensava Hope. Nada disso seria importante se a tinta não endurecesse.

Um pintor era conspícuo pelo seu silêncio. Seus olhos faiscavam de um rosto a outro, os olhos, duas

fendas fulvas cor de siena bruta da grama morta em pálpebras de cílios loiros que iam ficando cada vez mais dessa cor à medida que as cervejas e o uísque iam se acumulando dentro dele. Às vezes Hope o via tomar fôlego, ou tensionar os lábios como se fosse falar, mas não saía nada, e um afetado olhar de congestão lhe atava a cara, a testa. Sua face tinha mais músculos que a maioria. Sua testa se atava facilmente em cristas, e círculos de músculos formavam rugas ao lado dos vincos de sua boca pensativa e no centro do queixo. A cabeça afundava um pouco mais nos ombros quando seus lábios de aspecto entorpecido se moviam para diante para abocanhar um cigarro; ele se arqueava a cada baforada. Não era velho, embora fosse mais velho que ela dez anos, imaginava Hope. Seu cabelo claro era fino no alto e o couro cabeludo bronzeado, e ele vestia uma camiseta branca sob um casaco de couro surrado, que havia tirado, de modo que esta imagem que Hope tinha dele devia estar ligada ao tempo quente, o verão de 1944, quando, após o dia D, manchetes de oito colunas acompanhavam o avanço da invasão e todo dia traziam centenas de mortes americanas. Como ela dissera a Kathryn, era estranho que, enquanto esse morticínio acontecia, com palácios e catedrais sendo bombardeados, eles conseguissem ser tão joviais, tão autocráticos, tão alheios em suas pontificações sobre a missão redentora da pintura, mas era isso: o dever dos vivos era viver, e a parte corajosa e válida da vida deles era pintar. Nessa época ela estava trabalhando sob a benigna mas pesada influência de Hochmann, fazendo colagens e pinceladas negras de aspecto oriental, como Merebien, que retrabalhava suas poucas imagens — uma soleira de porta retangular, uma fileira de ovais negros como ervilhas gigantes espremidas numa vagem — num espírito de prazer e variação, e cuja branda face redonda suava amigavelmente no meio deles, seu longo pescoço fino e infantil também pairando sobre eles, embora querendo ser seu líder, seu teórico. Se Hope algum dia tivesse sido atraída pela inteligência, teria ficado atraída por Merebien. Mas seu próprio pai lhe mostrara as limitações do refinamento, da inteligência bem cultivada.

Ela não está ansiosa para compartilhar Zack com Kathryn. Já o compartilhou com tantos inquiridores, com a multidão que ainda olhava para a arte para salvá-los. Ela suprime sua recordação dessa noite, composta de muitas noites de falatórios iguais, no Cedar ou na Stewart's Cafeteria ou no Waldorf na Sixth Avenue, na altura da Eighth Street, no San Remo ou no Romany Marie's na Grove Street, no Ratner's na Delancey ou no Jumble Shop na esquina da Eight com a McDougal, noites em que a face de Zack parecia mais e mais da sua conta, sua face dirigida a ela e alojada em sua galeria interior: "O Eu", ela repete, e diz para a outra, "Mas nós — eles — não ficávamos só berrando teoria um para o outro; na verdade isso era raro. O que dizia Matisse: 'Artistas deveriam ter suas línguas cortadas'? A maior parte do tempo, todo mundo vivia enfurnado no seu estúdio, com ciúme do imaginado sucesso de todos os outros. Quando nos reuníamos era para beber e nos divertir. O Sindicato dos Artistas tinha bailes todo sábado, e eu me lembro de ir a um deles — um baile a fantasia de Natal, depois de Ruk ter se mandado da cidade, eu e aquela outra moça, Cindy Jasinski, com quem estava morando na Jones Street — fantasiadas de hotentotes, o que atualmente seria considerado muito racista, mas na época não parecia haver nenhum mal naquilo; fomos de hotentotes, cobertas de graxa e pó de carvão e grandes contas de vidro, e nada mais do que isso, o cabelo levantado em coques com um osso de cachorro de mentira que pegamos do pet shop enfiamos através dele, e eu me senti muito bem comigo mesma — na época eu tinha uma bela silhueta mignon, nada de grande nem mole, então podia muito bem vestir um *collant* — até que, mais tarde nessa noite, olhei para baixo e percebi que todos os homens que dançaram comigo tinham se esfregado e tirado o pó de carvão, e eu estava simplesmente nua na frente, exceto pela calcinha fio dental cor da pele que Cindy tinha trazido do tempo em que fazia shows de revista em Jersey City para sustentar um namorado que estudava Direito."

Kathryn dá uma piscada. Sente que essa imagem, de Hope nua exceto o resto de pó de carvão, tem o propósito de provocá-la, escarnecer dela. Com vivo desgosto ela baixa novamente os olhos para as

anotações no seu colo. “Nos anos 1960 você disse à *Artforum*”, diz ela, “que sabia o tamanho da encrenca Zack acabaria sendo...”

Hope não consegue largar seu jovem eu coberto de pó de carvão e graxa e cabelo enegrecido. Ainda pode sentir o ar fresco daquele galpão no andar de cima banhando sua parte dianteira quando ela e o parceiro se separaram, quem quer que tivesse sido ele, agora morto sem dúvida como todas as outras testemunhas de sua juventude, morto como todos aqueles que a tinham segurado naqueles bailes suarentos nos anos 1940, a guerra do lado de fora das janelas, para lá das saídas de incêndio, escurecendo a cidade na qual a vida civil seguia uivando como uma festa de gatos de quintal. “É claro que não era grande coisa, a nudez, um monte de nós trabalhava de modelo, pelo menos uns para os outros.” Ela se dá conta de que perdeu uma pergunta. Algo sobre Zack e encrenca. Diz, “Todo mundo podia ver de primeira o tamanho da encrenca que ele seria. Ele ficava ali sentado sem dizer uma palavra, como se não soubesse inglês, e aí, depois de ter bebido o bastante para criar coragem, começava a gritar ‘Foda-se’ para todo mundo, coisas como: ‘Vocês todos são uns merdas pretensiosos’ e ‘Algum dia tudo que será importante em vocês é que vão estar perto de mim o suficiente para beijar a minha bunda peluda’, e depois resmungava e tropeçava para ir mijar no canto da fina lareira de mármore de Peggy ou qualquer outro lugar. Zack mijava um bocado, como todo mundo que bebia daquele jeito, é óbvio. Mas mijava em público mais que o necessário. Era como ele dizia: ‘Não sou muito bom com esta coisa na cama, mas com certeza sei mijar’.”

“Peggy Guggenheim?”, a voz de Kathryn ficava um pouco mais ansiosa quando surgia um nome, um velho nome escandalosamente famoso; era bastante decepcionante para Hope, essa suscetibilidade à fama. Ela teria preferido que Kathryn fosse mais do tipo *je-m’en-foutisme* que imaginava para si naquela tenra idade. Antes de ser celebridade, Hope considerava a fama vulgar e uma afronta ao proletariado, cuja ditadura anônima estava chegando, assim que a guerra limpasse o ar de plutocratas e príncipes. Será que o ar também ficaria limpo de estrelas de cinema? Elas eram o que parecia ter importância para o proletariado, flutuavam sobre a nação escurecida pela guerra como dirigíveis prateados.

“Acho que sim. Esqueço de quem era a lareira de mármore, com toda certeza Zack mijou em mais de uma. Ele era patético quando estava bêbado. Não tinha nenhum dom para o álcool, não como Ruk, que estava sempre consciente, sempre comportado. Zack retornava à infância, aquela drástica insegurança e megalomania, balbuciando, mostrando o pênis, fazendo qualquer coisa para virar o centro das atenções, dando um soco em alguém. Ele gostava de derrubar uma mesa com toda a comida em cima. Ele fez isso comigo mais de uma vez.” O banquete de Ação de Graças com a família dele da Califórnia; a festa da galeria depois da publicação do artigo da *Life* e a fama o deixaram um horror: as incessantes humilhações naqueles últimos anos em Long Island, todas as tentativas dela de criar um lar decente foram contestadas e derrubadas, tendo inesperadamente afetado os olhos de Hope. A velhice faz isso: senilidade dos dutos. Quando jovem ela se orgulhava de nunca chorar, não importava o quanto estivesse ferida ou ofendida — para não dar a satisfação ao mundo cruel, colorido, da criatura.

A voz de Kathryn fica mais suave, retraindo seu agudo ríspido, ficando quase indolente no seu incitar prestativo: “Era Herbert Forrest quem ficava chamando a atenção de Peggy para o trabalho de Zack. Ela não gostou do trabalho dele por muito, muito tempo”.

“Na realidade, *nunca* gostou. Coitado do Herbert, é sim, acho que ele amava Zack tanto quanto eu. Só que ele também gostava daqueles quadros confusos estilo Picasso anos 1940 que Zack fazia, todos aqueles símbolos junguianos rabiscados. Eu não. Herbie era uma pessoa infeliz, pobre alma: acima do peso, bicha, terrivelmente epiléptico, o que ele tentava esconder; mas ele tinha o treinamento, estivera em Paris, tinha o olho para ver a genialidade em Zack. Desde o primeiro momento chamou Zack de gênio. Para mim, na minha ignorância, Zack tateava e pesquisava demais, e nunca encontrava o suficiente. Ele

não sabia realmente desenhar, como eu dizia, e até começar a usar tintas industriais vindas direto da loja de ferragens, sua cor era sombria, eu achava. Mas o que eu sabia? Eu era tímida e caprichosa; detestava sujar uma tela limpa, aquelas primeiras pinceladas que Hochmann dizia ser tão importantes. Não, não foi a pintura de Zack que me atraiu, na verdade ela me repelia; foi o próprio Zack, seu corpo, seu rosto. Ele era lindo, e era uma beleza que, ao contrário de Ruk, me exigiu alguma criatividade para descobri-la. Você vai pensar que eu achava todos os homens lindos, eu era a habitual ex-quacre desreprimida com fogo no meio das pernas, mas não... era Zack. Algo na *trama* do seu rosto, e sua cor; ele tinha pele, pele do Oeste tal como eu a imaginava, como um couro macio, ela não enrugava, ela *formava dobras*, e ele mantinha um bronzeado descorado durante o inverno, e no verão nunca usava loção; seu rosto tinha aqueles adoráveis realces de músculos em baixo-relevo, mesmo na testa, os dois pontos altos em diagonal acima das dobras profundas onde suas sobrancelhas se franziam, e ele vivia franzindo o cenho; à medida que seu cabelo ia afinando, ele cada vez menos parecia ter tido cabelo *algum dia*; foi a calvície mais natural e bem assentada que já vi. Quando me mostravam fotos dele com aquele topete loiro da infância, eu sentia uma espécie de aversão. Suas covinhas sempre são mencionadas nas descrições que fazem dele, mas havia alguma coisa nas *áreas planas*, um empurra-e-puxa perfeitamente simétrico que talvez fosse aquilo a que Hochmann sempre se referia. E orelhas perfeitas — olhe as fotografias, elas são bastante impressionantes, grandes mas perfeitas, sem lóbulos. E o resto dele: na época a gente nunca falava da "bunda" dos homens, mas a dele era apertadinha, um encanto; como ele não podia vê-la, não tinha consciência dela, as duas nádegas apertadas uma contra a outra com aquela vaga inocência; ele tinha muito pelo no corpo, mas era um pelo claro, e as pernas pareciam quase curvadas para fora, os músculos da panturrilha eram tão redondos que ele vivia dizendo às pessoas que tinha sido caubói, e era mentira, mas o corpo parecia dizer que sim. Não se pode fazer uma pessoa bonita item por item, existe a unidade, havia um *jogo* no seu corpo, uma *estocada*, acho que posso dizer, sem ficar freudiana demais, que costumava me tirar o fôlego quando ele não sabia que eu o estava observando. Sabe aqueles corpos masculinos que costumavam fazer nos murais, como no Rockfeller Center, não os que estão trazendo as lâmpadas elétricas ou seja lá o que for, mas os operários lidando com o maquinário capitalista ou arrastando fardos de algodão cais acima? Zack tinha esse tipo de corpo, mas como nunca se exercitava, não havia nada de embonecado nele. Teria violado seu senso de masculinidade ficar satisfeito com o próprio corpo. Sua arte era estrangulada pela autoconsciência, antes de subitamente ficar grande, mas seu corpo sempre acontecia de ter essa graça. Exceto, agora me ocorreu, que ele não sabia dançar. Simplesmente não conseguia acompanhar o passo, nem deixar você acompanhar o dele."

Ela sente emanar de Kathryn uma opinião de que isso é suficiente sobre o assunto, mas Hope continua com uma insistência superior: "Ele era encrenca, sim, mas, querida, a *vida* é uma encrenca. Bernie costumava dizer que a vida perturba a calma mineral inconsciente da matéria, é por isso que temos um desejo de morte." Para se forçar de volta aos limites de uma entrevista, Hope diz à moça, improvisadamente: "Venho tentando lembrar o ano daquele baile que fui fantasiada de hotentote, o Ano-Novo pode ter sido 1944, mas o estado de espírito, a temperatura da guerra lá fora, era mais para 1945; já não tínhamos tanto medo, o fim, pelo menos na Europa, estava à vista, embora as pessoas se esqueçam de como foi impiedoso aquele avanço rumo à Alemanha e que ainda não parecia impossível que Hitler nos jogasse de volta para dentro do Canal. Hitler *fazia* o impossível. Ele era surreal, era o espantalho que tinha fugido do subconsciente coletivo e achado um país para ir. Os alemães seguiam todas suas ordens, por mais loucas que fossem, até o bunker de Berlim; agora tudo parece bastante inacreditável. Ao mesmo tempo, tínhamos aquele aleijado aristocrata para nos liderar, e a Grã-Bretanha, um velho empapado de álcool. Stálin, acabou-se descobrindo, era melhor para matar russos do que o próprio Hitler. Foi a maior e pior história da carochinha que o mundo já viu, o tipo de carnaval com aqueles

cabeças gigantes de papel machê.”

Kathryn, talvez estúpida afinal, parece tensamente atenta em cravar um ponto que possa usar: “Entendi direito quando você disse que não achava que Zack tivesse futuro como pintor?”

Hope busca uma forma de evitar dar-lhe satisfação. “Já é bem difícil lembrar o que você fez, quanto mais o que você sentiu. Eu queria gostar dele como artista porque comecei a gostar dele como pessoa. Ele tinha seus defensores, como o pobre Herbie, e em 1943, antes de eu realmente me envolver com ele, Zack participou daquela exposição Arte Deste Século, organizada por Peggy — quem haveria de sonhar que Este Século poderia algum dia virar Aquele Século? —, e recebeu o famoso assentimento de Mondrian — embora possa ter havido alguma política por trás, afinal, havia outro artista na exposição que tinha ajudado Mondrian a fugir de Paris, e foi por isso que Mondrian resolveu vir à exposição; ele não estava bem, morreu no ano seguinte —, mas eu realmente me impressionava menos com o trabalho de Zack do que com sua teimosa maneira de insistir nele, contra todas as possibilidades. Mesmo assim, ele estava perdendo entusiasmo, as farras estavam ficando piores, ele sumia por duas ou três noites; se fosse para eu ficar com ele, teríamos de sair da cidade.”

“É verdade que ele insistiu num casamento na igreja?”

“Eu tinha insistido para nos casarmos, uma coisa era viver em pecado com um homem na cidade e outra coisa, na zona rural de Long Island em 1945. Eu teria me contentado com um casamento na prefeitura, minha ranhosa família meio que tinha desistido de mim, a morte do meu irmão mais novo na guerra os havia deixado meras sombras das suas velhas personalidades desaprovadoras, mas, sim, foi Zack quem insistiu num ministro, penso que ele o fez principalmente para dificultar tanto as coisas para que eu desistisse, mas Myrtle Strunk e eu achamos aquele velho congregacionista numa triste igreja embolorada para lá de Bleecker e que não se importou de eu nunca ter sido batizada — os quacres não batizam, sabe —, e Zack não sabia dizer se tinha sido batizado ou não, sua criação religiosa fora num fim de mundo. O ministro ficou sorrindo o tempo todo, como um demente — a face absolutamente sem cor, a gente sentia que a vida toda dele fora vivida sob aquela rocha na baixa Manhattan —, e com Myrtle e Herbie ali como nossas testemunhas ele deu um breve e estranhamente adorável sermão falando-nos do casamento e da Criação e como, agora que a guerra havia acabado, as nossas vidas seriam belas. A única coisa que pediu de nós foi que eu usasse chapéu e Zack, paletó e gravata; por sorte eu ainda tinha as minhas caixas de chapéus, com o resto da minha bagagem azul, guardadas num armário atrás de todas as minhas pinturas secas de estudante. O que *eu* pedi a Zack foi para ficar sóbrio, e ele ficou. Levou tudo a sério. É difícil dizer no que ele acreditava, mas decididamente acreditava em alguma coisa; tinha estado numa série de psiquiatras por causa da bebida, e todos eram junguianos. Isso se encaixa na sua pintura, é claro, os arquétipos, a magia dos símbolos, o aflorar do eu mais profundo. O que não fez nunca, nunca, foi curar o seu hábito de beber. Então, sim, em resposta à sua pergunta, foi um casamento na igreja. Um nostálgico interior branco com bancos cercados e altas janelas com vidraças losangulares, um lado com a luz bloqueada por um prédio vizinho, como a Sainte-Chapelle, e no alto, acima do altar, uma janela circular com um vitral mostrando Jesus com um carneirinho. Jesus vestindo um manto cor de uva e um carneiro não alvejado. Ah, minha nossa, minha boca está seca e a minha cabeça está aérea de tanto falar. Falar muito, *demais*. Eu *vou* fazer uma xícara de chá agora. Por favor, posso fazer uma para você?”

Kathryn inclina-se para a frente, fazendo uma careta para o gravador, e relutantemente o desliga. “Eu prefiro café, se você tiver”, ela diz, talvez sem perceber sua indelicadeza.

“Café. Eu larguei há tanto tempo — disseram que isso baixaria minha pressão e prolongaria minha vida, e suponho que tem dado certo — que nem tenho bule. Nem pó. Pode ser que haja um café instantâneo num dos armários, se você puder espiar para mim nas prateleiras de cima; você é mais alta que eu.

Mas quando as duas se puseram lado a lado, Kathryn, mesmo com suas botas, não parece tão mais alta; seus olhos chegam na altura da cabeça de Hope. Ela se rende: “Chá está bom. Nunca fui fã de café instantâneo. Essas cafeteiras que eles têm agora com relógio para programar para a manhã seguinte acabam deixando a gente mal-acostumada, acho.”

“É Taster’s Choice”, informa Hope, sentindo pena pelo pequeno pote de rótulo vermelho juntando poeira em algum lugar no fundo de uma prateleira que há anos ela não se dá ao trabalho de subir no banquinho da cozinha para olhar. Sua mãe deve se lembrar de que o pote tinha um formato sutil, amigável, para facilitar seu manejo.”

“Não, de verdade, chá seria ótimo. Minha mãe costumava me dar chá, metade leite e metade chá, quando eu ficava doente.”

“Ótimo”, diz Hope, “se você está mesmo a fim.” Ela toma impulso e levanta da cadeira de balanço, depois dá os primeiros passos com cuidado, em caso de seus joelhos terem se enrijecido ou de um pé estar dormente. O tapete de retalhos já a fez tropeçar mais de uma vez, correndo para atender à campainha, que ninguém que a conhece ou conhece a casa jamais usa, ou levantando-se depois de se perder num livro na cadeira xadrez, um bom mistério para pegar no sono ou alguma história de suspense internacional escrita pelo filho de algum velho amigo; imagine ser jovem e acreditar que o mundo é uma conspiração dessas. Numa ocasião, há não muitos anos, ela se estatelou no chão, seu reflexo preto-avermelhado nadando sob seus olhos enquanto ela verificava mentalmente o corpo em busca de um sinal, primeiro débil, depois pulsando freneticamente, de algum osso quebrado. Ela conhecia a sensação porque havia quebrado a tíbia esquiando nos montes Pocono quando tinha dezesseis anos; na época as travas não tinham praticamente nenhuma folga, e o reboque era meramente de corda e cadeirinhas de metal, um metal gelado com o frio passando pelas calças de esquiar e as ceroulas de lã, tudo muito desconfortável, mas os meninos faziam, então a gente também tinha de fazer.

“Vou esquentar a água numa panela, já que somos duas. Quando estou sozinha, ponho uma caneca no micro-ondas, mas o calor da água, por algum motivo, não dura muito. É o jeito que as moléculas são agitadas, suponho.” Uma das razões de Hope não gostar de falar com gente jovem é o medo de ser burra em relação a toda essa nova tecnologia que surgiu — não desde que ela era menina, mas desde mais ou menos 1980. A linha divisória foi o videocassete; até então, era a *sua* tecnologia, e ela era capaz de manuseá-la, mas nunca foi capaz de programar um aparelho de vídeo, mesmo usando óculos de leitura.

Agora que ela está de pé, ereta, sua voz soa como se originasse, estalada e indistinta, a alguma distância dela, como um desses pequenos rádios que havia por toda parte, tocando o dia todo seleções musicais em lojas, consultórios de dentistas e nos balcões de recepção das lavanderias a seco, antes que as pessoas tivessem telefones celulares e aparelhos de tv para se sentirem conectadas. Agora, quando ela vai a Montpelier, fica estarrecida com todo mundo tendo celulares, até mesmo crianças em idade escolar andando com suas mochilas nas costas, e no verão todas aquelas moças sérias fazendo trilhas, com shorts muito curtinhos, seguram numa mão um telefone celular e na outra, uma garrafa de água; de repente todo mundo no novo milênio tem que ter uma garrafa de água para si. Parece que há, de fato, menos bebedouros públicos, costumava haver em todo lugar; essa era uma das grandes coisas nos Estados Unidos: sempre se podia ter um gole de água grátis. Atrás da casa do seu avô, perto da cicuta gigante de ramos caídos, passando por umas tábuas escorregadias, havia uma fonte aberta cercada de pedras musgosas e uma concha de lata para qualquer um usar, mesmo alguém da rua que quisesse se aventurar pela trilha de tijolos ao lado da casa. Estranhos podiam ser anjos, era a antiga superstição.

No caminho para a cozinha é preciso passar por uma mesa sobre a qual há um antigo telefone preto de disco e ao lado dela, uma cadeira de bambu de encosto alto para o caso de a conversa ser tão demorada e importante que Hope necessite sentar, conversas que são cada vez mais raras; e depois um

corredor que passa por um pequeno saguão junto a uma escada estreita e íngreme de um lado e do outro, a porta dos fundos e a porta contra tempestades. Do outro lado do vidro duplo — nove vidraças quinze por vinte, embora não se alinhem exatamente — o mundo externo a chama, luminoso, ermo e ainda invernal, pedaços de neve visíveis nos bosques como roupa espalhada, o gramado lateral sob o comedouro cinza de sementes de girassol que os pássaros ou esquilos derramaram. A faia de cujo galho inferior pende o comedouro parece, num relance que lampeja através de seus olhos até o cérebro ainda deslocado pelo seu esforço de relembrar o passado, a fotografia de uma explosão prateada, monstruosa, multiforme, espalhando-se para os lados como uma estrutura de Richard Lippold, as estreitas folhinhas novas de ponta branca da faia ainda rigidamente embainhadas mas adquirindo um bronzeado róseo e viçoso. E o bosque atrás tem um tom castanho-avermelhado onde os bordos se aglomeram, um brilho escuro de terra degelando apesar de não ter chegado ainda a estação de lama nesta parte de Vermont. A relva ainda parece dura o bastante para se andar em cima. Hope a imagina rochosa e esmagando-se sob seus pés. Os trechos de neve que pairam nas sombras das árvores parecem, ela o tem notado com frequência em suas caminhadas, fumaça; e o mesmo se passa, estranhamente, com montanhas distantes e um lago, e até mesmo uma casa azul vista através dos galhos: para o olho aberto de uma pintora o mundo é abundante em ilusões de óptica. Outro dia, junto à janela da sala de jantar, ela ficou transfixada pelo que parecia ser um pedaço de papel translúcido, papel-vegetal, preso no arbusto na beira do gramado e que tremulava na brisa, e ela se perguntou que descarado teria jogado ali aquele lixo, para depois perceber que era um esquilo cinzento, pendurado num broto de amieiro grosso o bastante para ocultar metade do corpo do animalzinho, mas tão fino que não parava de balançar.

Esta é uma estação ardente. Se a moça fosse embora logo, Hope poderia passar uma hora lá fora recolhendo gravetos — as faias e nogueiras os deixam cair incessantemente — para a fogueira de mato que Jason Warren acenderia quando viesse neste sábado, se o vento não estivesse muito forte. Embora seja um desses homens para quem as mulheres estão sempre atrapalhando, estranhos animais de duas pernas que falam incessantemente, agora encontrados até mesmo nas encostas das montanhas, Hope gosta de ficar ao seu lado, ajudando as labaredas com gravetos do jardim e galhos secos, sentindo o calor na face, o suficiente para chamuscar suas sobrancelhas se estas não tivessem virado pequenos tufos séculos atrás. Até chegar aos setenta ela fazia sozinha quase todo o trabalho do quintal; Zack, por mais que ela o amaldiçoasse por isso, tinha lhe mostrado o que uma pessoa é capaz de fazer sozinha; tinham sido pobres demais para pensar em contratar muitos trabalhadores ali nos Flats. Zack derrubou divisórias, substituiu telhas e apoios da varanda, mudou o celeiro para o alto do morro, fora do centro de visão do brejo e da distante faixa de água salgada que era, na verdade, um pequeno ancoradouro. Zack fez os vizinhos — Andy Silcox, Glenn Urquhart — o ajudarem a empurrar o celeiro sobre rodinhas, movendo quinze centímetros cada vez que o alavancavam para cima, a menos que a inclinação aumentasse, e por fim tiveram de recorrer a um pescador com um guincho e uma rede de arrasto na traseira do caminhão para puxar a enorme coisa dilapidada e colocá-la sobre uma fundação de cimento que o próprio Zack tinha assentado, distendendo o ombro no processo de espalhar o concreto que ia endurecendo. Os Flats haviam sido para eles uma fronteira, embora marinheiros ingleses e seus descendentes de sangue viessem cultivando as terras e pescando aqui desde 1640. Vizinho ajudava vizinho, e Zack retribuiu sua dívida de trabalho, seja reconstruindo a varanda de Urquhart ou ajudando Silcox na colheita de batatas. “Era o fim do mundo”, Hope diz em voz alta. “Eram só os elementos.”

“O que era?”, Kathryn pergunta atrás dela. Perto demais atrás dela, sente Hope, receosa de que lhe pise o calcanhar das Birkenstocks e rasgue uma tira da sandália. É cada vez mais difícil achar Birkenstocks para comprar, as verdadeiras, não as imitações que laceiam e ficam frouxas rapidamente.

“Os Flats. Desculpe. Eu estava pensando em voz alta. A gente faz isso quando vive sozinha. Aí está

a cozinha, mas há um banheiro à esquerda, debaixo da escada, se você precisar.”

“Não, obrigada, Hope. Ainda não preciso.”

Hope, é isso, não é? Como esses jovens presumem — todas essas cartas que a gente recebe sem um sra. na frente, Hope McCoy, como se não tivesse havido dois maridos desde então ou ela não tivesse assinado sua obra com “H. Ouderkirk”. E ainda estava se pavoneando pelo seu controle superior da bexiga. Ela realmente não devia deixá-los entrar, eles ocupam o seu dia e mandam você tonta para a cama, e aí escrevem o que estavam determinados a escrever antes de vir. Alguns anos atrás ela se sentara com um rapaz simpático até perto da meia-noite, um professor de belas-artes em algum lugar do Meio Oeste que estava escrevendo seu primeiro livro, uma expansão da sua tese, e quando o livro saiu tudo que ela lhe dissera ficara reduzido a uma nota de rodapé contradizendo alguma outra pessoa. Mas já fazia algum tempo desde a última vez que alguém lhe pedira uma entrevista, não só Zack estava sumindo do que as pessoas no campo da arte falavam, mas também Guy, o que ela achava que jamais iria acontecer, suas ideias eram tão joviais e alegres (*gay* no velho sentido em inglês), tão impudentes e frescas e incansáveis, ele sozinho era um movimento artístico, até que carregar tudo nos ombros começou a lhe pesar. Zack sentira o peso apenas por algum tempo e saíra de baixo dele. “Quando nos mudamos, logo depois da guerra, a maioria das casas nos Flats ainda tinha o banheiro fora da casa. Quando tentávamos chegar ao nosso naquele primeiro inverno terrível, quase éramos arrastados pelo vento, jogados contra aquele enorme bordo prateado, e quando a gente estava lá dentro o vento uivava por baixo, era assustador.”

Elas entram na cozinha e Hope fica preocupada que a moça pense que estivesse falando desta casa, que ela e Jerry compraram em outra época, outro casamento. Arrancaram — contrataram trabalhadores para arrancar — o linóleo do piso, as pias baixas de pedra e uma velha geladeira que vazava para colocar tudo novo, mas isso foi há uma geração, e a moda em fogões, pias, fornos e bancadas de cozinha já havia mudado. Os armários suspensos, pintados com spray creme liso como um acabamento de carro, exibem puxadores soltos e manchas de sujeira onde os dedos os tocam mais amiúde, e a fórmica marfim na longa bancada sob os armários rachou onde a madeira por baixo cedeu e encolheu. As hastes pretas do queimador que ela mais usa se desgastaram, e as grandes janelas Andersen que oferecem uma ampla vista do velho pomar de maçãs subindo a encosta em direção ao norte não abrem e fecham mais com facilidade, chuva e neve se infiltraram pelo revestimento e dilataram o caixilho. É uma cozinha arejada e cara ficando velha e gasta. Apenas o tampo verde sinuoso acima da placa que sustenta os queimadores de gás se revelou impenetrável ao tempo, seus veios preservando as ondulações e círculos e nódoas de mica de um fluxo metamórfico fundido num momento inconcebivelmente remoto, há milhões e milhões de anos, tempo suficiente para a espécie humana ser extinta uma centena de vezes — rocha metamórfica mais velha que as Montanhas Verdes sendo erodidas ao seu redor, mas neste momento fria e lisa ao toque enquanto com a outra mão ela coloca a chaleira redonda com bico sobre as hastes gastas do seu queimador favorito. Sua mão se estende grotescamente no espelho de alumínio da chaleira; sua face é um ponto pálido distante com franjas brancas patéticas, um bocado de palha branca, esfumaçada, seca demais para ser domada.

Hope liga o gás, segurando o botão apontando para o meio-dia até que o cliquezinho bastante frenético acende uma chama azul que se reduz quando ela vira o botão para onde seriam onze horas. Ela sente Kathryn examinando a cozinha, as superfícies descamadas e os cantos de bagunça, imaginando aonde teria ido o dinheiro de Hope. Ela não vai lhe perguntar isso, mas Hope tem uma resposta pronta. Ela guardou o dinheiro e o investiu conservadoramente para deixá-lo aos seus filhos, a maior parte para a filha: dinheiro de consciência, mas ela não vai entrar nisso. Seu pai jogara o dinheiro do pai *dele* fora, então ela tem orgulho de sua perspicácia e parcimônia. Ela reteve as pinturas de Zack até seu valor subir

mais e mais; Guy era um astuto e diligente explorador do gordo mercado de arte nos anos 1960 e 1970; E Jerry foi generoso, deixando-lhe a mesma parte de sua fortuna que deixou para cada um dos filhos da ex-mulher, e pôs a casa de Vermont em seu nome desde o começo. A casa fora dela, assim como o fora a busca pelo silêncio e a simplicidade do campo. Zack foi seu parceiro nessa busca por algum tempo; um filho dos espaços do Oeste precisava de espaço para vagar, como vagara no primeiro verão, o verão de 1946, atordoado pelos brejos e dunas quando floresceram.

"O que eu adorava nos Flats", ela conta a Kathryn, "era a luz, a maneira como a terra a aceitava, como se fosse a palma da mão na extremidade de um braço estendido. A sensação era de um fim de mundo. Você esteve lá, é claro, como parte da sua pesquisa, mas não naquela época, logo depois da guerra. Nada mudou durante tanto tempo. As terras cultivadas tinham aquele aspecto sem árvores, embora a nossa terra tivesse nela o bordo prateado e uma árvore de aparência tropical com flores translúcidas cor-de-rosa e brancas e folhas emplumadas que pareciam gafanhotos que, quando a gente as segurava, queriam se fechar feito a página de um livro. Uma albízia, ou árvore-de-seda, embora as pessoas a chamassem de mimosa. Um dos fazendeiros que tinha sido dono do lugar a plantara como ornamento. Ali, naquele longínquo lugar em Long Island, quase não havia casas que não fossem de fazenda — uma igreja, uma loja maçônica —, e os campos de batatas se estendiam para todo lado. A terra não cultivada era arenosa e pantanosa, e aqui e ali grandes rochas extraviadas haviam sido deixadas pelo glaciar. Montauk fora uma ilha até que o glaciar preencheu o vão com uma morena. De frente para o leste, como estávamos, víamos uma faixa azul de água salgada — o porto de McGonicle —, uma faixa de terra mais adiante e um imenso céu de vento. Água, ar, areia, o sol. Mas aposto que você gostaria que eu não falasse sem o seu gravador ligado."

"Eu *preferiria*, apesar de a minha memória ser bastante boa. Ainda assim, é melhor ter as suas palavras exatas."

"Oh, querida, será que tem mesmo importância? Eu mal confio nas minhas palavras, sempre foi uma falha minha dizer o que acho que as pessoas querem ouvir. E duvido que haja algo que eu possa dizer que já não tenha dito algum dia em algum lugar. O que você gostaria no seu chá?"

"Meu chá? Ah, não, nada. Só chá puro, obrigada."

Por que essa pergunta tão simples a teria surpreendido? A mente da entrevistadora estava em outro lugar. Hope sente-se magoada com isso, essa falta de atenção quando ela está se colocando inteira, fazendo chá, falando com tanta liberdade. No entanto, essa estranha deve ter uma vida, lá na cidade — amigos homens, preocupações no emprego, aluguel para pagar, ou taxas de condomínio, o que é mais provável nos dias de hoje. Quando Hope era jovem, era mais fácil, pagava-se por semana e se escondia do locador quando atrasava o aluguel. Ele ficava encalhado com você até certo ponto, o despejo era um procedimento legal, então havia um jogo de cintura na situação. Kathryn está olhando ao redor, decepcionada com a simplicidade — o calendário Redouté que qualquer um pode comprar numa papelaria, os armários com os puxadores estragados, os utensílios vinte anos obsoletos, as lembranças fotográficas desbotadas: fotos de férias e fotos oficiais escolares dos netos tiradas numa cabine com cortina, uma por uma, e presas à porta da geladeira com pequenos imãs em forma de verduras. "Você gostaria de ver o meu estúdio?", Hope pergunta à entrevistadora.

"Oh, sim. Gostaria muito." Contudo, o entusiasmo da moça carece do fervor que Hope julgava a oferta merecer: a oficina da feiticeira, o cenário do milagre cotidiano.

As casas de fazenda no norte da Nova Inglaterra dão a sensação de trens, um vagão grudado no outro para poupar o fazendeiro de vadear pela neve. Quando ela e Jerry compraram o lugar, um estábulo de vacas não usado e caindo aos pedaços, este era ligado à cozinha por meio de um espaço de armazenagem coberto, cheio de latas de leite de dez galões e outros equipamentos para a finada operação

de leiteria; esse espaço comprido, de teto baixo, agora contém as ferramentas de jardinagem e consertos que Hope foi gradualmente entregando à equipe semanal da prole de Warren. Mesmo os pequenos utensílios para cuidar das flores — espátulas, rastelos de mão, forquetas de aspargos, aparadores de mão, suportes de arame para peônias sempre incrivelmente emaranhados como quebra-cabeças chineses — são tocados por ela menos do que ela pretendia; parece que tirar o corpo da cama e fazer sua hora matinal no estúdio é tudo que ela consegue, embora nesta primavera ela tenha a firme intenção de fazer um novo recomeço, mais enérgico. A porta embolorada dos fertilizantes do ano passado — Milorganite, Holly-Tone — e sacos de cobertura de casca de trigo sarraceno enchem esse espaço comprido, sem aquecimento, com uma destilada essência de terra sob cultivo, o aroma de uma estação adiante mas ainda fora de alcance. Passando por um banco com vasos de barro e bocais de mangueira manchados e um amontoado de estacas verdes de jardim, ela conduz a moça da cidade, que se encolhe para evitar o contato de seu belo traje preto com alguma sujeira, suas botas de bico quadrado sentindo o caminho ao longo do piso de concreto rachado como se pisassem numa trilha de pedras, através da porta dupla controlada eletronicamente do elegante estúdio que Jerry construíra para Hope, para o seu sexagésimo aniversário, onde um dia o velho estábulo se aninhava lateralmente sobre suas vigas cansadas, trepadeiras entrelaçadas com suas tábuas laterais, uma fileira de malvas-rosa, em pálidas cores estilo Kate Greenaway, quase três metros de altura ao longo da face sul perdidos para a reconstrução. O alto espaço quadrado está espessamente isolado e iluminado por uma claraboia-bolha de acrílico voltada para o norte, transbordando nesta manhã um azul tão profundo que chega ao índigo, camada sobre camada de átomos de pura ilusão. Zack nunca teve uma instalação tão perfeita, embora ao planejá-la Hope não pôde evitar reconstituir seu velho estúdio, fazendo-o melhor. Trilhos elevados sustentam acessórios fluorescentes; ela aciona diversos interruptores num painel do lado de dentro, e um agudo brilho artificial, após algumas oscilações e tremulações, intensifica a luz natural vinda do norte.

“Oh”, diz Kathryn. “Tão claro.”

“Para ver você melhor, minha querida.”

A visita de Hope, cuja postura poderia ser melhor — é como se ela, quando teve sua arrancada de crescimento, tivesse se retraído e encurvado para não ficar muito mais alta que as colegas —, aproxima-se da tela no cavalete central, ainda úmida com o trabalho daquela manhã, uma tela de um metro e oitenta por um metro e cinquenta, de listras horizontais. Será que ela é míope? Observa com tanta intensidade, tão de perto, que uma guinada lateral a faz esfregar-se contra a crosta da mesa atulhada de tubos semiespremidos de tinta a óleo, potes de óleo para diluir e placas de vidro, placas comuns, vinte e cinco por trinta, que Hope usa em vez de paletas de madeira. Assustada pelo contato, Kathryn dá um apressado passo para trás e, juntas, ela e Hope olham para ver se alguma tinta molhada estragou sua calça preta, seu exótico tecido canelado. “Não estou vendo nada”, Hope a tranquiliza.

“Nem eu, não se preocupe.” Sem confiar nos olhos da mulher mais velha, ela inspeciona independentemente, esfregando de modo espalhafatoso o local sem mancha nenhuma. Por fim, erguendo os olhos, ela muda o foco: “A pintura é encantadora. Tão refinada”.

“Eu me perguntava, olhando neste instante para ela, se os dois tons de cinza estão suficientemente próximos. Não queremos que as listras sejam a primeira coisa a se notar, não é para ser Op. Queremos que elas sejam tão sutis que uma *emerja* da outra. Lentamente.”

“Como aqueles retângulos de Ad Reinhardt. Ele nos conduz para dentro da pintura, para ver que não têm exatamente o mesmo tom de marrom purpúreo. Você também tem isso em Seamus O’Rourke: a fugacidade, a sensação de quase-aí.”

Hope vacila com a observação falsa, a observação de estudante. Mas, e então, será que os próprios pintores se saíam melhor ao verbalizarem? Essa era uma das belezas de Zack, sua recusa ou

incapacidade de verbalizar. Os artistas deviam ter as línguas cortadas. “Essa era uma das ideias deles, imagino”, ela diz taticamente. “Mergulhar o espectador, pintar numa escala tal que o observador cessa de estar consciente das bordas da tela.”

“Você nunca entrou na escala maior”, Kathryn lhe diz, e indaga: “Isso tem algo a ver com o fato de ser mulher?”

“Provavelmente. E também porque a teoria nunca me pareceu se sustentar direito. As telas enormes de Bernie Nova, a gente tem consciência das bordas *porque* elas são tão enormes, tão distantes na parede. Você pensa no espaço em que ele deve tê-la feito e se admira sobre onde ela pode ser pendurada, *a não ser* num museu. Com os murais da Renascença, o próprio edifício é a borda, e tudo se funde, flui em alguma coisa não nitidamente distinta. Mas num museu, com as paredes brancas, o guarda parado no canto... só em algumas das maiores de Zack, as três que ele fez em 1950, antes de seu talento se esgotar, isso realmente acontece, nós nos perdemos na pintura, do jeito que ele disse que *ele* se perdeu. E mesmo assim, nos deparamos com alguma coisa, uma abelha, a marca de um tênis, uma bituca de cigarro que entrou na pintura, que nos faz lembrar o que estamos olhando, um grande pedaço de tela, com bordas. Acho muito arriscado basear qualquer abordagem à pintura no que um espectador hipotético irá fazer ou sentir. Tem que ser entre você e a tela, pergunta e resposta, empurra e puxa, e deixar o espectador entrar do jeito que ele puder.”

Mesmo em meio ao cheiro resinoso, alcoólico de tinta fresca, Hope capta uma lufada do perfume de Kathryn, um doce falso-floral finamente combinado a um aroma mais rude, a aura quimicamente carregada de uma jovem fêmea. Na impiedosa luz uma pequena mancha vermelha, não exatamente uma espinha, arde ao lado da aba de uma narina do longo nariz encerado; um aplicador de *blush* impõe pálidas sombras alaranjadas nas maçãs do rosto e uma tintura de hena transforma em ferrugem os negros filamentos metálicos que brotam da sua testa. Sua face é longa, mas o cabelo começa baixo na fronte. Hope imagina uma febre de desejo pressionando debaixo dessa fronte, dando-lhe sua textura irritadiça, suas sombras de tensão; essa gente jovem sabe, ao contrário da geração dela, que por mais que se conquiste, nunca será o bastante. O sexo azeda, a riqueza derrete, a fama é por quinze minutos. Os olhos solenes de ameixas molhadas — rímel azul na pálpebra superior, um traço de kohl na inferior, os cílios suficientemente longos para se curvarem para trás, mas quase certamente naturais, lampejam na direção dos cantos da grande sala impiedosamente iluminada, onde outras telas cinzas de Hope, secas, com suas leves intimações de uma beleza na fronteira de uma invisível calma, apoiam-se em outras, mais berrantes, obras menores, não vendidas, de seus dois primeiros maridos, conservadas por passivo companheirismo e como seguro para sua velhice, como se esta já não estivesse aí. Fotografias de si com outros em tempos distantes recuando até Ardmore nos anos 1920, certificados de graduação e comendas emoldurados (*Commandeur de l’ordre des Arts et des Lettres*, *Erster Preis Kuntsfest München*), os hediondos troféus de cristal e metal pintado que se ganham como sinais de reconhecimento e gratidão pública (o mais deselegante deles tendo sido entregue timidamente pelo primeiro presidente Bush, um alto e pueril senhor de Connecticut que parecia tão agradavelmente surpreso quanto ela de se encontrar na Casa Branca; no almoço que se seguiu, sentado ao seu lado, ele indicou a Hope que admirasse as flores cotidianas, os guardas da Marinha elegantemente fardados, o cerimonial esplêndido e imponente que os cercava por um momento, duas crianças comportadas da evanescente hegemonia protestante): esses suvenires, ainda ordenados na apressada arrumação de uma tarde quando o estúdio estava recém-construído, atraem a atenção de Kathryn menos do que Hope esperava. Apenas as velhas fotos tentam a interlocutora a se aproximar, o pescoço esticado para a frente daquela maneira indecorosa. “Como você era bonita.”

“Nunca me achei bonita, mas tentava ser divertida e não preguiçosa. Se você é educada como quacre, o mundo parece extremamente excitante, como uma festa para a qual você não espera ser

convidada. A festa do Diabo, se levarmos a sério esta minha velha declaração.”

Hope pensa que valia a pena dizer isso e lamenta que Kathryn não esteja com seu gravador ligado. Mas, então, que tipo de captação é essa, palavras numa fita, palavras no papel, se ninguém escuta, ninguém lê? Tudo é simplesmente despejado no escuro, o escuro que existe mesmo no meio da luz; a luz em si é cega.

“Esta é a melhor”, Kathryn diz, sua atenção de volta à pintura no cavalete. A afirmação toma Hope de surpresa; quem é essa moça para julgar?

Hope suspira com ar de autodesconsideração. “É muito parecida com as outras, embora existam pequenas diferenças que eu posso sentir. Cada quadro é uma aventura, mesmo na minha idade.”

“Você precisa parar de pensar tanto na sua idade. Nunca penso na minha.”

“Na sua idade eu também não pensava.” É verdade? Hope duvida. Era parte do jeito antigo, o jeito ainda traçado pela religião, ver-se num caminho, numa jornada da qual você podia ser chamada a qualquer momento para prestar contas. Ela não consegue visualizar como esta jovem concebe sua própria e única existência — como um tempo presente incontábil, um *agora* desenquadrado que lhe impõe deveres, tais como esta entrevista, sem possibilidade de um fracasso drástico, duradouro? Hope conhece bastante gente jovem, seus filhos e os filhos deles para começar, que jamais pensaria em ser *gratos* pela existência; na melhor das hipóteses, ela pensa, para eles o universo é uma espécie de piada que provoca um dar de ombros, um espirro cósmico que rapidamente se dissipa no nada original. O que há para louvar? A quem culpar? Seu pai, Hope veio a sentir na infância, tinha um senso religioso de fracasso, com sua bela casa de madeiramento falso e reboco e tijolos calcários, e seu escritório com vista para a Market Street de uma altura conveniente, e sua bela e enérgica esposa organizando sua vida social e casas de veraneio, e sua vivaz filha de cabelo ruivo e seus dois filhos, ambos tendo herdado seus bons ossos e fino cabelo claro e a calma pensativa, ligeiramente melancólica. Seus pios ancestrais, aqueles fanáticos que se arriscaram à forca e ao exílio no seu zelo de despir o cristianismo para fazê-lo voltar à sua essência incorrupta, faziam-no sentir-se um fracasso em seu status mundano, um rebento bem-educado do sucesso de seus ancestrais mais imediatos em comércio, manufatura (uma fábrica de tapetes cujo vasto ruído e movimento de teares e sensação de aprisionamento formaram uma das primeiras memórias de Hope, uma visita ao avô pouco antes de a fábrica fechar sob pressão dos salários mais baixos no Sul) e investimentos (ferrovias, carvão, cortiços). Para “alimentar” sua “face” — uma de suas frases prediletas — década após década, alimentar as faces dos seus filhos, botar roupa nos seus corpos, prepará-los com as credenciais educacionais necessárias para manter a participação na sua classe social e mediar, numa época em que advogados também serviam como consultores financeiros, entre o velho dinheiro da Filadélfia e os riscos do mundo sempre novo que abrigou um colapso de mercado seguido de um presidente democrata radical que ria dos privilégios, sempre ele próprio privilegiado; nada disso parecia, pela luz interior que ardia debilmente dentro dele, suficiente. Ele não protestou muito quando sua filha rebelou-se e caiu na loucura de Nova York.

Ela acha que Kathryn já viu o suficiente do estúdio. Era importante para Hope que seu estúdio desse a sensação de segredo, uma extensão do seu cérebro inundado de um silêncio pensativo, uma fluorescência limpa de traços de visitantes. “Onde está seu chá?”, ela pergunta.

“Oh! Esqueci e deixei na cozinha!”

“Não creio que você seja uma bebedora de chá. Não seja. Mancha os dentes. Você tem dentes lindos. Deveria sorrir com mais frequência.”

De volta à cozinha, passando pelos sacos de fertilizantes e cascas de trigo sarraceno, Kathryn diz, procurando algo amável para dizer: “Aqui é mais quente.”

“O estúdio esfria; ele tem um sistema separado, o aquecimento elétrico é extremamente caro, e

reduzo para quinze graus quando acabo o dia de trabalho.”

“Estou ocupando muito do seu dia. Me dispense quando você precisar.”

“Mas só chegamos até 1946!”

“É verdade.” A moça vê num lampejo, com um pouco de pavor nos olhos, que a mulher mais velha está disposta a mais. “Acho que *vou sim* aceitar sua oferta de usar o banheiro, antes de nós...”

“Voltarmos ao trabalho”, Hope termina a frase para ela. “Saindo no hall, vire à direita, debaixo da escada, uma porta estreita à sua esquerda. Tivemos de espremê-lo ali.”

Momentaneamente só, Hope esvazia as canecas — a sua, quase vazia; a de Kathryn, quase cheia — na pia. Aí deixa cair um jato de água quente da torneira em volta delas e as coloca viradas para baixo no escorredor. Os bichos de estimação que ela e Jerry tinham morreram todos, mas mesmo essas canecas, com seus papagaios pintados e listras vermelhas e verdes, têm essa qualidade das coisas de estimação, de compartilhar sua existência doméstica mais íntima, de modo que você chegue em casa com uma sensação de gratidão após se aventurar na sociedade humana. Elas lhe devolvem o seu eu depois que outros o sujaram e estragaram. Ela para junto à porta dupla que leva ao pátio lateral, incomodada pelo fato de as vidraças não estarem bem alinhadas, e sente que aquele comedouro balançando no arame, aquela bétula cinzenta e o bosque ao fundo, com seu matiz vermelho e vãos esfumaçados de palidez, são amigos cuja silenciosa confiança ela está traindo com seu falatório excessivamente ansioso para uma intrusa. Ela anseia pela solidão como se fosse o Paraíso. O que foi que Freud disse que era a felicidade? Liberação da tensão, da qual a liberação sexual era o modelo. Quão bizarra e inescrupulosa, realmente, sua própria atividade sexual lhe parece vista da altitude dos anos.Comportamento de percevejo, a repulsiva complexidade de genitais e estratégias de insetos, estratégias nas quais a morte do indivíduo está casualmente contida. Atiçar, morder, esguichar, morrer. Bernie, que apreciava a ideia de Nietzsche de que a verdade é feia, costumava falar dessas coisas; seus pais certa vez lhe deram um microscópio, e ele desenhava para Hope genitais de insetos, para ver se ela se desestimulava. Não adiantava. Que embriaguez química deve ter sido para lhe permitir sempre ver genitais masculinos, especialmente quando eretos e excitados — a veia azul, a cabeça cor de lavanda, a pele translúcida dolorosamente esticada —, tão belos, tão belos que ela queria a coisa dentro de si, incorporada, possuída. Qual é a irritação que percevejos fêmeas sentem para se submeter?

No toalete do hall ouve-se a descarga: Kathryn levantando-se do assento, tendo afagado sua oleosa fenda escura com um pouco de papel. A água desse banheiro de baixo às vezes fica correndo, a tampa balança sobre a articulação e falha em descer, de modo que a água corre sem preencher a caixa de louça, e por isso a bolinha de cortiça não sobe e tapa o fluxo. Hope escuta aguardando a denunciadora mudança de tom no murmúrio da água que significa a tampa caindo e a vedação. Ela imagina tê-lo ouvido, por trás do ruído de uma torneira aberta: Kathryn lavando as mãos. Será que Hope tirou uma toalha de mão limpa? A outra mulher surge com aquele seu curioso andar de cautela, como se caminhasse sobre uma trilha de pedras irregulares, um andar de louva-a-deus. Hope se pergunta se deveria seguir o exemplo da mais jovem, mas prevê que o assento estará quente, uma intimidade inquietante e indesejada, e decide que pode esperar. O chá vai querer sair em uma hora ou menos.

Forçando um meio-sorriso incerto — Hope lamenta ter dito algo sobre sorrir com mais frequência, sua língua sempre a trai, tudo por sempre fazer força para agradar —, Kathryn volta com seu passo cauteloso para a saleta da frente, para a cadeira xadrez do vovô Ouderkirk. Irritantemente a entrevistadora espia o pequeno Sony cinzento, segurando-o diante do rosto como um míope, para checar se a fita nova está rodando, e depois o recoloca sobre o velho baú, entre as cabeças dos pregos de bronze. “Casamento na igreja”, ela incita.

Hope se refreia com essa ênfase renovada. “Como eu disse, em 1945 mal podíamos morar juntos

numa comunidade rural como os Flats sem uma certidão de casamento. Não se podia fazer isso nem mesmo em Hollywood, e é por isso que todas aquelas estrelas como Lana Turner e Sei-lá-o-nome dela — aquela com olhos arroxeados — ficavam se casando. Os moradores já eram suficientemente desconfiados de nós. Não podiam entender como Zack ganhava a vida. E, na verdade, ele mal ganhava: o acordo com Peggy lhe pagava cento e cinquenta por mês, que era menos que os vinte e três dólares e oitenta e seis centavos por semana que ele vinha ganhando do Federal Arts Project mais os sessenta por mês que meu pai me mandava. Isso acabou, é claro, quando nos casamos. Quanto à parte da igreja, Zack tinha esses tocantes bolsões de convencionalismo. Talvez tenha pensado que ia me agradar. E de fato agradou. Pude usar um dos meus chapéus."

"Seu trabalho. Quanto você estava pintando na época?"

"Alguma coisa. No outono de 1944 eu tinha saído do Hochmann e trabalhava de garçonete num restaurante italiano, o Eugenio's, ao sul do parque. Nos fins de semana e à noite tentava pintar, mas uma vez que Zack entrou na minha vida, não havia muito tempo para mim."

"Ele era exigente?"

Hope suspira, sentindo que esse é um terreno instável. "Ele era o mais novo de cinco irmãos, e era como uma criança no sentido que você tinha de prestar atenção nele a cada minuto; exceto quando estava pintando, não tinha recursos internos. Mesmo quando não estava lá, era preciso ficar preocupada se ele não ia ser morto, atropelado por um carro ou ter o pescoço quebrado por algum cara num bar com quem tivesse puxado briga. Ele vivia arranjando brigas e sempre se dava mal. Era como a bebida; era pobre naquilo. Minha teoria era que, sendo ele o caçula da ninhada, levar aquelas surras o faziam lembrar-se de casa. Quer dizer, ele provocava para se sentir em casa."

"Ou talvez pensasse", diz Kathryn, "que daquela vez venceria."

Hope está suficientemente acostumada à subserviência de entrevistadores para ficar melindrada. Será que essa moça acha que, por meio da sua pesquisa, conhece Zack melhor que sua esposa, que o alçou das sarjetas do Village para a grandeza?

Kathryn percebe o enrijecimento de Hope e diz humildemente: "Aconteceu de fato com a pintura dele. Ele venceu."

"Aconteceu", Hope admite. "Mas aí ele estragou tudo. Detestava o sucesso, o sucesso lhe parecia de mau gosto. Fazia com que ele aparecesse demais, ele se sentia dolorosamente exposto, apesar de ter achado que era isso que queria."

"A sua pintura", diz Kathryn, tentando fazer Hope ceder, "era abstrata nessa época, mais ou menos na época que vocês se mudaram?"

"Eu vivia escorregando, tendo recaídas, você sabia? Fragmentos da cidade — faces do restaurante em Little Italy, luzes de neon refletidas nos pavimentos molhados, as silhuetas do centro da cidade que se viam subindo a East Ninth Street — viviam se forçando para dentro de mim, através do que Hochmann chamava de 'buracos' na tela. Zack desdenhava. 'Que merda figurativa é essa?', ele perguntava. 'Quem você acha que é, Hopper?' Ele me dizia, 'Deixe que Levine e Ben Shahn façam as charges políticas'. Jack Levine já era grande antes da guerra e nos anos 1940, e Zack desgostava dele de forma especial, penso que porque ele sabia fazer todas aquelas coisas dos Velhos Mestres — desenhar anatomia, trabalhar com sombras e luz — que Zack seria incapaz de fazer, mesmo se sua vida dependesse disso, e muito menos compor um quadro pseudorrenascentista com equilíbrio de luz, como Benton."

"Havia muita coisa que Zack não sabia fazer na sua opinião."

Ela pensa que conhece Zack melhor e o ama mais.

"Mas havia algo", diz Hope, "que ele *sabia* fazer, um tipo de emoção de impacto, uma espécie de verdade estrangulada escavada daquela infância atribulada com aquela mãe esquisita, dominadora.

Mesmo Alfred, no Modern, foi obrigado a ver isso, embora seu gosto fosse para os mais europeus entre os americanos jovens — Roger, Onno — que sabiam falar francês e dar belas pinceladas. Em 1945, Barr concordou com a aquisição de uma das confusas telas junguianas de Zack, aquela com o lobo que parece uma vaca. Aqueles seiscentos dólares pagaram uma porção de artigos de construção no nosso primeiro ano nos Flats.

"Fale-me dos Flats. Ali você foi feliz, pelo menos nos cinco primeiros anos, antes de Zack começar a beber de novo."

"Feliz. Deixe-me pensar. Nós éramos *ocupados*, o que vem dar mais ou menos no mesmo. O lugar tinha sido deixado numa completa bagunça, totalmente atulhado de mobília pesada e roupas velhas, e o pequeno celeiro estava abarrotado de equipamentos de lavoura enferrujados que não eram usados desde a Depressão. Não havia aquecimento central, nem água quente, nem banheiro, como eu disse. Aquele primeiro inverno foi brutal, o pior em anos, os moradores nos disseram. Quando soprava uma tempestade do mar parecia que a nossa casa era a primeira coisa a ser atingida. E não tínhamos carro, íamos à cidade de trem quando precisávamos. Henry Drayton, que dirigia o armazém de gêneros a meia milha pela estrada, emprestou a Zack dois dólares para comprar uma bicicleta velha para ir e voltar. Henry vendia tudo a crédito no inverno: comida, utensílios, bebida, tintas. Um bocado da pintura de Zack foi feita com marcas industriais — Duco, Devoe — direto das prateleiras de Henry. O outro estabelecimento comercial nos Flats era um bar chamado Lemon Drop, a cerca de uma milha de distância. Um pouco longe para ir a pé num dia de mau tempo, porém Zack o fazia. Ele se queixava que ninguém conversava com ele como nos bares de Manhattan. Os moradores simplesmente ficavam ali sentados com suas bebidas, resmungando entre si de vez em quando. É claro, eles se viam todos os dias, todos eram casados entre si. Chamavam-se mutuamente de 'cara'; no começo Zack pensou que o estavam insultando, mas era o linguajar deles. As mulheres eram 'bonecas', as crianças eram 'moleques', e o pessoal de veraneio eram 'flutuantes'. Nós éramos 'flutuantes', pobres do jeito que éramos. Eles não confiavam em nós, como iriam confiar? Zack se importava com isso mais que eu. E trabalhou para quebrar a resistência deles; de algum modo ele e Henry se entretinham mutuamente, e a turma no Lemon Drop foi esquentando. Mas naquele primeiro inverno o vento e o frio estavam tão ferozes que não saímos por dias; ficamos simplesmente encolhidos em volta do forno a lenha, debaixo de cobertores e tomando café para nos mantermos aquecidos. As coisas não paravam de quebrar: a bomba no porão quebrou de vez, a varanda estava desabando, as janelas estalavam como metralhadoras. Não estávamos felizes, estávamos frenéticos. Zack mal pintava, estava frio demais na sala de cima da qual ele tirara o entulho. Ainda assim, era uma delícia não tê-lo de ressaca a maior parte do tempo. Estava tão ingenuamente orgulhoso de possuir uma casa. Sua família nunca teve uma, depois que o pai foi embora. Os vendedores queriam quatro mil e quinhentos, nós os fizemos baixar para quatro redondo. Para levantar o dinheiro da entrada, Zack teve que praticamente vender a alma para a galeria de Peggy. Os bancos não queriam nada conosco, até que por fim um banco em East Hampton concordou com uma hipoteca, depois que Roger intercedeu por nós. Ele viera até a Ilha, também, mas é claro que em condições bem diferentes. East Hampton ficava a sete milhas de distância, pela Fireplace Road, mas a anos-luz socialmente falando, naqueles tempos."

"Você não era solitária?"

Hope dá à pergunta um segundo de reflexão. Quer ser honesta sem alimentar o desejo da jovem inquisidora de se interpor entre ela e Zack, encaixar o casamento deles numa moldura de certa forma lisonjeira para ela.

"Eu queria ser. Queria estar sozinha com Zack, porque eu o amava e porque era a melhor coisa para ele e seu trabalho. Éramos recém-casados e essa foi a nossa lua de mel."

"Qual era a sua idade?"

“Nós nos mudamos em novembro de 1945. Eu fiz vinte e quatro em maio de 1946.”

“Você não era terrivelmente jovem para assumir uma responsabilidade como essa?”

“Na guerra ninguém parecia jovem. Zack era dez anos mais velho, mas, como eu disse, era uma criança. Ele carecia de mais ou menos metade dos componentes de um ser humano maduro.”

“É mesmo?”

“Kathryn, como é que você pode duvidar? Você sabe o que aconteceu depois.”

Isto cala a dona das dúvidas. Hope prossegue: “E então, por fim, a primavera chegou. Naquele ano chegou cedo, na verdade. Nas dunas havia todos aqueles diminutos brotos rosados; as pessoas os chamavam de uva-ursina. Os fazendeiros começaram a arar o azevém para o plantio de batatas. Os pescadores começaram a pôr as redes para a perca listrada. O mar, o mar que tinha sido um inimigo tão sombrio e amargo enquanto sofríamos ao longo do inverno, abrandado na cor, tornou-se de um suave azul-esverdeado. Zack ficou em êxtase. Eu mal conseguia fazê-lo vir para dentro. Ele cavou e plantou uma grande horta de verduras e melões, como seu pai fizera anos antes. Trouxe para casa um cachorro vira-latas do qual um vizinho quis se livrar; ele tivera um cão malhado daqueles quando criança. Caminhávamos milhas com aquele cão, Trixie, e pedalávamos as nossas bicicletas por toda parte, até Montauk, ida e volta, até East Hampton, ida e volta. Era um prazer andar de bicicleta, não havia nada parecido com o tráfego de hoje. A última vez que visitei os Flats, para verificar o museu que fizeram da nossa velha casa, fiquei impressionada com como tudo tinha ficado sufocante: o tráfego anda e para por toda Route 27, as pessoas de Nova York trazem seu congestionamento com elas, junto dos laptops e o Starbucks.

Hope recorda a sensação, nova para ela, de apossar-se de uma região, criar uma faixa de cenário e história próprias, achar um canto verde nos Estados Unidos onde ela e Zack puderam saborear a liberdade. As transações mais simples da vida campestre lhe davam prazer — ser recebida como “madame McCoy” por Henry Drayton em seu armazém com um meneio solene e irônico que mostrava que ele sabia que ela estava aguentando dureza, mas saudava sua irredutível juventude e desenvoltura. Ele somava a compra à sua longa lista, ela pedalava de volta para casa lutando com o pesado balanço do guidão por causa da cesta carregada, entre os recém-semeados campos de batatas e as amoras silvestres que brotavam ao lado da estrada. Os sinais mais mundanos de aceitação comunal a levaram de volta para Ardmore, onde os comerciantes pareciam gigantes na porta dos fundos, membros da família. O encanador dos Flats, Al Treadwell, esgueirava-se ruidosamente para dentro do andar inferior, para avisá-los em caso de estarem fazendo amor no andar de cima, ao instalar, pedaço por pedaço, papelão por papelão, um banheiro simples mas que funcionava, pondo fim, de vez, às invernais viagens sob o vento forte até o banheiro externo. Durante duas semanas, mais tarde naquele verão, quando a albízia soltou seus brotos penuginosos sobre o gramado em cujo centro algum dono anterior deixara uma coleção de umas seis pedras enormes, ela e Zack acordaram cada dia seco com os sons de assobio e batidas de Jimmy Herrick e seus dois filhos adolescentes chegando para pintar de branco as gastas ripas da casa e de azul as guarnições e janelas. A posse dessa casa restaurou-lhe certas simplicidades da infância, quando casas e quintais demarcavam territórios de segurança e se sustentavam de poços profundos, misteriosas cisternas transbordando de reservas comunais. “Zack me surpreendia sendo tão prestativo”, ela conta a Kathryn. “Eu realmente não sabia tanto sobre sua infância, só que seu pai tinha possuído uma fazenda de vinte acres nos arredores de Santa Fé, e depois que a fazenda faliu e o pai se mandou; ele conseguiu emprego em construção de estradas, em agrimensura, e voltava para casa cada vez menos, nunca houve uma ruptura clara. A mãe levou todos aqueles garotos para a Califórnia e ficava se mudando de um lugar a outro, às vezes algum pequeno internato, não sei quantos; como disse, ele não gostava de falar do passado, sua família o deixava muito desconfortável, o que pode ter sido outra coisa que tínhamos em

comum; o que estou tentando dizer é que ele não tinha medo de fazer as coisas. Serviço de encanamento, fiação, ele encarava. Ele e Eddie Strode, um bombeiro que conhecera no Lemon Drop, arrancaram todo o telhado da casa de Eddie, até os caibros.” Na sua visão mental Zack está sentado, a silhueta contra a luz, sem camisa e rindo, segurando uma lata de cerveja, as pernas balançando de cada lado da viga nua da cumeeira, atrás dele os claros raios anunciando uma tempestade que chega contra um céu de um azul tão profundamente índigo quanto o que ela acabou de ver através da claraboia de seu estúdio. Sua cabeça calva reluzia. “Nem ele nem eu gostávamos do jeito que aquele celeiro sinistro se interpunha entre nós e era visto do ancoradouro, então ele assentou sozinho a fundação de cimento trinta metros morro acima, de um dos lados, e ele e alguns outros homens envolveram o celeiro e seu alpendre com traves e tentaram puxá-lo morro acima, mas no fim tiveram de pegar um pescador local, seu nome era Brick, para rebocá-lo com o guincho na traseira do seu caminhão.” Será que ela já contou essa história a Kathryn, ou só passou por sua cabeça? Um conto épico, que merece ser contado com frequência; a mudança do celeiro: Hope ainda pode sentir nas entranhas a sensação de alívio quando o guincho estalou, os cabos se esticaram, os calços sob a traseira do caminhão foram sustentados e o celeiro, grande e vazio como um Cavalo de Troia, moveu-se titubeante para a frente sob o grande bordo prateado naquele dia pegajoso, os homens assistindo, tendo encharcado suas camisas de suor em vão, ovacionando, berrando ameaças e incentivos uns aos outros, dançando ao redor para ver se o cinturão de traves estava aguentando, a face de Brick ficando vermelha, sua gorda mão branca segurando com força a manivela preta do guincho, o crepitante motor transmitindo sua potência ao rolo do cabo, e todos os pregos e rebites sustentando a tensão enquanto a engenhosidade humana e a boa fortuna convertiam majestosamente o desejo em movimento. Brick tinha um enorme prolapso intestinal, que o arrastou para a morte não muito tempo depois. “Eu ficava servindo limonada para todo mundo, e depois cerveja quando acabaram. Se não tivessem feito aquilo, penso nisso”, Hope diz a Kathryn, “o celeiro não teria ficado perto o suficiente da casa para ser usado como estúdio, e as pinturas de Zack teriam permanecido do tamanho do cavalete. Ele abriu uma grande janela para o norte no alto de uma parede, mas quando sugeri outra janela mais baixa, com vista para o porto McGonicle, ele disse ‘Não’, não queria se distrair com nenhuma paisagem. Ele adorava a vista, passava horas sentado olhando as dunas e os charcos com os patos e os melros de asas vermelhas, mas queria o estúdio lacrado. Ele não era articulado, mas era esperto o bastante para saber disso: sua pintura agora precisava vir inteiramente de dentro.”

Ela chega, portanto, a um impasse, um beco sem saída, uma espécie de monumento de expressão vazia a algo inexorável e judicioso que erguera Zack, com todas suas limitações, muito acima dela. Recém-casados, ela julgou que se alegrava de ver Zack recobrar saúde e empreendimento, mas havia uma parte dela que se ressentia da maneira como ele se apoderava da sua iniciativa e aceitava seus serviços, aqueles gloriosos primeiros anos na Ilha, no entanto deixando-a de fora, deixando-a muito atrás como artista.

Kathryn lhe diz: “As pinturas que ele fez em 1946 têm uma deliciosa sensação de exterior, como aquarelas. Aquelas claras cores pastéis, quase Matisse, pêssego e verde-limão e azul-claro. E os movimentos do pincel”, ela continua um pouco ofegante, engatando seu tom de crítica de arte, “são tão livres, tão fluídos, de algum modo transparentes, no extremo oposto das telas escuras e coaguladas que vinha fazendo apenas um ou dois anos antes.”

“Nunca gostei desses, mas Herbie gostava”, Hope diz com deliberada dureza, tolhendo o arrebatamento da outra. “Nós éramos felizes”, ela declara com firmeza. “Dormíamos o mais tarde que podíamos, passávamos o tempo juntos no jardim pela manhã, ele trabalhava no estúdio à tarde e eu podia fazer compras e serviços domésticos, passeávamos com Trixie na luz do fim de tarde, voltávamos para casa e comíamos, escutávamos discos e fazíamos amor. Fazer amor sempre foi fácil para mim, mas não

para Zack. Era por isso que ele falava tanto de foder e era tão rude com as mulheres quando estava com a bebida na cabeça.” *E teria sido rude com você*, ela não diz, *se tivesse estado lá*.

Contudo, ela se lembra e pode quase sentir o gosto, uma pepita amarga em meio à sua translúcida felicidade, sempre tinha sido a ambição de Zack, e o medo que trancava sua ambição do lado de dentro, e sua insultuosa necessidade da magia alcoólica do autoesquecimento. Seus olhos a surpreendem com a sensação de estarem quentes e molhados. “Eu fazia amor com ele”, ela conta a Kathryn, “para impedir que saísse correndo para o Lemon Drop à noite. De toda maneira, ele me fodia, punha a roupa e saía. Caminhava uma milha no escuro para ficar com aqueles homens ignorantes que nem sequer falavam com ele.”

“Você fez dele um heterossexual”, Kathryn lhe explica, em tom de censura, com aquela fácil sapiência nova-iorquina que faz murchar tudo que toca.

Hope sente o sangue afluir à sua face em sua ansiedade de deixar de lado uma implicação tão impudente. “Zack nunca pensou em si mesmo como outra coisa. Biógrafos deram importância demais a certos incidentes menores. Na adolescência, quando seus irmãos estavam saindo de casa um por um e sua mãe trabalhava até tarde da noite, ele ficava muito tempo sozinho em Los Angeles, e quando veio a Nova York mal tinha um lugar para ficar, mas realmente, naquele mundo de macacões operários de onde ele veio, não havia nada de homossexual em gostar de ficar sentado enchendo a cara com outros homens, era simplesmente como os homens eram. Ele era desajeitado com as mulheres, mas não insensível a elas. Creia-me, querida. Não peça para eu entrar em detalhes.”

“Posso perguntar se havia algo de, hã, fora do comum no jeito dele de fazer amor? Você tinha de fazer alguma coisa inusitada para excitá-lo?”

Hope mal pode acreditar que estão lhe perguntando isso, mas aí precisa admitir para si mesma que merece isso, por se pavonear da sua sexualidade diante daquela mulher jovem — esfregando-a no seu nariz, como dizem — com sua conversa de ser pervertida e de ir a um baile a fantasia vestindo pouco mais que pó de carvão. Foi um jeito de atiçá-la, de impedir que Kathryn a metesse num atoleiro, mas não havia como evitar sua exigência implacável e mal-humorada de que Hope desnudasse a sua vida. E tudo foi tanto tempo atrás, mesmo antes da metade do século passado, quando ela e Zack vieram aos Flats banhados pelo sol e afagados pelos ventos, e encheram a maldita velha casa da fazenda com o som de suas vozes, aumentando o calor de seus corpos com o do forno a lenha, cujo calor tostava a pele e cabelo pela proximidade, mas morria a meio caminho da subida para o quarto no andar de cima. “Ele era um homem antiquado sob muitos aspectos”, ela diz à outra mulher. “A simples visão de minha nudez geralmente já bastava. Não havia toda essa ênfase em oral e anal que há agora, embora ele gostasse, sim, de me pegar por trás. Eu dava para ele como um agrado, embora, é claro, não fosse muita coisa para mim, fora a parte dos abraços. Às vezes eu ficava insatisfeita e zangada, suponho, mas ainda havia aquela noção no ar, que a guerra havia reforçado, de a mulher *servir* ao homem porque eles eram o nosso para-choque contra o mundo real, o mundo cruel. Eles ganhavam dinheiro e combatiam em guerras. Eu aprendi a cozinhar quando deixamos Nova York, porque a mãe de Zack sempre pusera na mesa aquelas enormes refeições do Oeste. No nosso sexo, se você realmente precisa saber esse tipo de coisa, eu usava diafragma e tinha que adivinhar com antecedência quando ia precisar dele, e às vezes adivinhava errado, o que era um pouco humilhante. Sua intuição, Kathryn, está correta, pois Zack precisava, sim, em geral, ser induzido ao sexo, em oposição a estar sempre a fim, como dizem agora. O álcool agia como entrave quando ele não estava ligado, e ele vivia *constantemente* preocupado com aquela necessidade de ser um grande pintor — não um pintor sério e adequado como Mahlon Strunk, nem sequer um pintor famoso como Benton e Mondrian, mas grande de algum modo profundo, final — ‘existencial’ era a palavra que todos nós usávamos — que ele não podia se abrir e confessar, mas que todos os pintores que

conhecíamos mais ou menos compartilhavam. Eles estavam aí para um jogo grande. Zack não tinha a facilidade, a formação intelectual de Roger ou Bernie, e não era um pintor tão natural como Onno a ponto de fazer suas coisas na tela durante horas por dia e depois simplesmente esquecer, como um exercício natural; para Zack não era nada natural: ele precisava encontrar, ou *inventar* seria melhor, uma maneira de poder ser fluente como os outros, e apesar de Bernie adorá-lo e Peggy sustentá-lo com todas as cobranças, e Clem pensar que seria uma aposta garantida ele fazer seu próprio nome como crítico, Zack sabia que ainda não tinha encontrado, aqueles painéis que parecem aquarelas pintadas por Matisse que você estava elogiando ainda não tinham chegado lá, embora você esteja certa, estavam mais perto, eram mais livres; ele se afastara daqueles mortais muralistas mexicanos marrons e aquele entulho surrealista estilo Miró. O que estou tentando dizer com tudo isto — coitado do seu gravador! — é que, apesar de não ser muito autorreflexivo, Zack sabia que mudar-se para a Ilha comigo poderia ser sua última chance de ser grande. Para você, isto soa estúpido e ingênuo, tenho certeza, *ser grande*, mas para Zack essa possibilidade era muito real, e para os outros pintores também, como eu já disse, uma noção muito americana, sem dúvida, uma espécie de estado sagrado — imagine se Picasso teria se incomodado com uma ambição tão grosseira, como poderia ter *brincado* como brincou? — e o tempo estava se esgotando. E ele agora tinha a mim para cuidar dos obstáculos para ele e fazer uma tonelada de trabalho chato e ficar horas ao telefone tentando levantar a cotação dele na cidade; eu fingia acreditar nele mais do que acreditava, e aí, por volta do nosso segundo ano na Ilha, virei crente. Então ele tinha um motivo para tentar evitar o Lemon Drop e, quando ia à cidade, o Cedar e as festas; não era só me comer que o mantinha em casa. Zack passou a tomar vinho e cerveja sozinho. Roger tinha um lugar em East Hampton, na seção de Georgica, e Onno e Renée tinham comprado em Two Holes of Water Road um amplo sobrado antigo de madeira que pintaram de um sardônico púrpura-pascal para aborrecer os vizinhos nervosos, e Bernie e Mahlon foram atrás, em 1948; Mahlon e Myrtle foram até Montauk, tipicamente isolando-se um pouco, de modo que havia uma verdadeira colônia de artistas crescendo, com *montes* de festas e birita, e foi depois que Roger levou uma garrafa de Jack Daniel's para aquele lugar em Fireplace Road, onde estavam dando um jantar para ele e Tasha com dois outros casais e Herbie, que Zack solenemente a entregou de volta para ele e, olho no olho — sempre houve um pouco de sangue ruim entre ambos; Roger era tanto aquilo que Zack não era, tão sem esforço, naturalmente —, lhe disse: 'Obrigado, mas não preciso mais desta coisa'."

Será que ela se enganara? Houve *sim* um momento desses, mas teria sido Onno quem lhe dera a garrafa de presente? Não Bernie, ele era sensível demais. E seu relato deixou de fora os tranquilizantes que o médico em Southampton prescrevia e que deixavam Zack tão dopado e amável que nem ia ao celeiro, só perambulava o dia todo com Trixie pelos campos e dunas. E as farras aqui e ali que o faziam cambalear de volta para casa às três da manhã, tendo desmaiado no mato ao lado da estrada quando voltava do Lemon Drop. Após dois anos pedalando e pedindo carona, juntaram um dinheiro sofrido para um carro, um Ford Modelo A que custou noventa dólares, e Hope ficava deitada desperta no andar de cima, aterrorizada que ele jogasse o carro contra uma árvore; suas bebedeiras tinham adquirido um potencial letal. Ainda assim, Zack juntara-se a ela na sua luta contra a bebida, estavam do mesmo lado do problema, e se para dominá-lo fosse necessário virar as costas mais do que ela teria escolhido para si, assim era a vida da criatura, e o prêmio potencial valia a pena. Ela adoraria ver a grandeza desse homem sair de dentro dele. E, para ser justa, Zack era lindo, aquela sua penugem loira, pequeninos pelos enrolados sobre o bronze da pele, e o musculoso empurra-e-puxa do seu torso sob a luz de verão, das clavículas e mamilos até a moita púbica lá embaixo, todo o terreno clássico da anatomia humana simetricamente subdividido como os moldes de gesso de *kouroi* na Cooper Union, um abdome de jovem apenas com uma ligeira barriguinha que Zack tinha aos trinta e cinco anos, o inchaço do álcool

contrabalançado pelos serviços de carpintaria em casa e suas caminhadas e o trabalho no jardim. Com a maré de álcool vazante de seu sistema, Zack cheirava a cigarros e óleo de linhaça e terra de jardim e ar salgado. Quando Trixie levava um jato de gambá, o cheiro do bicho se espalhava do pelo do cachorro para as mãos e os jeans azuis de Zack, e dele para ela, e por estarem tão sozinhos naquelas primeiras, gloriosas e duras temporadas na Ilha, não se importavam. Ela pode ver-se ajoelhada lavando as costas dele, ela também nua, na velha banheira de ferro fundido com pés em forma de garras que Al Treadwell resgatara de outro serviço e, economizando-lhes dinheiro, como ele não se cansava de ressaltar, instalara no banheirinho novo; ela pode ver a si mesma, seus braços sardentos arredondados, seus dedos curtidos pontudos, ensaboando as costas e os ombros de Zack enquanto ele fumava um cigarro dentro da banheira, mantendo uma mão seca para retirá-lo da sua boca pensativa e bater a cinza na lata de amendoim que no aposento servia de cinzeiro.

"Quando foi que ele começou a respingar?", Kathryn indaga, e rapidamente ela própria responde: "No começo de 1947? O que você se lembra desse momento? Pareceu algo histórico para você e Zack? Ele falava disso como algo revolucionário?"

Subitamente entediada, como que tocada por uma mão pegajosa pela desolação dessas mesmas velhas perguntas, Hope procura escapar rumo à janela e vê que pequenas nuvenzinhas balofas, meros retalhos, apareceram no azul imaculado rico em ozônio emoldurado uma hora atrás pela claraboia. À medida que o sol aquece as montanhas, esses tufos de vapor são atiçados para a visibilidade acima dos vales. As janelas da saleta da frente, com cortinas de um chintz desbotado com rosas mais marrons que vermelhas, têm treliças delicadamente finas, que eram um dos charmes da casa quando Hope se apaixonou por ela e persuadiu Jerry a comprá-la. Jerry não conseguia vê-la como grande parte do seu futuro, mas ela sabia nas suas entranhas que a casa seria sua para o resto da vida. Não só os caixilhos corrediços, mas o vidro em si, as vidraças com bolhas levemente onduladas, vidraças de coloração ligeiramente violeta, pareciam finíssimas, como a pele de uma pessoa velha; uma lufada de vento de certo ângulo, ou mesmo um instante de resfriamento num fim de tarde, e a janela vibra como uma corda de harpa sendo tocada. A casa conversa com ela. Essa moça não está evitando o óbvio, conforme sua voz polida e fatual ao telefone parecera prometer; houvera algo difuso e descentrado em sua proposta que levou Hope a dizer sim e marcar um dia bem no futuro, que acabou sendo hoje. Se apenas estivesse fora da casa, Hope poderia ficar em silêncio, e o passado teria permanecido intocado, como folhas caídas na floresta: cutuque algumas folhas e as traças saem em debandada, miseravelmente expostas, em pânico sob a claridade. Houve nos seus anos com Zack uma dor considerável que não se foi; a incurável dor dele havia passado para ela pelo contato e se transformado numa área de vergonha, de culpa. Ela o alçara para a grandeza que ele queria — achara para ele o espaço de que necessitava —, mas talvez para servir a si mesma, não a ele. A natureza de Zack fora frágil demais para o sucesso.

"A coisa essencial", ela diz comportadamente à entrevistadora, "foi o próprio celeiro, fazer dele um estúdio. Ele nunca tinha tido antes uma área grande o suficiente para trabalhar. Desde que conheci Zack ele movia a pintura no cavalete, olhando-a de lado, ou de cabeça para baixo, ou mesmo pintando a tela dessa maneira; seu instinto era libertar a imagem da gravidade. Mesmo aquelas cenas de família figurativas do começo dos anos 1940 são como um jantar visto de cima."

"Ou como as pinturas de areia dos navajos que ele tinha visto quando criança."

"Zack", diz Hope, balançando um pouco para trás e falando em tom neutro para ocultar o ódio que está começando a sentir por essa intrusa bisbilhoteira, voltada apenas para si, "nunca foi um sujeito típico do Oeste como gostava de deixar transparecer. Era, no máximo, um Angelino: seus anos críticos no ensino médio foram em Los Angeles, junto dos primeiros professores de arte que foram, de certa forma, inspiradores. No entanto, uma vez que grudava com fita a tela ao piso do celeiro, podia atacá-la de todos

os lados, e o gotejamento começou a acontecer. Respingar era um jeito de ele atingir o centro da tela. Há tinta espalhada no seu trabalho inicial, é claro; ele já pintava com o tubo mesmo antes da guerra, e os surrealistas haviam brincado com o derramar ou espirrar de tinta para dar efeitos automáticos. Sabe, Matta, Masson. Mas Zack sempre insistiu que não havia nada de acidental em seu gotejamento, que tudo era intencional. Era verdade, ele aprendeu exatamente a como tornar a tinta delgada e que instrumentos — bastões, mato seco, conta-gotas de vidro — podiam fazer o quê. Ninguém jamais havia tentado antes dominar esses recursos; era maravilhoso observá-lo, tão gracioso e seguro de si, de um jeito que não costumava ser habitualmente. Penso que foi isso, seu porte atlético, que gerou a publicidade, o apelo para as massas: era como o que viam nos filmes. Aquele torso lindo numa camiseta preta, os jeans escuros apertados, a cabeça careca, a intensidade. Ele não era só extraordinariamente gracioso, era *decidido*. Quando aquele alemão horrível, vivo esquecendo o nome dele...”

Kathryn fornece o nome.

“Sim. Quando Hans fez aquelas filmagens, queixou-se de que Zack não hesitava o suficiente, não *ponderava*, simplesmente pulava dentro, borrifando e sacudindo seu bastão molhado no ar. Isso fazia parte, a rapidez, quando ele estava, como costumava dizer, *dentro da coisa*.”

“Que maravilhoso de assistir!” Kathryn exclama espontaneamente, Hope conclui, e não para demonstrar que ama Zack de forma mais pura que Hope jamais amou, esse homem morto vinte anos antes de ela nascer.

“Eu não assistia com frequência. Teria sido violar sua privacidade, perturbar o processo.” Ela continua forçando com sua queixa: “Hans tinha uma ideia de diretor de como um pintor devia pintar, com muita contemplação. Zack saía para o celeiro e contemplava à noite, eu sabia que ele olhava as obras em andamento o dia todo e nunca as tocava. Mas em ação ele tinha um ritmo a manter. Uma espécie de jazz, os pés não podem tocar o chão. O alemão interferia nisso. Havia repetição de tomadas e esperas enquanto o câmera mudava para uma nova posição, ou rebobinava o filme. Zack ficava ali parado, esperando com seu bastão de gotejamento, enquanto o alemão conversava com ele. Estava sendo *dirigido* e, aceitando a direção mais ou menos humildemente, isso fez Zack voltar a beber, acredito sinceramente nisso. Uma pessoa comum não teria levado tão a sério o negócio todo, encarando-o como um mero caminho para ganhar dinheiro — pois ainda não estávamos ganhando dinheiro, umas poucas vendas por algumas centenas de dólares aqui e ali, durante todos os anos 1940, quando, graças à *Life*, tínhamos ficado bastante famosos, ‘notórios’, creio que é a palavra real —, mas Zack não era uma pessoa comum. Ele tinha aquele antiquado senso de honra machista, e colocá-lo em exposição daquela maneira — apesar de Picasso conseguir fazê-lo, até mesmo de calção de banho, já velho —, para Zack, era a traição da única coisa em que ele acreditava: a pintura. As pinturas que fez diante da câmera para ele eram inúteis, tanto que nunca as olhou nem as exibiu, eram fracassos porque ele não estava *nelas*, estava na câmera. Seu jeito de trabalhar produzia fracassos, é claro. Às vezes os quadros ficavam aquilo que ele chamava de ‘sujos’: gotas demais, borrifos demais, a superfície toda coberta, e qualquer ritmo se perdia. Então, para aliviar, ele recortava pedaços, formas biomórficas tipo Miró, e montava o restante numa placa de fibra, e salpicava a placa; nunca gostei muito dessas placas, mas era de novo a sua teimosia, recusando-se a desistir, pensando que podia tirar alguma coisa da sujeira que tinha feito. Naqueles invernos de 1947 e 1948 estávamos tão carentes de telas que ele pintava por cima de algum velho trabalho meu para Hochmann, derramando aqueles emaranhados e deixando-os secar, e aí voltava três semanas depois, saía para o celeiro mesmo quando estava tão frio que ele só aguentava ficar uma hora e voltava para casa apavorado que os dedos congelassem, mantendo-os perto do forno.”

“Maravilha”, repete Kathryn, em tom mais fraco, observando a face de Hope para ver se não está ofendendo ou invadindo demais.

“Talvez seja por isso”, Hope arrisca, “que estão entre os meus favoritos, pois vi como ele sofreu ao fazê-los, aqueles primeiros, quando ainda tinham nomes e eram mais verticais que horizontais na forma. *Galaxy*, de certa forma eram todos galáxias. Na Ilha podíamos avistar as estrelas de um modo que não era possível na cidade. *Full Fathom Five*, *Sea-Change*, quando ainda havia algum trabalho de pincel misturado com as gotas. *Cathedral*, *Phosphorescence*. Ele havia descoberto a tinta de alumínio, galões vendidos diretamente das prateleiras de Henry Drayton. Nunca houvera nada parecido com aquelas pinturas que ele fez no frio daqueles primeiros invernos. Ele dizia que fazia frio, mas a luz no celeiro, com a neve, era gloriosa. Ficava tão empolgado de ver como os quadros saíam, tão orgulhoso que, como você sabe, um dos primeiros em tamanho de mural ele bateu com a mão cheia de tinta preta no alto, como para dizer: ‘Fui eu que fiz isso’. Virou clichê pintar com o corpo, mas Zack foi o primeiro. Totalmente sozinho naquele celeiro com seus bastões e tintas industriais, ele estava inventando a arte performática.”

Após uma pausa reverente, vendo que Hope nesse momento não tinha mais figuras verbais para ela, Kathryn indaga: “E você, o que estava pintando na época?”

“Nada. Zero, querida. Necas. Meu cavalete estava no andar de cima, na salinha que Zack tinha esvaziado, mas basicamente juntando pó. Eu estava ocupada com o tipo de trabalho feminino que não deixa vestígios. Cozinhar, como já disse. Zack esperava refeições substanciais como as que sua mãe fazia, e tive que aprender praticamente do zero, minha mãe sempre tinha tido cozinheiras, e estas me expulsaram da cozinha assim que passei da idade em que a minha presença era agradável. Para ser justa, outras garotas talvez tivessem insistido mais em aprender, mas eu gostava de estar *fora*, de brincar com os meninos. E aí casei com um artista e virei escrava doméstica por ele. Nós dávamos pequenos jantares, principalmente no verão, quando podíamos tomar drinques fora de casa, sentados nas pedras, na sombra. Oito, dez pessoas no máximo, contando conosco; talvez algum outro pintor e sua esposa, um crítico e a esposa dele, e alguém do mundo das galerias; tudo planejado, percebe, para adiantar a carreira de Zack. Eu passava um tempão ao telefone, tentando gerar mais vendas; as obras menores em papel eram a melhor aposta, mais baratas e podiam ser penduradas numa parede pequena, num hall de entrada ou num dormitório. E não exigiam todo o oxigênio da sala da maneira como os grandes quadros derramados.”

“Alguns deles são adoráveis, os trabalhos menores em papel. Como ideogramas chineses. Aqueles em que o esmalte preto secou com uma borda prateada, aqueles que têm uma cor inesperada como laranja ou verde-azulado. Uma sensação bastante zen.”

Hope concorda, mas resiste em admitir. O que não dá uma sensação zen quando olhado de modo inexpressivo? “Ele não gostava muito de fazê-los, achava que eram mal-acabados. Acho que essa era a expressão que ele usava. Não eram grandes o bastante para ele se forçar a *entrar* neles.”

Sua afetação, sua vaidade, ficaram piores depois do artigo na *Life*, e o mundo mostrou sinais de se aproximar de sua ingênua e imensa autoestima. Colapsos ocorreriam, às vezes em um dos jantares que ela tão cuidadosamente organizava, às vezes numa viagem a Nova York, onde a sensação dos holofotes sobre ele, de luzes resplandecentes e fortunas a serem feitas na prosperidade do pós-guerra infiltrada no mercado de arte, deixa Zack em pânico e ele fugia para as profundezas escuras de um bar, permitindo deixar-se encontrar apenas quando encharcado e agressivo. Mijar na cama: Hope tentara esquecer esse aspecto da sua embriaguez, mas era para ela o mais humilhante. Sua pele dentro da roupa se retrai com a lembrança do toque molhado e pegajoso, morno quando emitido na sua inconsciência, mas frio quando a alcançava e a despertava, lençóis e colchão liquefeitos impossibilitando que dormisse, e Zack, impossível de ser acordado para trocar a roupa de cama. Ela o desertava para se acomodar no sofá de baixo ou no quarto de hóspedes, sua camisola de lã meio ensopada e inteiramente impossível de vestir, os cobertores que conseguia encontrar não quentes o bastante na casa gelada, o pré-amanhecer saturado de humilhação e desconforto infantil. Sua mente zangada, agitada, por fim a empalaria na sua vergonha e

derrota e cativeiro de esposa, e pela manhã podia acordar com os murmúrios e o farfalhar de Zack estendendo a roupa de cama poluída sobre os encostos das cadeiras para secarem ao calor do forno revivido. Ele se orgulhava de acordar da bebedeira mais degradante com sua energia masculina intacta, faminto pelo desjejum, uma tábula rasa diante de si, o mijo noturno para ele era uma descarga, uma liberação, uma reafirmação de seu contrato com a terra. Não há nada mais maravilhoso nos alcoólatras do que a maneira como fazem o mundo assumir o fardo de seu mau comportamento.

Hope decide contar a Kathryn: “Quando tentei retomar a pintura, ele me acusou de imitá-lo. E disse que eu era uma porcaria de pintora, que qualquer mulher seria”.

“Quando foi isso?”, Kathryn pergunta asperamente, os olhos faiscando para baixo, querendo assegurar-se de que o Sony ainda estava gravando.

“Quarenta e oito. Quarenta e nove. Seguia acontecendo. Tudo seguia acontecendo. Ele bebia, ele pintava, nós íamos a festas, nós dávamos festas, nós íamos a psiquiatras. Os irmãos dele, suas esposas e filhos apareciam no dia de Ação de Graças e no Natal, trazendo sua mãe a reboque. Ela era como um carro alegórico num desfile, impressionante e alheia; sabe, a multidão enfileirada nas calçadas ovacionando, as pessoas no carro alegórico sorrindo e acenando, o desfile seguindo adiante, a mesma coisa acontecendo mais à frente na rua. Sua mãe tinha todas aquelas habilidades domésticas: cozinhar, lavar roupa, fazer crochê, *découpage*, fazer todas essas lindas coisinhas artísticas, montar a casa numa cidadezinha do Oeste depois da outra, tentar estar acima de tudo, criar essa ilha, entende, ignorar os vizinhos, fechar as cortinas, ignorar a areia e a poeira e a desolação do lado de fora, ignorar a maneira como seus meninos iam vivendo à solta e o marido não estava presente havia anos. Ela era, qual é a palavra? ‘Impermeável’; tinha aquele encantador talento para a negação, e penso que Zack tinha seu poder de concentração, de trancar as coisas do lado de fora, herdado dela. Tinha seu talento artístico herdado dela, e você pode pensar nas pinturas de respingar como um enorme tipo de crochê. Eu gostava dela, embora ela não fosse de conversar muito e não tivesse como me prender. Para ela, eu era uma garotinha rica e boba da Filadélfia. A única razão que ela tinha para gostar de mim é que eu havia tirado Zack e seu alcoolismo das mãos da família. Ele era o menininho querido dela, e bebês crescidos costumam dar muito trabalho. Ela tinha aquele jeito absolutamente estranho de acalmar Zack quando estava por perto. Acho que por ser o caçula ele nunca tinha recebido atenção suficiente dela e ainda tinha esperança de recebê-la. Ela era como — ah, essas palavras! Nunca envelheça, Kathryn, tudo voa da sua cabeça — uma ‘víbora’,[3] não é isso a que me refiro? Ela tinha um *olhar*. Em todo caso, você não me perguntou nada disso. Você fica tentando me perguntar sobre mim e o meu trabalho, e fico me escondendo atrás de Zack: o fato é que meu trabalho não era muito interessante na época, Zack tinha conseguido aquela assombrosa conquista e não havia lugar para dois artistas interessantes na nossa casinha de fazenda; retomei a pintura basicamente para me dar um pouco de respeito próprio, um espacinho minúsculo onde eu não fosse absolutamente esmagada pela coisa tremenda que Zack estava fazendo, e pelos intrusos que passaram a viver grudados em volta, e pelas entrevistas que ele devia dar, e Zack estava certo, as minhas tentativas de fazer grandes gestos não eram muito convincentes. Eu me atrapalhava toda, tentava retocar, e me doía ter borrões, simplesmente não se encaixava na minha filosofia perder o controle desse jeito, alguns borrões nas telas de Zack eram tão grandes e grossos que a tinta formava coágulos e enrugava ao secar, aqueles esmaltes Duco que ele trazia para casa nunca eram para ser despejados juntos daquele jeito, com areia misturada, e cinzas de cigarro, e percevejos que por engano estivessem passeando pelo celeiro. E também eu não tinha um celeiro, tinha uma pequena sala no andar de cima com uma janela que era sombreada pelo bordo prateado, e então a sala vivia na penumbra; teria sido uma ótima sala para revelar fotografias em dias nublados, ou uma sala de costura com uma lâmpada de pedestal, e eu estava lá encalhada com pincéis e colagens, que é ainda mais delicado; eu *não podia* imitá-lo, não tinha o equipamento, que é o que suponho que ele estava dizendo. Eu não tinha um pau.”

O rosto longo de Kathryn adquire um rubor de irritação consigo mesma à medida que o dia nublado vira o meio-dia. Hope nos idos tempos da Cooper Union costumava se debater com pele e cor de pele, com a transparência da pele e o modo como ela requer luz vinda de dentro, com diferentes brilhos e profundidades. Se ela fosse pintar Kathryn teria de usar uma porção de verde para captar o fosco embotamento, o tom de outro mundo. No verão essa pele podia adquirir um bronzeado profundo e uniforme, a léguas de distância das sardas róseas de Hope. A mulher se remexe um pouco na grande poltrona xadrez onde Hope se media quando criança e limpa a garganta da secura acumulada. Talvez esteja preparando uma pergunta para fazer, mas Hope rapidamente continua para impedi-la: “Então eu

estava chafurdando na sombra de Zack e fiquei bastante interessada no que os *outros* pintores estavam fazendo. Tinham vindo todos para a Ilha, a grande maioria, aqui e ali, num raio de dez milhas de East Hampton. Por volta de 1948 ou 1949, digamos, depois de Zack ter feito sucesso, apesar de nenhum deles gostar de admitir, cada um se assentou no seu *estilo*, um estilo próprio que esperavam que fosse tão identificador quanto eram as gotas de Zack. Quer dizer, todos eles ainda falavam de pintar em termos de autoexploração e uma agoniada autenticidade que revolucionaria o mundo e sabe lá mais o que, mas os resultados eram um pouco como logotipos de uma empresa, todo mundo trabalhando na escala da arte acadêmica do século xix, mas cada um deles tendo surgido com alguma simplificação para chamar a atenção. Phil Kaline tinha suas barras em preto e branco, e Jarl, aquelas formas escamosas flamejantes em duas ou três cores achatadas, telas verticais que iam ficando tão altas que ele precisou reformar uma velha igreja metodista não usada em Amagensett para trabalhar, e Seamus, o pobre, meigo e gordo Seamus, que mesmo quando fazia seu realismo urbano nos anos 1930 — suas maravilhosas cenas no metrô! —, pintando numa espécie de grade tomista, por assim dizer, havia transformado aquelas nuvens retangulares flutuantes numa cor leitosa indefinida, as mesmas tintas de loja de ferragens que Zack usava, porém diluídas; os curadores dizem que são desesperadamente instáveis, que poderia ter sido parte da sua intenção: *vita brevis, ars brevis* também. Roger, que vivia sempre pensando tanto e cheio de teoria francesa — simbolismo, existencialismo, estruturalismo, antes de as pessoas terem ouvido falar naquilo —, na realidade tinha um único quadro, formas ovais pretas como feijões gigantes espremidos entre suportes de livros retos pretos com amostras de cores espiando por trás, e Bernie, o outro muito inteligente entre nós, deu de fazer faixas coloridas da largura de fitas adesivas entre campos gigantes de cores achatadas. Parecia a mim e à maioria das outras pessoas uma coisa árida e doutrinária, mas ele sempre falava da grande paixão com que tinha pintado, e efetivamente foi essa direção que a pintura de Bernie tomou nos anos 1950; neste sentido ele foi o mais influente e menos árido. Eu adorava Bernie, mas me sentia mais perto de Roger como pintora, sempre emperrado com aqueles enormes feijões espremidos, embora na verdade havia outra coisa que ele vivia fazendo, que ele chamava em tom grandioso de ‘portais’, que eram retangulares, um único retângulo parcialmente delineado em encantadoras folhas de papel-tecido; cada folha devia ter custado *dólares*; bem, você esteve nos museus, você viu tudo isso, mas na época não estava tão claro que era *isso*, a arte americana amadurecendo, aquelas grandes abstrações cartunescas que, para mim, quase pareciam uma desistência, a redução de um complexo processo subjetivo a *ideias*, em comparação ao que Zack fazia a partir dos seus instintos. Dois que não conseguiam parar de pintar, pintando à moda antiga, com pincel e variedade e uma espécie de representação, e ainda davam títulos aos quadros — *Anão*, *Mulher* — eram Mahlon e Onno, que subitamente pareciam exóticos, nem aqui nem ali. Como é mesmo aquela coisa da Bíblia — *porque és morno eu te vomito*? Devo ter mostrado sem querer um pouco das minhas reservas, porque no sobrado de madeira púrpura que Onno e Renée haviam infligido à paisagem, lembro-me de ele ter posto o braço em volta da minha cintura e me puxado para perto, dizendo: ‘*Num si* preocupe por mim, Hope. Mondrian está morto, Picasso está a caminho’. Queria dizer que o que estava fazendo, aquelas loucas confusões multicoloridas em que você mal conseguia ver mulheres sentadas, com pernas despidas cruzadas e saltos altos, sobreviveriam às geringonças inventadas por gente como Roger e Bernie, que eram intelectuais que não sabiam realmente pintar nada do jeito da escola antiga. Zack ele respeitava, sabia que Zack não estava sendo mole consigo, não deixava a coisa ficar mecânica. Se Zack estivesse disposto a virar a maravilhosa máquina de gotejar americana, não teria empacado depois de 1950. Não teria se matado. O comportamento de Zack era repetitivo, mas sua pintura, não. Ele não deixava ser, e isso o matou.”

Onno era bonitão, tinha um cabelo claro estilo holandês, cílios brancos e lábios carnudos, um queixo longo e olhos verde-garrafa cuja mirada se fazia sentir como um leve açoite na pele da face de

Hope. A mão dele em torno da sua cintura era larga, mão de trabalhador braçal; embora bebesse e fumasse sem qualquer cuidado, o bastante para ser um da gangue, e adorasse o biruta e condenado Korgi, era sadio, Hope sentia, sadio como Zack não era. As pinceladas de Onno pareciam selvagens e eram sujeitas a expedientes de *dérèglement*, tais como pintar com a mão esquerda ou pressionar um jornal sobre a tela molhada transferindo a impressão para outra tela para começar de novo, todas essas manobras racionais para suprimir sua facilidade natural, sua infância picassoesca como produto precoce de clássico treinamento europeu em arte. Ele aprendera a imitar a violência americana; Zack, nascido nessa violência, era cativo dela. A mão de Onno pousou na cintura de Hope tempo suficiente para enviar uma mensagem. Ele e Renée eram um desses casais continentais que pareciam em público bem demais para ser verdade. Hope tinha vinte e seis anos, vinte e sete, velha o bastante pra acreditar que merecia um gênio que não precisasse de babá. Ela podia se virar sozinha com um pouquinho de cuidado. O hálito por entre os carnudos e inquiridores lábios de Onno, sob o cheiro rançoso de tabaco, possuía uma doçura licorosa.

"Onno de Genoog", Kathryn pronuncia. "Você gostaria de falar sobre a relação de vocês?"

"Para falar a verdade, não. Era um homem querido, gentil, trabalhador, e um pintor maravilhoso. E foi meu incentivador quando precisei, quando Zack", como dizer isso? "Estava desmoronando."

Kathryn inclina-se para a frente para verificar se o Sony ainda está correndo e pergunta num tom do qual todo sentimento de companheirismo foi editado: "É verdade que no começo dos anos 1950 ele pensou em deixar Renée por você?"

"Não. Nunca. Ele e René eram uma coisa só, eu jamais teria desejado quebrar aquilo. Ela tem sido a viúva perfeita de um grande homem, guardando castamente a chama, nunca voltando a se casar, ao contrário de mim."

"Você assumiu o papel muito mais jovem que ela", enfatiza Kathryn. "E quanto àquela vez, no começo dos anos 1950, quando Zack quebrou um tornozelo lutando com Onno? Eles estavam brigando por sua causa?"

"De modo algum. Querida, como eu disse antes, as mulheres não contavam muito naquele mundo de machos. Eles se embebedavam e se provocavam, tinham rivalidade artística, e Zack caiu feio num desnível no terreno da famosa casa púrpura."

"É verdade", Kathryn prosseguiu mal-humorada e implacável, menos de uma hora depois de tomar o chá de Hope, usar o banheiro e parecer desajeitada e culpada no corredor para o estúdio, como uma criança perdida, "que Onno chamou o trabalho de Zack de 'mijar na tela'?"

Hope sorri. "Não foi um comentário depreciativo. Qualquer um que conhecesse Zack sabia que ele estava sempre mijando, em público se pudesse. Ele costumava contar que assistiu o pai urinar de uma plataforma rochosa no Arizona e isso causou profunda impressão sobre ele, na sua mente infantil aquilo definia a masculinidade, aquele grande arco dourado e reluzente. Você deve se lembrar, Kathryn, que quando um dos artistas pop, esqueço quem mas não foi Guy, tentou parodiar Zack, foi urinando na tela coberta de tinta metálica de cobre, para que a oxidação criasse padrões. Os padrões, no entanto, eram salpicados e feios, ao passo que as pinturas gotejadas de Zack eram lindas, impressionantemente lindas, você não concorda?"

"Ah, sim. Com certeza." Mas Kathryn sente-se afrontada ao ser chamada para o palco desta maneira, para dar uma opinião em sua própria fita.

"As dos primeiros tempos, como eu talvez já tenha dito — por favor, perdoe-me se eu estiver me repetindo —, são as minhas favoritas. A tela no chão mas ainda cortada em escala humana, um e oitenta por um e vinte, ou algo assim, antes de ele começar a dar-lhes títulos numerados. Antes de uma exposição ele costumava me chamar para o celeiro para ajudá-lo a dar nomes. Era uma das coisas que fazíamos

juntos, uma das poucas maneiras que eu podia colaborar. Ele usava muita tinta de alumínio no começo, e as pinturas davam uma sensação de céu, coisas girando, então eu sugeria nomes de um livro de estrelas que Zack havia comprado quando fomos para a Ilha e podíamos ver as estrelas da mesma maneira que ele as via lá fora, no Oeste. *Sirius*, foi como chamamos uma pintura de aspecto especialmente frio, e uma avermelhada de *Betelgeuse*, e outra eu quis chamar de *Cassiopeia* porque me lembrava que ela tinha se gabado de como sua filha Andrômeda era linda, ou talvez ela mesma, mas Zack não queria que as pessoas ficassem procurando constelações nos respingos, então usamos termos mais gerais como *Galáxia* ou *Cometa*; e de fato há um cometa nela; as gotas eram mais alinhadas do que passaram a ser nos anos 1950, quando ele chegou àquilo que chamava de desenhos no ar, que aquele alemão cujo nome vivo suprimindo fotografou. Um quadro pequeno feito em azul e tinta de alumínio sobre gesso preto nós chamamos de *Nuvem de Magalhães*. Zack tinha pouco interesse em viajar — uma das suas inseguranças —, mas costumava falar em ir à América do Sul para poder ver o Cruzeiro do Sul, o Saco de Carvão e as Nuvens de Magalhães do seu livro de estrelas. E eu tentava pensar em nomes de contos de fadas como *Simbad* ou *Wotan*. Ele gostava da ideia junguiana de protótipos míticos, mas não queria que as pessoas pensassem que suas pinturas fossem qualquer tipo de retrato, então, a partir de 1948, ele e Peggy os rotulavam com números e as cores dominantes: *Azul, Vermelho, Amarelo; Amarelo, Cinza, Preto*. A triste verdade, que eu contaria só a você, Kathryn", um traço de ironia, para ver se a entrevistadora ainda está prestando atenção, "é que eu gostava das telas posteriores um pouco menos em parte porque fui excluída de dar-lhes nomes. E não foi muito depois disso que comecei a retomar a minha própria pintura, o que Zack interpretou, não de todo incorretamente, como um gesto hostil."

"Sim. Eu queria voltar a isso."

"Não precisa se preocupar, querida. Foi algo desprezível, a boa esposa dentro de mim brigava o tempo todo com a pintora. Como eu disse, tentava ser Expressionista Abstrata, como as pessoas estavam começando a chamar — acho que aquele crítico de arte grandão, ruivo, da *New Yorker*, Bob Coates, foi o primeiro, e escreveu só o 'e' maiúsculo —, mas, como Zack observou, eu não era muito boa naquilo; quando fiz não havia aquele estranho controle que Zack tinha, não importava quantas pedrinhas da praia ou pontas de cigarro ele deixava cair no quadro; ele tinha um senso de equilíbrio, de equilibrar ritmos, que os críticos desde então atribuíram aos seus anos sob, entre todos eles, influência de Benton. As coisas que eu fazia, tentando ser livre, saíam como se eu tivesse queimado o jantar, então comecei a seguir a orientação de Roger — a imitá-lo, suponho que se possa dizer — e fazer aquelas colagens austeras, papel sobre papel, com alguns traços pretos em crayon Conté ou uma pincelada de caligrafia japonesa. A mesma coisa, Kathryn — sei que você não veio até aqui para eu, ai, qual é a palavra, *pulverizar* obras que já receberam toneladas de críticas —, a coisa estranha em relação às telas gotejadas de Zack é que, com toda a violência dos detalhes, os respingos, as poças gosmentas, o efeito geral tem essa, essa quietude. Alguém, em algum lugar, talvez tenha sido Frank O'Hara, o velho e engraçado Frank com seus poemas rabiscados em pedacinhos esquisitos de papel nos bolsos, chamou Zack de nosso Ingres. Nosso *Ingres*. E isso me fazia pensar, na verdade me fazia chorar, anos depois de ele morrer, quando o turbilhão que Zack sempre criava ao seu redor já tinha se acalmado. Havia aquela paz, aquela calma e equilíbrio nas suas pinturas, e posso apenas pensar que era esse o estado de espírito dele, lá fora no frio do celeiro, longe de mim, longe dos críticos metidos a espertos, longe das piranhas ricas e estrangeiros manhosos que dirigiam as galerias, longe até mesmo da sua necessidade de beber: ele ficava em paz, derramando uma imagem em cima da outra até precisar parar e esperar a tinta secar. E há tanta inocência naquele homem dançando e se ajoelhando em volta do pedaço de tela no chão, uma absorção tão doce no *fazer*, que eu quero abraçá-lo e pedir seu perdão por levá-lo aonde ele podia enfrentar a beleza até domá-la e, ainda assim, ser incapaz de lhe mostrar como conseguir uma felicidade

duradoura pelo simples fato de tê-lo feito.” A imagem de Zack pintando e a imagem dos dois, lado a lado, outorgando nomes às suas telas como se fossem um grupo de bebês, afligem Hope de tal modo que ela fica com um nó na garganta e precisa fazer uma pausa. Talvez a felicidade não possa ser duradoura. Talvez a pepita de angústia e confusão dentro de Zack fosse impossível de dissolver. Contudo, a memória dele, com sua carranca habitual — aquele destrambelhado vinco que adicionava uma pele extra entre as sobrancelhas — e os velhos sapatos respingados de tinta, fazendo aquelas coisas lindas num estilo nunca antes conhecido, para um público que quase nunca comprava, para um dono de galeria que vinha perdendo interesse nele, enquanto a fumaça de cigarro confundia seus olhos vesgos e o frio entorpecia suas mãos, na mente de Hope parecia a imagem de uma vida perdida, uma vida bela que se apaga, como seu corpo jovem na saleta manchada com o pó de carvão sendo apagado pelas longas horas de dança suarenta.

Para resgatar Hope de sua pausa, Kathryn lhe diz: “Por que haveria de ser função sua mostrar a ele como colher a felicidade? A felicidade de Zack era responsabilidade dele, seguramente”.

Hope limpa a garganta e sorri, lacrimosa, para agradecer à outra mulher por lhe devolver sua voz. “Oh, sei que isso faz sentido, cada um é responsável por si, esta é a teoria agora, facilita sair de uma relação, mas naquela época a esposa, mesmo uma esposa-criança como eu, já que eu era dez anos mais nova, devia fazer tudo pelo marido, da mesma forma que as mulheres faziam tudo pelos filhos; se alguma coisa desse errado com o filho, a culpa era sua, e Zack era muito dependente, realmente pior que uma criança, pois você levava a culpa, mas não tinha a obediência, tinha a culpa e não o crédito. As mulheres agora falam em assumir seu poder e têm todos esses empregos remunerados, mas naquele tempo a mulher era realmente considerada onipotente, sem nenhum salário, e se alguma coisa desse errado na sua vizinhança, a culpa era toda sua. Quaisquer ressentimentos em relação à minha criação sempre os dirigi à minha mãe, por exemplo, e não ao meu pai que, apesar de nos sustentar, era considerado perfeitamente ineficiente, como um homem numa charge de Thurber”.

“Que ressentimentos você tinha em relação à sua criação?”

Como essa esguia intrusa sabe reagir rápido! “Oh”, Hope responde devagar, “não muitos. Nosso conforto, suponho; eu pensava nele como que saído dos abrigos dos pobres. Nossa complacência, embora eu não pulasse nenhuma refeição e me vestisse exatamente como as outras meninas de Shipley. Nossa herança quacre me parecia bem sombria e sem cor; eu costumava ter devaneios de ser católica romana e ter todos aqueles santos e estátuas pintados. Eu achava que meus dois irmãos recebiam toda a atenção *séria* e esperava-se deles que fizessem algo sério, não como eu, de quem se esperava apenas que arranjasse um homem que servisse. O tipo usual de ressentimentos que uma moça de boa família teria.”

Kathryn aceita a insinuação de Hope de que este é um beco sem saída, pelo menos por enquanto, e muda de posição seu peso revestido de preto na ampla cadeira onde Isaac Ouderkirk costumava se sentar e ler seu *Evening Bulletin* com lentes bifocais na ponta do nariz.

“Você e Zack alguma vez discutiram sobre ter filhos?” ela pergunta.

“Discutimos. Ele alegava ter bastante vontade.”

“Alegava ter?”

“Zack tinha seus entusiasmos, mas, com exceção da pintura, não se apegava a nada. Eu lhe disse que não queria criar filhos com um homem tão instável.”

Na verdade ela dissera: “Não quero um doido para pai dos meus filhos”.

A expressão dele ficou estática. Os olhos se estreitaram num brilho magoado. “Quem disse que eu sou doido?”

Sua pressão sobre ela para ter filhos tornou sua língua mais áspera do que pretendia, mas ela não conseguiu pedir desculpas, pois acabaria cedendo. Zack tinha seu jeito insinuante bem como o destrutivo,

a criança vitoriosa que se desenvolvera do bebê reclamão. Ele se insinuava em torno dela, e a polidez da sua boa criação era uma fraqueza que usava contra ela. “No mínimo, a comissão de recrutamento”, ela respondeu. “Você fez seu psiquiatra dizer que não poderia suportar a disciplina do Exército, e eles não contestaram.”

Isto o magoou, e ela sabia. Ele mal conseguia falar. “Sua puta idiota, não foi tão simples assim.”

Hope tentou cobrir com palavras apressadas a mágoa que infligira: “Não dou a mínima para se você serviu ou não, fui criada para ser pacifista, meu irmão acabou sendo morto porque não quis se esconder atrás dos Amigos, mas sei que você se importa, sim, de ficar encalhado em Nova York com um bando de bichinhas ineptas durante toda a guerra. Não penso mal de você por causa disso, Zack, mas não quero um bebê: o seu bebê, qualquer bebê. Nós somos artistas. Somos pobres. Você está à beira de uma coisa grandiosa neste momento e não vai querer ficar trocando fraldas. Nem tenho certeza se você *seria capaz* de trocar uma fralda.”

Isso era injusto. Em pequenas tarefas mecânicas Zack geralmente era especialista. E o seu sentimento por crianças, pelos filhos dos seus irmãos e dos amigos, pois muitas pintoras procriam, sim, era meigo e fácil de inflamar. Em encontros na praia ou festas ao ar livre onde crianças ignoradas se reuniam ao fundo, Zack gravitava na direção delas, bamboleando, drinque na mão, como se no íntimo ainda fosse uma delas, um tio indulgente digno de ser recriminado. Mas Hope o negara, nos termos mais ásperos que conseguiu juntar, chamando-o de inepto para o serviço de pai em potencial. Seu desejo de um filho chegara a ela como um desejo de fazê-la mãe, estupidamente atrelado às necessidades de uma criança no momento em que ela buscava se recuperar como artista, como espírito independente. Quando foi isso, 1949? Embora ele viesse a ser produtivo por mais um ano, a estação ensolarada do casamento já havia passado; a recusa dela ao seu desejo tão normal se interpôs a eles. Na memória de Hope ele tomou essa recusa estreitando os olhos como uma criança que, tendo levado um tapa injusto de um pai ou mãe cruel, finca o pé no chão, à espera de outro tapa, silenciosamente jurando vingança.

“Poderia tê-lo deixado *mais* estável”, Kathryn tem a presunção de lhe dizer.

“Ou talvez não. Aí seriam dois de nós sofrendo, sentados a noite toda sem saber onde ele estava ou se tinha sido morto.”

“Mas isso foi no seu último período de bebida.”

“Ainda havia algumas noites.”

“Ele alguma vez foi violento? Alguma vez bateu em você?”

Hope tenta ser honesta. “Não até bem mais tarde, nos anos 1950, quando ele estava bloqueado no trabalho. Era eu que ocasionalmente batia nele; ele conseguia ser tão frustrante, tão cabeça-dura e inatingível. Mas penso, agora gostaria de pensar, que nós dois entendíamos que eu era violenta porque o amava e não aguentava vê-lo se destruir. Não bater em mim era um jeito de ele manter sua distância, insistir na sua superioridade. Ou era assim que eu sentia. Lembre-se, eu tinha só vinte e sete, vinte e oito anos, e ainda era muito romântica. Os psicólogos ainda falavam do masoquismo feminino em tom de aprovação. Eu não me importaria de apanhar, se isto significasse contato real.”

“Você estava com vinte e oito em 1950, quando ele fez aquelas três telas enormes, tão diferentes uma da outra. Penso nelas da mesma forma que as três últimas novelas de Henry James.”

Coturnos pretos de cano alto e, além disso, jamesiana. Talvez tê-la deixado vir aqui não tenha sido inteiramente um erro, os jovens têm seus bolsões de conhecimento, sua surpreendente humanidade.

“Exceto”, diz Hope, “que James tinha sessenta e Zack nem mesmo quarenta. Você acha que ele sabia que ia morrer? As pessoas me perguntam isso e eu nunca sei.”

“Penso”, declara Kathryn, como se o gravador agora fosse também para ela, ela e suas opiniões, “que tinha removido as barreiras de segurança. Estava cortejando a morte. Mas isto não significa

necessariamente que a morte dissesse Sim. Ele teve sorte, pode-se dizer, na sua falta de sorte."

"Parece um modo frio de colocar as coisas." Zack vivo, mesmo que tão inchado de álcool que os olhos eram duas fendas fulvas, como um porquinho, estava apostando em um lado seu de fazer mais do mesmo, uma vida longa o bastante para a redenção que mais uma obra-prima traz. Ele podia tirar aquilo de dentro, tirar algo de dentro assim como concebera um meio de se desfazer da imagem, como não pintar nada além da pintura. Suas mãos, ela se recorda, às vezes estavam surpreendentemente quentes, quentes em torno da sua cintura e traseiro na cama. Embora pensasse em si mesmo com tendo sangue quente, um corpinho rechonchudo e ajeitado ansioso demais para agradar, Zack às vezes dava um pulo quando ela encostava nele, reclamando que suas mãos estavam frias.

"Como podem estar frias?", Hope indagava, magoada.

"Circulação", explicava ele. "As mulheres têm coração menor que os homens. O sangue não chega às extremidades." Zack tão raramente se dispunha a explicar qualquer coisa, que lhe deu prazer ouvir seu senso mecânico, prático, aplicado a eles mesmos, em quem ela pensava principalmente em nebulosos termos espirituais. Zack via ambos como exemplos diretos de encanamentos flexíveis.

Kathryn está sorrindo para ela, buscando uma concessão. "Acontece que eu tenho vinte e sete", ela diz à mulher mais velha. "Isso me torna romântica?"

Hope sente um rubor aquecer sua face. "Mais do que você se dá conta, talvez. O romantismo não é uma função da mente, mas do sangue; é a febre pela qual a Natureza faz seu trabalho."

Como antes, quando Hope amolece o tom para ela, Kathryn endurece. "Você via alguma contradição entre o amor que diz que sentia por Zack e a sua recusa em ter um filho dele?"

"Bem, é claro. Mas eu estava convicta de estar certa. Para o bem dele e o meu, idem. *Ele* era a criança, queria o que queria quando queria. Zack tinha pouca capacidade de reflexão: de imaginar, por assim dizer, além das bordas da tela. Como eu disse, aquele alemão ficou chocado quando viu como Zack hesitava ou pensava pouco no que estava fazendo. Ele não conseguia entender como uma cabeça daquelas funcionava. Nem eu, para ser honesta. Se Zack tivesse tido uma mentalidade normal, não teria conseguido fazer o que fez. Teria tentado pensar para resolver as pinturas, como Roger e Bernie. Até mesmo Onno, com todas suas pinceladas selvagens e *dérèglement* surrealista, pensava, era prudente. Só Phil e Seamus tinham a temeridade de Zack, seu estilo de se ligar, de apostar toda sua alma. E ambos morreram jovens, ambos beberam até morrer; no caso de Seamus, ajudado por pílulas. Ele estava sempre tentando alguma dieta. E olhe seus quadros: a tinta vai ficando mais e mais fina, até ficar aguada, um fantasma de tinta. Diziam que eles bebiam para alimentar suas visões, mas acho que era porque sabiam que não aguentariam, a intensidade, o pintar *sem nenhuma razão*, nada em que se apegar a não ser suas próprias mãos à sua frente, movendo-se."

Kathryn ergue o queixo, seus olhos opacos protuberantes faíscam como os de um predador farejante. Ela quer que o espírito analítico de Hope continue se expandindo, mas o esforço já constrangeu a mulher mais velha com sua falta de modéstia. Quem é ela para falar em nome desses homens mortos, só porque sobreviveu a eles?

"Você não queria ter filhos com Zack, no entanto com Guy..."

"Guy era são", rebate Hope. "Era excepcionalmente equilibrado. A Pop Art tratava de sanidade, de modéstia, de aceitar o mundo como era, bandeiras, lixo, anúncios e hambúrgueres melequentos, e não de tentar alçar algo impossivelmente portentoso para fora do pobre e nebuloso eu. Guy era frescor, era irresistível; ele me fazia rir, e fazia nossos filhos rir, quando prestava alguma atenção neles. E no começo prestava. Ele os adorava.

"Antes de falarmos de Guy..."

"Não vamos falar dele. Ele ainda está vivo."

“Mas tem Alzheimer.”

“Eu sei. Mas nossos filhos não têm. Não quero vê-los magoados pela sua velha mãe tagarela.”

Kathryn baixa o olhar, recompondo-se. Suas narinas são sugadas para dentro, sua comprida mão branca de unhas escuras se estende, como que tentando alcançar o gravador, depois se recolhe para o longo colo preto.

“Será que entendi direito quando você disse que o fato de Zack ter sido desqualificado para o serviço militar criou ou salientou suas dúvidas sobre sua própria sexualidade?”

“Não creio ter dito isso, mas outros disseram. Sua pintura à parte, você deve perceber, Zack não tinha autocrítica. Se ele teve algumas experiências homossexuais, possivelmente estava bêbado demais na hora para lembrar-se delas. Qualquer boca é boca, ele deve ter pensado. Ter sido dispensado do Exército por incapacidade o incomodava menos do que achei que devia incomodar. Ele estava além, ou abaixo, da política; se Hitler e os japoneses tivessem tomado o país, não tenho certeza de que ele teria percebido. Seu pai havia sido um daqueles tipos de sindicalistas de esquerda, e penso que isso chegou a Zack como um brando desdém pelo sistema, antes de ser chamado assim. Quando tratava com o Projeto Federal de Artes, pegava o que lhe ofereciam e dava em troca o mínimo possível. Nunca assinou comprometendo-se com um projeto de mural, embora seu irmão *tivesse, sim,* trabalhado naquele que foi restaurado no Terminal Aéreo da Marinha. A coisa principal que Zack tirou dos mexicanos foi a escala e os símbolos arcaicos.”

“Não é bem isso que eu quis dizer. Tenho visto algumas entrevistas e declarações de homens em Nova York que afirmaram ter tido contato sexual com Zack durante a guerra e que ele teria participado de orgias só de homens.”

“Bem, realmente. Que tétrico.” Hope percebe-se repelida por essa mulher e suas perguntas, tão comuns, tão fomentadoras de escândalo. E detesta ter sido conduzida para a armadilha de um tópico no qual precisa duvidar de sua própria sinceridade. “Você está me perguntando”, ela diz a Kathryn, “o quanto Zack era bicha. Como eu já disse, ele era tímido sexualmente, mas não havia nada de bicha”, ela enrubesce, que maldição, “em sua abordagem comigo, era um homem americano da sua geração, bastante puritano. Uma vez, quando ainda estávamos em Nova York, ele me pediu para eu me masturbar para ele, de modo que pudesse assistir, e depois de um ou dois minutos estava tão envergonhado que parou de olhar.” Se o assunto é esse, ela vai esbofeteá-la com o assunto, puni-la friamente com ele. “Tínhamos sexo certinho, bem frequentemente naqueles primeiros anos na Ilha, depois com menos frequência por volta de 1949, e nos últimos anos, quando ele estava se encontrando com aquela patética tiete, quase nada. Éramos como animais enjaulados um com o outro, só garras e dentes. Mas no mesmo dia em que morreu, mandou um telegrama afetuoso para o meu hotel em Veneza. O telegrama dizia: ‘Sinto sua falta’. E assinou, ‘Sem esperança’.”[4]

“Onde está esse telegrama? Eu adoraria vê-lo.”

“Ah, céus, já se foi faz tempo. Acho que nem o trouxe para casa, porque no dia seguinte recebi o telegrama dizendo que ele estava morto.”

Essa é uma mentira descarada. Os dois telegramas estão lá em cima numa gaveta de aço, num arquivo, junto com resenhas guardadas de velhas exposições suas e de Zack e de Guy, e corajosas cartas de preocupação da sua família quando ela era uma jovem em tempo de guerra em Nova York, e os recortes do *Public Ledger* cobrindo sua estreia em 1939, e até mesmo o livro do ano de Shipley assinado “Um montão de sorte” pelas garotas que conhecia. Por que ela deveria ir remexer as coisas para que essa intrusa de mentalidade estreita os visse, os tocasse, esses telegramas antigos — tiras de teletipos coladas em papel amarelo amarrotado, o mais barato possível, feito para durar um dia — que um dia tiveram a força de deixá-la sem ar? O segundo fora um golpe ao qual ela pensou não poder sobreviver. O primeiro,

Zack tinha mandado apenas para agradá-la. Seu coração ficara leve com a abertura dele, seu tímido trocadilho, depois voltou a pesar exausto por saber que seu retorno para ele significaria o terrível e encharcado fardo da vida dele apoiado na dela, uma vida da qual ele perdera a capacidade de levar, piedade e cautela brigando dentro dela ali, no seu quarto que dava de frente ao Danieli, o Grande Canal defronte à sua janela tomado de *vaporetti* e cargueiros e alguns veleiros além de San Giorgio Maggiore reluzindo o brilho do mar, e as hordas de turistas, americanos e alemães já indistinguíveis, em 1955, prósperos, brandos, loiros, os derrotados fazendo uma imitação perfeita dos vencedores, arrastando-se em seus tours ao longo da ampla calçada para a obrigatória espiada na ponte dos Suspiros, tentando imaginar as paixões de prisioneiros condenados e agrilhoados.

Do lado de fora das janelas de vidraças finas não se veem pássaros, um silêncio torna espesso o ar. Os pequenos retalhos de nuvens ganharam fundos achatados azul-chumbo e copas brancas em forma de couve-flor. Hope se pergunta se dar o almoço a essa moça encerraria a entrevista, que está se tornando cada vez mais invasiva. É estranho como, nestes tempos destituídos de vergonha, uma brecha na privacidade dá ao invasor mais e mais direitos, como se um arrombador começasse a mudar de forma barulhenta a mobília de lugar, ridicularizando a decoração: ter de defender como normal seu sexo com Zack e descrever a si mesma nua, só coberta de graxa e pó de carvão. Ou isto fora ideia sua, trazer o episódio à tona, sentindo novamente a lufada de ar em seu abdome exposto naquele baile superquente durante a guerra? Ruk a julgara exibicionista, citando a descuidada presteza com que ela despira o modelo, sua "Pocahontas quacre", e Bernie, no seu dormitório rural que cheirava a madeira recém-cortada, gracejava com ela chamando-a de sua Renoir ruiva. Desde então ela *ganhara* alguns quilos, chegando aos trinta anos, bebendo para fazer companhia a Zack, para abafar sua miséria de casada.

"Kathryn, posso lhe oferecer um pequeno almoço? Não sei bem o que tenho: peru defumado em fatias para um sanduíche, ou uma lata de atum que eu poderia usar numa salada. Você deve estar faminta, eu estou."

Num arroubo de autopromoção, a moça diz:

"Oh, quando estou interessada no que estou fazendo, esqueço totalmente de comer. E aí, por volta das quatro, estranho por que me sinto tonta. Mas você acorda cedo, e..."

É velha e frágil, ela não diz, e tem tão poucos prazeres além da comida. Comida e reminiscências. O que é que vivemos tentando recuperar no nosso passado, que maravilha deslocada caminha sob a nossa pressa de viver os dias, os dias que, uma vez passados, adquirem a majestade do testemunho eterno — estive lá, fiz isso, os tempos eram assim, eu era linda e prenhe do meu potencial, meu belo futuro?

"Eu estou bem", Hope garante bruscamente a Kathryn. "Vamos até o fim desta fita. Fará bem para as nossas silhuetas. Pergunte-me o pior."

"A 'tiete'. Você alguma vez leu as memórias dela? É melhor do que se poderia esperar e mostra uma imagem de Zack bastante diferente da que você está apresentando. Inteligente, até mesmo suave, um homem do mundo, não só do mundo da arte."

"Inteligente, tão inteligente que a teria matado se ela não tivesse sido jogada fora do conversível quando ele bateu nas árvores. A amiga que ela levava junto não teve tanta sorte, ficou debaixo do carro quando ele capotou. Zack voou direto em frente num tronco de carvalho, como uma bala de canhão humana. O caixão estava fechado no funeral porque a cabeça dele estava uma porcaria." A palavra "porcaria" prende sua língua, tem o sabor e o ardido de algo perdido, uma palavra que Zack gostava, usando-a para se referir a alguma pintura em que sua tentativa de pintar por cima e desfigurar a imagem havia ido longe demais, a ponto de ele raspar partes com uma lâmina para deixar a vida voltar. "Não, não li o livro da tiete. Só podia ser em causa própria e semianalfabeto."

Kathryn parece espantada; o tom de Hope é novo para ela, e seus termos estão fora do vocabulário

crítico sem julgamento ao qual está acostumada. Como que tentando melhorar sua audição, ela ajeita levemente os longos fios pretos de cabelo sobre a orelha e cuidadosamente responde: “Poderia não ser inteiramente doloroso, se você se propusesse a ler. Ela escreve que, depois que você lhe deu o ultimato e foi embora para a Europa, ela se mudou na esperança de assumir o controle, mas depois da primeira semana vivendo na casa, a maior parte do tempo vestindo roupa de baixo — aquele verão foi especialmente quente, evidentemente —, ele se tornou incontrolável. Não comia as elaboradas refeições que ela preparava, não a defendia quando os seus velhos amigos a censuravam, ele bebia uma caixa de cerveja por dia. E não faziam amor. Quando ele olhava para ela, só via você, ela escreve. Tinha dito para a amiga que morreu debaixo do carro que nunca daria certo, mesmo ele sendo tudo que ela sempre quis, um grande artista. O livro dela mantém esse tom enlevado, mas ela admite que não pode imaginar como teria sido se tivessem ficado juntos. Você ainda estava demais na cabeça dele.”

“Como eu disse, ‘patético’”, Hope diz, seu próprio tom sem a menor compaixão.

Kathryn realmente devia parar de alimentar esse papo rançoso, um papo possivelmente delicioso para fomentadores de escândalos e amantes da arte, mas, depois de quase cinquenta anos, muito sem gosto. Zack reencenara com — qual era o nome dela? Um nome de garoto — Meredith, durante duas semanas, a rudimentar insensibilidade que ela suportara por dez anos. Muito antes de Zack se agitar para encontrar outra mulher, ou ela encontrá-lo no antro de celebridades que o Cedar Tavern se tornara, Hope já se dera conta de que o casamento estava arruinado. Enquanto ele estava pintando, gesticulando com suas tintas industriais diluídas acima de grandes retângulos de tela que aceitavam espirais de alumínio, lavanda, marrom e branco, para se tornarem clarões de movimento, átomos, respiração, a profundidade salpicada do próprio ar; enquanto suas exposições anuais na galeria de Peggy, e aí na de Betty, depois que Betty, apesar de ir contra seu próprio bom julgamento, assumira o péssimo arranjo com Zack quando Peggy abriu as asas e foi para a Europa, eram fielmente listadas nas revistas de arte como entre as melhores do ano; enquanto houvesse algumas vendas e seu nome penetrasse no murmúrio da publicidade nacional como um ungido; enquanto efetivamente houvesse trabalho a ser feito como apenas ele em toda a história da arte era capaz de fazer, a aturdida ganância do seu egocentrismo podia ser suportada, e ela podia se imaginar como parceira e acreditar que a dádiva diária de si mesma era, em alguma dourada contabilidade celestial, levada em conta. Mas quando, na esteira daquele filme do ditador alemão, Zack começou a beber de novo seriamente, e ela retomou, naquele quartinho mal iluminado no andar superior, sua própria pintura, seu único caminho para um futuro ordenado, então a verdadeira face do casamento se revelou e deixou-a aterrorizada. Um dia, no meio da manhã, naquela hora do dia em que, novos na Ilha, estariam se curvando e mexendo no jardim, que era agora um negligenciado remendo de ervas daninhas, com a cerca tombada e o portão construído por Zack meio podre e que não mais se abria, ele subiu as escadas, os pés pesados, entrou no estúdio e olhou a tela úmida no cavalete e as outras amontoadas, secando e endurecendo contra as paredes, e disse, por fim, a língua grossa: “Nada mau. Nada ótimo, mas nada mau”.

Sua voz saiu mais irritada, com mais agressividade do que ela queria. Ela estava em seu próprio terreno, por mais estreito que fosse. “Pelo menos estou fazendo uma tentativa. Não estou me escondendo atrás da bebida nem bagunçando por aí num velho Olds, incomodando os amigos. Os poucos amigos que restaram.” O Ford tinha sido substituído por uma grande barcaça branca de segunda mão, um Oldsmobile conversível atrás de cujo volante Zack se tornara um risco ainda maior para si e para os outros.

“De que porra você está falando?” Ele genuinamente parecia não saber.

“De você, Zack. Estou falando de você.”

“Esses ditos amigos dizem que eu os estou incomodando?”

“Não precisam dizer. Basta olhar a cara deles quando você entra cambaleando. Olhe como as

pessoas nas festas vão para o outro lado da sala para te evitar, porque você está sempre querendo arranjar briga.”

Seus olhos baixaram envergonhados. “Fodam-se todos. Quem são essas pessoas?”

“Roger. Onno. Bernie. Bernie me disse que tenta suportar você em consideração a mim. Até mesmo Clem, que era o seu maior incentivador não muito tempo atrás e acha que fez o seu nome e deu a você a teoria que você precisava para funcionar, até mesmo Clem te evita.”

“Ele me ferrou na última crítica.”

“Ele está preocupado com você. Quer que você volte a trabalhar. Trabalho sério.” Havia um odor de perigo pesado na sua presença próxima; ela ouvia sua respiração — úmida, ofegante por causa das escadas — bem perto atrás de si enquanto tentava aplicar uma longa e suave pincelada de alizarina carmim para equilibrar uma mancha vermelha na parte superior do quadro, como um sol ardendo através de uma neblina marítima. Ela queria uma tela selvagem, cheia de empurra-e-puxa, mas estava saindo silenciosa, enevoada, composta por um rigor e cuidado que ela não conseguia evitar.

“Clem é um merda. Fui eu que fiz *ele*, não foi ele que me fez. Roger é uma bicha. Pelo menos, graças a Deus, você parou de imitá-lo, todo aquele branco neutro e portal de vida e aquela merda toda.”

Isso tinha, com seu humor grosseiro, um disfarçado toque de reconciliação. Hope aproveitou o instante de remissão na desajeitada pressão de Zack para tentar avaliar se o traço de carmim fazia o resto da tela brotar para a vida que Hochmann acreditava surgir da tensão entre as cores.

Zack viu para onde foram os olhos de Hope, afastando-se dele, e ressentiu-se. “Isso aí fede, você precisa saber”, ele disse. “Fede a paisagem. Aí está a porra do sol, espiando através da porra das nuvens cinzentas. Olhe aqui a porra da nossa casa, aí o celeiro, a porra dessas ondulações devem ser as nossas árvores.” Ao fazer o gesto, seus dedos arranharam a tinta molhada, e ele enxugou a mão no guarda-pó dela. O guarda-pó já estava coberto de tinta, mas mesmo assim ela ficou furiosa.

“Não me toque, seu bebum estúpido. E não meta os dedos na minha pintura. Você não sabe o que está fazendo.”

O vinco entre suas sobrancelhas se aprofundou. “Eu sou um bebum e você é uma boceta”, ele explicou com altiva calma alcoólica. “Bocetas não pintam. Há potes e pincéis, potes não pintam. Não se ressaltam. Varas e pincéis pintam. Olhe.” Com a ponta cega de um pincel pousado sobre o cavalete, ele atacou a tinta molhada, fazendo um dos seus desleixados hieróglifos.

“Zack, eu te disse para não tocar a minha maldita tela.”

“Estou dando algum valor a ela. Aqui, vou assinar o pedaço que eu fiz. O pedaço sem preço. Isso vai fazê-la valer um milhão algum dia.” Ele se curvou, resfolegando pelo nariz, para rabiscar sua assinatura com o lado errado do pincel por cima da pincelada molhada de alizarina carmim. Ela nunca gostara da assinatura dele, parecia-lhe semianalfabeta. Ela afastou a cabeça dele com uma pancada, de modo que uma porção de tinta se soltou da manga do guarda-pó e grudou na parte da frente do seu crânio calvo. O cotovelo dela doeu e deve tê-lo machucado, pois seus olhos lacrimejaram e se estreitaram até sua cor morena desaparecer. Ele disse, ainda se empenhando no meio do atordoamento em ser seu professor: “Sua pentelha petulante, o maior pintor do mundo está lhe dando um conselho. Pare com isso. O que você faz é lixo. Lixo pseudofigurativo. Você nunca conseguiu nada, Hope. O seu herói Hochmann era um chucrute fajuto que também nunca conseguiu nada. Ele era capaz de falar até sair pelo cu, mas não tinha colhões de ser um pintor de verdade. Você é como ele, tentando bolar a porra de um jeito de estar por dentro.”

“Me deixe em paz, Zack. Me deixe pintar uma hora por dia e o resto do tempo serei sua escrava idiota. Só uma hora, é tudo que peço. Estou encalhada com você aqui neste fim de mundo sem ninguém, fora os vagabundos que você encontra para te fazer companhia no Lemon Drop — você ofendeu todo o

resto das pessoas, nós nunca somos convidados para nada, na casa de Onno e Bernie a sala emudece quando você entra tropeçando."

Ela se atinha a este aspecto das coisas porque lhe doía pensar que era verdade; apesar de tudo ele se imaginava encantador, o irmãozinho caçula, o xodó da mamãe, e ele se atinha à pintura dela porque sabia que era o jeito de machucá-la, mexer na sua ferida aberta. Ele tinha um pensamento: machucar, atacar; era como um dos percevejos que punha na sua pintura junto com as gotas: a tinta endurecia e o corpo peludo e seco do inseto ficava ali para sempre, mumificado. "Sua pobre boceta, tentando achar que está por dentro das coisas. Pare de pensar. Pare de ficar aí parada. Nada vai acontecer. Vá lá para baixo, porra, e faça uma faxina, a casa está parecendo um chiqueiro. A minha mãe, da última vez que esteve aqui..."

"A sua mãe, não me venha com ela para cima de mim, ela cuidava da casa e era tudo que ela fazia, era um delírio, ela achava que se fizesse toalhinhas de crochê, todos seriam respeitáveis, mas vocês não eram respeitáveis, eram um bando de refugos indisciplinados sem pai que saíram de casa assim que puderam; a única coisa de que ela gostava era a aparência de respeitabilidade, de ser um tiquinho acima do que ela realmente era."

"Minha mãe foi uma mulher supercorajosa. Ela nos manteve alimentados e vestidos com a grana que o meu pai mandava e mantinha uma casa muito legal. Outras crianças queriam vir comigo para casa, nossa casa era muito bacana. Ela lhes dava biscoitinhos que ela mesma assava. Ela não morava numa mansão na Main Line cheia de criados, fazia tudo sozinha. O que você não consegue meter nessa sua cabecinha dura é que nós não temos criados, nós somos os criados."

"*Eu* sou a criada, você quer dizer. Eu é que cozinho tudo, limpo tudo, faço a cama, corto a grama, pois você desistiu e não faz nada a não ser encher a cara; se a casa parece um chiqueiro é porque há um porco morando nela: *você*. Um porco bêbado como um gambá. Não é de admirar que os nossos amigos nos detestem. Nossos ex-amigos. Seus colegas. Eles têm pena de nós, Zack."

"Eu sou o maior pintor do mundo e eles sabem disso. O jornal italiano disse que eu fiz Picasso parecer um pintor do passado, como foi que disseram? *Povero Picasso* — pobre Picasso? Escute aqui, sua pobre boceta presunçosa. A minha mãe é seis vezes a mulher que você jamais será." A fúria momentaneamente queimara a névoa do seu cérebro, mas agora ele estava novamente tropeçando e cambaleando.

"Saia desta sala, por favor", Hope disse. "Este é o meu pequeno *povero* estúdio, é escuro e pequeno, mas é meu, o único lugar por aqui onde posso achar um pouco de paz e respeito próprio."

Zack ficou ali parado, um percevejo preso na tinta, a face intrigada buscando alguma destilação, alguma moral que a menção à sua mãe o lembrara e que jazia na base de toda circunstância. "O lugar da mulher", ele se saiu com essa, "é atrás da vassoura ou deitada de costas." Soava como algo que ele tinha ouvido no Lemon Drop.

"Ah, é?", disse Hope. "É assim que você me quer? Deitada de costas? Vamos lá, garotão, já faz séculos. Só me dê um minuto para limpar os pincéis e enfiar o meu diafragma."

"OK, tudo bem!"

"Zack, será que você não enxerga que você nem consegue foder mais? Precisa buscar ajuda."

"O sentido de foder é ter filhos", ele disse.

"Ah, isso aí outra vez. Como se você estivesse em condição de ser pai. O sentido de foder é ter saúde, saúde psicológica e emocional."

"Então é isso?", ele zombou. "Vá se ferrar, Hope. Você não é minha analista." Mas ela tinha conseguido mandá-lo embora; ele estava virando as costas. "Vá foder outra pessoa."

Em breve estariam num ponto sem volta. "Não, Zack. Espere. Você não está querendo dizer isso. Eu

não queria dizer metade das coisas que disse, só fico tão frustrada porque eu amo você.”

“É como eu disse, vá foder outra pessoa. Larga do meu pé.”

Meio virado para o outro lado, ele se voltou para encará-la, dar a ela sua cara inchada e com uma mancha de tinta alizarina vermelha onde o cotovelo dela atingira sua testa alta, mas sempre sua, aquelas três covinhas, os anéis de músculos ainda dando uma impressão amigável de recurso masculino. “Larga a porra do meu pé”, repetiu, imóvel, e tentou focalizá-la mas fracassou, e a excitação do amor, o impulso urgente de reconciliação, morreu dentro dela com o que viu: ele não se importava. Não se importava absolutamente nada com ela. Ela se tornara um mero ruído no seu ouvido, um obstáculo para sua visão; importava-se apenas com a busca no fundo de seu cérebro, a busca no celeiro, onde atualmente não estava encontrando nada. Ele costumava ficar sentado contemplando as telas em progresso durante horas, mas então agia, adicionava tinta. Agora não fazia nada. No seu cérebro alcoólico ferido ele estava travado, e ela não era auxílio algum, não era nada para ele, era uma figura numa névoa tão espessa que podia estar ali ou não estar; se ele sentia algo por ela era ódio, porque ela reivindicava como uma mosca zumbindo reivindica, ocupada em pousar no seu pulso ou nos seus lábios e criar uma comichão insuportável; ele necessitava de silêncio e quietude, só se importava com a arte, o fogo no fundo da caverna, e o resto do mundo era ilusão, uma distração incômoda, ele a espantaria como aquela mosca e nem sequer notaria que ela se foi com sua pesada dedicação a alguma outra coisa, um sacrifício de tudo que fosse ordeiro e decente e cotidiano no mundo da lúgubre, obsessiva labareda de sua arte, sua arte estúpida e egoísta. Em seu entrave, ele ultimamente revertera algumas pinturas em preto e branco em imagens, faces e figuras, garatujas que deixavam claro o que as pinturas gotejadas haviam deslumbrantemente ocultado: ele não sabia desenhar. A face que ela sempre julgara linda com seu cenho intrigado e atentos olhos fulvos lhe dava agora a impressão de uma parede, um vazio ingrato no qual ela jogara sua jovem vida e a desperdiçara. Mesmo agora, a lembrança da revelação põe um gosto cáustico na sua boca, o gosto de água de torneira que viajou milhas e mais milhas através de canos enferrujados.

Hope diz a Kathryn: “Suponho que deveria me dar prazer saber que ele tratou Meredith do mesmo jeito miserável que me tratou, mas ela o teve, a pobre coitada, só quando ele já estava longe, ela nunca conheceu o Zack sóbrio, o Zack que trabalhava duro e adorava o ar livre, o Zack que era sempre tão meigo com as crianças. Na praia ele costumava puxá-las para o lado e construía torres de pedras redondas; aquele alemão tirou fotos dessas torres, como se também fossem obras de arte. Estou me repetindo?”. Ela sorri para ocultar o sabor na boca, um sabor de pesar e derrota. “E talvez fossem algum tipo de Tanguy. Há momentos, Kathryn, em que todo esse negócio de arte, que tem sido a minha vida, é claro, parece terrivelmente transitório e descartável. Entro em museus agora e olho para aquelas telas gigantes, vistosas, de Zack e Phil e Jarl, e tudo parece *tão* cansado, especialmente os quadros de Phil, que racharam e enrugaram, o preto parece piche seco num telhado plano ao sol, e as cores de Seamus se alteraram quimicamente, aquele maravilhoso efeito de *pairar* que costumavam ter não acontece mais, o rosa e o salmão ficaram aguados e escovados, afundaram num embotamento, e até mesmo a tinta de alumínio que Zack tanto usava no fim dos anos 1940 pretejou; conversei com os curadores e eles dizem que não há nada a se fazer; posso me lembrar de quando esses elementos *faiscavam* na nossa frente.” Hope olha diretamente para Kathryn como se de algum modo fosse contestada por ela, de algum modo posta em dúvida. Suspira e prossegue: “Eles não eram Velhos Mestres. Não eram nem sequer Picasso: aquelas pinturas cubistas que ele e Braque fizeram lado a lado naquela aldeiazinha nos Pireneus em 1910, como era mesmo o nome? Céret, ainda são frescas como novas, eu as olhei da última vez que estive no moma alguns anos atrás; talvez um pouco mais que alguns, pensando bem. Zack e os outros se afastavam da permanência, não trituravam seus próprios pigmentos nem tinham aprendizes para fazê-lo, pegavam os materiais que estavam à venda ao redor, não se preocupavam com a centena de anos a partir

de agora, a partir deles, talvez não acreditassem que *houvesse* um futuro tão longo, com a bomba atômica; eram de certa forma artistas performáticos, correndo atrás do efeito no presente sem fingir que estavam fazendo algo eterno. Bernie era um pouco diferente: ele se importava com os métodos tradicionais. Pintava lentamente, em telas de tamanho normal. Quando visitei o moma daquela vez, os dois ou três *Novas* grandes tinham a mesma aparência que sempre tiveram, eram velhos e queridos amigos."

"Você tem declarado publicamente", Kathryn lhe diz, "a pouca utilidade para a arte performática."

"Bem, de um lado, é uma — qual é a palavra? — tautologia: toda arte é performance, das telas em diante. De outro lado, o que comumente se entende por isso vai contra o meu senso do que é arte. A *vida* é a performance; a arte é o que vai além da vida, que, obviamente, é por que a fazem as almas antiquadas e perturbadas como eu. Mas ela própria ficou rapidamente fora de moda, não ficou?"

Kathryn não responde; formula outra pergunta num tom de voz com pretensão de ser exatamente igual ao que usou para assentar a anterior, mas para o ouvido de Hope é revestida de um verniz, um endurecimento transparente como que para neutralizar quimicamente sua entrada numa região mais íntima da memória. "Qual era a importância da sua relação com Bernie Nova?"

Hope não lhe dá a satisfação de mais do que um momento de pausa. "Foi importante como transição", declara. "Bernie sempre me provocava, eu sabia que ele gostava de mim, todos nós sabíamos, e após a morte de Zack não havia tantos da velha turma do Cedar Tavern que quisessem, francamente, ter alguma coisa comigo. Tinham ciúmes da fama de Zack; ele se tornara, quase no instante que sua cabeça bateu naquela árvore, *o* pintor da sua época, ao mesmo tempo o realizador e o símbolo, embora tenha sido um bêbado grosseiro tão impossível perto do fim que uma espécie de fedor também se grudou à sua viúva. Eu tinha só trinta e três anos quando Zack morreu; tinha aquela enorme vida vazia à minha frente." Ela tenta limpar a garganta de sua súbita rouquidão, seu nó de desolação revivida. "Ah, meu Deus", ela diz, rindo, enquanto seus olhos se enchem de lágrimas e a expressão severa de Kathryn fica borrada, "de repente me deu esse pigarro. Minha garganta não está acostumada a falar tanto. Deveríamos comer."

"Antes de comer", persiste Kathryn, "há uma coisa à qual eu gostaria de voltar. Você fala dos últimos cinco anos de Zack como puro desastre, mas vários críticos nos anos 1990 têm olhado com seriedade para aquilo que ele *conseguiu* fazer. Um daqueles biomorfos semirrespingados em preto e branco na tela saiu por quase três milhões na Sotheby's o ano passado."

"Pobre Zack, ele nunca viu nenhum dinheiro de verdade. Nós vivíamos daquelas relutantes doações."

"*Angel Bower* foi usado num selo postal, como você sabe, a série de artistas do pós-guerra. Sempre adorei seu retorno às cores estilo Matisse."

"Fui eu que dei o nome, foi um dos últimos que ele me deixou ajudar a dar nome. Havia aquele canto de sombra onde ele pendurou uma rede, debaixo do bordo prateado, do lado de cá do celeiro. Mas não lhe pareceu — como posso dizer de um jeito bacana? — uma garatuja?"

"Não, eu o considero resultado de muita contemplação. O grande painel vertical que ele fez já em 1954, *Número* 61, as línguas faiscantes devorando o centro negro, os críticos o chamam de sua homenagem a Jarl Anders, mas acho melhor que Anders, pois tem o que Anders nunca teve: um sentimento de paixão e dúvida, uma sensação de *brigar através* de algo, para chegar a algo *diferente*. Em Anders, para mim, tudo acontece sem resistência suficiente."

"Jarl era filho de ministro. Costumava escrever a Zack aquelas cartas insanas, pareciam histórias em quadrinhos batidas à máquina, dizendo-lhe para manter sua integridade, lutar a boa luta, revolucionar a humanidade, jogar fora as coisas comerciais, etcétera, e Zack as tomava como um incentivo dirigido ao seu melhor eu, que quase ninguém mais lhe dava crédito de ter, estavam tão enciumados da fama dele e enojados de sua bebedeira e rudeza. Penso que Jarl de certa forma fazia Zack se lembrar de Benton, um

daqueles homens rabugentos do interior. E de certa forma as dificuldades de Zack após 1950 provaram a tese de Jarl sobre a sociedade como uma cilada autoritária e a comunidade artística, irremediavelmente corrupta. Ele via a pintura como uma questão de consciência e isso atraía Zack, com seu intenso e frágil modo de trabalhar. Mas quando Zack entrava no velho Oldsmobile — ele nunca teve um carro novo, *nunca*, pense nisso, só o Modelo A e depois aquele trambolho superpotente que fazia talvez dez milhas por galão e precisava de pelo menos meio litro de óleo toda vez que parávamos para abastecer — e fazia de carro todo o caminho até onde Jarl e Frieda tinham a casa de Amagansett e Jarl trabalhava naquela igreja metodista abandonada, Jarl não saía de baixo do seu Jaguar, que ele vivia consertando. Frieda tinha algum dinheiro, ao contrário de mim. Meu pai ainda estava vivo, e o meu irmão mais velho, o que não foi morto na guerra, era o queridinho lá na Filadélfia; ambos me desaprovavam, assim como o meu casamento com Zack, a quem consideravam um brutamonte beberrão, e não conseguiam imaginar o que me atraiu nele. E na verdade, se você *tem que* saber, Kathryn, não restava muito dinheiro da família, meu pai tinha feito merda — suponho que agora seja aceitável dizer isto — com o que havia herdado do meu avô. Ai, céus, onde eu estava? Jarl. Ele tinha aquela visão de eliminar a influência europeia na pintura americana, que era mais ou menos como tentar eliminar o sangue europeu da população. Ele chamava o trabalho de Zack de ‘impressionismo desemaranhado’. Tinha uma língua bem afiada e engraçada, mas Jarl foi um dos poucos homens, devo dizer, eu já sabia naquela época, que *não* me impressionava como homem atraente. Era alto e esquálido e de cor amarela, com cabelo mortiço e dentes protuberantes. E um *olhar*. Um olhar tão feroz que eu me sentia murchando debaixo dele. Ele tampouco me aprovava. Via-me como um brinquedinho. Via-me como a parte do diabo.”

Kathryn inclina-se cuidadosamente para a frente a fim de verificar o gravadorzinho cinza e fica satisfeita ao ver que ainda está rodando. “Hope, será que poderíamos voltar um momento à sua relação com Bernie Nova?”

Abordada com essa súbita familiaridade, Hope toma uma iniciativa, para ela, violenta, e se levanta; a cadeira de balanço de muitas madeiras, aliviada do peso, oscila afastando-se da parte de trás de suas pernas. Os joelhos doem, a garganta está ressecada, um vazio está instalado na sua barriga como uma pílula de analgésico que ela não consegue digerir. “Ai, minha cara”, diz ela. “Foi há tanto tempo. Vamos comer alguma coisa, você deve estar morrendo de fome.”

Embora não seja alta, ficar de pé altera sua perspectiva de modo que a sala, esta saleta quadrada da frente, levemente mobiliada, com suas graciosas janelas e cortinas de um algodão marrom desbotado, adquire uma estranheza: o consolo da lareira com sua coluna iônica reduzida porém formal, pintada de creme; sua carga composta de um pequeno relógio de caixa dourada e dois candelabros de bronze e uma foto colorida numa moldura prateada, as cores esmaecendo, de seus três filhos em trajes de banho sorrindo ao lado de uma piscina turquesa em Connecticut, quando todos tinham menos de dez anos, mais de trinta anos atrás; a mesinha de cerejeira com sua gorda bola azul de cerâmica, base de uma lâmpada e quatro descansos de cortiça empilhados que parecem fichas de pôquer gigantes; a poltrona xadrez e uma enferrujada luminária de piso de uma safra antiga similar, sua cúpula de papel escurecida como se queimada e mostrando a imagem impressa de um ponteiro; o tapete oval formado de um trançado de trapos multicoloridos; as tábuas de pinho do piso pintadas de vermelho escuro e mais largas do que as que se podem obter agora; as paredes nuas e sutilmente irregulares de gesso verdadeiro, ornadas friamente com algumas pequenas gravuras abstratas, presentes de velhos amigos agora mortos; encostada numa das paredes, uma estante cujas prateleiras inferiores são estreitas demais para todos os livros de arte, que ultrapassam as bordas. Tudo parece carregado de estranheza, a estranheza que o pós-vida, por mais que seja parecido com a nossa vida na terra, deve ter para os recém-mortos. Ela raramente senta-se nesta sala; a cozinha, seu quarto acima dela e o estúdio mais adiante fazem parte de sua órbita habitual.

Toda noite, depois de adicionar o prato e o copo do jantar àqueles que já estão à espera na lavadora de louça, até que esteja cheia o bastante para ser acionada, ela pensa em entrar aqui e puxar as cortinas atrás da poltrona xadrez e ler seu livro da semana, ou mesmo dar uma espiada num dos livros de arte que estão ficando empoeirados, mas raramente o faz, optando em vez disso por subir para o calor do seu quarto. Subir as escadas — "escalar o morro de madeira", seu avô costumava dizer — faz doer seus joelhos e o quadril do lado esquerdo, mas ajuda a mantê-la capaz de se mover, acredita ela, ajuda a mantê-la por mais um ano longe daquelas instituições de vida assistida, com pisos de borracha e escadas confortáveis, onde seus dois filhos gostariam de instalá-la para alívio de sua própria consciência; seria muito ruim para a imagem *deles* se ela morresse sozinha e fraturada nas escadas à la Edna St. Vincent Millay. Ela se acomoda tão raramente na saleta da frente que o espaço visto da sua perspectiva em pé, com uma momentânea tontura, parece deslumbrante, os cantos sacudidos num voo, elásticos e oblíquos como os cantos das salas de Van Gogh ou Lucien Freud. Há algo de lavanda, um tom psicodélico nas paredes revestidas de papel, nas finas vidraças arqueadas, que em certos momentos penetram nos olhos de Hope pelas laterais, como se os habitantes da sala no século que se foi tivessem soprado um matiz de suas vidas sobre essas superfícies.

Ela se vira para conduzir a visitante até a cozinha, e atrás dela Kathryn desliga o pequeno Sony, a testemunha fiel de ambas, impassível como uma câmera de segurança cuja evidência confusa acaba sendo excluída do tribunal. Ela vê, passando pelas janelas, que o céu da manhã de um azul tão límpido e puro está se fechando, as nuvens brancas espalhadas expandindo-se para ocupar o espaço entre elas, aglutinando-se como lousas cinzentas, com algo de vaporoso erguendo-se entre os vãos, de modo que o sol que vaza através delas é trêmulo, como os reflexos tremidos nas janelas de um trem que passa. Quando as sombras retornam após esses intervalos luzentes, a luz parece mais profunda, mais circundada, tendo mergulhado mais fundo em algum elemento mais escuro, de tal modo que os troncos e os galhos em volta do alimentador de pássaros parecem negramente molhados. Hope acende as luzes fluorescentes da cozinha, orifícios encravados num teto rebaixado que oculta o outro, de zinco prensado, pintado em cor de abóbora e esfumaçado salmão, já assim quando ela e Jerry compraram o lugar vinte anos atrás. O relógio digital sobre o micro-ondas indica em números vermelhos segmentados 13h22.

"Faz tanto tempo", ela repete, "e sei que Bernie gostaria que eu fosse discreta. Ele e Jeanette tinham entre si o tipo de arranjo tácito ao qual Zack e eu nunca chegamos. Eu era jovem e idealista demais; Zack, primitivo demais, quadrado demais à sua maneira. Agora, Kathryn. Vamos pensar juntas. Eu poderia esquentar uma sopa em lata — ervilhas, ou frango com arroz — e fazer uma salada de atum. Sei que ainda tenho uma lata porque fiz uma anotação para comprar mais em Montpelier."

"O que você faria se estivesse sozinha?"

"Mas não estou sozinha. Se estivesse, provavelmente sairia para passear aí fora com um punhado de castanhas-do-pará e damascos secos; há uma loja de produtos naturais em Montpelier onde tudo é comida de macaco, para ser comida com as mãos, todo tipo de nozes e frutas secas e pequenos *pretzels* com cobertura de iogurte, os quais você imagina que sejam terrivelmente bons mas na verdade estão carregados de calorias e açúcar. As pessoas falam de alimentos naturais como se a natureza não fosse, em última análise, o lugar de onde vem tudo de ruim. Estou olhando na geladeira, mas não queremos fazer sanduíches, queremos? Amido demais, quem foi que disse que o pão é o sustento da vida? Foi Jesus ou o sr. Pepperidge. E a sopa em lata, uma papa espremida cheia de sal e conservantes. Você deve passar fome para se manter tão magra, aqueles drinques e refeições pesadas que os namorados fazem você consumir quando a convidam para sair, tentando te impressionar com as carteiras recheadas. Ou você está numa, como é que dizem agora, numa relação?"

"Eu corro", diz Kathryn, ignorando a última pergunta. "Adoro correr desde menina."

“Eu também, mas naquele tempo não era considerado apropriado após certa idade, fora do campo de hóquei. Agora fazer exercício está tão na moda, no verão há pessoas correndo aqui por todo lado, é admirável que muitas delas não sejam mortas.”

“Moro na Liberty Street, perto do World Trade Center, e posso correr em Battery Park City, ao longo do rio.”

“É seguro?”

“Ah, com certeza. Meu prédio é cafona, mas o aluguel é mais barato que em TriBeCa. Moro em cima de um *showroom* de colchões e de um cabeleireiro. Durante o dia a área inteira fervilha com todos aqueles jovens musculosos da área financeira, mas quando eles voltam para casa em Nova Jersey, ou seja lá onde for, tudo fica calmo. É uma área muito segura.”

“Bom. Nova York costumava ser mais segura em todo lugar, ou assim pensávamos, quando éramos mais jovens e tolos. Por favor, sente-se. Ou você prefere dar uma volta, olhar por aí e pegar detalhes para o seu artigo?”

“Não é esse tipo de artigo, exatamente.”

“Que tipo de artigo você disse que *era*, exatamente?”

“Meus artigos não são como os das outras pessoas; são mais como ensaios. Impressionistas, pode-se dizer. Não sei bem o que vou dizer até começar a dizer.”

“Uma ótima maneira de proceder. Eu gostaria de poder pintar mais desse jeito. Eu preciso sempre olhar em frente, é a minha timidez. Agora, vejamos: salada de atum. Aqui está o atum. Você pode abrir esta lata para mim? Minhas mãos ainda são boas para a maioria das coisas, mas virar aquela alavanquinha mexe com a minha artrite, espero que você nunca a tenha, ela vai chegando junta por junta; comecei a notar quando fisgava a página de um livro para marcar o lugar enquanto atendia ao telefone. O dedo doía, e depois disso qualquer pressão incomoda, especialmente em dias como hoje, que prometem neve ou chuva. Um dos motivos de eu agora diluir com óleo é que a tinta se espalha mais fácil. Aipo. Sei que tenho aipo numa das gavetas, espero que não esteja murcho *demais*.”

“Quer que eu corte o aipo para você?” A face da moça, acima da lata redonda e achatada de atum que ela abriu habilmente, parece ela própria também ter se aberto numa expectativa infantil sob a forte luz da cozinha, a iluminação que preenche cada fenda e forma uma massa contra a escuridão lá fora, onde as sombras das nuvens pairam por cima da relva morta como andorinhas no verão. Kathryn se aboleta num banquinho junto à bancada de tampo sinuoso, e a lata aberta libera um gênio, o cheiro de peixe no óleo, o atum arrastado e sacudido, arfante, a milhares de quilômetros de distância, lá fora no agitado Atlântico, sendo arremessado, escorregando, debatendo-se e morrendo.

“Não, não, só fique aí sentada. Deve estar cansada de uma noite mal dormida num hotel estranho. Você vai voltar esta noite ao hotel?”

“OK. Não, esta noite volto direto a Nova York. Eu achava que já estaria a caminho.”

Hope fica aliviada. Esta intrusa vai embora logo, e se não logo, pelo menos há um fim definido para a visita. Por que Hope não pode ela própria fixar o limite, fazendo valer as prerrogativas da sua idade mais avançada e do prestígio superior? Seu desejo de agradar, de ser amada, a tem atormentado a vida inteira. Mesmo agora, quem foi que pediu que ela desse almoço para a moça? Pela sua aparência, ela pode muito bem se alimentar sozinha ou pular uma refeição; se é judia, foi empanturrada pela sua mãe desde o Primeiro Dia, eles cuidam de si, em comparação à mãe de Hope, que deixava tudo para a cozinheira ou punha a menina nas suas próprias rações de dieta, um pouco de cereal seco para o almoço, uma pera em lata sobre uma folha de alface, enquanto devorava fumaça de cigarro e abominava os corpos gordos da Pensilvânia ao seu redor; não admira que Hope tenha sido uma mãe nervosa, imperfeita, com tal modelo a seguir. Ela sente agora o sangue pulsando ansiosamente nas bochechas e garganta, e suas

mãos na faca de vinte centímetros tremem com a urgência desta performance totalmente desnecessária. Está de costas para a moça, junto à pia, diante da tábua de cortar ao lado da pia, sob a faixa de luzes instaladas debaixo dos armários, a um passo da geladeira. Ela arranca os talos exteriores duros e fibrosos do aipo e fatia dois talos internos em arcos de um centímetro de comprimento e, com a mão esquerda, junta rapidamente uma pequena pilha, pica esses arcos em pedacinhos menores do que dados, enquanto a mão direita maneja a faca para cima e para baixo no fulcro de seu fio letal. Então, de uma gaveta na parte de baixo da geladeira que contém uma quantidade de iguarias negligenciadas — ela precisa se lembrar de continuar cozinhando, continuar vivendo, de combater o desleixo de se largar numa débil senilidade, mascando nada mais que nozes e passas — ela tira um pimentão vermelho enrugado, cansado, um maço de salsinha murcha com a fita de papel do supermercado ainda no lugar, e um limão já branco-esverdeado numa das extremidades. Ela pica a salsinha e corta o limão ao meio, jogando no saco plástico a metade mofada. Abre o pimentão, raspa as sementes do interior e fatia a camada externa em tiras que ela em seguida corta na transversal. Pega a lata de atum das longas mãos ociosas de unhas negras de Kathryn, onde a moça está sentada observando a verde bancada sinuosa, e vira a lata sobre um escorredor sobre a pia, removendo o excesso de água, e mistura o quebradiço peixe de carne rosada, não muito tempo atrás ágil e flexível no gelado Atlântico, num pequeno recipiente de vidro com um bocado de maionese, misturando junto os pedaços de aipo e pimentão vermelho, muitos deles em forma de diamantes losangulares, ela não consegue deixar de notar; do fundo da sua memória lampeja a imagem das mãos esportivas e vigorosas de sua mãe, os dedos, finos demais para os grandes anéis de diamante, distraindo-se habilmente em algum serviço de cozinha no nível dos olhos de uma criança sobre um velho balcão de madeira. Então sua mãe aventurava-se na cozinha vez ou outra. Enquanto Hope mistura, ela espreme junto todo o suco que a parte não estragada do limão exigirá dos seus feios e doloridos dedos artríticos. Mais do que a dor ela se incomoda, ó vaidade, com a vergonha de seus dedos curvados, dedos não mais paralelos; ela acha repulsivo o modo como eles se esfregam uns nos outros. Enquanto espreme e mexe, ela diz à ouvinte: “Bernie era um consolo. Também tinha suas próprias tristezas naqueles tempos, começo dos anos 1950. Suas exposições na Betty’s em 1950 e 1951 foram absolutos fracassos, foram ridicularizadas — aquelas telas enormes com uma ou duas faixas verticais após todos seus pesados pronunciamentos nietzscheanos, ou seja lá o que tenham sido, dos anos 1940. Ele não foi incluído na exposição Quinze Americanos no Modern em 1952, o que o deixou furioso. As pessoas riam dele — do seu monóculo, seu bigode, seu jeito grandiloquente de falar. Ele parecia um absoluto fiasco, sustentado pelo dinheiro da mulher. Jeanette era sócia de uma loja de decoração de interiores na Madison Avenue. Ia muito à cidade; eles tinham conservado o apartamento na Central Park West, podiam se dar a esse luxo, enquanto os pobres Zack e eu...”

Ela pode sentir a tensão na ouvinte, Kathryn receando que Hope vá despejar detalhes do seu caso com Bernie Nova enquanto o gravador está ocioso na outra sala. Ela se inclina para a frente na bancada verde, como se fosse levantar-se, e pergunta: “Posso fazer algo para ajudar?”

“Não, querida, você fica aí sentada. Isto é muito simples.” — Hope achara uma alface americana; bate-a contra a tábua de cortar para soltar as folhas do coração e destaca quatro folhas grandes, dividindo-as entre os dois pratos de almoço, os quais têm bordas rosadas serrilhadas e imagens botânicas de flores silvestres no centro, *Veronica anagallis-aquatica* lavanda para Kathryn, *Diplotaxis muralis* para si; e com uma colher para servir de prata de lei que ela viu muitas vezes na cintilante mão de sua mãe, tenta medir porções iguais da mucilaginosa salada de atum sobre as folhas de alface sobrepostas. Polvilha por cima a salsinha picada e, numa inspiração final, enfeita os montinhos com algumas metades de nozes tiradas de um envelope plástico de uma loja natural na prateleira da porta do refrigerador. “Diga-me o que você quer beber.”

“Quais são as opções?”

Sim, sua mãe a mimava, servia-lhe, como Hope está fazendo agora. “Leite desnatado, suco de cranberry, suco de laranja, água da torneira, refrigerante, mas a garrafa já foi aberta, então não posso garantir que ainda tenha gás. Eu vou tomar suco de cranberry.”

“Não faz você ter vontade de mijar? Quer dizer, as pessoas em geral. Eu acho que vou ficar muito tempo no carro.”

Hope precisa sorrir da forma como essa moça continua mantendo a esperança de partir e, todavia, segue dizendo “mijar”, parecendo cada vez mais confiante e dependente. “Eu mesma não notei esse efeito. Mas, veja, costumo ficar em casa a maior parte do tempo. Você pode tomar água, mas não vai ser a água mineral a qual você está acostumada, os grandes galões de plástico são muito pesados para uma velha senhora carregar do supermercado para casa, e a água aqui é da nossa fonte, um pouco mais acima na montanha, pura como Deus a faz.” Ela supõe que “Deus” saia da sua boca tão esquisito quanto “mijar” da boca de Kathryn. Ambas estão ficando muito acostumadas uma com a companhia da outra. São como boxeadoras cujos reflexos vão ficando lentos nos últimos rounds.

“É filtrada?”

“Pela areia do chão.”

“Eu gostaria de provar, por favor. Verdadeira água da fonte. A salada parece apetitosa. As nozes são uma ótima ideia.”

“Eu teria botado azeitonas e anchovas, se as tivesse.”

“Estou tão constrangida, não tinha a intenção de fazer você me dar comida.”

“O prazer é meu, de verdade, eu como sozinha o tempo todo. Vamos sentar aqui.” A mesa da cozinha, sob a janela de Andersen, é um círculo de um metro e meio de carvalho de cinco centímetros parafusado com firmeza a uma coluna octogonal cujos quatro longos pés de carvalho precisam de um pedaço de cartolina dobrado — uma caixa de fósforos é grossa demais — para deixá-los no mesmo plano; a mesa é um remanescente do seu casamento com Guy, da cozinha do apartamento da Seventy-Ninth Street. Todos comiam nela: as crianças, a empregada, Guy e ela tarde da noite. Agora a mesa está permanentemente posta com duas esteirinhas de palha fabricadas com um trançado contínuo que segue o mesmo princípio do tapete de trapos oval na saleta da frente. Hope traz garfos e guardanapos de papel e, numa segunda viagem, os copos de suco de cranberry e de água da fonte, e continua: “Dizem que os velhos acabam se esquecendo de comer, mas isso ainda não aconteceu comigo. A comida é o quê? A última intimidade. Não queremos desistir dela.” O atum, ela pensa quando começa a comer, podia ter um pouco de sal. O suco de limão está forte, beirando o passado. Ela devia ter jogado fora o limão inteiro. “Nós poderíamos ter um pouco de pão, suponho”, ela diz.

“Eu acharia ótimo”, a convidada admite. A moça aceita a oferta; na idade dela isso é saúde. “Deixe que eu pego”, ela diz, e levanta rápido, com um bater e arranhar de botas e pés do banquinho.

“Na gaveta grande do meio, na ponta da outra pia”, Hope lhe diz, “há uma caixinha de pão embutida. A tampa tem uns furinhos para você erguer, com os meus dedos é difícil. É centeio da Pepperidge Farm.” Ela percebe que pode estar escrito “centeio judaico” na embalagem, mas então conclui que não tem importância, a moça pode não ser judia, seu cabelo preto nesta luz aqui revela a tintura avermelhada, mais óbvia que um simples matiz, mais elétrica, não natural, totalmente século xxi — essa parece ser a moda, ninguém mais deixa o cabelo em paz, ninguém mais confia que é bonito o suficiente. Body-piercing, tatuagens, que estranho para a sua geração, para quem o corpo intocado sem adornos, puro como mármore imaculado (mesmo na velha e sóbria Filadélfia, escravas gregas e índias donzelas ficavam nuas nas galerias, esculpidas por vitorianos americanos em Roma, quais *eram* seus nomes?), formava o ideal, a beleza final, de modo que suas próprias sardas, nos antebraços, nas canelas e

na área queimada de sol acima do branco dos seios com suas veias azuladas, na sua cabeça eram um defeito, perdoado pelas sombras de um dormitório. A casa clara de Bernie no início a desconcertou. Enquanto a moça fuça a caixa de pão e busca nos armários uma travessa adequada — como acontece com a maioria das crianças, teria sido mais fácil fazer sozinha — Hope vê através da janela ocidental, enquanto controla a impaciência e espera que o pão seja trazido de modo desajeitado, como o céu está escurecendo atrás de suas nuvens estreitamente embaladas, um céu materializou-se atrás do céu, uma névoa cinza-azulada atrás dos cimos de couve-flor, um padrão de faixas e retalhos revolvidos como os flocos amontoados numa pintura de Jarl Anders, virada de lado, mas, por causa da não intencionalidade, mais grandiosa do que qualquer coisa que Jarl fizera, mais misericordiosa porque não premeditada, não indignamente calculada para conquistar glória ou reverter dois mil anos de corrupção, serena no seu movimento, reservada porém urgente, esses espaçosos redemoinhos de atmosfera exprimindo uma perturbação a oeste, uma convulsão vaporosa aproximando-se do estado de Nova York.

"Oh, obrigada, perfeito", Hope diz, enquanto Kathryn traz um prato de sobremesa contendo mais que o triplo de pão que as mulheres comeriam, e o prato de manteiga em forma de vaca descoberto em seu escaninho na porta da geladeira. Ao comer, Kathryn engole com cuidado e mais de uma vez toca os cantos dos lábios com seu guardanapo de papel para poupar Hope de qualquer visão da viscosa salada de atum sendo mastigada em meio aos seus belos dentes e língua. "E mesmo assim", ela diz, "foi a obra de Bernie Nova que levou ao estágio seguinte: pinturas com associação de cores e minimal..."

Hope está tão ansiosa para concordar que não deixa a outra pronunciar "-ismo". "Eu sei! Quem iria imaginar! Os artistas mais novos viram em Bernie algo que podiam *usar*, enquanto Zack, Onno e Phil, não havia mais nada a fazer na linha deles a não ser *eles* próprios. Eram tão individuais, tão furiosamente eles mesmos, digamos..."

É a vez de Kathryn interromper: "Eram tão *quentes*", ela diz, ainda atenta à sua boca encharcada de óleo, a língua e os dentes cobertos com o salobro odor de peixe, mas ansiosa para chegar a alguma confluência com a linha de pensamento de Hope, "que a única direção que restava era esfriar."

"Sim. Fico contente de Zack nunca ter visto isso, ele teria ficado possesso de raiva com o que veio depois, teria lhe parecido tão trivial, tão pouco sincero."

Ela e Bernie iam para a cama em algumas daquelas tardes em que Jeanette estava na cidade trabalhando no apartamento de um cliente, mas não foram tantas tardes roubadas quanto poderiam ter sido, se fazer amor tivesse sido a essência de ficarem juntos. Eles eram órfãos da arte, perdidos aqui, na ponta de Long Island, entre a oscilante maestria de Onno e a liberação de Zack na época, o gotejamento; mesmo Roger, aquele perpétuo menino escolar produzindo copiosamente suas colagens de sabor francês e traços e borrões de preto estilo zen sobre principescas folhas de papel-tecido branco, gozava de uma segurança dentro do abastado mundo de críticos e colecionadores, museus e galerias, que ampliavam seu modesto talento e lhe davam substância, um apoio na escorregadia moda artística. Hope ficava desmoralizada pelo desprezo de Zack rotulando seu trabalho como pateticamente feminino e por Bernie ser desdenhado pelo *establishment* artístico como afetado e "literário". Numa escapada de uma hora de uma casa onde tudo era ressaca rabugenta, ressentimento inflamado, bloqueio diurno e farra noturna, ela se nutria na recém-construída casa de Nova: as tábuas do piso brilhantes de bordo claro, as vigas expostas de carvalho, as janelas com vista para um mar cintilante e um céu leitoso que se avolumavam sobre uma larga faixa de fileiras verdes dos campos de batatas, o estúdio de dois andares onde as ridicularizadas telas monocromáticas de Bernie iam ficando cada vez maiores, ostentando títulos em latim como medalhas que o próprio pintor se outorgara. O segundo andar da casa era um imenso galpão; dava, passando por uma balaustrada baixa, para piso superior do estúdio, de modo que as pinturas eram presenças que compartilhavam os dormitórios, que rescendiam a madeira nova e tinham a simplicidade

de uma toca, em tons loiros escandinavos de teca e lã não alvejada, mais intensamente no quarto de hóspedes, onde, num colchão sustentado por uma lâmina de madeira compensada, Bernie fazia as vezes de anfitrião para o corpo arredondado de Hope, que mesmo através do inverno permanecia umedecido em sardas avermelhadas, sardas tão grandes nos seus ombros e canelas que quase chegam a se fundir aproximando-se do bronzeado mediterrâneo das outras esposas. Hope considerava seu corpo nu uma troca justa pelo pretensioso humor sardônico de Bernie, as brincadeiras visuais pretensamente sofisticadas de seu monóculo e ternos ingleses feitos sob medida, o troar paternal de sua voz no peito largo como de um cossaco. Ele era um judeu russo de terceira geração, seu nome, uma autoinventada simplificação de Novakhov, e seu bigode era como um detalhe de Gógol, com vida própria. Quando falava, as pontas enceradas se retorciam e era fácil esquecer o resto da sua face — o saliente nariz poroso, os olhos marrons como um urso, os lábios ocultos, bastante femininos, rápidos e decididos na enunciação.

"Estou cagando e andando se nunca mais fizer uma exposição em Nova York", ele lhe disse. "Por que me incomodar, é tudo política, a gente só é vítima de abuso. Eles têm medo de mim, sou sério demais para aqueles veados fofoqueiros filhos da puta. Eu os assusto por pensar seriamente, por pensar religiosamente. Eles não estão prontos para ter seu mundinho confortável de falatórios sacudido por uma revolução — uma revolução chegando de dentro, da paixão de um artista. Tenho a minha pintura agora, então é paixão pura, alta paixão pura e simples, e aqueles cagões ficam apavorados. Eu os assusto porque enquanto eles falam, *eu faço*. Enquanto ficam ruminando suas velhas devoções, eu creio. Creio na minha arte, e se os princípios dela fossem compreendidos em toda sua seriedade, isso significaria o fim do capitalismo de estado."

"Oh, Bernie, como?", Hope indagou sonolenta. Uma brisa de fora afagava sua pele, secando o suor do lado não pressionado contra as pregas do lençol. Bernie, quando fazia amor, suava feito um homem numa sauna a vapor, e a parceira fazia a sauna com ele.

"Geometria", ele respondeu enfaticamente. "Geometria é o que nos aprisiona e precisa ser derrubada a partir de dentro. Tudo volta ao cubismo; minha geometria refuta o cubismo. Onde eles desenhavam arestas, usando linhas fortes para definir formas e espaços, eu trabalho com o espaço *inteiro*; eu o preencho até explodir de cor. Matei o anedótico e libertei a cor, pela primeira vez na história do homem. Nada mais de historietas, figurativas ou abstratas. Os críticos não entendem isso. Eles são as últimas pessoas capacitadas a entender. O mundo da arte vive debaixo da mesa capitalista, feliz em poder catar as migalhas. Os escravos não percebem que virar a mesa é a maneira de se conseguir alimento."

"Você soa tão violento para um gatinho."

"Os filhos da puta me tornaram violento. Me puseram de costas contra a parede. É a sina do artista colocar-se contra o mundo. A questão é a pintura, ponto. Ser desconhecido e humilhado é o verdadeiro heroísmo. O anonimato é a única coisa verdadeira. Veja o seu maridinho. Agora ele é famoso — a *Life*, as colunas de fofocas —, e isso o está deixando maluco, à beira do precipício. Mas ser um ninguém está fazendo a mesma coisa comigo, francamente. É um miserável comércio, Ruiva — como foi que caímos nessa porra?"

"Nosso amor pela beleza?"

"Beleza — ninguém usa essa palavra. Não é essa a categoria, minha pequena Hotentote." Ela lhe contara aquela história da sua ardente juventude; ele gira os dedos numa das pontas do bigode e solta uma risada de vilão. "A sua categoria está condenada, minha bela lady. A categoria é o *sublime*. Se não for sublime, pode jogar no lixo. É só uma historieta. Pinceladas são historietas. Levei vinte anos para entender isso, para você ver o quanto sou bobo."

Hope imaginou quanto do que ele disse era paródia, empregando um vocabulário que detestava. Contudo, suas telas traziam títulos estrondosos como *Vir Heroicus*, *Crux*, *Spatialis*, *Ultimo Ratio*, *Animus Sine Termine*, grandes nomes como *Salomon*, *Moloch*, *Guinevere*, *Azarael*. “Os babacas dizem que as minhas telas são vazias, mas na verdade são cheias, cheias a ponto de explodir. Qualquer um que pare na frente delas com olhos e coração pode sentir a cúpula do céu sobre a cabeça, o horizonte ao fundo. Estão cheias de *cor*, não cores. Você sabe tão bem quanto eu que existe uma coisa que é a falsa empolgação. Respingos e torvelinhos e borrifos que não preenchem o vazio de modo algum.” Era um cutucão em Zack, mas ela, tendo traído Zack com seu corpo, não estava em posição de defendê-lo. “Atividade vazia”, pronunciou Bernie, rolando na direção dela de tal maneira que um sopro âmbar de sua loção pós-barba banhou suas narinas, seguido de uma tristeza de suor já velho, o azedume que os homens carregam nas dobras do pescoço. “Você olha, e há muita coisa ali, um monte de cor arrebatando desse jeito, mas não há sensação e preenchimento, é anedótico, como drinques, um pede outro, e não levam a lugar algum, é como o seriado *The Perils of Pauline*, cada episódio nos deixa no ar. Mas os babacas em Nova York, os babacas responsáveis por reputações, não querem preenchimento, querem empolgação. Fodam-se, digo. E você, o que diz, Ruiva?”

“Para ser honesta, Bernie, eu não me importaria com algum reconhecimento. Por mim mesma, longe de Zack.”

“Eu, por meio desta, reconheço você, Hope McCoy, como a gatinha mais meiga que cruzou meu caminho desde que cheguei aos quarenta e cinco. Estas sessões estão salvando a minha vida.”

“Como você gosta de atiçar.”

“Não estou te atiçando. Venha viver comigo e ser o meu amor, e nós vamos provar alguma coisa.”

“‘Todos os prazeres.’ Agora você está atiçando de forma cruel. Jeanette é um tesouro, Zack tem ciúmes de...” Ela se contém para não dizer, de pintores cujas esposas têm dinheiro.

Mas ele sentiu para onde ela estava indo, e sua boquinha fina, com seus pequenos músculos sardônicos, retorceu as pontas do bigode.

“Ciúmes da grana que ela traz. Aposto que ele tem mesmo. Quando é que o pobre *shmock*[5] vai largar a birita? Ele vai acabar se matando e levar alguém junto. Não quero que seja você.”

“Bernie, você se importa. Que meigo. Ele precisa da intensidade”, ela tentou explicar. “Do jeito que ele pinta, é como tocar jazz, ele precisa abafar outros ruídos. Não acho que, quando ele está calmo, sua cabeça está calma, se você entende o que eu quero dizer.” Quem diz que eu sou louco? A comissão de recrutamento, no mínimo.

“Pobre *shmock*”, Bernie disse e rolou pesadamente para fora da cama, lançando-os no embaraço de meter-se, *Vir Heroicus* e Hotentote, em suas roupas. De pé, nua junto à balaustrada, salpicada de sardas, o cheiro de tinta e seus solventes químicos vem a ela do estúdio no andar de baixo, as vastas telas monocromáticas, e ela lembrou o nome de um famoso escultor do escravo grego: Hiram Powers. Powers e seu amigo Horatio Greenough, que esculpiu George Washington como um Zeus de peito nu. Através da imensa parede de vidro de Bernie e Jeanette ela via os campos de batatas com suas fileiras ensolaradas, industriosas; fileiras ordenadas de coisas, desde carteiras numa sala de aula a listras num tecido, sempre falavam a ela na sua linguagem privada de paz.

“Bernie foi bacana comigo”, ela diz a Kathryn, “numa época em que eu me sentia perdida. Perdida em relação ao meu próprio trabalho, perdida em relação ao que fazer com Zack. Ele estava se destruindo, e para o meu próprio bem eu tinha que parar de me importar tanto.”

“Alguma vez você e Bernie chegaram a discutir sobre casamento?”

“Nunca. Ele e Jeanette tinham um belo arranjo. Ele era bastante feliz com ela e, feliz ou não, era financeiramente dependente. Eu não era feliz com Zack, mas estava amarrada a ele. Quanto mais

brigávamos, mais ficávamos amarrados. Ele tinha feito uma coisa grandiosa, e para mim isso fazia dele um herói. E também, vamos encarar de frente, que lugar eu tinha para ir? Naqueles tempos não havia esta liberdade absoluta com a qual a sua geração cresceu, essa quase *obrigação* de se fazer tudo que se quer. Nós esperávamos dureza. Depressão, guerra, e depois os chineses e os russos para rechaçar. Nós éramos pessoas duras, devotas à nossa própria maneira. E ainda assim, sabe, eu me pergunto se não tínhamos mais *gosto* em ser americanos do que vocês têm. Os oceanos que o nosso pessoal tinha superado ainda eram imensos, e as coisas que ainda davam uma sensação de novidade — banjos e ruas ordenadas e jazz e todas aquelas invenções pelas quais levamos o crédito, como o avião, as canções no rádio, os comediantes das noites de domingo, as máquinas de refrigerantes e patentes de remédios — eram *nossas*.

Ela está começando a soar como uma falastrona; pensar em Bernie despertou sua oratória. Ele fazia com que ela se soltasse. Com cada pessoa diferente nós somos levemente diferentes e, sim, ela gostava do eu que ele lhe dava. Brincava com ela, e ela gostava das brincadeiras que ele lhe fazia. Seu avô também brincava com ela, delicadamente.

"A parte física com Bernie..."

Ai, ai, esta moça está determinada a ir para a cama com Hope e seus homens, mesmo com o gravador desligado. Num acesso de impaciência que sacode o seu velho corpo como uma barcaça rangente numa rajada de vento, Hope diz a Kathryn com firmeza: "Bernie Nova era um homem sensível, saudável, que geralmente não bebia antes da seis da tarde, e para mim essa era uma mudança muito bem-vinda." Num tom mais suave, indulgente, de mulher para mulher: "Ele era um dândi, mas não um mulherengo. Penso que, como ocorre com muitos homens, ele achava o sexo filosoficamente embaraçoso. Ele e Jeanette tinham deixado isso para trás. Ou pelo menos foi o que ele me disse. Mas, até aí, isto é o que os homens casados dizem. Agora: há um pouco mais de salada de atum."

"Oh, não, não aguento mais. Estava deliciosa, porém foi mais que o suficiente. Geralmente só tomo um copo de iogurte no almoço."

"Então vou acabar com ela no seu lugar, direto da tigela, se você não se importa. Odeio jogar qualquer coisa fora; é uma chatice ter que ir comprar, depois trazer para casa, mas detesto ficar enchendo a geladeira de restos mofados."

Recordar Bernie a deixara agitada, despertara seu apetite. A própria área oriental de Long Island parecia jovem na época, parcamente habitada, esparsamente invadida por alguns espíritos voluntariosos da cidade, os brejos, praias e baías rochosas cerrados em comunhão com os dias dos glaciares; o sol batia forte mesmo em novembro, sem ser suavizado pelas pesadas árvores verdes de Ardmore, aquelas nogueiras pretas e castanheiros-da-índia e álamos com suas folhas em forma de tulipa erguendo-se acima da relva e do chão batido como pesadas nuvens de chuva, sua sombra deixando a grama fibrosa e macia; mesmo os jogadores de tênis mal conseguiam se bronzear sob o mormacento céu branco. Declaradamente indo a East Hampton para algumas incumbências, ela acelerava sobre o terreno plano e arenoso no velho Olds conversível como uma versão diurna de Emma Bovary, correndo descalça através dos prados do alvorecer para seus encontros; Hope se vê pairando por entre os campos de batatas e barracas de fazendas rumo à elegante casa de Bernie — as grandes telas de Bernie de cor apaixonadamente vazia, o gosto inteligente e austero de Jeanette, estilo Madison Avenue — enquanto Zack, tendo pedalado até o Lemon Drop ou caminhado, no seu desconcertado pânico, pelas bordas dos brejos com Trixie, era alçado para fora da sua mente, o sombrio fardo dele. Ela, com sua echarpe esvoaçante e óculos escuros, sentindo-se leve como uma flecha, não poluía a paisagem; em vez disso se apossava da inocência dos campos, dos chalés alvejados de sal, do moinho coberto de ripas no fim da Fireplace Road. Zack raramente se mexia para sair do seu estupor marital e lhe perguntar onde ela estivera, por que essas poucas verduras da mercearia de Drayton ou de uma barraca de beira de estrada, esses artigos de higiene

e a aspirina da farmácia de Rowe, levaram tanto tempo para se comprar, ou como ela gastara duas horas provando suéteres e saias plissadas na loja de departamentos Hamptons e não comprara nada. “E também”, ela mentiria, se ele perguntasse, “verifiquei a coleção de outono na Kip Shop. Não havia nada para o meu corpo, é tudo para garotas esqueléticas de dezoito anos. Pensei em dar uma olhada nas lojas em Sag Harbor, mas na metade do caminho pensei melhor. Aliás, o carro está com um barulho engraçado na parte de baixo, quando a gente muda a marcha. Quando foi a última vez que checaram o óleo do câmbio?” Fazer sexo com Bernie, ela quer contar a Kathryn, era como uma mulher se servir de um almoço, ter um prazer duplo, primeiro pegando a comida e depois consumindo-a.

“Não, não me incomodo”, a moça responde estupidamente, como se Hope tivesse na verdade pedido sua aprovação. Talvez estivesse desligada, no seu próprio mundo mental, olhando atrás ou adiante, para além da entrevista, cujos limites ela já calibrara, embora, fortalecida pela comida, não fosse desistir com tanta rapidez.

“Sobremesa!” Hope proclama. “Tenho um pouco de sorbet de framboesa, absolutamente duro como uma pedra, mas posso colocar no micro-ondas para amolecer, ou então biscoitos de aveia ingleses. Carr’s Hob Nobs, é assim que são chamados, comprados na loja de comida natural, então devem ser de baixa caloria e cheios de coisas boas para nós: farelo. Ou você pode comer os dois.”

“Não, nenhum dos dois, sinceramente. Talvez meio biscoito, se você conseguir achar um partido ao meio. Deveríamos voltar para a saleta da frente para você poder parar de se preocupar comigo.”

“Bem, para ser sincera, Kathryn, eu estava pensando em levar você para dar uma caminhada lá fora por um ou dois minutos, para mudar de ares. Ficar só dentro de casa dá uma sensação de aperto, um inverno inteiro sempre respirando o mesmo ar. Se dermos um passeio até a despensa externa, há um prado do qual se pode avistar claramente até New Hampshire, as Montanhas Brancas.”

“Não, melhor não, Hope; se posso dizer: não tenho os sapatos certos, é o mínimo.”

“Você está com botas robustas.”

“Não são robustas. São Via Spigas novas e, na verdade, elas machucam.”

“Então, tire-as.”

“Não, por favor...”

“Seus pés não são do mesmo tamanho que os meus, mas tenho umas botas de borracha muito folgadas, que não tiro do pé na temporada de lama. Mas pode ser que escorreguem sobre as agulhas dos pinheiros, quando subirmos o morro.”

“Você é *tão* bacana...”

“Aposto que você gostaria de um café agora, mesmo que seja café instantâneo antigo.”

“Não, sinceramente. Nunca tomo café a esta hora da tarde. Me sobe à cabeça e fico nervosa.”

“Que horas são?”

“O relógio do seu micro-ondas diz que são quase duas.”

“Duas, oh, meu Deus, é tarde *mesmo*. Me pergunto o que mais há para dizer?”

“Só chegamos até 1955”, Kathryn lhe diz.

“Então Zack está morto.”

“Mas isto não é só sobre Zack, é sobre você, você como artista e como uma, uma testemunha de todo pós-guerra...”

“‘Uma testemunha interessada’, é assim que Clem teria colocado. Ele achava o meu trabalho patético, e não era muito polido deixar que eu soubesse que ele pensava isso. Quando finalmente comecei a obter alguma atenção da crítica, no fim dos anos 1970, depois que Guy me deixou e antes de me casar com Jerry, eu tinha me obrigado a trabalhar duas horas intensas depois de levar Dot à escola, e ele tentou ser cavalheiro em relação a isso e me disse que sempre soubera que eu tinha a coisa. ‘A coisa!’ Isso dizia

tudo. Ele tinha se proposto a ser a voz do expressionismo abstrato, ou seja lá o que isso fosse — a Escola de Nova York, como ele gostava de chamá-la, como se ninguém na Costa Oeste fosse capaz de fazer alguma coisa — e quando o movimento estava morto e enterrado ele continuou a bufar e xingar, ainda pensando que a arte tinha de ser movida a testosterona. Você não adora essa palavra? Estou aprendendo a pronunciá-la. Ela e 'feromônio'. Acontece que todo esse romance que fazemos e pelo qual morremos são feromônio; nós somos tão sem cérebro quanto os insetos. Segundo um programa sobre natureza que não consegui desligar a tempo, leões machos entram numa espécie de transe zumbi e matam todos os filhotes da leoa e aí a convida para fazer amor. E ela vai e faz, pobre tola."

E enquanto deixa sua língua seguir aos trambolhões, Hope imagina que feromônios nadando no fresco e oleoso sistema dessa jovem mulher estarão se infiltrando nos seus próprios receptores, levando-a a ser frívola, maliciosa, infantil, num alheamento a despeito de sua irreversível posição à beira do túmulo. Mas estará ela menos viva agora do que quando media sua mãozinha gorda, comparando-a com a largura do braço da cadeira do vovô? A cadeira ainda está aí. Ela ainda está aí. *Onde há vida*... Com que frequência isto lhe foi citado como piada amistosa! Por mais ateu que seja seu espalhafatoso ambiente, ela sempre abrigou a fria luz branca, o trêmulo e acanhado milagre de ser ela mesma, ela mesma e mais ninguém. As pessoas que dizem que não existe o eu, que tudo é um constructo da visão dos outros, será que nunca estiveram vivas?

Kathryn, parada de pé, ligeiramente curvada, propõe, como uma criança implorando para ser perdoada: “Vamos lavar os pratos?”

“Não, querida, pode deixar. Quando você for embora, posso vir aqui e os pratos me lembrarão das nossas horas agradáveis.”

Será que ela está ficando perigosamente perto de uma declaração de amor senil? Na velhice, Hope descobre que tudo se desgasta e fica mais fino — a pela fica mais fina e expõe os danos causados pelo sol, a cartilagem afina e os ossos se amontoam um sobre o outro, a membrana entre o que se sente e o que se diz fica mais fina. Às vezes, empurrada para um papel público, diante de escolares ou de um grupo de professos amantes da arte, ela precisa dominar o impulso de deixar escapar o absurdo, o inaceitável; as cerimônias de comportamento bem-educado são um esforço para o seu sistema. Olhos secos durante a maior parte da vida, agora ela é capaz de chorar sozinha num quarto, quando algum momento que nunca mais virá lhe passa pela mente ou ela se pega observando um instante de excepcional equilíbrio entre a luz fenecente do dia e as formas familiares da paisagem enquanto as andorinhas do celeiro piam incentivos para seus filhotes, ensinando-os a voar, porque voar, catar insetos na asa, é sua única maneira de poder viver. Quando os pequenos começam a se aventurar para fora do ninho, eles se lançam descontroladamente no ar, balas de canhões cobertas de penas, e se aglomeram na valeta da casa como se ainda estivessem amontoados dentro do ninho abandonado.

“Preciso”, sua voz a surpreende, saindo rachada e crocitada, de modo que é obrigada a começar de novo, ‘‘preciso de uma xícara de chá se você vai me fazer falar mais.”

“Só um pouquinho mais”, promete Kathryn. A moça ouve a persuasão parental em sua própria voz e sorri disso, o sorriso mais largo que Hope a viu dar até agora, expondo uma faixa de gengivas superiores e dois caninos simétricos que, embora ela seguramente tenha recebido toda a ortodontia que uma garota judia de classe média merece, não ficaram bem alinhados com os outros; em vez disso, provocam uma impressão forte, decididamente feroz. A moça é desajeitada, o jeito de se mover na cozinha, os pés nas botas novas um pouco delicados, os ombros curvados como se quisesse reduzir sua altura em alguns centímetros, de modo que os braços balançam levemente, e suas compridas mãos brancas pendem hesitantemente entre os gestos. Hope se preocuparia com o futuro de Kathryn, mas sabe que há homens que são atraídos por essa falta de jeito, por uma aparência de grandeza numa mulher, como um grande campo a ser posto sob controle e adicionado aos seus domínios pessoais. Sua própria pequenez eficiente, às vezes Hope suspeitava, havia atraído homens que queriam uma mulher que necessitasse de cuidados mínimos.

“Nada para mim, obrigada. Não quero...”

Não diga outra vez “mijar”, Hope roga silenciosamente.

“... me sentir estufada. Empanturrada. Você é tão generosa com você mesma, joga fora todos os fios condutores que eu quero seguir.”

Hope não tivera a intenção de ser generosa com ela mesma, e sim reservada e judiciosa, sendo cada palavra gravada em fita. Talvez estivesse morta antes de a entrevista e qualquer que fosse o absurdo desajeitado que a moça fizesse dela estivessem impressos. O que Emerson dizia sobre a morte? Nada mais de idas ao dentista. Ela renuncia ao chá. A saleta da frente, agora que Hope concedeu à sua cabeça tonta o lastro da comida, firmou seus cantos e parece tão equilibrada e transparentemente retilínea quanto uma fábrica fotografada ou pintada por Charles Sheeler. Preciosismo: ele sempre se mantém nas redondezas, há um prazer fundamental, um triunfo primitivo, em capturar uma aparência, seja com o *trompe-l’oeil* frontal de um Harnett ou os múltiplos reflexos angulares de um Estes. As mulheres retomam seus assentos; Kathryn manuseia o gravador, inserindo uma fita nova, e o coloca ronronando sobre a velha arca com seus pregos de bronze. “Então”, começa Hope, tomando a iniciativa, querendo afastar-se

de Zack; ela já violou bastante a privacidade do pobre doente, “eu sou viúva. Na idade de Cristo crucificado, deixada sem nada a não ser uma velha casa de fazenda e três acres de terra e um celeiro cheio de pinturas que ninguém queria comprar.”

“Mas queriam, sim, comprar, uma vez que Zack estava morto.”

“Sim, alguns quiseram. Eu não tinha pressa de vendê-las. Agora acreditava apaixonadamente no trabalho de Zack — no começo, não tinha acreditado — e havia tanto, tanto desse trabalho; quanto mais conseguisse segurar os quadros, mais eles iriam valer. Eu só vendia um de cada vez, e o comprador tinha de vir até mim. Nada de *marchands*, nada de intermediários. Os colecionadores, que podiam tê-los comprado por centenas quando Peggy ou Betty os estavam exibindo, me pagaram milhares, dezenas de milhares. E, mesmo assim, levaram pechinchas. Agora, quando um Zack chega ao mercado, sai por milhões, é maior que Picasso; ele viveu a metade do tempo e não teve todas aquelas décadas para virar paródia de si mesmo.”

“Mas ser a *marchand* póstuma dele não era uma grande carreira para *você*, era?” Desde que baixara a guarda durante o almoço, Kathryn voltara a ficar rígida, um tanto acusatória.

“Bem, não... mas não acredito ter considerado que estava fazendo bem desse jeito. Eu me sentia bastante ocupada, com Zack morto. Podia pintar mais longamente, sem seu jazz buzinando na minha orelha lá embaixo. Algumas das minhas velhas amigas — mulheres que havia conhecido durante a guerra, na cidade — surgiram de repente com maridos e filhos, e, sem Zack por perto para deixar todo mundo constrangido e arranjar briga toda hora, os outros pintores e suas esposas foram mais cordiais do que tinham sido durante anos. Bernie e Jeanette, Onno e Renée, Roger e Linda — haviam acabado de se casar, ela era vinte anos mais nova que ele, uma ex-aluna dele na Hunter — Mahlon e Myrtle, embora ambos aparentassem sua idade, ele nunca tinha conseguido realmente entrar no expressionismo abstrato, ficou pendurado naquele limbo repentinamente datado que foi a fase final do surrealismo, mesmo Jarl e Frieda, apesar de ele estar prestes a se mudar para a Califórnia e, de fato, não fazer mais parte da cena nova-iorquina, como se pudesse ficar enviando por correio da terra das sequoias aquelas telas enormes e ainda causar alguma impressão, mas lá longe, na Costa Oeste, ele virou mais um pintor místico pseudo-oriental como Tobey ou Graves, sem carregar realmente, sabe, o fardo europeu, a vigorosa tradição, pretextos na verdade, embora Jarl teria me matado se me ouvisse dizer isto, sempre me considerou frívola quando eu era uma das poucas que sabia de onde ele vinha: a ira cristã, a terrível impaciência com o fato de ser criatura. Todos foram bonzinhos comigo, e tivemos bons momentos, algumas deliciosas festas ao ar livre, especialmente no sobrado púrpura de Onno e na casa quase toda de vidro de Bernie, e churrascos na praia, embora a Ilha estivesse mudando, havia subúrbios no interior e um dinheiro novo de mau gosto nos Hamptons, que construía em cima das dunas como se nenhuma tempestade de inverno pudesse atingi-los, aqueles *nouveaux* viviam nos convidando constantemente, mas ainda conseguimos viver alguns belos momentos descalços e ensolarados, e as esposas tentavam ser boas, especialmente Jeanette e Renée, em me ter junto a elas, apesar de já estarmos nos anos 1950, e era inimaginavelmente importante fazer parte de um casal, os homens que elas arranjavam para mim nos jantares geralmente eram gays, na época não os chamávamos assim, ainda os chamávamos de ‘bichas’, receio. Agora me admiro de elas terem se dado ao trabalho de me incluir, pois eu tinha pegado alguns dos modos de Zack, estava bebendo mais do que devia e *gostava* de cutucar as pessoas do jeito errado e era muito combativa em relação ao trabalho dele, era apaixonada por ele agora que era tudo o que me restava de Zack, e não tinha o menor interesse de achar outro parceiro para mim; na realidade, eram as *mulheres* que me chamavam a atenção nessas festas, as esguias e vigorosas esposas boêmias, uns dez anos mais velhas que eu, muitas delas europeias e terrivelmente engraçadas e sofisticadas e *sábias*, do jeito que as mulheres podem ser, aquela sabedoria mágica espontânea, praticamente inevitável. Eu ficava me perguntando se o

fato de elas serem tão boas comigo não era um jeito de esfregar na minha cara que eu estava sozinha de novo, como se a verdadeira companheira de um artista devesse fazer o que fez Jeanne Hébuterne, jogar-se pela janela, grávida ou não, mas a horrível verdade era que a partida de Zack teve as suas compensações: eu podia dormir à noite sem a polícia me acordar ou Zack chegar caindo de bêbado às quatro da manhã, e acabei mudando meu cavalete para o celeiro e fiz um inventário das coisas de Zack e botei num depósito — difícil dizer o que estava terminado e o que não estava, então desisti de fazer a distinção — e pintava cada vez maior, agora eu tinha espaço, coisas corredias enormes em série, usando trapos e esponjas, uma espátula de borracha, uma embalagem de spray de limpeza cuja abertura eu tinha alargado com a ponta de um garfo, qualquer coisa para me afastar dos pincéis e lâminas de paletas, eu queria pintar mais próximo do líquido do que aquilo, eu queria me encharcar *dentro* daquilo. Nunca escovei e nunca usei o chão; na verdade o cobri de linóleo, e dez anos atrás, quando doei o lugar para virar um sítio histórico, eles olharam debaixo do linóleo e descobriram todos os respingos de Zack fora das bordas das telas, como uma obra-prima final, você consegue dizer pelas cores os respingos que cada pintura deixou. Na minha própria pintura, senti pela primeira vez aquela coisa masculina em relação à escala da qual os sujeitos sempre falavam. Um trabalho tão grande que você não sabe onde a tela acaba — *entre* nela e lute pela sua vida!”

Kathryn baixa os olhos para suas anotações no colo; teria ficado assustada com a explosão de confidências de Hope? Ela era uma criança estranha, melindrosa, assustadiça com comida e vestida como um homem castrado, que exibia um ar ofendido toda vez que Hope começava a falar de sexo, embora suas perguntas insistissem em arrastá-las de volta ao assunto. “Antes de irmos além de Zack”, Kathryn diz, bancando agora a condutora, a professora empertigada, “havia algo que você quisesse dizer e que sente que deixou de fora?”

“Oh, deixamos de fora quase tudo. Já falei o bastante do lindo corpo dele, do cheiro *delicioso* que tinha seu peito nu? Deixamos de fora seu jeito de falar, tão fantasticamente rude e, ainda assim, timidamente polido ao mesmo tempo — o menino bonzinho dando suas espiadas fora do menino mau. Por mais bêbado que ele estivesse, sempre observava as reações das pessoas. Surpreendentemente era como eu, queria *agradar* as pessoas. Nas nossas constelações familiares, como dizem agora, éramos ambos desejosos de agradar, não de liderar.”

“Liderar” faz Hope lembrar-se do rapaz inteligente e simpático do Departamento de Estado, um adido cultural, na festa que o moma deu na primavera de 1959 para comemorar o retorno da exposição coletiva itinerante “Novas Pinturas Americanas”, que estivera viajando pela Europa Ocidental por um ano, por oito cidades importantes. Na multidão artística exageradamente familiar, o papo enfumaçado de velhas relações constantemente renovadas — curadores e repórteres de revistas de arte e donos de galerias com seus esbeltos escudeiros e pálidas donzelas e os próprios pintores, as estrelas grisalhas, piráticas — e o ar abafado de inveja rançosa e sufocado rancor, o jovem diplomata chamava a atenção em virtude de certo brilho no seu terno de flanela cinza, camisa branca abotoada e gravata de listras azuis, o cabelo cortado mais curto que qualquer outro homem da festa, um corte quase escovinha como o que John Kennedy usou na campanha para presidente um ano depois, cabelo curto cor de areia caindo reto de um lado, e atrás alguns fios curtos espicaçados para o alto davam-lhe um ar infantil; este adido cultural do Departamento de Estado estava visivelmente eufórico com sua sancionada penetração no submundo artístico, com sua chance de conversar com a viúva de um artista famoso, embora inicialmente falasse de Zack com algum constrangimento, pois ela já estava casada novamente e enormemente grávida, o bebê ainda não nascido (Paul, teria sido) intrometendo-se na conversa como um bisbilhoteiro protuberante atrás da cortina. Face rosada, um pouquinho ofegante, o hálito colorido por champanhe, o simpático rapaz com seus óculos sem aro deu um meio passo de aproximação e disse-lhe: “Seu marido

— seu ex-marido, desculpe — era arrasador. Você devia ter visto o pessoal jovem, italianos e alemães especificamente, juntando-se em volta das suas telas. O silêncio deles, a expressão no rosto, era como se estivessem numa igreja. A exposição toda era uma sensação, dava para sentir o cheiro da eletricidade quando aqueles jovens arrastavam os pés pelo salão. E a reação da crítica: a Agência de Informação está elaborando um maço de traduções que vamos mandar para vocês, mas posso lhe dizer desde já que foi arrebatadora ou furiosa. Os picaretas de esquerda em Paris, Milão e Bruxelas ficaram putos nas calças, desculpe o meu francês. Sabiam que o seu jogo tinha acabado, com seu patético realismo social *ratardataire* e pombas da paz de Picasso e arte camponesa piegas e cartazes proletários no pior estilo de Léger. Os comunistas são gozados", o rapaz de óculos sem aro disse filosoficamente, tentando ver as coisas do ponto de vista do inimigo, "eles tiveram coisas boas na arte (os mexicanos, os construtivistas), mas esses soviéticos cabeçudos institucionalizados correm exatamente no sentido oposto, ficam aterrorizados com qualquer coisa com um mínimo sopro de originalidade, sabem que basta qualquer um dizer 'Buuu!' e todo o castelo de cartas cai por terra. Seus patetas que escrevem para o *Le Monde* e o *Corriere della Sera* não sabiam o que os havia atingido, mas sabiam que uma bomba tinha estourado na sua cara: liberdade em ação, baby. Só nos Estados Unidos. Toda aquela força, sentimento, ousadia, introspecção e exteriorização simultâneos. Ei, você quer revolução? — olha ela aí! Em toda cidade, mesmo em Madri, a exposição estava lotada. A Europa nunca viu nada parecido — surrealismo sem frescura, abstração sem geometria, cada pintura, uma briga com Deus. O *eu* — o eu e a beleza, a beleza e o eu. Não ficavam só impressionados, ficavam *comovidos*. E é uma molecada dura — cresceram famintos e bombardeados, lavagem cerebral dos dois lados depois da guerra, cínicos o bastante para engolirem Sartre e Brecht e seus grotescos simpatizantes. Pode levar mais cem anos de impasse, mas foi um ponto de virada. Estou lhe dizendo, sra. Holloway, os artistas deste país fizeram algo grandioso. Só lamento que o sr. McCoy não esteja vivo para ver. Se os caretas lá em Washington acreditassem em reconhecer artistas, seu marido ganharia uma medalha póstuma."

Então Zack, louco demais para ser soldado quando todo mundo era, acaba merecendo uma medalha. Por ser um americano exemplar nas lamacentas trincheiras da autoexpressão. O próprio presidente naquele tempo havia sido um pintor dominical. Mas Hope não tenta parafrasear para Kathryn a retórica do jovem diplomata, agora velho e aposentado, se não morto, tendo servido seu império em muitos postos exóticos, ganhando em cada colocação outra linguagem, outra coleção de suvenires regionais. Lembrar-se dele a fez lembrar-se do que ela mesma diz: "Durante aqueles primeiros invernos nos Flats, Zack entrava depois de uma hora no frio e admitia que não tinha pintado nada, nem sequer aberto uma lata de tinta. Eu lhe perguntava o que ele estava fazendo e ele dizia o mais depressa que podia: 'Rezando'. Não penso que ele pretendia ser levado a sério, mas eu levava. Ele rezava para que lhe fosse mostrada a luz e, durante um tempo, ele a viu. Lembre-se, foi ele quem quis que nos casássemos na igreja".

Kathryn troca desconfortavelmente suas longas pernas negras e diz, lendo suas notas: "Foi por meio de Bernie que você conheceu Guy."

"Suponho que sim. Na realidade esqueço as circunstâncias exatas. Como dissemos, de algum modo, depois que Zack morreu, Bernie tornou-se a onda do futuro. Suas cores achatadas, o minimalismo — também o monóculo, seu toque de dândi, os títulos em latim e as cigarrilhas na piteira de casco de tartaruga — tudo isso o tornava atraente onde Zack e Jarl, e até mesmo Phil, pareciam caipiras que lembravam aos pintores mais jovens tudo de bruto e fanático nos Estados Unidos, coisas das quais tinham fugido ao vir a Nova York. Bernie e Jeanette eram conhecidos por acolher e favorecer os jovens — com seu negócio, ela usava cada festa para dedução do imposto — e faziam Guy e sua turma irem do centro até Central Park West, por volta de 1956. Acho que conheci Guy no verão de 1957, mas não foi no apartamento dos Nova, foi no loft de Guy na Pearl Street, onde ele estava dando uma festa para

comemorar o contrato com Leo para sua primeira exposição individual; estava se virando para ganhar a vida fazendo vitrines na Bonwit's e desenhando anúncios de sapatos para a Bloomingdale's, e um punhado de nós, Bernie e Jeanette e Seamus e alguma garota que saía com ele na época — Seamus nunca ficava muito tempo com a mesma, eram mais para ele exibir; no íntimo, ele era um padre — me convidaram para ir junto, deve ter sido em agosto, a cidade estava com aquela sensação morta que eu adorava. Guy tinha alugado aquele enorme espaço atulhado com toda a tralha que ele juntava das ruas, embora a área do loft estivesse pintada com mais capricho que o celeiro de Zack, eu notei. Ele alegava que havia me conhecido antes, em alguma inauguração; eu vinha muito mais para a cidade desde que Zack morreu, teria sido suicídio ficar sentada lá nos Flats o inverno todo, e Bernie e Jeanette tinham um quarto extra para mim, eu tinha virado meio que uma filha para eles, já que Bernie e eu não dormíamos mais juntos, isso acabou quando Zack se foi, pois a esposa de outro homem é uma coisa, uma viúva jovem é outra. Na verdade os homens morriam de medo: eu era disponível demais e necessitada, presumivelmente."

"Presumivelmente?"

"Espero que você nunca tenha um marido que morra na sua frente, Kathryn, mas se tiver, vai descobrir que sexo é a última coisa de que você sente falta — não que Zack estivesse proporcionando muito. A necessidade simplesmente se perde no meio de todos os outros sentimentos, a culpa, não tanto a culpa de sobrevivente quanto a culpa do-que-eu-poderia-ter-feito-diferente, e uma irritação com a situação desleixada em que ele deixou todas as suas coisas, do modo como os homens largam as meias no chão e vão embora, e o alívio, francamente, de estar desemaranhada. Pegar outro homem é a última coisa que você quer. Pelo menos no meu caso. Uma das coisas que eu gostava nos pintores mais jovens era que a maioria deles era gay. Acho que na época a palavra era "bicha", da qual gosto mais, não roubada de um significado totalmente diferente, e mesmo aqueles que não eram gays eram *feys*, visionários. O que faziam era complicado e inexpressivo, e quando você lhes perguntava a respeito, eles simplesmente davam de ombros e agiam de forma evasiva; eles saíram da área comercial — vitrinistas, publicitários, designers, pintores de cartazes e, até mesmo, de letreiros — e não tinham aquela furiosa paixão teórica, restos do marxismo, suponho, que a geração de Zack tinha. Esses novos artistas agiam como se tudo fosse uma farsa, como se a vida fosse uma piada, e a pintura também, embora trabalhassem duro, na surdina. Guy era incansável, eu descobri. Uma vez tendo me instalado com as crianças num apartamento e a si próprio no Hospício, era como estar casada com um advogado de Wall Street, ele nunca estava em casa."

"Quando você conheceu Guy, ele a fez lembrar de Ruk?"

Isto a deixa surpresa, sentindo algo agressivo, embora obviamente uma semelhança tivesse sido notada na época por amigos dos anos 1940 (Bernie, Onno) que se lembravam de Ruk e também captada por acadêmicos especializados que chegaram a traçar semelhanças de estilo — a suavidade, o subjacente tom de zombaria —, mas na ocasião a semelhança não fora proeminente na cabeça de Hope: ela fora atraída por algo novo em Guy, uma esperteza descuidada que ela não tinha visto nos homens, a menos que fosse algum amigo rico filhinho de papai da Filadélfia que passava o dia todo no Clube de Críquete de Germantown jogando gamão. "Bem", ela admite, "ambos eram altos, bonitões e loiros, mas Guy tinha aquela aparência inglesa rósea e delicada, e Ruk, uma palidez eslava, meio cor de tela de granulação fina, e era *intenso* e autodramático de um modo que Guy jamais se daria ao trabalho de ser; os dois tinham, como posso dizer, uma *leveza*, mas com Ruk a gente sentia que a leveza era um defeito, que se apossava dele, era um tipo de leveza condenada, seu trabalho, com toda a sua habilidade, era pintura de sociedade, *à la mode*, e a moda muda, ao passo que com Guy a leveza o ajudava a flutuar, ele não estava ancorado a nenhum conceito de si mesmo. Ele estava sempre à nossa frente, um passo adiante, e nem parecia correr. Não era uma questão de ironia, Ruk sabia ser irônico, mas era meio sombrio, havia uma

desconfiança do mundo, enquanto Guy era, bem, alegre — surgia com aquelas suas ideias como se elas fossem absolutamente óbvias, estivessem bem ali pousadas na superfície das coisas, e obviamente estavam. Mas quem mais as via? Ele vivia recolhendo entulho por todo lugar da cidade onde andássemos, como se aqueles pedaços rasgados de papel e lata fossem flores. 'Tudo é tão adorável', eu ouvia dele com frequência. E não dava risada. Guy raramente ria, e quando sorria era como as pessoas surdas sorriem quando não ouvem direito o que você diz."

"Então você é a sra. McCoy, a verdadeira McCoy", Guy disse a ela na festa no seu loft, na Pearl Street.

"Eu era."

"Deve ter sido maravilhoso."

Ela sentiu que sua face se escancarou diante de uma afronta tão calma, enigmática e extasiada. Seguramente todo mundo da arte sabia que durante cinco anos Zack havia sido uma tortura de se conviver.

Guy plainou as arestas: "Artisticamente, pelo menos. O resto, a mera vida, nós sempre somos obrigados a carregar. Você deveria se orgulhar do que possibilitou. Ele é o ponto de onde todos nós temos de começar agora. O deslumbrante recanto ao qual sua pintura o levou. E gosto do seu novo trabalho, por falar nisso — aquelas grandes telas corredias como refeições preparadas às pressas. Elas me fizeram salivar".

Hope decidiu que poderia muito bem desfrutar desse encontro com um homem aparentemente impenetrável, absolutamente bem-humorado. Ele tinha ombros largos, uma gola rolê lilás por baixo de uma camisa rosa abotoada, o lábio superior comprido, um olhar frio que não sorria, e um leve sotaque inglês que combinava com sua maneira direta, recortada.

"Por que é", ela lhe perguntou, "que quando as mulheres relaxam são chamadas de bagunçadas, e quando os homens relaxam são considerados enérgicos?"

"Não é muito justo, é?"

"Não creio que seja."

"Pelo mesmo princípio, porém, um homem tricotando no metrô faz com que olhemos duas vezes, e uma mulher tricotando, uma vez só."

"Você faz tricô?"

"Oh, não, querida. Não tenho a paciência requerida. Tudo que faço, preciso fazer depressa, penso que a coisa fica poluída se houver a intervenção de um segundo pensamento. A contemplação mata — não foi o que disse um dos gregos?"

"Eu duvido", ela disse, forçando a passagem por ele para inspecionar seu trabalho arrumado no loft, com sua vista, para o leste, aos melancólicos prédios de tijolos e, nos vãos entre eles, barcos, água e o Brooklyn. À primeira vista suas pinturas não se distinguiam facilmente dos refugos de rua catados nas calçadas e depósitos de entulho da baixa Manhattan. Havia uma quantidade de animais empalhados — uma raposa, uma águia, um galo com o peito inflado para cantar — que um taxidermista ou sua viúva tinham jogado fora, e um monte de latas — cerveja, sopa, óleo — comprimidas em formas pregueadas pelo tráfego da rua, e guarda-chuvas quebrados abandonados no meio de um aguaceiro, fragmentos listrados de barreiras policiais derrubadas, pretejadas placas de rua caídas ou arrancadas dos postes, caixas de papelão com os logos e dizeres, utensílios inúteis, revistas velhas, fotografias descartadas, cartazes rasgados. Algumas dessas coisas haviam sido amontoadas sobre lâminas de madeira aparelhada que serviam de base para a composição e respingadas e emplastradas com cores que pareciam casuais e insignificantes, e contudo funcionavam produzindo uma impressão casta e fresca: um espectador humano cobrira esse refugo normalmente despercebido, essas escamas perdidas pelo dragão do excesso

industrial, com gestos de tinta. E mais surpreendente, com um efeito curiosamente sedutor, uma cama fora simulada num painel vertical — colcha, lençóis e um flácido travesseiro, todos pregados com percevejos aos cantos superiores: a fronha rabiscada com um lápis mole e todos os panos atacados com tinta fina que escorria. Era uma cama estreita, bem arrumada, como que por um solteirão caprichoso. Um sabor fresco e inescrutável, como um verniz de preservação, se sobrepunha a esses achados esfregados de tinta, essas colagens tridimensionais, numa ordeira homenagem à desordem.

"O que você acha?", Guy indagou ao lado de Hope, seu tom recortado um pouco apressado pelo desejo de uma opinião boa dela. Haviam se afastado do lado mais claro da sala, onde a festa prosseguia, os nova-iorquinos fortemente espremidos, como se estivessem no metrô ou num elevador de carga. "Bastante terrível, não?"

Em vez de confirmar ou negar seu julgamento infantil, ela disse cautelosamente:

"Estou vendo o que você quer dizer com começar a partir de Zack." E tocou a tinta escorrida endurecida, a caixa de papelão emplastrada e a lata amassada. "Liberdade", ela disse. "A liberdade de pintar, pintar sobre qualquer coisa. Mas há uma ironia aqui que Zack nunca teve. Ele era mortalmente sério."

O jovem pintor protestou: "Não me sinto irônico quando trabalho. O que foi mesmo que o seu falecido marido teve fama de dizer: 'Eu *sou* natureza'? Eu não sou natureza, mas tudo na cidade ao redor de nós é natureza: o lixo, os anúncios, a cultura da porcaria".

"Gosto da cama", Hope concedeu, querendo gostar do trabalho de Guy mais do que gostava. Continha uma zombaria no fastidioso distanciamento de seus materiais, que era o oposto da abordagem de Zack, e de Onno, e de Hochmann, e de Korgi. Cada um deles, à sua maneira, havia se colocado à mercê da tela em evolução, de sua vida ativa. Este mesmo processo com objetos reais intervindos — exemplares de taxidermia respingados, ou fachadas de rádios antigos feitas de plástico — assumia outro caráter, mais seguro e insinuante. Obtendo, o que quer que fosse, dos dois jeitos. Esse era Guy. "É uma cama de solteiro", ela observou.

"Como a minha."

"Você deveria voltar à sua festa. Estou monopolizando você."

"Você vai gostar mais destas aqui, aposto. Eu fiz alguns anos atrás."

Ele a conduziu para um conjunto de telas, não enormes — um e vinte por um e oitenta, um e oitenta por dois e quarenta —, empilhadas em suportes de pinho de uma polegada por duas, e duas por quatro, construídas com um capricho para o qual Zack, com toda a sua pretensão de ser um homem da capacitada classe trabalhadora, não teria achado tempo. Ao se aproximar do seu lado, Hope sentiu Guy mais alto que Zack, mais alto do que ela inicialmente o percebera; seus membros e tronco pareceram crescer à medida que ele se estendeu para pegar uma tela guardada na altura de sua cabeça. Foi cuidadoso ao deslizá-la para fora; pequenos tufos amarelados de jornal colado se sobressaíam da tinta, cuidadosamente pincelados de tinta encáustica em vez das profusas quantidades de óleo, com sua massa mais rugosa, mais brilhante.

"O que é?", ele lhe perguntou, segurando a larga tela nos braços esticados, a face pálida acima da borda superior endiabrada naquela luz — as íris azuis como o vidro, o lábio superior virado para baixo. Seus dentes eram longos, como de um homem inglês.

"É uma... bandeira americana."

"É? Ela não está tremulando, não está hasteada num mastro."

"Estou vendo o que você quer que eu diga. É uma *imagem* da bandeira, como o *Ceci n'est pas une pipe* de Magritte."

"É um *signo*", Guy lhe disse. "Acho mais fácil pintar quando o tema não me pertence. Quando a

imagem vem como se fosse preesestabelecida. Não quero que a pintura seja *sobre* mim, que seja uma revelação dos meus sentimentos.”

Será que ele tinha sentimentos? Ela estava curiosa. “Mas”, disse Hope, cônscia — como estivera quando exposta pela primeira vez às aulas de Hochmann, e novamente quando viu no celeiro gelado as primeiras pinturas puramente gotejadas de Zack, e mesmo quando visitava a casa de Bernie, onde seus grandes campos de cores e estreitas listras verticais vibravam na ampla luz do andar de baixo, o golfo radiante sob seu adultério — de estar vendo algo novo, “como pode não ser? Você é o criador.”

“Existem jeitos de criar sem ser o tema. Eu sou meramente um meio”, disse-lhe o alto estranho, com aquele estranho verniz de modéstia difícil de distinguir da altura do conceito. “Você, você é um fim em si mesma. Você e Zack e aqueles outros antagonistas.”

“Antagonistas. Você nos vê como antigos. Quando você nasceu?”

“Mil novecentos e vinte e cinco.”

“Quer saber quando eu nasci?”

“Se quiser me contar.”

“Mil novecentos e vinte e dois.”

“Na mesma faixa”, Guy sorriu, lendo sua mente de forma pouco prazerosa, mas talvez não inacurada. De trás do seu escudo de acanhamento, Guy tinha uma visão arguta. Ela estava sexualmente interessada, excitada pelo novo ataque à beleza. Quando, no outono, na novíssima galeria de Leo, Guy teve sua exposição individual, Hope registrou novamente, em luz pública, o impacto, a impudência da cama simulada, a águia respingada, a bandeira sem expressão, e uma bandeira feita toda em branco, apenas pinceladas e diferenças sutis em tom amarelo definindo as estrelas e listras, e alvos e mapas servindo ao mesmo propósito de fornecer os contornos do interior a ser pintado, imagens drenadas de seu propósito e preenchidas de pintura, traços que, ela podia ver especialmente onde eles dançaram e voltearam sobre pedaços de jornal semiocultos, eram tão expressionistas quanto Zack e Onno e Phil, mas no tom de uma piada subjacente, uma camada de um sanduíche de significados oblíquos. Guy continha um Zack resfriado, um Zack sem a congestão e a ameaça e a ingênua ganância de glória.

Kathryn, em tom acusatório, de vamos-esclarecer-tudo, como se houvesse um júri invisível, diz a Hope: “Zack estava morto havia apenas dois anos, na época, quando você assumiu Guy Holloway.”

“‘Assumiu’ é um modo bastante absoluto de colocar as coisas. Nós nos víamos aqui e ali, principalmente na casa de Bernie e Jeanette, mas às vezes no loft de Seamus O’Rourke na Mercer Street. Seamus estava dando sua arrancada exatamente nessa época, os retângulos embaçados, os retalhos de cor flutuantes, as pessoas falavam deles como versões modernas do Espírito Santo, *havia sim* esse veio religioso em Seamus, ele estava vibrando com o reconhecimento que finalmente recebia e obviamente começou a beber muito, demais, eu podia ver os sinais, mesmo sendo uma bebedeira *mais feliz* que a de Zack, pois ele tinha um histórico religioso que em parte sancionava aquilo, e fui bastante lerda para levar a sério quando Guy começou a — qual é a expressão que vocês usam agora? — ‘dar em cima’ de mim, porque eu achava, como já te disse, que ele era gay, seu ambiente com certeza era gay, vitrinistas e atores menores que não conseguiam muita coisa, e esse foi um dos motivos de ter me permitido relaxar com ele e apreciar tanto a sua companhia. Ele era o homem de melhor índole, mais *flexível*, com quem eu já tinha estado. Fazíamos coisas tolas juntos, íamos a restaurantes étnicos estranhos, como albanês e etíope, antes que todo mundo fizesse isso, e havia um banho turco abaixo da Delaney que tinha uma seção mista, coisa que eu certamente não faria com um homem que eu julgasse hétero. Lembre-se, ainda eram os anos 1950, e quase todo pequeno desvio parecia ousado. No começo de 1958, naquele inverno depois que ele teve a exposição na galeria do Leo, que vendeu quase tudo, foi impressionante, apesar de ridicularizada por quase todos os críticos, Clem nem se deu ao trabalho de ir; eu estava me desfazendo das obras de tinta

derramada sobre papel feitas por Zack por poucos milhares cada, e Guy me disse que eu as estava dando de graça; entre seus outros talentos, ele era uma absoluto mago em saber o que o mercado comportava; naquele inverno, quer dizer, já devia ser quase primavera, Nova York estava fria, cinzenta e horrível, e ele me convenceu a ir de carro para o oeste com ele, com ele e um par de rapazes mais jovens, um deles tinha um pai que estava na indústria de cinema, Hollywood estava se desintegrando, a televisão, matando os estúdios, mas esse garoto, de qualquer maneira, queria um emprego confortável, queria ser diretor e mais tarde chegou a tomar parte de alguns eventos de Guy, e o amigo dele era um negro claro, acho que na época ainda não dizíamos 'negro', que estivera na escola de balé e tinha sim um corpo maravilhoso, todos cansamos de ver aquele corpo, em cada motel com piscina ele punha um daqueles calçõezinhos de banho sumários, pretos, estilo francês, e era um escândalo local, mas eu simplesmente *adorei* ver o país, especialmente o sudoeste e o sul da Califórnia, era outro planeta em comparação ao nosso nordeste, toda aquela luz derramada, todas aquelas estradas retas, intermináveis, entre montanhas púrpuras como em O'Keeffe, e depois vinhedos e laranjais, e tudo tão aberto, inclusive as maneiras. Talvez minhas impressões fossem realçadas porque estava fumando maconha pela primeira vez, 'erva' era como dizíamos então, 'fumo' alguns diziam, pelo menos eu não estava engordando; quando tentava fazer companhia a Zack, o álcool se concentrava nos meus quadris e, na verdade, nunca sumiu de todo, os três quilos que você não consegue perder viram uma plataforma sobre a qual mais tarde você adiciona mais três, certo? Mas você é jovem demais, ou naturalmente magra demais, para eu fazer essa pergunta. Foi durante essa viagem, já em West Virginia, que percebi que Guy era hétero, na verdade bastante hétero quando metia na cabeça."

"Você se casou com ele nesse mesmo ano", Kathryn segue acusando.

"Querida Kathryn, sim. Naqueles tempos não se vivia em pecado, e éramos loucos um pelo outro. Ele era tudo que Zack não foi e, além disso, também era genial, e eu... bem, quem sabe o que ele viu em mim? Uma mãe que ele podia foder, suponho, algo bastante clássico. Sua mãe real era de Rhode Island, descendente dos refugiados que achavam os puritanos de Massachusetts uns tiranos. Não eram quacres e sim outra coisa: antinomianos, penso que eram assim que eram chamados, querendo dizer que acreditavam que tudo vale, ou deveria valer. O nome de solteira dela era Pearson. O pai, o sr. Holloway, era inglês, foi assim que Guy pegou o sotaque, que ele podia ligar e desligar, e seu sentimento pela América: ele nos via como selvagens, na verdade, cheios de vitalidade e apetite e uma ultrajante e magnífica vulgaridade, quando o meu sentimento em relação aos americanos é que são basicamente conscienciosos, conscienciosos e geralmente exaustos, como o clima mormacento e a ética de trabalho e as expectativas que aqueles heroicos pais fundadores atrelaram a nós, embora no fundo tivessem opiniões bastante negativas sobre o homem comum, os pais fundadores tinham, sim. O americano médio é muito menos vulgar e presunçoso do que, digamos, os próprios ingleses; não temos nada parecido com os hooligans do futebol, por exemplo. O pai de Guy tinha ido embora cedo. Sua mãe ainda vivia em Rhode Island, em Jamestown, em uma casinha frágil de telhas na baía, com vista para a ponte, e uma das coisas que Guy gostava em mim, talvez uma das coisas principais, era que eu conseguia confrontá-la. Como eu, ela era baixinha e invocada; ela irradiava aquela malevolência sedutora que se adquire vivendo em lugares bonitos isolados, e nós nos dávamos 'esplendidamente', Guy diria, sua mãe e eu, quando nos encontrávamos, o que tentávamos não fazer com muita frequência. Ela me via como se o estivesse pegando pela mão, assumindo que ele precisava daquilo, ficar solteiro depois dos trinta; e imaginava a vida dele em Nova York como nada mais que insensatez e Sodoma e Gomorra, e era tão materialista e esnobe que ficava alheia ao sucesso realmente notável que ele estava tendo. Eu supria *essa* omissão, também; dizia a ela como nunca tinha visto um artista produzir obras e ganhar dinheiro como o filho dela. Especialmente nos anos 1960: parecia que toda cidade no país com mais de duzentos mil habitantes tinha

aqueles novos prédios altos com apartamentos com paredes vazias, e todos tinham de ter um Holloway preenchendo o espaço. As coisas que ele pintava para demonstrar seu ponto assustadoramente sagaz sobre representação e realidade — 'Isto não é um cachimbo, ou é?' —, eles só consideravam pelo valor nominal; as bandeiras e garrafas de Coca-cola gigantes e painéis ampliados de tiras de quadrinhos eram coisas que ele conhecia e adorava, coisas americanas. Devo dizer — posso lhe dizer isto mesmo que ele ainda esteja vivo, está com Alzheimer demais para se magoar — que eu tinha minhas reservas em relação a grande parte daquilo. Aquelas pinturas alfabéticas gravadas, por exemplo, com a-z-u-l escrito em laranja, e placas de p-a-r-e pintadas de verde, me davam o tempo todo a sensação de dadaísmo; Zack e sua geração haviam rejeitado a lúdica arrogância dos surrealistas que aqui estiveram durante a guerra, estavam em vez disso tentando estender, após o cubismo, o legado de Cézanne e Velázquez — a *majestade* da tinta, da cor e da forma. Guy tinha um olho bom, profissional — suas composições, mesmo as combinações com animais empalhados e essas coisas, eram sempre equilibradas, e ele sabia quando parar, quando o bastante era bastante —, mas era basicamente um homem de ideias. Depois dele, a arte americana virou uma ideia após a outra."

"Gotejar tinta não era uma ideia?"

"Kathryn, a salada de atum fez você ficar 'do contra'. Gotejar, não tocar a tela, deixá-la deitada no chão, eram tudo ideias, mas as ideias não eram nada sem a execução. Ninguém jamais imitou Zack sem parecer algo de segunda ordem. Nem mesmo isso, de terceira. Enquanto Guy, uma vez pronta e funcionando toda sua linha de montagem no Hospício, podia dar uma ideia a um assistente e fazê-lo transformar a ideia num Holloway enquanto estava sentado comigo no nosso apartamento ou indo ao cinema na Times Square. Ele reinventou a oficina medieval, fez a arte deixar de ser uma confissão, algo todo seu, e voltou a torná-la um artefato, algo pertencente a todo mundo e a qualquer um. De certa maneira, ele foi além do conceito de bom ou ruim: se um assistente usasse a cor errada ou lambuzasse a tela numa serigrafia, Guy olhava e decidia que podia dar certo, o artista não era um juiz, não estava ali sentado de toga e peruca ordenando execuções."

"Eu penso que é maravilhoso", Kathryn diz, inclinando-se para a frente ao fazer a declaração, a mão esquerda com as unhas negras provocando uma contorção no seu colo, "que você possa ser tão entusiástica em relação a Guy depois do jeito miserável que ele acabou te tratando."

"Foi miserável? Não houve nada de malévolo naquilo. Tínhamos sido úteis um ao outro por dezessete anos, e o uso que ele fazia de mim se exauriu antes do uso que eu fazia dele. Era um homem que precisava seguir se movendo. Da última vez que nos encontramos, antes do Alzheimer efetivamente tomar conta, sua inquietação deixara de ser jovial, ele não conseguia mais contê-la, os olhos ficavam faiscando pela sala, e ele ficava arreganhando seus longos dentes. Tinha um ar aterrorizado, sabia que as coisas não estavam em ordem. Pobre Guy. Nunca antes tive pena dele."

A lembrança da sua percepção da decadência de Guy se espalha para sua própria situação; e liga-se ao fato cada vez mais surreal e inexorável da presença de Kathryn — uma presença que está se tornando monstruosa, aqui na casta e pouco usada saleta da frente de Hope, com suas cortinas marrons de chintz e vidraças manchadas de lavanda, como uma águia empalhada respingada de tinta liquefeita escorrendo. Uma vez Guy comentou com ela, enquanto caminhavam juntos pela West Broadway num dia de verão, como tudo, até a hora em que você focaliza, parece goma de mascar. Na época isso pareceu uma pontada casual de niilismo, uma tirada leviana das profundezas de sua cultivada superficialidade, com intenção de divertir, mas a frase permaneceu com ela, como uma pista para a monstruosidade intrínseca de tudo, seu *estar ali* informe e incolor. Esta moça tem tal qualidade, insistindo em ficar sentada ali, cavoucando Hope sem nenhum conceito claro do que quer, ou quando terá o bastante.

"Qual era a aparência dele? Em geral."

Hope hesita; a pergunta parece tão simples que deve ser uma cilada.

“Quero dizer”, Kathryn enrubesce, vitoriosa, “qual era a aparência dele para *você*. Os relatos variam, e não há sequer duas fotos de Guy Holloway que sejam exatamente iguais.”

“Suave”, Hope finalmente deixa sair. “Tinha um rosto suave que para mim muitas vezes parecia inclinado para trás, talvez por ser tão mais baixa. Seus traços não eram muito marcantes: um nariz pequeno e reto, o lábio superior comprido, lábios que pareciam abotoados, de certo modo, e levemente doloridos, talvez porque ele sorrisse tão pouco — sua inexpressividade era muito da sua força — e olhos ligeiramente saltados daquele azul diluído, como aquela pintura de louça. Era um rosto que mostrava pouco atrito com o mundo.”

“Ao contrário de Zack.”

“Ah, Zack era *todo* atrito, é por isso que ficava encalhado tanto tempo. Com Guy eu tinha aquela sensação maravilhosa de não precisar empurrar a carroça, ou ficar puxando para tirá-la de dentro das valas; bastava seguir junto.”

“E aí, rapidamente, você lhe deu três filhos. Isso, para mim, é o fato isolado mais surpreendente na sua vida.”

“Mas por quê? Nada mais natural, é uma coisa da Natureza fazer isso acontecer. Eu teria adorado começar mais cedo; acabei descobrindo que eu era boa naquilo, dar luz a filhos. Tinha a pélvis para isso, mesmo sendo pequena como sou. E eles não vieram tão depressa assim, cada um levou nove meses: Paul em junho de 1959, Piet em novembro de 1960 e Dot em 1962. Ficamos emocionados de ter uma menina, tínhamos combinado depois de Piet que tentaríamos mais uma vez na esperança de que viesse, e ela veio só um mês antes de eu fazer quarenta anos. Você usou a palavra ‘surpreendente’; *eu* fiquei surpresa de Guy me pedir para dar-lhe o nome da sua mãe, não pensei que eles fossem tão chegados, mas talvez na sua cabeça fossem sim; tínhamos dado aos garotos nomes dos nossos pintores favoritos, mais favoritos dele do que meus, pintores cerebrais, secos; meu pai tinha sido um escroto em relação ao meu casamento com Zack e o dele tinha abandonado a família, então por que recompensar a *eles*? Mas era desconcertante ter de falar com a minha inocente trouxinha, minha própria filha, com um nome que pertencia à minha intimidante sogra. Mas ‘Dot’ resolveu a situação, chamá-la de Dot. E Guy começou a sua série Benday, painéis de tiras de quadrinhos com grandes pontos mecânicos, pouco depois, numa espécie de homenagem. Ele foi um bom pai, divertido, para os garotos, embora visivelmente competitivo, mesmo quando tinham dois e três anos, mas ter uma filha o deixava absolutamente derretido. Ele chegava a trocar suas fraldas, algo que era muito reticente em fazer com os garotos. Falava em começar uma série de telas com merda de bebê, e creio que chegou a analisar detalhes técnicos, mas nunca a fez; mencionei esta manhã as paródias de Zack que envolviam urinar em bandejas de cobre, mas não foi Guy, pelo menos minha memória diz que não.”

Claro que não foi. Foi alguém secundário, procurando um tipo de fama barata. Urina, fezes, a primeira mídia. Hope dá uma olhada de soslaio pela janela para o dia de abril que vai escurecendo. Uma luminosidade branca doentia jaz pouco acima do horizonte de montanhas, mas nenhuma luz do sol penetra diretamente pelas nuvens. A escuridão a oeste expandiu-se e passou também para o sul, e contra o seu azul-preto flutuam alguns flocos de neve de um lado a outro, para cima e para baixo, como se não fossem jamais tocar o chão. Mas ela sabe nos seus ossos sensíveis que o dia não está frio o bastante para nevar, pelo menos nesta altitude mediana. No alto, perto dos picos, onde os alegres esquiadores deslizam sobre o granular congelado quase no fim da estação, a neve pode se acumular, mas aqui embaixo ela se transformará em chuva. O formigamento do suspense faz com que ela esfregue os braços por cima das mangas de lã. Ela se pergunta se já seriam três horas. Nunca teve o hábito de usar relógio, mesmo quando vivia num mundo de compromissos urbanos. Sabe que o tempo é mais elástico do que diz o relógio.

Algumas atividades — pintar, jogar tênis quando ela e Jerry ainda eram jovens o bastante para esportes — o aceleram, então uma hora passa como se a sua vida tivesse pulado um dente na engrenagem, e outras — cuidar do jardim, tarefas domésticas, ter conversas com companhias incômodas — o esticam como se a vida fosse durar para sempre, como aqueles flocos de neve incapazes de tocar o chão.

"Você acha", Kathryn pergunta no tom acusatório que sua voz assumiu desde que Guy se tornou o tema, um tom que faz Hope recordar-se de uma filha cheia de induzida indignação psicoterapêutica, "que você e Guy estavam tentando provar alguma coisa?"

"E o que teria sido?"

"No caso de Guy, que ele não era gay, e no seu, que você ainda era uma mulher jovem."

"Eu era, não era?"

"Não para ser mãe." A voz da moça retraiu-se defensivamente, pois nunca tinha sido mãe.

"Oh, querida." Hope dá um suspiro de pena. "Eu tinha metade da idade de agora. Devia ser bastante jovem."

Os filhos. Quem haveria de pensar que eles se encaixariam como parte do passado, um capítulo encerrado? Durante vinte anos estiveram presentes a cada momento, não meramente companheiros e dependentes na sua vida, mas a própria justificação da vida, de seu ambiente quase total, seu ego inocente e voraz preenchendo todo espaço com seus choros, e sua comoção acelerando cada dia, de modo que o tempo passava voando, pelo menos assim parece num olhar retroativo por todos aqueles véus de mudança e crescimento que rompia limites, um crescimento com suas fatais correntes subjacentes de deixar para trás, de deixar um conjunto de brinquedos para trás e ter fome de outro, de abandonar dificuldades de fala e gramática errada, de desaprender os encantadores erros no falar, ganhos deles, perdas dela, a respiração deles sendo a respiração dela ao se curvar sobre as camas onde dormia cada cabecinha, morna e úmida ao seu toque na febre da vida nova e frágil, na beleza de outro mundo que são as crianças dormindo, os membros abandonados fluindo palidamente entre as cobertas desarrumadas, os sonhos às vezes despertando-os para o terror, os temores deles sendo os dela mesma, a raiva deles sendo nódoas no coração dela, as perdas e ganhos deles sendo dela enquanto cresciam dia a dia, centímetro por centímetro, penetrando na linguagem, nos costumes sociais, na escolaridade, em personalidades cada vez mais definidas e limitadas — Paul desconfiado e correto, e astuto como o pai; Piet excitável e maleável como ela; e a pequena Dot, que herdou o nome Dorothy aos treze anos quando sua avó morreu, uma intrigante e instável mistura de genes latentes por gerações, lábios carnudos e pele morena amante do sol, e rebelde cabelo preto que podia atribuir apenas à avó materna de Hope, Virginia Lafitte, que veio de Nova Orleans e que morreu no ano que Hope nasceu, e ao fugido pai de Guy, cujas fotografias mostravam uma coroa de cabelo escuro empinado e pronunciadas sobrancelhas pretas acima dos olhos brancos como leite, levemente protuberantes. Dot insistia, como uma moleca, em vestir roupas de menino, em ser como o papai. Até os seis ou sete anos, seu sistema nervoso a acordava no meio da noite e a levava ao quarto dos pais em busca de conforto. Tantas vezes repreendida por perturbar o sono deles, ela se resignou a esperar sozinha que fossem embora os feitiços que a mantinham desperta; Hope se entristecia, com uma tristeza que parecia próxima da existência humana, ao descobrir no quarto da menina a evidência, na forma de algumas bonecas espalhadas, uma casa de bonecas desarrumada, ou um livro de figuras aberto, de que ela se entretivera sozinha no fosso da noite enquanto seus irmãos e pais dormiam, metidos a salvo dentro de seus sonhos. Em algum ponto da infância de Dot, no apartamento da East Seventy-Ninth Street, eles compraram um gato, Pierre, um siamês sem garras com uma cabecinha sedosa que ele forçava a ser afagada, com a força de um punho e um ronronar que podia ser ouvido no quarto ao lado: o propósito de Pierre, que nem Hope nem Guy o admitiram tão abertamente, era prover Dot de outra criatura noturna enquanto seus pais dormiam absortos em si. Que estranho o pouco que a memória de Hope trouxera à

tona daquela longa e atropelada peregrinação pela maternidade — o empurrar do crânio ronronante de Pierre; o peso morto feito um saco de açúcar do pequeno corpo de Piet quando ela o amamentava no enorme pufe de couro (Paul, no ano anterior, tinha parecido tão mais leve, embora a diferença dos pesos de ambos ao nascer tivesse sido de apenas cento e quinze gramas); o cheiro de linóleo das barulhentas escadas da pré-escola secular do lado do parque num dia chuvoso; o interminável recolher de blocos e peças de Lego e carros plásticos quebrados e bonecas Barbie sem roupa; as refeições para as crianças, de ervilhas e pedaços de peixe e sanduíches cortados em pedaços do tamanho de dominós sobre pratos de plástico com desenhos de confusos patinhos, toupeiras, ouriços e coelhinhos, de casacos azuis com botões enormes.

No seu olho mental Hope vê uma mão feminina marrom com sua unha descolorida, a mão de Brenda ou Martine ou Josie colocando um prato desses diante de uma das crianças na mesa branca da cozinha, e admite para Kathryn: "Eu tinha ajuda. Você tem razão, eu era velha demais para ter três filhos com menos de quatro anos. Só correr atrás deles me dava dor nas costas, e no inverno era só acompanhar todo mundo durante dez minutos no playground do parque até que começassem a choramingar que estavam com frio. Felizmente, Guy tinha bastante dinheiro, quantias ridículas após 1962, então pudemos contratar ajuda, babás, embora não as chamássemos assim; havia a moça diurna que cozinhava para as crianças e a moça das cinco às sete que lhes dava o jantar que a moça diurna tinha preparado, além do banho nos meninos. Eu cuidava de Dot em outra banheira, os meninos ficavam brincalhões e agitados demais para mim, e ela tinha medo que entrasse sabão nos seus olhos. Eu queria fazer tudo, porque a minha mãe não teve ajuda, mas era velha demais e mal-acostumada, suponho, e preocupada em querer voltar à minha pintura."

Sua memória agora remete à pobre Dot aos treze anos indo a Brearley, chorando e berrando ali no saguão de entrada porque o aparelho nos dentes e as espinhas a humilhavam, e ela não queria ir, nunca, nunca, ela *odiava* aquelas piranhas magrelas e loiras, delicadinhas e mimadas. A figura de Dot na adolescência tornara-se atarracada, e sua pele descorada estava estourando, e Hope sentia-se tão impotente, incapaz de mudar o corpo da filha da mesma forma que podia raspar e refazer uma pintura, e não havia pai presente para dizer a Dot que ela ainda era uma garotinha linda, porque a esta altura, em 1975, Guy já tinha ido embora. Sua mãe morreu e ele se foi, como se o desejo distante dela, seu senso de propriedade, o estivesse mantendo aqui, entre quartos vazios, brinquedos esquecidos e vozes femininas. Paul e Piet tinham ido para um internato. Jeanette Nova — Bernie também morrera, um velho mestre loquaz gozando acanhadamente a fortuna dos holofotes após uma vida de desafiadora obscuridade, mas Jeanette seguia vivendo, cada vez mais magra, um fio vibrando no tear da cidade, mantida viva pela decoração de interiores e festas em galerias e fofocas — disse que era um elogio para Hope que ele tivesse ficado tanto tempo. Ela fora uma santa, fazendo-se de cega daquele modo. Fazendo-se de cega? Mas Hope na verdade não queria perguntar, *Fazendo-se de cega em relação a quê?* Jeanette circulava agitada, suas mãos enrugadas cheias de anéis prateados tremulando na sala que abrigara essa conversa, luzes da cidade salpicadas atrás das janelas de vidro triplo, talvez um traço de vingança na sua animação, o afeto das duas mulheres uma pela outra era uma mistura, como café irlandês, de várias facetas. "Ninguém", ela disse a Hope na sua voz rouca, maltratada por festas, "previu todos esses filhos."

"As pessoas ficaram surpresas", Hope diz a Kathryn, "que Guy tenha provado ser o pai que foi, mas essa era a sua natureza, dar uma chance a tudo e ser produtivo. O que ele não tinha, suponho, era poder de permanência. Seus estilos tendiam a durar dois ou três anos no máximo, e frequentemente ele trabalhava em dois estilos ao mesmo tempo. Por exemplo, ao mesmo tempo em que fazia aquelas hilárias reproduções plásticas enormes de *junk food*, totalmente lambuzadas de tinta, exatamente como um Big Mac de verdade, com mostarda, ketchup e raiz-forte, ele e seus assistentes produziam aquelas serigrafias múltiplas de acidentes de carros e cadeiras elétricas, após 1963, depois da aparência aturdida de Jackie

com aquele chapéu, com uma sensação visual diferente, impessoal, naquelas cores fosforescentes geladas. Apesar de haver em tudo que Guy fizesse uma receptividade ao acidental, ao não planejado. É um paradoxo: Zack, cujo melhor trabalho tem *total* aparência de acidental, como se um dervixe rodopiante tivesse sido solto entre as latas de tinta, na verdade era muito enfático em insistir que seu trabalho não tinha *nada* de acidental, como posso ter dito antes; perdoe-me, Kathryn, se já disse. Era uma das poucas coisas consistentes em suas declarações públicas, quando Clem e eu não tínhamos de pôr as palavras na sua boca. Tinha a ver com a dignidade do que estava sendo feito, seu controle masculino sobre a obra. Ao passo que Guy, que fizera de si uma espécie de fábrica, uma vez tendo comprado aquela casa na cidade, na Twenty-Seventh Street, chamando-a de Hospício Holloway, chegando a assinar tudo com um 'hh' de impressão, *dependia* do acidental, da intervenção da imperfeição humana. Lembro-me, antes de ficar tão claro que ele não queria me ver no Hospício — e ele muito feliz com o bando de esquisitões e drogados ali reunidos — de tirar uma tarde longe das crianças e ajudá-lo com algumas serigrafias em acrílico; eu estava interessada em aprender o processo, não tinha encostado um pincel numa tela havia anos, não tinha feito nada a não ser um esboço em carvão das crianças dormindo e uma ou duas pinturas em guache da vista das janelas do apartamento. Em todo caso, lá no Hospício — Guy alegava que o nome queria dizer que a arte estava nas últimas, era lá que ela tinha ido para morrer — ele olhou meus resultados daquele seu jeito rápido, quase assustadoramente concentrado, e disse: 'Não, querida, você as fez perfeitas demais, precisa permitir um pouco de descuido. Olha aqui'. E lambuzou várias delas com o lado da mão, e, uma vez superado o choque, pude ver que estava melhor, o mecânico havia sido tocado pelo humano, o que aguçava toda a ideia de repetição, de um processo repetitivo. As imperfeições somos nós, tentando romper a casca. Quanto menor a imperfeição, de certa forma mais viva ela é. Ele deixou de inserir caixas de papelão rasgadas nas composições para duplicar as próprias caixas, da forma mais precisa possível, mas ainda assim é possível ver que foram feitas à mão. Não creio que seus auxiliares no Hospício compreendessem melhor do que eu por que fazer uma serigrafia de um parágrafo de jornal é apenas copiar, mas fazer todo um monte delas, dezesseis, todas sobrepostas de cereja ou turquesa, era uma obra de arte capaz de dizer algo numa parede de museu. Zack estava interessado apenas em expressar o que o pintor sentia, e Guy, mais no que o espectador via. À sua maneira era um teórico tão sofisticado quanto Bernie e Roger, mas nunca falava de teoria. Pelo menos para mim."

Hope sente que está tentando vender Guy para Kathryn como um digno sucessor de Zack, mas a outra não está comprando a ideia, alguma mácula ou pequenez em relação a Guy prende-se à sua mente, ao passo que Zack é todo glamour em tela grande. A voz da moça, agora enrouquecida com um toque raspado de catarro enquanto a sala esfria de tom com o escurecer cuspindo neve do dia lá fora, sugere que já ouviu demais a respeito de Bernie e Roger e teorias artísticas. "Você trouxe à tona o Hospício", ela diz em tom acusatório. "Havia um bocado de atividade com drogas associado ao pessoal que transava por lá, especialmente quando Guy começou a fazer filmes experimentais. Pelo menos um da equipe morreu de overdose de heroína, e uma atriz num dos seus filmes — impossível de se assistir, é claro; a brincadeira era essa, imagino — cometeu suicídio. Como você se sentia, enquanto tentava criar três filhos no Upper East Side, em relação a Guy saindo todo dia para o local de toda aquela loucura dos anos-sessenta-começo-dos-setenta?" Uma fungada concludente ressoa no seu nariz longo e entupido.

"Bem", diz Hope. Ela sente o sangue aquecer suas bochechas, seu sangue quacre subindo para protestar. "Nunca achei que um artista moderno pudesse ou devesse ser um membro pronto-para-uso da burguesia. A arte não tem lugar confortável na vida americana; o artista precisa estar fora do sistema. Mas Guy nunca foi um viciado. Não fumava cigarro e mal bebia. Mesmo na nossa pré-lua de mel na Costa Oeste, ele era comedido com a maconha; não queria pôr em risco nenhuma partícula do seu

cérebro, sabia desde a infância que precisava viver segundo seu juízo. E tinha, é claro, aquela belíssima habilidade de compartimentar. Como a maioria dos homens americanos, tinha uma vida profissional e uma vida doméstica. Nós éramos como a protegida e mimada família de um dono de oficina com péssimas condições de trabalho no século xix, que não trazia para casa detalhes feios. Ele passava uma noite comigo e os meninos assistindo *The Andy Griffith Show*, e depois punha um Schubert no hi-fi e jogava gamão comigo, e na manhã seguinte descia para onde alguns de seus parasitas pirados faziam uma suruba a três com as câmeras rodando. A sordidez não incomodava Guy, pois ele a via como parte da realidade urbana pela qual passamos diariamente. Tinha grande fé na sua capacidade de se manter puro, um transmissor puro, transformando tudo em arte. E fazia isso simplesmente dizendo que *era* arte. E sem jamais levantar a voz; era isto que mais me maravilhava nele, seu bom humor e gênio equilibrado. Com as crianças *ele*, acredite ou não, era um disciplinador calmo, eu era cabeça quente demais e tomava tudo que elas faziam como uma afronta pessoal. Quando Dot entrava no nosso quarto e nos acordava, apesar de termos lhe comprado um gato, era eu que — qual é a expressão? — 'ficava uma vara' e Guy era quem a tranquilizava e a levava delicadamente de volta para a cama. Ao mesmo tempo, alguns dos críticos da sua arte, que a esta altura já se sentiam à vontade com o expressionismo abstrato, justamente quando ele estava claramente morto, o denunciavam como um anticristo artístico, uma espécie de Rei do Desgoverno reciclando tudo que era crasso e estúpido na vida americana e iludindo os museus a exibir aquilo; Robert Hughes na *Time* era especialmente virulento. Era verdade, os diretores de museu gostavam do que ele fazia, aquilo combinava com tudo fora do museu pelo que as pessoas precisavam passar para chegar lá; conectava-se com a vida da rua. Conectava-se com a loja de presentes."

"Bem, você é certamente generosa ao falar de Guy."

"Ele foi generoso comigo. Mesmo no final, no acordo. Dinheiro era uma coisa que não o interessava, exceto sua real *aparência*; ele sempre disse que o dinheiro americano era o mais bem desenhado. Não tive de me casar com Jerome Chafetz por razões financeiras. Eu o fiz porque nós nos apaixonamos."

Kathryn produz o que soa para Hope como um suspiro pelo nariz, ligeiramente líquido. Pobre coitada, ela está lutando contra um resfriado e ainda tem uma longa viagem de carro de volta para a cidade pela frente. E ainda está aguardando para acompanhar esse amor do qual Hope fica se pavoneando. Algumas mulheres se apaixonam com facilidade e têm bebês com facilidade, e seus genes se derramam pelo futuro, tornando a espécie ainda mais romântica. E aí existe esse outro tipo de mulher, onde a coisa para. A entrevista deve estar chegando ao fim.

"Sua filha, Dorothy. A preferência sexual dela te chocou ou perturbou?"

Agora Hope dá um leve suspiro, voltando a cruzar as mãos sobre o colo depois de se balançar uma ou duas vezes, tentando pensar qual seria uma resposta honesta. Seu desgraçado amor pela filha lésbica forma dentro dela um pântano negro de tristeza que suas viagens interiores geralmente contornam. Ela empaca, ganha tempo. "Não, por que haveria?"

Sua primeira e única filha necessariamente negligenciada. Os meninos ainda eram pequenos, uma ameaça a si mesmos e um ao outro; ela punha o bebê para descansar no carrinho de vime no andar da sala de estar como um pacote endereçado a outra pessoa, e quando suas passadas apressadas diziam ao bebê que havia alguém por perto, a pequena Dot se remexia no seu casulo de cobertas com, assim parecia, puro prazer de estar compartilhando a terra com outra presença viva. Tomada nos braços de Hope, seu corpo morno e sólido tensionava-se e estremecia em sua indizível bem-aventurança particular, como uma canção que ela não podia evitar cantar; sugava avidamente, apertando e soltando um dos dedos da mãe numa mãozinha enrugada que agarrava com a maciez de uma erva-bezerra. Seu corpo aderia e se ajustava ao de Hope, o que não acontecera com o dos meninos, que resistiam e empurravam desde o início. Como

num espelho embaçado, seu próprio espírito se curvava sobre o sopro vital deste outro ser feminino, antecipando os jogos que compartilhariam, o retorno à sua própria infância, e ao mesmo tempo consignando Dot ao estoicismo de seu sexo, sentindo-se justificada em negligenciá-la durante esse intervalo, enquanto as exigências dos machos da família tinham precedência. Seus irmãos continuaram a superá-la, a gritar mais alto, a brilhar mais; ela e a mãe nunca tiveram realmente a união plena e sincera de espíritos, a abertura para a conspiração afetuosa que Hope antecipara. Em vez disso, bloqueios, estagnação. Quando ela levava a criança para passear no seu carrinho pela barulhenta área da Seventy-Ninth com o Parque, a avenida fabulosamente larga parecia uma imensa esteira deslocando-se ruidosamente com seus táxis amarelos rumo à barreira do edifício Pan Am, a trinta quarteirões de distância e, como uma esteira, essencialmente sem ir a lugar algum.

Kathryn não se dignou a responder. Está esperando que sua vítima elabore, que vá buscar outra pepita disforme no charco da memória. Qualquer coisa que Hope diga sobre Dorothy será gravada e possivelmente impressa, embora ela duvide que esta desajeitada, implacável interrogadora, sua substância espiritual tão densa e inflexível, venha a colocar impressa mais do que uma minúscula fração destas palavras gravadas nesse artigo que está escrevendo para, agora Hope se lembra do velho telefonema delas, uma revista “on-line” que existe apenas no ciberespaço.

“Ela herdou os claros olhos azuis ingleses de Guy”, Hope lhe diz, “ao passo que os meninos ficaram com minha turva cor de avelã, com variados tons de verde dependendo da cor de camisa que vestiam.”

“Ela era a preferida de Guy?”

“Quando bem pequena, sim. Mas aí, quando ficou mais velha, Guy parecia estar mais à vontade com os garotos. Era amigável e gostava de provocar Dot, mas também um pouco cauteloso com ela, temendo chegar perto demais de um mecanismo que não entendia. Era parte da personalidade dele, não querer entrar sem compreender, sem ser capaz de prever o resultado. Neste aspecto, era o oposto de Zack. Zack mergulhava de cabeça e aí ficava inquieto. Se Guy tivesse sido Zack, teria treinado assistentes para executar pinturas gotejadas até que os mercados, internacional e doméstico, estivessem saturados. Isto soa cínico — *não* generoso, né? — mas havia *parcimônia* nas inspirações de Guy, bem como abundância. A arte, que havia sido tão fervente e urgente e, sim, existencial, quando eu era jovem, tinha esfriado para virar ideias, uma de cada vez — eu já disse isso? O que não era Pop era Hard Edge, com suas transições abruptas, ou Color Field, com seu predomínio de cores. Vejas os quadros grandes de Bernie comparados com, ãh, Ad Reinhardt e Morris Lewis. O que aconteceu com a paixão de Bernie, aqueles céus gigantescos de pura cor, o enorme risco que ele correu? Virou um sabor de sorvete.”

Hope sabe que Kathryn não quer mais ouvir papo de pintura, mas espera distraí-la do tópico de sua filha. Kathryn não se distrai.

“Quantos anos você disse que Dorothy tinha quando Guy foi embora?”

“Bem, ele passou algum tempo indo embora. Passando mais e mais tempo no Hospício, indo a eventos em Tóquio e Veneza e no Rio que duravam semanas. Ao longo dos anos 1960 seus projetos foram se tornando grandiosos. Guy enamorou-se de letreiros e arranjou alguns artistas da área para lhe mostrar como fazer, e aí produziu aquelas coisas tão enormes que não passavam pelas portas e precisavam ser expostas nos pátios dos museus ou em velhas estações de trem abandonadas que eram cada vez mais comuns nos centros das cidades. E como se isso não fosse grandioso o bastante, ele se meteu a projetar monumentos públicos: um par de tesouras do tamanho da Torre Eiffel e tacos de beisebol enormes e borrachas de datilografia e prendedores de roupa, nenhum estado ou cidade podia efetivamente votar pela sua construção, embora alguns o tivessem feito, principalmente no Meio-Oeste, na esperança de dar um pouco de charme aos seus centros moribundos; mas, mesmo que nunca tenham sido construídos, geraram todos aqueles desenhos e plantas que valiam alguma coisa, é claro. Como digo, Guy não

desperdiçava quase nada.”

“Você ia me contar como se sentia em relação à preferência sexual de Dorothy.”

“Eu ia? Ou *não* ia lhe contar?”

Neste impasse, a face de Kathryn incandesce com a corrente obstruída; ela coloca uma mecha do seu cabelo liso atrás de uma orelha branca que não é, Hope percebe pela primeira vez, grudada no crânio, mas que tem forma de concha, como a de um menino na idade antes que a masculinidade adulta comece a preenche-lo. Mão ainda erguida, a entrevistadora curva-se para a frente para checar se o gravador ainda está murmurando.

“Desligue”, Hope diz, com agudo e súbito desespero. “Eu lhe conto se você desligar essa maquininha venenosa.”

Os olhos de Kathryn, escuros como ameixas ou tinteiros redondos cheios de tinta preta, lançam de sua fisionomia abatida um olhar assustado, desafiador, que mostra um crescente de branco sob cada íris. Os lábios separados começam a formular uma objeção.

Hope explica: “Não quero nada gravado que possa magoar a minha filha”.

A mulher mais jovem abafa o impulso filial de discutir e obedientemente estende o braço — um pedaço de um punho ossudo que sai de sua manga esticada — para desligar o gravador.

Hope balança a cadeira para trás e fala como a uma mulher da sua idade. “Guy e eu tínhamos assumido”, confidencia, “que uma filha nossa seria linda. Por que haveríamos de pensar uma coisa dessas? Porque éramos artistas, suponho, e merecíamos isso. Pensávamos em nós mesmos como — qual é mesmo aquela palavra antiga? — graciosos. Imaginava que a soma de suave, desengonçado, organizado, atrevido e arredondado produziria naturalmente uma mulher alta, elegante, feminina.” Pela sua mente passa desconfortavelmente que Kathryn podia ser considerada alta e elegante. “Em vez disso”, ela continua, “Dot tinha aqueles problemas de pele que mencionei, e cabelo preto áspero e sobrancelhas que praticamente se juntavam no meio e, além disso, uma expressão teimosa, um muxoxo. Ela nunca passou da minha altura, e os olhos azul-claros de Guy pareciam ter invadido seu rosto, vindos de algum outro planeta.”

“Mesmo assim, sabe”, Kathryn surpreendentemente se oferece, como se sua língua, também, tivesse sido libertada por ter desligado o gravador, “a face não é só um inventário de seus traços; se a mulher tem espírito e uma atitude positiva, e usa maquiagem de forma vantajosa...”

“Dot recusava-se a usar maquiagem. Ela a via como uma espécie de hipocrisia. Ou então achava que no seu caso era inútil, depois das marcas na pele. A triste ironia é que se ela tivesse nascido dez anos depois teria havido um remédio, Accutane, que fez maravilhas para o neto de um sócio de Jerry, um garoto que agora tem uma pele de anjo. Mas para Dot...”

“Mesmo assim, é só um defeito superficial.”

“Fácil de dizer para os não defeituosos. A maior parte do que vemos é superficial. Fiquei agoniada o tempo todo que ela cresceu, depois que Guy se foi, aquela menina sem pai, infeliz, detestando o que via no espelho, e ela sentia isso, a minha culpa, é claro — quando uma pessoa está implorando para ser culpada, tendemos a satisfazê-la. Todo o meu passado — minha vivacidade, vamos chamá-la assim — a ofendia. Ela me chamava de pessoa tola, patética, que a vida toda me dedicara a atrair homens, e para me irritar, suponho, insistia em manter uma relação com Guy, até estes últimos anos, quando ficou impossível comunicar-se com ele, com aquela bela mente dele...” Hope se dá conta de que está divagando, ladeando as bordas cobertas de junco do charco na sua cabeça. “Oh, querida”, ela diz. “Relacionamentos são tão tristes, não são?”

Kathryn não se dá ao trabalho de concordar; ela segue pressionando, míope. Aquela estranheza líquida, pendular, em seus olhos, seriam lentes de contato? “Quando foi que Dorothy anunciou sua

orientação sexual para você? Quando foi que ficou aparente?”

De repente Hope está entediada, um tédio gelado que penetra na sua alma até seu negro nervo de morte. “Ela se tornou ativa — flagrantemente, de cabelo curto e jaquetas de homem e assim por diante — em Stanford; não penso que ela tenha começado a praticar em Brearley, ela odiava tanto aquelas moças loiras ricas, ou dizia que odiava, mas a primeira companhia significativa que ela trouxe da Califórnia, na verdade, foi uma encantadora loira alta, o estado está cheio delas, surfistas queimadas de sol; acho que a moça era de La Jolla, uma princesa da Park Avenue estilo Los Angeles, um bronzeado cor de mel, olhos cinzentos de ardósia, uma adorável ignorância total de qualquer coisa cultural... eu mesma fiquei muito atraída por ela, Marcy era seu nome, isso não foi muito depois de Jerry me salvar de uma certa promiscuidade experimental, suponho que por raiva de Guy; ainda está na moda pensar que tudo que fazemos é por causa da raiva? Dot também estava ficando bronzeada e isso resolveu a questão da sua pele, pois havia marcas, mas elas se encaixavam com sua aparência invocada, um tipo ameaçador com um matagal de cabelos que ela tinha criado, uma versão do ‘negro é lindo’, suponho; ela parecia *chicana*, exceto pelo estilo de conversa inteligente e rápida que herdara de Guy; ela não tinha nada do meu jeito desconexo, tremido, de tatear rumo ao fim do túnel — para dizer a verdade, Kathryn, eu voltei a me apaixonar por ela, minha pequena, nervosa e apegada Dot, com aquela nova e formidável persona dura. Ela foi dura comigo, com certeza. Me acusou de seduzir Guy e afastá-lo da sua verdadeira orientação, o que tive muita dificuldade de levar a sério, uma vez que a esta altura ele já tinha se casado novamente, com Gretchen, aquela treinadora de cavalos de Connecticut. Dot dizia que Gretchen, que era magra e rija, parecendo um jóquei, era simplesmente um menino que por acaso tinha xoxota, de modo que não havia como vencê-la em sua nova militância. Quando ela se graduou, considerou que casar-me com Jerry era vender-me tão completamente ao capitalismo que não queria ter mais nada comigo e, para confessar algo realmente horrível, foi uma espécie de alívio, foi como na época em que era pequena e voltava para a cama.”

“Como você reagiu à acusação de sedução? Posso voltar a ligar o gravador?”

“Oh, vá em frente. Não suponho que algo tenha importância; exceto para os nossos filhos, estamos basicamente mortos.”

O clique do pequeno Sony cinza e o murmúrio que soa como um zumbido no ouvido de Hope provocam uma alteração na atmosfera da sala. A mobília de madeira, as luminárias de cerâmica com suas cúpulas xadrez descoradas, as cortinas de chintz com estampas de rosas puxando para o marrom desbotadas, as janelas de vidraças finas, tudo parece um tanto mais frágil e quebradiço. Ela mora nesta casa há tanto tempo que deixou de vê-la e, com a ajuda dos olhos desta moça, agora enxerga que a casa está à espera, tapetes, cortinas e papagaios de cerâmica trazidos de uma viagem que ela e Guy fizeram ao México perto do fim do casamento, à espera da purga e renovação que se seguirá a sua morte. Paul, Piet e Dorothy virão juntos, formais entre si no começo, mas rapidamente cairão nos padrões da infância; bens serão espalhados e vendidos, pouco haverá que queiram guardar, suas pinturas em andamento serão despachadas para o *marchand*, os filhos ficarão tristes de ver quão esparso, ao ser segurado contra a luz, é o resíduo da vida. Ela estará além da culpa e do amor. A quietude quacre será seu refúgio e recompensa. Sua doutrinação religiosa da infância não incluiu um pós-vida vívido — em vez disso, uma pureza de ausência, liberdade de qualquer distração de criatura. Além das frágeis e arqueadas janelas, a neve parou de ser cuspida contra o ameaçador azul-preto acima da Camels Hump — a Corcova do Camelo. Sobre as árvores despidas e os arbustos sempre verdes e a grama marrom assentou-se o lustro gorduroso, aquela excitante gravidez do ar que precede a chuva.

Ela estremece, tentando sacudir sua premonição de morte, sua punhalada de tédio. “Pela sua própria experiência, Kathryn, uma pessoa pode seduzir outra? Ou será que as duas pessoas dão sinais — cercam-

se de auras atômicas — que as aproximam? As pessoas são atraídas entre si pelo instinto de que suas vidas podem se beneficiar disso, de que haverá — como é que os físicos dizem? — um ganho líquido de ordem. Guy tinha um tipo neutro de alma que era atraído para a minha energia positiva e, é claro, foi estimulado pela minha ligação com Zack que, uma vez morto, irradiou todo seu *pathos* e antipatia e se tornou, o — o quê? — o Espírito Santo da arte americana do pós-guerra. Guy se divertiu em subverter tudo que Zack e os outros consideravam sagrado e, de quebra, pegou sua esposa. Gostava — será que ouso dizer isso? — das artimanhas sexuais que eu havia desenvolvido para excitar Zack; nenhum dos dois era fácil de excitar, ficavam deitados me assistindo fazer tudo, e, conforme o nosso gênero adaptável, eu acabei gostando de fazer tudo, tê-los assistindo, fazer acontecer apesar deles. Depois de Zack fiquei terrivelmente atraída pela ausência de autodestrutividade de Guy. Aquela criatividade infantil, brilhante, que nenhum crítico — nem Clem, nem Hughes, nem Hilton Kramer — podia ignorar: ela simplesmente fluía, ideia após ideia, uma ideia depois da outra na qual ninguém jamais havia pensado, durante todos os anos 1960 e início dos 1970, até apenas um ou dois anos antes de ele me deixar, quando seu trabalho ficou grandioso e perdeu sua modéstia pop. Aquela modéstia era aquilo a que as pessoas reagiam, abrira toda aquela arte heroica hermética e autorreferente dos anos 1940-1950 para o mundo real ao nosso redor. A arte de Guy era carinhosa com o lixo, era carinhosa com o país tal como era: sujo, comercial e visualmente violento; Guy era estrangeiro o suficiente, alheio o suficiente, para amar os Estados Unidos. Ou essa era minha impressão. E parecia nunca se afligir; fazia tudo parecer fácil."

Kathryn indaga: "Quanto do seu próprio trabalho você produziu nesse período feliz?".

"Ai, essa doeu: aquele 'período feliz'. Como você sabe muito bem, não produzi muito. Bem no começo havia aquelas crianças pequenas que, mesmo com a equipe que podíamos nos dar ao luxo de ter, tomavam toda minha energia, e na época em que passei a ter *sim* algum tempo, o clima artístico havia mudado tanto que a abstração e tudo que Hochmann tinha ensinado pareciam ingênuos e, para usar a minha nova palavra favorita, grandioso. Agora havia uma ironia que cortava a base de tudo, com ou sem Vietnã, exatamente como Duchamp, Ernst e Breton tinham cortado a base de tudo quando me mudei para Nova York, e eu não era boa em ironia. Talvez as mulheres como regra — o que *você* acha? — não sejam boas em ironia, o que importa para nós importa com absoluta sinceridade, nós não temos o luxo de nos distanciar. É preciso uma força masculina para zombar e amar ao mesmo tempo. A única mulher capaz de fazer Pop era Marisol, e ela tinha aquela coisa latino-americana de entalhe popular que lhe permitiu uma forma de entrar. Ela era escultora. Eu queria *tinta*, uma tinta que saía fluida e aí endurecia e não podia mais ser movida de um lado a outro. Era esta a minha ideia de arte."

Kathryn hesita antes de fazer a próxima pergunta, então deve ser pesada. "Guy deu algum motivo para deixar você?"

"Os homens precisam dar motivo? Eles simplesmente seguem adiante, como búfalos. A certa altura, segundo me lembro, ele admitiu que eu o chateava."

Ele tinha dito: "Não seja chata, Hope. Não fique propondo isto e aquilo como cura. Não tem cura".

"Por que não, Guy, por que não?" Ela estava agitada se erguendo contra ele numa fina camisola de seda e podia sentir seus seios balançando expostos ao ar; abandonara qualquer ideia de dignidade ou vergonha.

"Por favor, querida, não me dê uma dor de cabeça. Ultimamente tenho tido essas dores de cabeça, são assustadoras. A sua vida vai continuar como antes. Você terá o apartamento e as crianças e um monte de dinheiro, só não vai me ver muito. Pode começar a namorar outras pessoas."

"Estou com cinquenta e três anos, seu idiota complacente! Essa parte da minha vida acabou, não quero namorar ninguém a não ser você, você, *você*, seu filho da mãe!" Mesmo na ocasião ela se

perguntou por que estourou em lágrimas com a ideia da sua ausência; na verdade ele já vinha estando cada vez mais ausente durante anos.

Hope diz a Kathryn: “Ele me ridicularizava por tentar achar uma solução. Eu tinha proposto que fôssemos embora da cidade — pessoas existiam, em rebanhos; na época as cidades estavam horrorosas por causa das drogas e não havia taxas que bastassem para as escolas e serviços, tinha lixo por toda parte — e mantivéssemos um apartamento menor ali, ou fizéssemos um apartamento para nós e as crianças, para quando viessem de visita, no andar superior da casa de pedra em Chelsea que abrigava o Hospício. Rá! A última coisa que Guy queria era eu ali no Hospício. Pensei que podíamos manter um apartamento pequeno e nos mudar para uma fazenda em Connecticut que ele tinha comprado como lugar para investir seu dinheiro; naquele tempo os imóveis eram uma aposta muito melhor do que o mercado de ações, que as pessoas esquecem não ter levado a lugar algum durante uma década inteira e que estava como agora, exaurido. E uma vez que tínhamos as terras, para lá de New Milford, outra aposta segura, Guy pensou, e aqui pode ser que o seu cérebro já estivesse começando a amolecer, ele estava investindo em cavalos, e foi assim que Gretchen entrou na nossa vida, como amazona. Pensando bem, o que ele disse dela, praticamente da primeira vez que ouvi falar dela, foi que ela era durona feito um garoto, de tanto montar a cavalo. Quando ele me deixou, tudo já tinha vindo à tona, ele não se dava mais ao trabalho de negar, eu estava tão desesperada, Kathryn, que implorei para que ele ficasse com ela, continuasse dormindo com ela, mas que não abandonasse a mim e as crianças.”

“Como vinha sendo o sexo entre vocês dois?” Novamente sexo, Hope pensou. Fora erro dela tocar no assunto; agora a moça não soltava mais o osso.

“Eu pensava que estava bastante bem”, Hope diz, levantando o queixo, “mas talvez não estivesse prestando atenção suficiente. Guy nunca foi um grande produtor de sexo, como Ruk tinha sido, ou Jerry. Jerry simplesmente vivia para o sexo; ele bufava, gritava, queria ter sexo todo dia. Todo dia, velhos como éramos. Guy e eu fazíamos, sei lá, menos de uma vez por semana, talvez duas vezes por mês, quando voltávamos de uma inauguração meio altos com a champanhe servida em copos plásticos, e a noite ainda à nossa frente, mas não o bastante para Guy fazer algo na escrivaninha ou na prancheta; geralmente, ele era muito eficiente com seu tempo. Os garotos estavam fora, em Putney, e Dot ficava no seu quarto ouvindo suas fitas. Ela demonstrava menos emoção do que em cinco anos antes, quando os Beatles estouraram. Guy ficava me dizendo como não faria diferença para ninguém, exceto para mim por algum tempo, mas eu acabaria superando, acharia uma fase nova. Ele pensava em termos de fases. E, é claro, num certo sentido tinha razão. Ele, Guy, raramente se enganava.”

E ainda assim, no olho mental de Hope, chorava com ela quando ela chorava. Seus frios olhos azuis produziam lágrimas que escorriam por sua face ainda lisa. Abraçava-a forte, seus dois seios quentes, e murmurava: “Eu sinto muito, Mickey. Sinto muito que as coisas acabem. A vida é podre.”

“Mickey” era um apelido carinhoso que restou dos primeiros tempos de namoro, quando ela ainda era a viúva McCoy. Ele achava que combinava com ela mais que “Hope”. Ele evitava a franqueza do seu nome real, sua ávida entrega de si mesma. As lágrimas que vertiam no fim do trecho de estrada comum a ambos eram genuínas, ainda que mera formalidade, uma taxa que se pagava antes de seguir adiante. Sua mente estava sempre ativa, sempre à frente dela, à frente do rebanho. Recordando-se de como Guy se tornara escorregadio para ela, deslizando polidamente para longe, ela se pergunta se sua filha não estava certa: Hope o seduzira, os dois ficarem juntos fora mais ideia sua do que dele, mais uma artimanha sua do que desejo dele. No calor de um homem novo, o instinto feminino nos guia para extremos que, em outras circunstâncias, estariam fora dos limites. Ela o chupava, ele ajoelhado, escarranchando sua face, sobre o sofá marrom esgarçado no seu loft na Pearl Street, um sofá que parecia mais uma peça de refugo de rua, e aí lhe mostrava seu sêmen claro dentro da boca, exibido sobre sua língua arqueada como uma

pequena obra-prima tachista antes de engoli-lo ou cuspi-lo de volta no seu pau ainda firme; mesmo seu pau era macio, pouco marcado pelas cristas e veias grosseiras que outros homens tinham, era como um consolo de marfim ou a ereção naquela obra-prima de Marisol com o isqueiro.

Seu avô costumava citar, com seu jeito brincalhão: "*Ninguém zomba de Deus; para tudo que o homem semeia, há também uma colheita*". Uma mulher também colhe. A sedutora que se torna esposa é substituída pela próxima. Contudo, Guy não fora basicamente uma questão de sexo, seu poder era pré-sexual, seu frescor, sua arte nunca foi mais linda do que quando era infantil — pirulitos gigantes e fatias de bolo em camadas elaboradas em vinil, costuradas entre si pelos escravos no Hospício, recheadas de paina, dez vezes o tamanho natural, ou então aparelhos como telefones públicos montados juntos em tela e deixados pendurados, balançando nas paredes do museu como a pele de Mársias, ou letras enormes do alfabeto fundidas em bronze como homens a cavalo, ou fardos de dinheiro de brinquedo solenemente expostos.

"O filho da mãe me dispensou", Hope diz a Kathryn, não querendo contar-lhe sobre as lágrimas que haviam compartilhado nem do sêmen que bochechara com a boca aberta para que ele pudesse ver com um lampejo de nojo que a fez lembrar-se de Bernie, "me deixando com uma pilha do seu dinheiro e três crianças já um pouco crescidas. Lá estava eu. Olhando para cima, para aquela face astuta, pesarosa, amigável, perfeitamente opaca, tive aquela sensação de pânico — tenho certeza de que você já a teve — na qual a gente se pergunta: 'Será que realmente conheço este homem? Será que alguma vez o conheci? Será que fui *alguma coisa* para ele?'."

O que ela não pode partilhar, porque a envergonha profundamente, é a imagem em retrospecto do seu corpo de cinquenta e três anos em suas poses de fúria e súplica, implorando a Guy que não fosse embora, propondo-lhe um casamento aberto, residências separadas, personalidade reformada, subserviência intensificada: uma atriz sob os holofotes, de aparência pequena, o palco mudando do apartamento na East Side, com sua mobília geométrica e espelhos para aumentar o espaço, para a casa da fazenda em Connecticut, com suas cercas brancas e estábulos vermelhos e varanda com colunas e a modelagem do teto com temas gregos no hall de entrada. As luzes da ribalta são intensas demais a ponto de lançar o débil brilho das lágrimas autênticas da atriz até os assentos do fundo do balcão, enquanto ela se contorce em adulações servis sob a garra invisível da humilhação, mais uma vez rejeitada por um homem que no fim não ama mais nada além de sua arte, cuja personalidade é apenas uma concha acetinada protegendo o artista, o ambicioso imortal, eternamente jovem aos cinquenta anos.

"Foi como lidar com uma criança", ela conta a Kathryn, "mas isso me fez perceber como eu também estava sendo infantil, que crianças necessitadas nós ainda somos em qualquer idade. Eu tinha aquela sensação", ela continua, "de Dorothy me escutando às escondidas e me julgando; eu estava perdendo seu pai, seu único pai. Ela não tinha o vocabulário para todos os julgamentos e rejeições posteriores de mim, da minha patética feminilidade orientada para machos *et cetera*, e não creio que ela tenha alguma vez percebido o quanto do meu pesar tinha a ver com não falhar com ela, com ela e os meninos."

"Os meninos, você não fala muito dos meninos."

"Eles eram mais velhos que Dot. Paul uma vez me disse que ficou surpreso de não ter acontecido muito antes, papai era um cara tão frio e distante. Os meninos estavam fora, em Putney, e no verão Guy os levava a Connecticut, ali com a durona Gretchen, e em viagens à Europa, que é mais do que ele frequentemente fazia comigo, pois ele não gostava de voar sobre o mar, costumava dizer; afirmava que aumentava suas ansiedades se eu fosse com ele a grandes exposições em Veneza ou Bruxelas, eram puro negócio, como um mercado de carne, e ele voltava para casa o mais depressa que podia; dizia que precisava viver na América, saber o que estava passando na televisão e o que havia nas lojas, a Europa desligava sua sensibilidade, a arte deles era como suas maneiras: arrogante, um *kitsch* metido a besta,

era o que dizia; carecia de um senso de crise. Se não tivesse sido meio inglês, não creio que ele teria nos visto — os americanos — tão divertidos assim. Os garotos adoravam o pai, é claro, embora o grau de sua fama os tenha tornado cautelosos quando atingiram certa idade para captá-la, e eles dividiam aquele, sei lá o que é, silêncio masculino. Talvez seja por isso que eu goste tanto dos homens: eles conseguem segurar a língua, ao contrário de mim. Oh, querida, não paro de olhar pela janela para ver se já está escuro, e ainda não escureceu, é primavera e os dias estão ficando mais longos, atrás das nuvens."

"Paul e Piet estão ambos na área financeira. Em investimentos."

"Sim, não é surpreendente? Um dirige um fundo mútuo e o outro trabalha em f e a, como dizem, fusões e aquisições, esqueço quem faz o quê. Ambos ganham mais dinheiro do que consigo imaginar, eles tentam me ocultar isso, mas eu posso ver pela forma e pelo lugar onde vivem e como as esposas deles gastam. Guy era sagaz com o dinheiro e tinha aquele fascínio estético pelas notas de dólares, então não é de todo surpresa. Os garotos tiveram o maravilhoso bom senso de se dirigir para longe da arte; eles têm as coisas mais vulgares possíveis nas suas casas, inteiramente do gosto das esposas e dos decoradores; Guy costumava se queixar disso antes de ficar tão gagá, mas penso que ele tinha um secreto prazer de ver que eles tinham se tornado tão práticos. *Ele* era prático, suponho que eu esteja repetindo isso. Estou incomodada por uma sensação de que há algo em relação a Guy que não consegui dizer. É difícil ser clara acerca de um homem que te chutou. Até agora os críticos ainda o desdenham como um peso-leve, mas ele não era; como Dürer e Leonardo, tentava melhorar nosso controle sobre o real, era o último dos moicanos, de certa forma, do pré-pós-moderno, quando era necessário ser leve, quando a leveza era a única alternativa a afundar, afundar como Zack e Seamus e Phil afundaram, o único meio de manter uma identidade à tona, pós-moderna, pós-Deus, pós-seriedade, realmente. Quando Nixon pôs fim ao recrutamento e aí renunciou, essas foram as últimas coisas sérias que o povo americano *sentiu* como sérias, antes de os noticiários virarem puro entretenimento."

"E Dorothy? O que ela faz?"

"Pobre coitada, ela permaneceu na arte, bicando pelas bordas. Trabalha em roteiros de filmes que *quase* são produzidos, trabalhou numa galeria de San Francisco até que esta foi à falência, escreve poemas publicados em revistas lésbicas. Como eu disse, nós não nos comunicamos, ela mora lá em Marin County, onde os anos 1960 nunca morreram realmente, com uma mulher holandesa, a coisa verdadeira, não algo há muito transplantado dos Ouderkirk, mas a coisa de verdade, direto da Holanda; elas se conheceram em alguma conferência ou protesto na Costa Oeste, para salvar as sequoias ou o salmão ou as focas ou o peixinho *snail darter*; quando visitei Paul em Brooklyn Heights da última vez, vi no seu quadro de avisos uma foto das duas que Dot tinha lhe mandado no Natal. O cabelo de Dot estava branco como a neve, ainda não tem nem quarenta anos e está branco como um dente-de-leão, cortado curto para ficar todo eriçado e possivelmente tingido; algumas mulheres quando ficam meio grisalhas tingem tudo de vez, a vaidade não as deixa tingir de volta como era, então fazem afirmação na direção oposta, mas não penso que Dot faria isso. Suas sobrancelhas ainda estavam escuras, escuras e largas acima daqueles olhos claros, frios de Guy, e ela ainda tinha aquela aparência atarracada de um vaso de cerâmica, suas marcas na cara como um erro na queima do barro, mas o olhar no rosto despachado e briguento, minha querida e pequena Dot, uma sapatão de cabelo branco. A namorada dela tinha um sorriso cheio de dentes e parecia grotescamente alta, pelo menos um e oitenta, que não é o que se pensa dos holandeses, certamente não os Ouderkirk. Éramos todos do lado compacto." Ela toca levemente as lágrimas na face com o dedo médio, com certeza resquícios evidentes do dia que Guy partiu.

Kathryn limpa a garganta, a moça está ficando com sede, e pergunta: "Alguma vez lhe ocorreu que o silêncio de Dot é um jeito de ser gentil com você, já que você a enxerga como um fracasso? Que ela te envergonha?"

“Mas ela não me envergonha, *não mesmo*. Eu a amo. Eu a amo mais que...” Não, isto seria duro demais com os garotos, que agora a aturam, como seus irmãos um dia a aturaram, e terão de lidar com ela quando der o próximo passo morro abaixo e não puder mais se aguentar aqui, onde Jerry a deixou. Para fugir à escolha, ela vira a cabeça e pelas finas vidraças examina o céu. Ele parece o lado inferior de alguma coisa, transformou-se em rolos de nimbos, recifes num oceano de cabeça para baixo. Todavia o céu contém luz suficiente para fazer suas pupilas se retraírem. No leste, tufos brancos carregam rapidamente uma grisalha mosqueada. A corcova distante das montanhas se franze numa mancha de sombra. Hope fala como se abrisse o caminho, palavra por palavra. “Penso que ela pode ter tido razão em me acusar de viver a minha vida em termos de homens. Mas o mundo da arte na época *era* quase todo masculino; eram os homens que tinham excesso de energia, o instinto para a batalha. É terrivelmente apolítico confessar isto a você, mas as mulheres artistas sempre me deram a impressão de penetras, fossem elas gentis donzelas, como Cassatt, ou vagabundas e modelos como Valadon, a quem algum homem como Degas dava pincéis e tapinhas na cabeça. O que mais nos lembramos de Valadon? Que foi mãe de Utrillo e conseguiu cuidar dele ao longo do alcoolismo, de modo que conseguiu viver até os setenta anos. Eu odeio a mim mesma por dizer isto — são as minhas colegas, minhas irmãs boêmias, muito mais divertidas que os homens, mais perceptivas e trabalham duro; uma das minhas tias solteironas costumava fazer encantadoras aquarelas de amores-perfeitos e do vale de Brandywine — mas as mulheres não chegam ao topo; são tímidas e respeitosas demais, o que é bastante compreensível, e são facilmente distraídas, mais uma vez algo compreensível. Eu adorava Grace Hartigan, ela foi minha exata contemporânea, *tão* confiante, *tão* sem medo da cor, mas mesmo *ela* não conseguiu se soltar e entregar-se à abstração total, não conseguiu pousar *só um pouquinho* no cenário ao seu redor, pelos seus títulos e pelos furtivos pedacinhos fofos de alusão pictórica. Não conseguia pintar simplesmente a partir do nada, a partir de si mesma, só um homem ousaria fazer isso. E todas essas muito divulgadas mulheres artistas dos últimos trinta anos, o que elas vêm dizendo a não ser ‘eu tenho uma boceta’? Bem, todo mundo sabia que elas tinham bocetas. Outras mulheres sabiam, *eu* sabia, e a novidade se torna rapidamente enfadonha. Os homens são os únicos que ficam excitados com essa informação, então estamos de novo aí. Mostrando-nos para os homens. Mas isso é tão ruim assim? Não é saudável e frutífero?” *Pelos seus frutos os conhecereis* era outro dito frequente do seu avô. E *morno eu te vomito*, ele dizia mais comumente quando tomava sua segunda xícara de café matinal. Hope sente o rosto quente, com aquele desejo de agradar, de advogar, que ilustra o seu próprio ponto, a fraqueza feminina.

Os olhos escuros e pesados de Kathryn se baixam para seu longo colo preto, estudando o maço de notas preparadas em linhas impressas a laser. “Você recomeçou a pintar”, ela diz, “um pouco antes de Guy te deixar em 1975.”

“Sim, comecei. Os meninos estavam aqui em Vermont e Dot ficava o dia todo fora, em Brearley, e Guy, lá no Hospício com seus fazedores de travessuras, então montei minhas tintas no que tinha sido um quartinho de empregada. Sua única janela dava para um prédio bege sombrio junto ao Park. A curiosa loucura de pessoas vivendo vidas diferentes por trás de todos aqueles apartamentos e terraços idênticos — foi o que me levou, suponho, pela primeira vez, para as grades reticuladas, padrões totalmente regulares. A Op Art tinha vindo e ido embora nos anos 1960, e todas suas estrelas tinham sido estrangeiros — Vasarely, Soto, Riley —, mas ainda havia nela algo para mim, algo muito americano e dominical: as calçadas numa cidade pequena, os jardins da frente sem muita coisa neles, um vazio calmo e todavia cheio de abundância americana. Você vê isso em Sheeler, em Grant Wood. Eu adorava aquela *quietude* de pintar cuidadosamente padrões horizontais, as cores suficientemente próximas para que nada óbvio saltasse para o espectador, nada anedótico. No começo tentei inserir coisas, pequenas variações, soluços nas listras, mas para mim davam a sensação de impuras. ‘Pintura invisível’, alguns críticos

chamaram uma exposição de uma sala que Leo montou para mim, nada gentilmente. Mas eu tinha de evitar a cor forte por medo de que as pessoas me comparassem a Zack, quando já estava casada com Guy. Em deferência a Guy, primeiro introduzi pedacinhos de letreiros ou setas para dar um toque pop, mas isso não o agradou. Ele achou que o que eu estava fazendo parecia tricô, e talvez tenha o ajudado a se desligar." Hope ri. "Ele dizia que lhe dava arrepios me ver preencher todos aqueles minúsculos espaços."

Kathryn diz: "Não creio que Bridget Riley se encaixe na sua descrição de mulheres artistas. Ela ainda está forte, também."

"Não, creio que não. E sim, ela está. Eu admiro Riley, é claro. Mencionei Marisol. Cassatt na melhor forma me parte o coração — aqueles pequeninos pés quadrados sendo banhados com tanta solenidade, as listras no roupão de banho da mulher. Você não deveria usar minhas palavras contra mim; elas são uma tentativa de descrever a minha própria autodesconfiança e de responder à minha filha, cujas acusações ainda não cicatrizaram."

"Será que eu te lembro", Kathryn indaga, erguendo os olhos do caderno de modo que novamente o branco reluz na penumbra, "a sua filha?"

"Não. Bem, de certa maneira. Vocês duas têm — tinham — cabelo escuro muito encorpado. Vocês duas me colocam na defensiva. Mas você", ela não quer dizer é linda, "me dá uma sensação de bem-sucedida, ou a caminho de sê-lo, ao passo que ainda vejo Dorothy em termos da garotinha implorando para a deixarmos subir na nossa cama e, mais tarde, implorando para ter um rosto limpo."

"É possível que ela não se veja absolutamente dessa forma. Nas fotografias que vi dela, antes de o cabelo ficar branco como você descreve, ela tem um ar triunfal. E bastante atraente."

"É gentileza sua dizer isso."

Ser acusada de gentileza deixa Kathryn desconfortável. Hope passou dos limites, como tantas vezes em sua vida com os homens, presumindo uma intimidade que não havia sido ainda bem estabelecida. Ela tem consciência de uma dor nas mãos, nas articulações superiores da mão direita, na base das unhas. O corpo, atacado por si mesmo, emite um grito secreto. Ela dobra essa mão dentro da esquerda, para mitigar a dor. Kathryn inclina-se para a frente a fim de checar o preocupante Sony, o aparelho parado sorvendo o silêncio com um zumbido, e folheia as seis ou sete folhas de notas e perguntas. "*Eu* sei", Hope diz animada, naquilo que percebe como uma calmaria. "Está prestes a chover; vamos até o quintal dar uma esticada nas pernas. Você ainda não olhou a vista. Aí tomaremos chá ou café, se você se dispuser a tomar um instantâneo, e talvez a gente belisque alguma coisa, pois você não pode guiar todo o caminho de volta para Nova York de barriga vazia. Eu costumava ser capaz de comer apenas nas refeições", ela prossegue, amolecendo a firmeza da proposta, borrando as arestas, "banquete ou penúria, mas à medida que a gente envelhece o estômago deve encolher, porque acabei pegando a mania de mordiscar o tempo todo, como as vacas no pasto, e agora fico enjoada quando me aparece uma refeição completa, por isso vivo me esquivando dos jantares de premiação. Algumas noites eu nem me dou ao trabalho de esquentar uma sopa, simplesmente misturo as frutinhas e nozes que tenho na geladeira numa vasilha com um pouco de leite e como enquanto assisto ao noticiário. Aqui só pega um canal sem um daqueles horrorosos pratos de satélite, eles me fazem tão mal à vista quanto ter carros parados no pátio da frente com seus pneus de faixa branca; assisto ao Dan Raher, mal consigo entender sua voz de trovão, dependendo da recepção nessa noite. E tantas vezes ele tem a aparência de como eu me sinto, uma velha petulante. Raramente assisto até o fim, os comerciais são tão insultantes, tudo falando de pílulas de ferro e remédios para hemorroidas e fraldas para incontinência, só mostra quão pouco os jovens se importam com as notícias; geralmente estou lá em cima e de camisola antes das oito."

Teria tudo isto sido apenas para insinuar que estava ficando tarde? Hope sente uma leve tontura com

esse dispêndio de fôlego, mas ela quer tanto comunicar-se com essa jovem opaca, bastante rejeitadora, que lhe diz: “Sinceramente, não preciso de nada para comer ou beber. Você já foi generosa demais. Nunca tive a intenção... só tenho mais umas poucas perguntas.”

“Mas estou incomodada pelo medo — pelo *terror*, Kathryn — de não ter absolutamente respondido às suas perguntas, *nada*, *nada*, como diz o poema. Por favor. Vamos fazer uma pausa. Já passa das quatro.”

É o que dizem os ponteiros finíssimos do relógio dourado sobre o console da lareira. Piet, seu filho do meio, havia tido dificuldade em captar o princípio dos relógios, e na verdade, se ela tentasse, não era tão fácil de explicar, o ponteiro grande movendo-se ao longo de doze horas enquanto o ponteiro pequeno movia-se apenas ao longo de uma, e por que doze horas se o dia tinha vinte e quatro? O *pathos* da perplexidade do menino permaneceu na sua mente durante anos após aquele impreciso momento — podia ter ocorrido na escola, ou talvez Brenda ou Josie tivessem tido sucesso em lhe explicar — quando o artifício se encaixou no lugar e o menino foi selado com o conhecimento de como dizer as horas, de maneira que quarenta anos mais tarde ele não se atrasasse para os compromissos com clientes multimilionários que queriam fundir e adquirir. Talvez tivesse herdado dela seu bloqueio mental: apesar de ter tomado anos de aulas de piano, numa época em que recatados talentos artísticos ainda faziam parte do equipamento feminino para caçar um marido, a clave dos baixos manteve-se uma charada para ela; quando, para entreter seus netos, ela tenta tirar no piano uma cantiga de Natal ou um hino de Páscoa, precisa fazer pensar os dedos da mão esquerda, *All Cows Eat Grass* [Todas as Vacas Comem Grama], a c e g, um constante e deprimente lembrete, deprimente em contraste com a reluzente clareza da clave superior, f a c e. Como ela ficava brava quando seus dedinhos gordos não conseguiam alcançar a oitava que o grande livro amarelo de música — arranjos supostamente *para crianças* — exigia. Não era *justo*.

“Venha!”, ela grita para Kathryn, estendendo-lhe a mão. “Você *precisa* sair ao ar livre. Ponha de lado essas lúgubres folhas de perguntas que nos fazem lembrar de tudo que logo esqueceremos.” Embora sua mão permaneça alguns segundos no ar, a convidada não a segura e, em vez disso, usa suas próprias mãos — brancas, compridas, operárias, eroticamente carregadas de intenção séria incongruente com suas unhas negras (ou seriam de um roxo escuro, cor de berinjela?) — para desligar o Sony e depositar suas páginas de anotações arrumadas sobre o baú, depois de equilibrá-las sobre o largo braço da cadeira, pois, tendo pensado melhor, o ato de levantar, mesmo que executado cuidadosamente, em três quartos de volta se desenrolando de um lado da larga almofada xadrez, poderia atingir as páginas e espalhá-las pelo chão. Hope já se levantou da cadeira de balanço, sentindo-se por fim libertada, certa de que seus deveres para com essa pessoa desajeitada estão quase no fim. “Primeiro”, ela praticamente canta, “deixe-me pôr água para o chá, para tomarmos assim que voltarmos para cá. Vamos sair só um pouquinho. Sei que você está pensando na hora.”

“Não, não estava”, diz Kathryn, mas com hesitação.

Descuidada, agora impossível de ser retida, Hope segue na frente até a cozinha, passando pela escada dos fundos, estreita e inclinada, cada degrau de pinho desgastado em duas depressões que parecem uma dupla cascata de pegadas. Jerry queria substituí-los, em alguns pontos estavam gastos até a metade da espessura original, mas Hope sempre dizia não, ela os adorava do jeito que estavam, testemunhando todos os laboriosos pés rurais subindo para a cama no fim de um dia estafante e voltando a descer com a aurora para dar início a um dia novo, o odor das carnes do desjejum sendo fritas, salsichas e costeletas, aveia e pão preto, uma refeição para fazê-los aguentar as seis horas até o meio-dia. Sob as escadas, uma porta de armário feita de ripas oculta vassouras, um espanador e um aspirador Electrolux, além do material de limpeza, que para Hope cheiram a balas açucaradas quando ela abre a porta, o que raramente acontece; o material aguarda a visita semanal da sra. Warren, que está sempre

tentando dar a Hope um filhote de cachorro; ela e Jason criam labradores no vale como negócio. A estreita porta com seu batente e soleira, bem como a moldura da janela neste hall, são pintadas de um cinza morno médio, mais claro que um navio de guerra, embora mais escuro que chumbo, uma cor antiquada de pouco brilho que Hope escolhera de uma cartela de cores Colonial Williamsburg vinte anos atrás, quando ela e Jerry compraram a casa para ser um lugar onde pudessem fugir de tudo, inclusive da televisão, com a exceção de um canal, um lugar onde sua moralidade poderia achá-los em casa quando viesse bater à porta, porém aconteceu de Jerry morrer num hospital de Nova York, entre East River e York Avenue, acima mas não longe dos guinchos dos pneus de táxis dobrando as esquinas e dos lamentos de ambulâncias chegando pela entrada de emergência. Hope põe a chaleira sobre os forcados lascados e a chama azul, e, junto à pia mais distante, confere sua impressão de que a chuva hesitou: os pingos nas janelas Andersen estão, na verdade, secando. Quando Kathryn entrou pela porta da frente, na qual ninguém que conheça a casa bateria, a alta e estranha moça vestia um manto com capuz de caxemira púrpura que foi jogado sobre o canapé do hall de entrada, mas é uma vestimenta fina demais e talvez não quente o bastante para o começo de abril em Vermont. No entanto, o quartinho da lama ao lado da cozinha, em ângulo reto com o corredor que dá para o estúdio, tem suportes para segurar esquis, bastões e sapatos de neve quando tais atividades ainda eram viáveis, e suportes mais baixos para jaquetas de neve, e Hope tinha uma quantidade delas, de cores mostarda, tijolo e castanho, todas mais ou menos sujas de tanto ficarem jogadas em porta-malas de carros, e o enchimento de penas de ganso um tanto achatado pelos anos, esses trajes para um eu mais vigoroso, já desaparecido, ficavam pendurados sobre fileiras de botas, uma colorida miscelânea de canos altos de couro, borracha e lona, para neve e lama; não há necessidade delas, a grama ainda está congelada, mas ela pega a jaqueta cor de mostarda para si e empurra outra, a cor de tijolo, que parece maior, mais nova e mais larga — era de Jerry, ela pode vê-lo momentaneamente dentro da jaqueta, seu cabelo grisalho encaracolado, grosso como lã, elegantemente realçado pela tira de elástico de seus óculos de esqui amarelos, antes de ele escondê-lo no capuz verde listrado que fazia com que parecesse um elfo robusto, a face bronzeada com sua pequena cicatriz fora de centro no lábio superior (uma briga de infância; ele cresceu durão) que o fazia parecer de algum modo rústico e bem humorado; o fato de ele achar Hope *engraçada* era o que ela amava — para Kathryn, que estupidamente a enrola em torno dos ombros como um xale; pisando com cautela, como uma garça caminhando, ela sai pela porta dos fundos para a pedra de moinho que serve de degrau e aí desce calçando suas inadequadas Via Spigas com suas fileiras de cadarços e salto alto esquisito, e pisa na terra, que está um pouco enlameada aqui junto à porta, onde a grama que fica na sombra está fina. Realmente, pensa Hope, a mulher tem a agressão passiva de uma criança, a quem nada agrada o bastante e, contudo, não consegue articular uma objeção que poderia ser contestada.

“Lá está o velho pomar”, Hope diz, gesticulando no ar frio e embaçado, apontando para o alto do morro além da casa. “Ele ainda produz peras e maçãs bichadas. Aqui está o alimentador de pássaros, onde esquilos aterrorizam os passarinhos e um par de cardeais dá as caras, embora eu não tenha visto o macho ultimamente; há gatos escondidos no bosque. Sou dona de vinte acres naquela direção e mais quinze nesta aqui. Vamos dar a volta até a frente da casa; tome cuidado nesta parte, as toupeiras fizeram um estrago terrível no último verão, e mesmo assim os jardineiros se recusam a passar o rolo em cima da grama, dizem que ninguém mais tem esses rolos, agora não faz mais parte do serviço cuidar do gramado. Quando era menina nos subúrbios da Filadélfia, toda casa tinha um rolo de grama, a gente o enchia de água com a mangueira do jardim, dava para ouvir o chapinhar dentro dele, a água chapinhava de um lado a outro quando a gente o empurrava e quase jogava você para trás quando parava, se você não estivesse prestando atenção. Tenha muito cuidado, essas suas botas não são práticas como parecem, as solas são lisas.” Sua mente corre pelo pensamento não dito de que é ela, Hope, quem precisa ter cuidado; na sua

idade basta um passo em falso, um tornozelo, um quadril, uma cura fatidicamente vagarosa. Seus filhos a tomarão em suas mãos, pondo um fim a sua vida sozinha como vive, sem supervisão, livre. Ela sabe que eles discutem sobre ela, como seus pais costumavam discutir quando estava na cama, indo dormir acima do murmúrio tranquilizador de suas vozes.

Depois de horas em que ela ansiou por tê-lo em seus pulmões, o ar exterior é menos rejuvenescedor do que ela antecipara. Sente a irresistível lassitude que toma conta de uma pessoa velha perto do fim da tarde. Jerry costumava falar de “me pegar”. “Hora de me pegar”, dizia ele, quando Hope pretendia passar mais uma hora no jardim ou ao cavalete, e ela culpava o beber diurno para a qual ele a convidava pelo seu aumento de peso. Até cinquenta e tantos anos e o terceiro casamento, ela ainda tinha um corpo do qual não precisava se envergonhar quando punha shorts ou um vestido preto confortável — feminino, cheinho e macio na parte superior dos braços, mas ainda com cintura e quadris que não pareciam um par de sacos de estopa empacotados para uma longa viagem. Ela não teria conquistado Jerry se tivesse o corpo que depois adquiriu como sua esposa.

Isto é o presente, Hope diz a si mesma. Este momento em estado bruto, puro, ao ar livre. *Eu ainda estou viva*. O ar está úmido e cinzento, não bem gelado, mas com uma brisa que corta sua garganta, onde a gola rulê está larga, e ela não se incomodou de puxar o zíper da jaqueta. O gramado da frente, tão cheio de ervas daninhas, dentes-de-leão e mato como de grama, tudo achatado pelo inverno a uma cor parda única, acaba num muro de pedra remendado pelas delicadas mãos urbanas de Jerry até ele se encher e pagar os Warren — Jason e seus três filhos e seu irmão gêmeo solteiro — para terminar a tarefa. A entrada para carros, tal como está, sai da estrada na direção da casa do lado em que está pendurado o alimentador na grande faia cercada de pinheiros; Kathryn trouxera seu carro, um Honda cupê cor de laranja com um para-lama sem pintura, resquício provavelmente de uma trombada na cidade, por todo o caminho da entrada e o estacionara, agressivamente, em ângulo sob a faia, um lugar onde nem ela nem os Warren costumavam estacionar. Atrás do muro, uma estrada de terra ladeada por uma alta juba de feno leva às casas de seus dois vizinhos invisíveis, um deles é um ministro unitário aposentado da área de Syracuse e o outro, uma conhecida personalidade do rádio dos anos 1940, geralmente presumida morta. “Estamos no alto entre os anjos”, Jerry diria brincando. Além da estrada, um prado acidentado desce até perder de vista, pontilhado de rochas e fantasmagóricos pés de bardana e alguns cedros jovens que os ceifeiros do último outono deixaram escapar. A brisa fria é mais cortante aqui na frente, nesta amplidão desprotegida aberta à perspectiva panorâmica de um marrom e azul esfumaçado, e amorfos pinheiros verdes dos quais se ergue debilmente um zunido do tráfego da rodovia no vale, carros e caminhões deslocando-se ruidosamente invisíveis na Route 89. Ela puxa o zíper da jaqueta até o queixo. As montanhas ao longe se sobrepõem em ondas como pinceladas viscosas de um azul estudadamente contínuo sobre vidro. As nuvens acima se alinham em progressivos rolos de vapor mosqueado. Algumas finas gotas espetam sua face e as costas de sua mão que aponta. “Aquela é a Corcova do Camelo”, ela diz. “Uma bela tarde de escalada vinte anos atrás, quando eu era mais jovem.” *É isto aqui*, ela pensa novamente, este monótono presente, esta auréola carregada de nuvens, mais fria e mais escura do que abril deveria ser, este ar úmido afiado nos seus pulmões rasos, este vazio transbordante do que já foi visto. Testemunhar o mundo ao lado de outro faz com que ela perceba como tudo é pouco, como é breve e mesmo desprezível em comparação às expectativas da nossa alma e nosso apetite sem fundo. Um mundo feito à nossa medida continuaria para sempre. Em vez disso, milhões de milhões de moléculas de h_2o acima de nós, e milhares de árvores desfolhadas que a quilômetros de distância se fundem num tom de azul, uma cor neutra ainda que delicadamente embalada, como o fundo azul-verde-rosa tão frequente nas naturezas-mortas da última fase de Cézanne, e a miríade de estruturas microscópicas que conferem consciência a nós todos e tão depressa se esvaem.

“Depressa”, ela diz à sua calada companheira. “Você precisa ver meu jardim. Do outro lado da casa.” Elas abrem caminho através da relva irregular congelada, em que algumas bordas de saliência se projetam da grama, fluxo congelado de um fogo que fundiu rochas há milhões, ou seriam bilhões, de anos, essas duas mulheres desiguais em idade e altura, mas acorrentadas uma à outra por uma determinação fraterna de fazer o momento dar certo, um momento como a mais fina casca de tempo possível, mais fina que líquen, calejado sobre as rochas, sem consciência. Mas o jardim, adoravelmente estendido e cercado quando Jerry estava vivo, e ainda cuidado por Hope na medida que sua força permite, sem mais auxílio no verão do que os homens da família Warren podem abrir mão de tarefas mais másculas e que ela consegue persuasivamente arrancar da filha de Mildred e Jason, uma adolescente acima do peso com seus pensamentos a milhas de distância, irremediavelmente estúpida quanto a rapazes e música, música que ela usa na cabeça em fones de ouvido que ficam chiando, música para abafar a mais ínfima lasca de pensamento se algum se dispusesse a vagar pelo seu pobre cérebro; Hope não pode crer que ela própria tenha sido algum dia tão apatetada, a música lhe chegava pelo rádio de seus pais e mal arranhava sua consciência, homens nasais cantando através de megafones, música de hotel de Nova York soprando com trompetes silenciosos; mesmo na guerra dançava-se quando a música, o swing, estava lá, mas não se usava a música na cabeça como um boné ridículo — o jardim não apresenta quase nada para ver: o restolho da flox do último verão, algumas poucas folhas de hosta achatadas sobre a terra quando ela as arrancou às pressas num dia excepcionalmente frio de outubro, as mãos doendo, e um suporte para pêonia de arame enferrujado inexplicavelmente esquecido e então perdido durante meses debaixo da neve. Mortas, mortas como pedaços de pau parecem as retorcidas hastes espinhentas da trepadeira rosa que ela assentou sobre a treliça da cerca verde que ela e Jerry fizeram os gêmeos Warren montar para dar à tela multicolorida do jardim uma espécie de moldura. Jason era um fanfarrão extrovertido, um vendedor, mas Ezra era o artesão.

“Deve ser lindo no verão”, diz Kathryn, sem graça, embora Hope não possa culpá-la por isto; é uma ocasião sem graça, ela agora se pergunta por que estava tão ansiosa para sair ao ar livre.

“É estilo inglês”, Hope diz à sua hóspede, “isto é, atulhado e desleixado, e tenho a tendência de perder o entusiasmo perto do fim de junho, quando fica muito quente, mesmo aqui em cima.”

Ela já está vendo, na terra que mal acabou de acordar, rachaduras indicando que esta amoleceu e voltou a congelar, e as línguas arredondadas de narcisos e as línguas pontudas de margaridas estão começando a despontar. Na frente da casa, do lado sul, perto do granito aquecido pelo sol da fundação, campânulas brancas e açafrão já começam a florescer. Linhas verdes de alho em breve começarão a surgir na relva. O jardim com seus cuidados parece um desafio sufocante, uma montanha cruel que ela precisa galgar para entrar no futuro. Ela não consegue deixar entrar em seus pulmões ar suficiente do dia que escurece; os pulmões têm enfisemas por causa das décadas de fumo imprudente. Foi só no casamento com Guy e suas gravidezes que ela parou; Guy nunca fumou e se queixava do cheiro de cinzeiros no apartamento, havia algo de queixoso e choramingão nele que ela se recusava a se permitir desgostar; o público que o via como a personificação do inventor maluco, da irreverente revolta pop contra os sete séculos de tradição de pintura desde Giotto, teria ficado decepcionado em saber o quão pedante, ordeiro e abstêmio ele realmente era. Bebia com moderação, raramente algo mais forte que vinho, e fumou maconha com ela pela última vez quando tiraram férias no México, o último suspiro do casamento; chegaram de 727 em vez da Route 10 num Nash Rambler 56 de dois tons de bege com um duo birracial, bissexual, com belos corpos e ambições vagas, mas assim que ela e Guy pousaram em Guadalajara a lua parecia de fato maior, como uma peça de cerâmica numa vitrine, e sua luz pálida cheirava a flores, as flores arbóreas que encharcavam o sereno noturno e se fechavam quando a aurora surgia com o cantar dos galos. Seu marido arranjou um pouco de fumo de um menino de rua bem na frente do Hilton, e aquela

doce noite na sacada, ambos em roupa íntima, realmente a conduziu de volta a 1958. Ela saíra com Guy para uma viagem selvagem, mas a viagem acabou ficando mansa e terminou com um sobressalto. O sobressalto veio se formando; ele sabia que a mansidão desfazia a arte e que nenhum movimento artístico no século xx mantém seu impulso por dez anos se o rótulo seca e se fecha em si mesmo; embora os artistas vivam para sempre com a medicina moderna, seu momento torna-se um cadáver e não há como reverter a dissolução, a ressurreição foge em face da biologia molecular, e Guy era sensível o bastante para sentir-se um cadáver ambulante, com uma esposa já passando bem dos cinquenta, e três reféns da fortuna recebendo uma dispendiosa educação privada; não foi à toa que ele se voltou para a durona Gretchen em busca de uma viagem mais leve.

"Kathryn, eu estava pensando", Hope diz, a voz saindo tensa e ofegante sob a pressão de estar ao ar livre, "olhando para a Corcova do Camelo — Jerry e eu costumávamos escalá-la facilmente, mesmo já não sendo tão jovens, com uma cesta de almoço e uma garrafa de vinho — pensando nos animais humanos, como é maravilhosa a máquina biológica que nos dá consciência, e como nós basicamente a jogamos fora; mesmo não cometendo suicídio, nós temos a presunção de achar a vida enfadonha e nos entediamos a maior parte do tempo, e estamos descontentes, e simplesmente a *desperdiçamos*; aposto que é por isso que *Hamlet* nos atrai tanto, entre todas as peças de Shakespeare, é aquela que tomamos pessoalmente, pois expressa esta qualidade de vida *desconsiderada*, o desperdício de nossas mentes, nossos corpos, de tudo que deveria nos deixar felizes e cuidadosos. Estou fazendo algum sentido?" Pois ela pode ir longe, longe demais, ela bem o sabe; desde a infância ela já sentia seu espírito transbordante encontrando resistência na face dos outros, o sangue na sua própria face sendo represado num rubor.

A moça alta puxa sua jaqueta emprestada, estupidamente vestida como um xale, e aperta-a contra os ombros, o rosto branco no exterior, uma espinha visível no ponto onde a narina encontra a bochecha, vestígios de pó de arroz no nariz adunco. Com cautela, responde: "Não penso que alguém diria que você desperdiçou a sua vida. É isso que a torna tão interessante para mim."

"Ah, é? Realmente? Você está sinceramente interessada? Para mim tudo pareceu terrivelmente disperso; como diz a minha filha, sempre me oferecendo aos homens e depois pintando de um jeito que os homens diziam irritá-los, e agora que é quase tarde demais, pintando de um jeito que me parece verdadeiro, mas talvez seja uma *fuga* de mim mesma, da cor do mundo que, naquela minha declaração pomposa que você leu para mim, eu disse ser o Diabo — que esquisito eu mencionar o Diabo, você deve pensar, mas *há* alguma coisa aí, se é que você tem algum sentimento pelo que é bom, que resiste ao bom, que força para o lado contrário. Sei que você e a sua geração vão me achar muito louca, mas a não existência de Deus é algo ao qual não posso me acostumar, parece *não natural*."

Os lábios de Kathryn — intrincadas tranças de músculos, observadas de perto nesta luz externa fria, projetadas para dar prazer a ela e aos outros, se ela não teme contaminação; mas como pode sua geração não temer contaminação, exatamente como Hope temia coação? — se atrapalham com as palavras seguintes, o cérebro talvez embotado por esta aventura não solicitada nos grandes espaços externos, onde pequenas e frias gotas de chuva fazem pequenos furos no véu da sensação. Ou talvez, se for judia, seja incapaz de colocar a questão de Deus da maneira que uma cristã colocaria, em termos urgentes de ou isto ou aquilo. Para o povo eleito a relação evoluiu para além da possibilidade de um conhecimento abandonado para entrar na familiaridade que gera desprezo: foi deste modo que Bernie uma vez expôs a Hope sua extenuada massa corporal cheirando a suor e cigarros ao seu lado na cama, enquanto suas telas no andar de baixo lhes enviavam gritos surdos de cor chapada, apaixonada. Ser judeu o divertia; ele brincava com o fato, empilhava suas cinzas sobre sua cabeça de dândi e transformava sua fúria tribal em socialismo visionário. Kathryn afirma hesitante: "Um velho namorado meu, estudando na graduação em Columbia para ser físico, me contou que com o entendimento meticuloso que eles têm agora, realmente

não há lugar para Deus no universo.”

“Em nós, querida. O lugar está em nós, fracos e tolos como somos.”

“Segundo ele me explicou, é uma questão de energia, de equações. Tudo vai acabar eventualmente muito longe de todo o resto, e trilhões de anos vão se passar, com tudo morto e escuro. Não haverá lugar para nós, mesmo como puras almas. Elas também precisam de energia.”

As palavras dão calafrios em Hope. Pingos de chuva impossíveis de ignorar estão caindo sobre suas mãos e rosto e batendo no tecido sintético das jaquetas. “Tenho certeza de que ele está correto, de um ponto de vista”, Hope diz com impaciência. “Mas olhe lá em cima, nos bosques, você pode só vislumbrar um brilho do telhado da despensa refrigerada. E pode ver a trilha que nos leva lá para cima e para uma vista ainda mais ampla. Todo verão temos que derrubar algumas árvores para manter a vista aberta. Eu digo ‘nós’, mas é claro que são os homens que contrato que fazem o serviço. Uma família de chauvinistas que detestam receber ordens de uma mulher.”

“Eu...”

“Pode passar sem a vista. Eu sei. Vamos voltar para dentro, antes que toda a água do chá evapore.”

Ainda assim, fez bem a Hope sair lá fora no cosmo, de um sentimento tão diferente, tão espaçoso, intrincado e benigno do quadro pintado pelo velho namorado de Kathryn. Quão velho? Será que a moça tem um namorado que não é velho, que está esperando para aquecê-la e consolá-la, e escutar sua história sobre esta velha bruxa tagarela na sua montanha solitária, e que levou uma eternidade para chegar lá e ainda mais tempo para voltar? Hope sente sua face revigorada pelo seu contato com o ar livre; sua pele está retesada com essa plenitude da qual ela se recorda da infância, quando parecia bom demais para ser verdade que ela fosse ela, sua vida um crescimento diário abastecido por comida de dia e sono à noite, a lua e o sol exatamente do mesmo tamanho no céu, embora não houvesse razão necessária para isso. Ela conduz Kathryn de volta ao redor da casa, passando pelo alimentador pendurado na faia despida, sobre a lama cintilante junto à pedra de moinho que serve de degrau até a porta da cozinha; a porta vai-e-vem desconjuntada oscila na sua mola enferrujada, e a porta real, ligeiramente afundada nas dobradiças, se abre com um empurrão de ombro de Hope. Kathryn também, a despeito de si, pela vivacidade de seus passos e a rapidez com que se livra da jaqueta cor de tijolo de Jerry, está com o ânimo renovado. “Como deve ser bom”, ela exclama, “ter tanto espaço para si. Meu apartamento todo não deve ser maior do que a sua cozinha. E há aquelas torres chatas dominando absolutamente a vista.”

“Meus garotos pensam que é espaço demais para uma senhora idosa sozinha. Agora, o que posso lhe dar para comer?”

“Comer? Não preciso de nada, mas se pudesse usar o seu banheiro...”

“É claro. Você sabe onde é. Mas você *precisa* pôr alguma coisa na barriga antes de partir.”

“Ainda tenho algumas perguntas. Nós só chegamos até os anos 1970.”

“Eu sei, mas a minha história acabou. A parte incomum, casamento com dois homens de gênio, e Jerry, que não era nenhum gênio, mas era um doce. Antes de tudo, é chá que você quer, ou aquele café instantâneo antigo para o qual você torceu o nariz antes?”

“O café, por favor. Estava *gelado* lá fora.” Sua voz se afasta e a porta do banheiro se fecha debaixo da escada. Hope, sozinha, sente o cosmo ao seu redor, tantas estrelas sob os pés quanto sobre a cabeça, as infinitas galáxias e trilhões de anos escuros por vir, e ela apressadamente junta xícaras e pires, um saquinho de chá para si — camomila, da loja de produtos naturais; a esta hora do dia, uma noite de insônia, depois de ter sido agitada o dia inteiro, é a última coisa de que ela precisa, quer começar uma tela nova amanhã, um pouco mais larga nas listras e um cinza mais quente, mais para o marrom, do que a última; para dormir bem ela precisa de exercício físico, e passar o dia sentada na cadeira de balanço não é bem isso — e para sua hóspede o descafeinado Taster’s Choice com seu rótulo vermelho e

circunferência amiga (as laterais do vidro nos seus dedos curvos a fazem lembrar de algo; o quê?), e da geladeira a pesada baguete de arroz selvagem com pecã (*Sem conservantes, adoçado com suco de frutas*) da mesma loja exótica dirigida pelos ex-hippies já velhos em Montpelier, e do armário de louças ao lado da pia dupla os potes achatados de lados retos de geleia Dundee e manteiga de amendoim Skippy. A moça precisa comer. Vem a Hope o que as laterais côncavas do frasco de café instantâneo a recordavam: as paredes curvas da galeria de Peggy, Art of This Century, desenhadas por, como era mesmo o nome dele, Fritz, um daqueles alemães invasivos como o tal do Hans que fez Zack voltar a beber, Fritz Kiesler, não Kreisler, Kiesler com suas cadeiras de sete utilidades, que podiam se transformar em mesa, atril ou cavalete, uma ideia que não pegou mas que na época parecia perfeitamente adaptada para o futuro, madeira revestida de cores fortes de linóleo, a moldagem plástica ainda não inventada, o piso turquesa. O futuro era aqui, 1942, acima da mercearia na West Fifty-Seventh Street. Havia umas engenhocas, um cata-vento de Duchamp, uma esteira transportadora de Klees; Hope acabara de chegar a Nova York, tudo parecia tão vertiginosamente divertido para ela, tudo tão novo; as paredes curvadas para fora, não como as laterais do frasco de café, mas a ideia era a mesma, de curvas onde eram esperadas linhas retas, foi isso que a fez lembrar, o toque delas, levando-a tão de volta no tempo que chegava a ser assustador, a sensação de retornar que ela costumava ter no alto das catedrais e na Torre Eiffel quando Jerry começou a levá-la à Europa, coisa para que Zack e Guy eram pobres ou desinteressados demais para fazer, a sensação de que ela estava no alto demais, que poderia escorregar através do chão sobre todas aquelas indiferentes galáxias sob seus pés.

Kathryn retorna, depois de ter feito xixi. Hope pode ver a diferença no seu rosto agora relaxado; como é modesta a baixa de tensão necessária para satisfazer aquilo que Freud chamou de princípio do prazer. “Este é um trato que às vezes me dou”, anuncia Hope. “Um sanduíche de geleia com manteiga de amendoim neste pão especial de arroz selvagem com pecã. Você precisa comer um comigo. Vai nos dar força para ir em frente.”

“Eu...”

“Você não come porcaria, mas isto não é porcaria”, Hope termina a frase por ela. “O pão é de uma loja de produtos naturais a treze milhas daqui, e eu arrisco a minha vida toda vez que vou de carro até lá. Você deve estar faminta, querida; eu sei que eu estou.”

Contrariando sua essência autonegativa, ambiciosa porém trapalhona, Kathryn senta-se e cautelosamente consome metade do sanduíche, seu pão de cor escura, o recheio espalhado infantilmente, não espalhe muito grosso senão os dedos ficam lambuzados, Hope aprendeu com a experiência. As duas mulheres, que têm estado tão ocupadas perguntando e respondendo, comem num silêncio novo para elas. O tempo urge; o relógio digital da cozinha marca 17h06. A chuva, avolumando-se, corre pela janela mais distante pela qual Hope anteriormente estudara o céu desgrenhado, sua tormenta resolvida numa claridade pérola além dos regatos de chuva, o sul oculto baixando a oeste. Kathryn toma um gole de café, embora ainda deva estar, como o chá de Hope, escaldante, e Hope tem pena dela: “Se você está com tanta pressa, podemos levar nossas xícaras de volta para a sala da frente e gravar. Mas acabe o sanduíche. Não está bom?”

“Está, ele me traz recordações. Delicioso. Mas, realmente, só consigo comer metade. Engraçado, nos fins de semana meu namorado me diz que como feito um cavalo, que é um milagre eu não ser gorda, porém quando estou num compromisso de trabalho, realmente não tenho apetite, fico tão concentrada. E também não dormi muito na noite passada. O hotel ficava ao lado da 89, o tráfego não parava, achei que diminuiria aqui em cima no campo.”

Então ela tem, sim, um namorado atual, ativo. Hope sente alívio. E ciúme. “Coitadinha. Você devia estar ansiosa. Por causa de quê?”

“Não fazer as perguntas certas.”

“Oh, tenho certeza de que estão certíssimas. Eu lhe digo se deixarmos passar algo importante. Mas não é isto que diz a teoria de Freud sobre psicoterapia, de que tudo acaba girando em torno da coisa principal se você vai falando ao acaso? O que faz o seu namorado. Posso perguntar?”

Kathryn baixa as pálpebras, pálpebras que, sob a luz fluorescente da cozinha, parecem magnificamente oleosas, pálpebras de uma pecaminosa, desafiadora rainha bíblica. A moça está ofendida porque a entrevistada tomou as rédeas, mas aceitou suficientemente a gentileza da outra mulher para ver algum tipo de saída. “Ele faz cinema, é o que ele adora”, ela diz. “Está numa equipe que faz *trailers*, meio período, mas quer se mudar para a Costa Oeste e galgar a escada até ser diretor. E também atua, mas essa não é a dele.”

“Não? Interessante”, Hope diz, sem achar particularmente que seja. “Ele não é pintor?”

“Ah, não. Ele vai comigo às inaugurações e exposições de vez em quando e não consegue enxergar o que eu vejo nisso. Sob esse aspecto é um verdadeiro filisteu.”

“Você diz que ele ajuda a fazer o quê?”

“*Trailers*. Prévias dos filmes. Também há uma arte nisso, fazer a sequência dos trechos mais enérgicos. Às vezes eles trabalham a partir de trechinhos de um filme que nem está pronto e do qual ninguém sabe o final.”

“Bem, o final é justamente o que não queremos que esses — o que são mesmo? — ‘*trailers*’ revelem. Jerry era um aficionado de cinema, gostava de sair, então nós nos mexíamos e íamos à Eighty-Sixth Street, em Nova York, e a Burlington, aqui perto. Mas depois de um tempo todo filme parecia ser feito para garotos adolescentes; faziam a gente se sentir num *liquidificador* — tantas perseguições de carro, tantas explosões e fugas por um triz, e era isso aí. Para você deve ser uma preocupação, saber que ele quer se mudar para Los Angeles.”

“Bem, não muito. São menos de seis horas de voo. Quero que ele tenha sucesso e seja feliz fazendo o que gosta.”

“É claro. Mas, e você? Nova York é o lugar onde você precisa estar, certamente.”

“Eu gostei de l. a. da vez que estive lá. O clima ameno, o sabor espanhol, as avenidas expressas. Dá uma sensação de futuro.”

“Você não achou a cidade... meio forçada?”

“Eles têm arte lá. Aliás, um cenário artístico muito vívido.”

“Eles têm aqueles carros grandões e alguns belos museus, quase vazios.”

“*Você* saiu de Nova York.”

“Mas não fui longe. Não na minha cabeça. Eu vivia voltando para lá, até ficar pesadona demais para viajar. Não sacrifique o seu trabalho por causa de um homem.”

Kathryn não diz *Você sacrificou*, mas ambas pensam isso; Hope, com a reserva de nunca ter traído a si mesma totalmente, adiou e não sacrificou, de algum modo ela sabia que tinha tempo para esperar, chegar ao presente, de ser ela mesma no final.

Kathryn a surpreende com uma risada — uma risada mais bonita, mais leve e mais musical do que sua face equina havia preparado Hope para ouvir. “Você parece não aprovar Alec e nem mesmo o conhece!”

“Eu quero o melhor para você”, Hope lhe diz, sem sorrir. “Não tenho certeza do que um fazedor de *trailers* pareça ser. Sempre me senti enjoada perto de gente que quer estar ‘no cinema’. Por que o seu amigo não gosta de atuar? Pelo menos parece ser uma coisa direta, uma arte antiga.”

“Ele chama isso de mercado de carne. Alec é realmente muito bacana, você iria gostar dele se o conhecesse, mesmo que ele ache que a pintura já não vale mais muita coisa. Quando os quadros começaram a se mexer, ele diz, tudo acabou para os que não se mexiam.” Ela muda de posição na mesa, olha para a metade restante do sanduíche como se fosse começar a comer, e em vez disso dá um gole no café que está esfriando rapidamente. Por alguma razão microscópica o calor do micro-ondas some muito mais depressa que o velho e antiquado calor da água fervida: este fato fascina Hope. “Sabe”, Kathryn diz, não exatamente em tom de censura, “a maioria de nós não consegue achar esses homens geniais para casar. A maioria de nós precisa se conformar com o meio e torcer para que, pelo menos, *seja* do meio.”

“Nenhum homem me atraiu por ser famoso”, diz Hope, sentando-se mais ereta à mesa, sentindo a face quente. “Guy me atraiu por causa da sua jovialidade, sua impudência. Zack não era desconhecido em círculos artísticos quando me casei com ele, mas certamente era pobre e estava descendo a ladeira rapidamente. E na verdade eu não gostava das pinturas dele. Minha família achava que era uma união desastrosa, como na verdade foi, sob muitos aspectos.”

“Mesmo assim, você estava lá quando ele estourou, você foi parte daquilo.”

“Eu o trouxe para longe, para Long Island, e isso foi bom. Por algum tempo. Mas ter sido uma pequena parte daquilo me dá menos satisfação, e isso eu posso contar só para você, do que se *eu* tivesse sido quem estourou.”

É mesmo verdade? Receber Zack de volta na casa quentinha depois das horas geladas no celeiro havia tido suas satisfações — um maravilhar-se compartilhado, um preocupado orgulho. Esse homem assolado por necessidades clamorosas, por dependência química e incoerência social, podia, não obstante, buscá-la de volta através da neve não com uma carga sangrenta nas costas mas como o espírito, nas mãos e nos olhos, seus fulvos e adoráveis olhos do Oeste, o espírito da beleza espalhado naqueles enormes pedaços de tela grudados no chão, com seus torvelinhos e borrifos de pura tinta secando. E então, quando ele falava com sua parceira com o hálito ainda visível, como vapor congelado, era como se ela *tivesse* feito aquilo com ele, rasgado aquelas horas imperecíveis de um mundo que perecia.

“Não quer mais um sanduíche?” Hope pergunta a Kathryn. Está um pouco magoada, sendo rejeitada nesse trivial específico. “Vou embrulhá-lo em papel-alumínio para sua viagem de volta. Realmente, mal não vai lhe fazer, apesar de a geleia conter açúcar. Passei alguns dias só vivendo disso, quando fiquei presa pela neve.”

“Pobre Alec”, diz a outra mulher, distante em seu próprio mundo, onde seu amado foi ferido. Hope esquece o peso que suas palavras têm para esses inocentes, deslumbrados até mesmo por um brilho fugaz de fama. Era verdade, ela não tinha gostado de ouvir falar de um homem que não gostava de galerias. Aos seus olhos, as galerias eram as cavernas de Aladim, desde a sua primeira visão rápida da Art of This Century com suas paredes curvas, e então, quando casada com Guy, da Hansa, e da Reuben, e da Judson, e da Red Grooms’, onde eram encenados *happenings* e minipeças que deixavam atordoadas as pequenas audiências, mas que, em algum canto de sua mente, aderiam a um modo novo de ver as coisas, com menos

preconceito, com menos expectativa de hierarquia familiar, e aí as galerias do centro, de Leo e de Sidney, que deram ao Pop sua fama e o abriram aos novos colecionadores, o novo lúdico dinheiro americano; ela conhecera Jerry numa dessas galerias. As galerias geralmente davam uma sensação de fortaleza silenciosa, parcamente habitadas, as moças em suas escrivaninhas lutando contra a sonolência, os quadros em sua claridade e as esculturas em sua estase primitiva esperando por amor, pelo espectador, pelo comprador, enquanto ruídos entediados e ociosos vazavam da sala dos fundos. Essas galerias abrigavam obras produzidas em solidão e confusão mas também num estado de espírito de exaltado contentamento, de afastamento das turbas do mundo, trabalho feito à beira da utilidade, arte minando seus próprios usos tão logo pudessem ser identificados, arte à beira do precipício da arte, fragmentos dispostos nessas nuas, mas para ela longe de desoladas, câmaras de Manhattan; nelas, Hope sempre ficava remexida e feliz, elas eram casas de encontro sagradas em seu silêncio, prontas para visitação.

"Não dê bola para mim", ela diz à visitante, sentindo, mas não se importando muito, que a moça foi insultada. "Vamos para a saleta da frente. Posso lhe oferecer mais alguma coisa? Uma salada rápida? Castanhas-do-pará? Que tal um biscoito de aveia sem glúten e de baixa caloria?"

Kathryn se levanta, mãos apoiadas sobre a mesa para ajudar o movimento, sem dignar-se a responder. A chuva açoita a claraboia da cozinha. Na saleta da frente o som é suavizado. As duas mulheres, com as xícaras na mão, reinstalam-se em suas cadeiras, e, ao mesmo tempo que se inclina para a frente para voltar a ligar o gravador, Kathryn diz: "Gostaria de voltar a Guy por um instante. Não está muito claro para mim ele ter abandonado você."

"Nem para mim", concorda Hope, sentindo que sua interrogadora estava prestes a cavar mais fundo, a revidar a dúvida demonstrada por Hope em relação a Alec. "Ele simplesmente pareceu estar saindo discretamente da minha vida e da das crianças, após dezessete anos estando ali, ou pelo menos batendo ponto fielmente."

"Você realmente acredita que ele não se envolveu com todo aquele uso de drogas no Hospício? E anfetaminas? Coca? Tranquilizantes? Numa porção daqueles filmes que foram lançados sob o nome dele, os atores estão claramente viajando: o do travesti, ou um dos de travestis, *Sick Roses*, eu estava assistindo em vídeo com Alec uma noite dessas, e quase não há interrelação, os atores estão cada um fazendo sua parte com aquele sorrisinho de transe na cara, não há *nenhuma* tentativa de se conectarem entre si, muito menos lembrar alguma fala que pudesse apresentar uma história."

"Mas, Kathryn querida, talvez o ponto seja que não há história porque *não deve* haver história, porque já não há mais histórias, exatamente como a pintura, como você diz, ou Alec diz, deve desistir de relatos. Era por isso que Hopper e Wyeth nos pareciam tamanhos dinossauros, eles pareciam ainda estar nos contando histórias. Uma história pressupõe um autor, manuseando os atores lá de cima, manuseando a *nós* lá de cima, para algum fim inteligível, e quem acreditava que alguma coisa mais, após o Holocausto, após a bomba atômica..."

Kathryn reage tão rapidamente que o maço de perguntas no seu colo escorrega e precisa ser contido com um tapa rápido para não cair no chão, nas velhas tábuas pintadas de um brilhante vermelho quase preto de cerejas maduras. "Obrigada por mencionar a bomba atômica. Em todo o período da Guerra Fria, de 1945 a 1989, a ameaça de aniquilação nuclear chegou a afetar seu pensamento? Alguma vez você teve medo?"

"Um pouco em 1962, a crise de Cuba sobre a qual acabaram de fazer um filme, mas não realmente. Era um maravilhoso dia de outubro, aquele dia em que o mundo poderia ter explodido, com os navios russos navegando em direção aos nossos. Eu me lembro de empurrar Paul e Piet no carrinho de gêmeos o caminho todo até o pediatra, na East End Avenue, e estar sentindo muito calor no meu casaco novo de outono, e a televisão do consultório ligada numa novela. As pessoas são otimistas. Precisam ser. Nunca

pude acreditar que os líderes mundiais fossem estúpidos a ponto de explodir o mundo.”

“Mas...”

“Hitler teria explodido, você vai dizer. Mas os russos, os soviéticos, eram como nós: países grandes e desastrados, sem necessidade de *Lebensraum*, não países pequenos cheios de realizações como a Alemanha e o Japão, levados à loucura por aqueles mitos racistas, amantes da morte, que tinham. Os russos amam a vida: leia seus romances. Eram comunistas os que mandavam, mas comunistas também era a maioria dos pintores mais velhos que conheci, mesmo durante a guerra. Quando descrevem o período pós-guerra, vocês mais jovens ficam nos dizendo como éramos assombrados pela ameaça do Armagedon nuclear, mas o fato é que ele dificilmente algum dia entrou na minha cabeça, e se entrou, o que é que eu podia fazer? Era como ser atropelado por um bonde; isso também podia acontecer. E quanto a Guy e as drogas, você deve se lembrar de que a maioria dos seus assistentes no Hospício era uma geração mais nova do que ele e muito mais autoindulgente e niilista, eles haviam crescido protegidos e mimados e acreditavam ao mesmo tempo que absolutamente nada lhes devia ser negado e que a estrutura de poder existente, que lhes dera tudo que tinham, era totalmente maligna. Guy era três anos mais novo que eu, mas ambos havíamos sentido a Depressão e a guerra; na verdade, como você sabe pela sua pesquisa, ele serviu na guerra, dois anos na Guarda Costeira, atracado lá em cima nas Aleutas, a bunda magra congelando, mas ele fez sua parte. Não falava muito disso, mas a cada cinco anos costumava ir àquelas pequenas reuniões dos sujeitos que tinham servido no navio corta-gelo. Havia uma ligação, apesar de você ter razão, ligação não era a onda dele. Nem paixão. Os artistas que primeiro conheci estavam sempre falando de paixão, Bernie, é claro, e Roger, sempre mencionando seus *sentimentos* ao pintar, e Onno e Zack vertendo paixão na tela, aqueles traços furiosos e pintura exagerada e frenética, mas nunca vi Guy perder a calma nem expressar decepção ou desgosto em relação a outra pessoa, mesmo os críticos que, no começo, eram tão estúpidos acerca da beleza e da variedade realmente estarrecedora do que ele fazia. Ele lia suas críticas, mas não lhes dava importância, no máximo agia como se estivesse achando engraçado. E tampouco manifestou muito arrebatamento quando o dinheiro começou a jorrar no seu bolso.”

Por que ela está falando sem pausa? Porque quer exaurir essa mulher do assunto, quer esconder a humilhação que Guy efetivamente lhe infligiu com seu abandono displicente, a ela e aos filhos, a dor de ver isso, seus únicos filhos mutilados e intrigados pela sua deserção. Ela era como Guy em ter sido bem criada, em ver o valor numa fachada, em ver tudo como fachada, em acreditar num fim controlado, a despeito de todos os percalços incidentais. Ela se sentia em sintonia com sua tranquilidade, aquela distância calmamente considerada nele que era necessária para sua natureza boa e firme, e aí ela fora desdenhosamente repelida, expulsa do seu pequeno clube. Ela diz a Kathryn antes que a moça, tenaz e insistente, possa pensar em outra pergunta: “Perto do fim, como eu já disse, à medida que ia passando a década de 1970, penso que ele começou a sentir tensão, a tensão de se manter à frente, de se manter sexy para as galerias e os museus. Não é fácil fazer lixo e entulho parecerem outra coisa. A tragédia do artista moderno, ou deveríamos dizer pós-moderno, é que a atenção do público é tão mais curta do que a vida criativa normal do artista. Duchamp deu o fora e ganhou muitos pontos, Korgi e Seamus cometeram suicídio, e Zack também, de certa maneira, mas para um artista não autodestrutivo há simplesmente *tempo* demais. Se ele acerta o veio cedo, sua arte acaba se exaurindo. As coisas que Guy estava fazendo antes e depois de me deixar, as gigantescas estátuas públicas, os pseudoletreiros, os livros de colorir gigantes com cores hediondas, não eram boas. Tinham o mesmo descaramento, mas careciam do — como podemos chamar? — entusiasmo original. Ele achou que me abandonar poderia lhe trazer de volta seu entusiasmo.” Era assim que ela enquadrava o abandono, como subproduto da busca do artista.

“Havia certo escândalo ligado ao trabalho de Guy, especialmente os filmes e os *happenings*, com

toda sua nudez e homoerotismo. Como você lidava com isso? E como seus filhos lidaram, quando ficaram mais velhos?”

“Era parte do negócio do papai”, Hope conta, mentindo levemente sem se importar; a inquirição da visitante estava desgastando seu senso ético. Ela se sente mais ética pela manhã, ao pintar, e sua exaltação vai desmoronando à medida que o dia se passa. Faz um esforço para refletir e ser honesta. “Os meninos lidaram com a coisa tornando-se muito quadrados, a começar em Buckley — aliás, foi Guy quem quis mandá-los para lá, eu tinha pensado numa escola mais progressista, mas ele disse ‘Não’, não queria que seus filhos ficassem estereotipados, queria que tivessem a educação séria que ele e eu havíamos tido — e depois em Putney, onde quase ninguém mais era quadrado. Dot fez sua rebelião pessoal, como já discutimos extraoficialmente. O que é difícil de lembrar naqueles anos é que, apesar de Guy não vestir terno e gravata como os outros homens do prédio, na sua gola rulê e paletó de tweed e blue jeans, ele saía *sim* para a cidade, igualzinho a eles, e voltava para o jantar, ou então me telefonava para dizer que ia ficar preso no trabalho e que eu devia comer com as crianças sem ele, outra vez muito parecido com os outros homens. Ele cumpria seus deveres, ia aos eventos da escola e jogava beisebol com os outros pais e filhos quando tinham passeios pelo Central Park, e durante a primeira dúzia de anos pelo menos tentou ser um marido normal para mim. Íamos juntos a um daqueles balés no porão da Judson Church para assistir a um monte de jovens perambulando nus, esfregando-se uns aos outros com as mãos cheias de tinta para simbolizar o lucro sujo capitalista, ou seja lá o que fosse, e aí voltávamos para casa e comíamos uma salada de lentilhas e tomávamos um copo de leite na cozinha, cochichando para não acordar as crianças. Guy era sensível, meigo...”

“Ou geleia e manteiga de amendoim”, Kathryn interrompe.

“O quê?”, o olho interno de Hope estivera concentrado no quadro doméstico, focalizando o que precisava dizer, para ser justa, a respeito de Guy.

“Eu me lembrei do sanduíche que você acabou de me dar”, diz Kathryn. “Foi muito doce da sua parte.”

“Doce demais, suponho. Você não comeu até o fim. Você tem tanto medo de açúcar.” Esta mulher jovem, com a presunção de fazer piada sobre os gostos aparentemente inocentes da mais velha, causa a Hope uma irritação que ela resiste a revelar, pois qualquer sinal de briga ou diferença a ser aparada prolongará a permanência já excessivamente demorada da entrevistadora. Hope faz uma nova tentativa: “Um homem meigo, sensível, e era fácil para todos nós esquecermos que ele era uma celebridade, uma das mais importantes forças na arte americana quando ainda era líder no mundo, e que, por trás de todos os seus compromissos como homem de família, ele estava lutando por sua vida. Acordava no meio da noite e não voltava a dormir, eu me revirava, ajustava a máscara dos olhos e o deixava sentado sob o abajur de leitura, e o encontrava de manhã com o *Times* já todo lido e dobrado novamente, e havia linhas no seu rosto que eu nunca tinha visto antes. Com aquele seu senso intuitivo sem esforço, ele podia sentir tudo escorregando por entre os dedos, ele estava sendo deixado para trás. No fim dos anos 1960, não eram só Pop e Op e o pouco que restava do Expressionismo Abstrato; tudo estava começando na época — o minimalismo, a arte de dispersão, as obras da terra, a arte conceitual que usava apenas palavras, alegando que era uma mentira fingir que percepção não era uma questão de linguagem, ou de *teoria*. A Europa estava nos mandando sua teoria crítica para matar nossa criatividade, Guy costumava dizer. Chegou a tal ponto que *qualquer* arte que ainda produzisse pinturas ou combinações que, mesmo desengonçadas, podiam ser penduradas numa parede, e esculturas que podiam efetivamente ficar de pé ou serem colocadas numa sala de estar não terrivelmente imodesta de alguém, corria o risco de ser considerada coisa velha. Não importava o quanto Guy trabalhasse duro, com suas bandeiras e pilhas de caixotes, enquanto aqueles moleques raivosos estavam nas ruas *queimando* bandeiras americanas,

começando a parecer, odeio dizer isso, *aconchegantes*, e era por isso que eu não podia me importar demais com as drogas lá no Hospício e os filmes pornográficos que agora parecem tão gozados e confusos, porque mantinham o seu empreendimento — vamos chamar assim — na moda, mantinham Guy no seu limiar de *maudit*. Por razões egoístas e por causa das crianças, que não deixa de ser egoísmo por procuração, eu o queria o mais domesticado possível, mas para ele como artista não era sadio, não podemos mais ter Vermeers e Chardins, não podemos glorificar mais a vida burguesa, não quando ela era de certa forma culpada pelo Vietnã e Birmingham e o colonialismo e assim por diante, e era uma *tensão* para Guy, como eu disse, fingir ser burguês, fingir que a arte podia ser um negócio. E culpo em parte a mim mesma por concordar com aquilo, com o fingimento de Guy, pelo meu próprio conforto burguês, e é por isso que quando ele se levantou e foi embora, eu resisti pela metade. Dot sentiu aquilo e me odeia até hoje por ter sido tão fraca. Não ponha isto em nada do que você for escrever, por favor. Mas o que eu podia fazer? Achei que seria melhor para ele, para sua arte."

"Eu me pergunto por que", Kathryn pondera, "a arte não pode ser negócio. Costumava ser um ofício, e não havia vergonha nisso."

"Suponho que seja a mesma coisa da religião não poder ser negócio, ou ser *só* negócio. Exceto que a religião tem um produto seguro, nosso medo e solidão, com que negociar, enquanto a arte precisa convencer as pessoas de que é necessária, de que as pessoas necessitam de algo mais puro e mais autêntico do que obtêm em outra parte, em todos os *outros* negócios da vida. Vale a pena ter essa pureza e autenticidade, ou presenciá-las mesmo que de longe. A alma — você aguenta a palavra? — não pode ser conspurcada por preocupação com o interesse próprio. Guy tinha um adorável e despreocupado desinteresse produtivo quando o conheci, morando naquele galpão cheio de entulho que havia roubado das ruas, e à medida que o dinheiro e a bajulação e os prêmios foram jorrando, ele sentia aquilo escorregando para longe dele, a pureza, a despreocupação que pode tornar algo verdadeiramente novo. Ele começou a se preocupar demais, porque *tinha* de se preocupar, porque todos nós ao seu redor dependíamos dele; era cruel. Porém, devo dizer, ele nunca fez nada de importante — que tivesse alma suficiente, desinteresse suficiente para ter importância — enquanto esteve aos cuidados da Pequena Senhorita Bundadura. E agora ela é enfermeira de um homem que não tem ideia de quem ela é ou quem ele é."

"Deveríamos seguir em frente", Kathryn tem o atrevimento de dizer a Hope, quando foi sua obtusa pergunta que provocou o monólogo. "Fale-me de Jerry. Vocês dois se conheceram quando? Você se lembra da ocasião?"

"Oh, foi numa das inaugurações de Guy. Ao contrário da maioria das pessoas ali, ele estava tentando olhar os trabalhos, e eu estava cheia das conversas forçadas, e estávamos parados lado a lado na frente de uma máquina de escrever antiga, flácida, o dobro do tamanho real e feita de vinil branco brilhante, todas as teclas redondas sobrepostas e embaralhadas, e as teclas e o mecanismo de transporte voltavam balançando como as patinhas indefesas de um carneirinho recém-nascido, e nós dois dissemos, juntos: 'Lindo!'. Lindo. O que posso dizer sobre Jerry que todo mundo já não saiba? Era um homem muito querido. Era querido pelo menos para mim, divorciou-se da esposa para se casar comigo, um favor que devo dizer nunca ter recebido de Bernie. Não que eu quisesse. Bernie era... urbano demais, ele e Jeanette formavam um time. Como estávamos dizendo antes, na década depois que eu... eu o conheci *bem*, Bernie desabrochou, o pai disto, o pai daquilo, quando na verdade eles não tinham filhos, Color Field, Hard Edge, até mesmo o pai, supostamente, de alguns dos trabalhos na terra, aquelas linhas de giz de duas milhas que alguém desenhou no Deserto de Mojave no fim dos anos 1960, segundo me recordo, usando o deserto como uma das grandes telas monocromáticas de Bernie. Aquelas enormes pinturas planas que todo mundo detestou durante anos — Peggy não as suportava e Betty também não — acabaram

se revelando a rota para o futuro, enquanto as imensas coisas verticais desgrenhadas de Jarl eram um constrangimento para os museus que ele forçara a comprar os quadros, ocupavam muito espaço na parede, Jarl queria sala atrás de sala para si, e Zack estava encalhado no seu momento, um clássico como Ryder ou Bierstadt, mas absolutamente fatal de imitar, na verdade ninguém mais sabia como fazer aquilo, quanto de esmalte diluir e qual bastão usar. Bernie foi nomeado pai até mesmo do visual plano e da ausência de massa dos primeiros trabalhos de Guy, e nunca vi Guy tão irritado, era como se ele se ressentisse do pequeno papel que Bernie desempenhara antes na minha vida, é claro que eu havia lhe contado, mas esse tipo de ciúme sexual convencional era a última coisa que Guy se permitira confessar."

"E não houve lá, mesmo enquanto vocês estavam casados, alguns rapazinhos jovens", Kathryn indaga no tom cauteloso, ligeiramente retraído, com o qual ela espera que Hope mergulhe na corrente sanguínea sem romper a pele, "artistas performáticos?"

Jovens corpos masculinos, como sombras, a redonda massa muscular do ombro e da coxa, as barrigas lisas e os tenros pingentes, agitam-se na sua mente como corpos enterrados na lama, faces sem expressões marcadas. Jeb, Randy. Eles tinham nomes, endereços, filosofias, aspirações. Tinham tido esperança de usá-la, mas ela era difícil de ser usada, inclusive por si mesma em seu próprio benefício. Os negros eram uma aventura para ela, dançarinos, seus tocantes pés calejados e nodosos. Henry, Kyle. Diferenciavam-se dos brancos num aspecto: assim que você começava a conversar com eles, eles assumiam saber o que você queria dizer e estavam certos. Ela queria liberação. Eles eram delicados para se prender e delicados para soltar, muito para seu próprio proveito, mas era uma época em que concessões sem lucro estavam politicamente na moda: "Por favor, querida", Hope protesta. "Eu estava no começo da casa dos cinquenta anos. Eu era uma *grande dame*."

"Mas ainda muito atraente. Vi um monte de fotografias. E também vi", Kathryn continua quando Hope não diz nada, "você descrita como uma das discípulas de Bernie. As faixas."

"Minhas faixas são muito menores e mais numerosas que as dele", Hope argumenta, a voz mais firme sobre os alicerces de sua arte. "Eu me descreveria como discípula de Hochmann, uma das últimas. Ainda estou tentando fazer o 'empurra e puxa' que ele nos ensinou, mas num espaço mais tranquilo, mais raso." Com os dedos dobrados Hope faz a medida de uma polegada ou menos de espaço, para mostrar o quanto o empurra e puxa se tornou sutil em suas névoas cinzentas. "Como o empurra e puxa, quase imperceptível, da respiração."

Ela se pergunta agora se suas infelicidades magoaram Guy. Na época ela sentiu, ou se fez sentir, que ele queria isso, com aquele obscuro impulso que o levava a esconder-se numa massa de identidades, uma produção de paródias, uma arte que não se comprometia pessoalmente com nenhuma personalidade. O pequeno bando de amantes de Hope era seu Hospício, seu paraíso auto-obliterante.

Kathryn resolve que não vai penetrar mais fundo nessa direção, e diz: "E esse tempo todo você se apegava ao seu lugar e ao de Zack nos Flats." Parece uma acusação. Embora Hope tenha tentado vender Guy à entrevistadora, pintando um retrato afetuoso de sua bela fluência e faro, e sua eventual tristeza frustrada, o mundo da arte deslocando até mesmo o talento mais jovial, é em Zack que repousa o coração de Kathryn; Zack uniu as duas mulheres. A entrevistadora está insinuando que Hope traiu seu segundo e terceiro maridos apegando-se à casa onde vivera com o primeiro.

Ela não nega: "Era segurança, suponho, ter uma propriedade toda minha, que havia herdado. No começo eu tinha os quadros que ele deixou para negociar e proteger. Depois, quando se tornaram valiosos demais para que eu pudesse protegê-los, e eu passava mais tempo na cidade, era mais fácil deixar a velha mobília no lugar, ela teria parecido entulho misturada com as minhas coisas caras e as de Guy. Passávamos verões ali, as crianças adoravam — as praias, a sensação especial da ilha tão distante —, apesar de Guy vir conosco cada vez menos, ele dizia odiar festas de gente rica e areia nos sapatos.

Penso que o fantasma de Zack o oprimia. A nova turma de arte era mais Fire Island que New Hampton. Fora da temporada eu a alugava, por bem pouco se o locatário fosse simpático, às vezes um companheiro de Zack do Lemon Drop ou um dos protegidos de Guy precisando de algum lugar para esfriar a cabeça; o dinheiro era menos importante do que ter o local não danificado ou em ruínas. Quando Jerry entrou em cena, ele tinha seu próprio espaço em Southampton, mas nunca viu necessidade de vender os Flats, ele o chamava de tacada certa. O colecionador dentro dele na verdade ficava empolgado; contratou um zelador para morar na casa, pois as coisas estavam se quebrando ou sendo roubadas sob a minha administração, e ambos vimos que o valor estava em manter o lugar, especialmente o celeiro, do jeito que era quando Zack morava lá".

"E agora é um museu."

"Só com hora marcada. Alunos vêm em excursões. Documentaristas usam a casa, sou a única que resta que sabe o que não está exatamente certo, que móveis estão faltando e assim por diante, mas está bem parecido. Há pessoas para quem Zack se tornou um culto, não tão grande como Elvis ou Marilyn, mas como James Dean, digamos; Zack foi um pintor muito mais importante que Dean como ator, mas ainda assim, acidentes de carro e aquele olhar intranquilo e pretensioso; essas pessoas deviam ter um lugar para visitar, e que lugar melhor que aquele onde ele fez todo seu trabalho importante?"

"É claro", diz Kathryn. "E também mantém intacta uma parte da sua vida."

"E você tem objeção a isso?"

"De modo algum. Tenho inveja. A maioria de nós vive num lugar, e aí se muda, e então o senhorio põe outra pessoa no lugar."

"Não me inveje, querida. Você tem a sua vida pela frente, e a minha já ficou para trás. Você não gostaria de estar no meu corpo nem sequer por um minuto, há tantas dores que aprendi a não considerar e que você notaria; você as acharia insuportáveis." Não seria polido contestar isso, embora Hope veja que Kathryn está tentada a discutir, sua cabeça comprida está se distendendo como se para farejar ou escutar a chuva que bate nas janelas e faz aquele ruído grave harmônico na calha, e Hope nota pela primeira vez uma beleza na parte inferior do nariz da outra: sua curva termina numa ponta onde se encontram dois pequenos planos, a faceta inferior contínua à carne do septo, que se estende mais para baixo que o habitual, de modo que sua narina se dilata em perfil, tenra e ávida e irrigada de vermelho do sangue. O vislumbre de uma criatura viva faz com que os outros traços da moça se alcem para uma glória feroz: seus olhos de ameixa escuros com sua curiosa vitricidade, seus lábios não pintados cerrados e sem sorrir sob a tensão da entrevista, suas orelhinhas brancas meio em concha e sinistramente brancas, pequenas para o tamanho do maxilar e completamente expostas pelos pentes prateados que achatam seu cabelo contra o crânio, um cabelo que, se deixado às suas próprias tendências, se espalharia profusamente sobre a almofada. Hope vê a outra mulher como alguém que um homem pode adorar, ficar doente de amor, enterrar sua semente na entranha dela como se com isso sua obra de vida fosse realizada. O estranho conceito, que ela se ouviu acabar de propor, desta jovem identidade sentada em frente ser transposta ao corpo de Hope, com seus dedos artríticos, dores no peito constantes, frequente falta de ar e sintomas abdominais na medida em que em seu estômago, que vai encolhendo, resiste às refeições diárias que ela lhe impõe, engendra mais fantasias rápidas — os devaneios que esvoaçam por uma mente cansada — da interpenetração de ambas, escorpiões numa garrafa, a moça invadindo-a com perguntas enquanto Hope, por sua vez, tenta imaginar a vida íntima de Kathryn, a criatura sensível que jaz sob os oleosos pelos púbicos.

"Então", vem a pergunta seguinte, "a sua relação com Jerome Chafetz começou quando você ainda estava casada com Guy Holloway?"

"Sim, vários anos antes, mas de forma perfeitamente correta. Jerry havia comprado uma quantidade

das esculturas brancas em vinil de Guy justamente quando o mercado, não só para o Pop mas para todo tipo de arte, estava esfriando", Hope afirma. Agrada-lhe demonstrar que, graças ao seu terceiro casamento, ela sabe como o dinheiro fala: "Os árabes tinham embargado carregamentos de petróleo para os Estados Unidos porque ajudamos Israel a ganhar a Guerra do Yom Kipur, e a economia havia entrado no que chamaram de estagflação pelo resto da década."

"Mas Jerome Chafetz não passou fome."

"Pode chamá-lo de Jerry, se preferir. Todo mundo chamava, mesmo seus subalternos e os empregados aqui em cima. Bem antes de eu me tornar sua esposa, Jerry tinha chegado àquele delicioso ponto em que seu dinheiro não podia evitar ganhar mais dinheiro. Ele havia sido corretor de ações e depois analista de mercado financeiro para um dos primeiros fundos mútuos; no começo dos anos 1960, ele se estabeleceu por conta própria e lançou seus próprios fundos, destinados a atrair pequenos investidores bem como os administradores de fundos de pensão. Ele manteve as coisas simples, com três fundos apenas no começo: Super-Gro, Sur-Gro e Slo-Gro. Por estranho que pareça, o Slo-Gro era o mais subscrito; as pessoas confiavam nesse fundo, gente com dinheiro ainda era muito conservadora. A ideia de que todo mundo era rico ou que em breve seria foi algo introduzido por Reagan."

"Jerry", experimentando dizer o nome, com uma retorcida do glorioso nariz, "morreu em 1986."

"Sim. Nós nos casamos em 1977. Nove maravilhosos anos. Devemos ter tido alguns arranca-rabos, mas não me lembro. Ele era onze anos mais velho que eu e me via, penso, como a companheira com quem ele começaria a ter algum prazer na vida antes que o tempo se esgotasse. Os fundos estavam nas mãos de gerentes mais jovens, e sempre íamos à Europa ou ao Caribe, ou vínhamos para cá. Nós compramos este lugar em 1980. Ele tinha sido um menino da cidade a vida inteira e descobriu que adorava o solo, a grama, as rochas; ele construiu metros e mais metros de muros de pedra com as próprias mãos, que ficavam cheias de calos que ele me mostrava orgulhosamente."

"Ele era colecionador de arte; devia haver um artista frustrado dentro dele."

"Frustrado não, ele sempre dizia que saber escolher ações era uma arte e não uma ciência. As pessoas que lidam com dinheiro, concluí, são mais felizes que as que lidam com arte. Não estão sempre preocupadas, podem relaxar sem ficar cegas de tão bêbadas. Jerry jogava tênis, lia romances, e até poesia, gostava de cozinhar, lia livros de culinária, fazendo exatamente todas aquelas pequenas medições, ao passo que Guy não podia se preocupar menos com comida se não se tratasse de fazer um hambúrguer de gesso ou pintar uma fileira de bolos numa vitrine de padaria. Zack, bem, Zack teria caído de cara em cima do fogão."

Isto é injusto, Hope sente tão logo as palavras saem da sua boca: Zack fazia bifes na brasa durante aqueles primeiros verões na Ilha, e algumas manhãs, acordando de ressaca mais cedo que ela, fazia ovos mexidos ou uma omelete com quaisquer verduras que encontrasse na geladeira ou na horta, saindo no sereno com os pés descalços. A cerca do jardim e a carpintaria da casa que Zack fez quando se mudaram para os Flats mostravam um instinto de ordem, um instinto brigando contra sua tendência de autodestruição.

"Sinto muito", ela confessa a Kathryn, "isto não é muito justo com Zack, ele na verdade tinha um lado habilidoso, mas Jerry foi a minha primeira experiência real de alguém dedicado àquilo que se poderia chamar de arte de viver. Meu sangue quacre desconfiava de qualquer coisa da criatura..."

"Criatura?"

"Nosso eu corporal. O eu corporal do *mundo*. Cor, sexo, ostentação. Sabe, os pecados. Você já ouviu falar de pecados?"

"Claro que sim." Kathryn vira a cabeça como se a pergunta fosse uma espécie de tapa.

Hope se arrepende, tenta se explicar, explicar ela mesma e Jerry. "Os artistas entre os quais passei a

minha vida podiam ser alegres e espirituosos quando se reuniam, mas havia sempre uma ansiedade, um monte de ciúme e gracejos falsos — Zack era o saco de pancada de muitos deles, mas aí ele arrebentava as salas de estar deles por pura hostilidade — e uma sensação de, como podemos chamar isso, diversão *excessiva*, como se eles não soubessem direito o que fazer com a vida, a parte da vida que não era fazer algum lance pela imortalidade, os prazeres cotidianos que a maioria das pessoas tem. Jerry me trouxe de volta para essas alegrias diárias. Ele me mostrou que um dia desperdiçado não era realmente um dia desperdiçado."

Surge uma memória de Jerry: o tênis. Hope jogara um bocado em Ardmore e no Maine, e em Long Island ocasionalmente havia jogos nos quais, em comparação à maioria das esposas e namoradas e, sob esse aspecto, os homens — intelectuais descuidados fisicamente, sem o passado dela de clube de campo —, ela parecia boa no jogo e sentia-se forte; mas quando jogava com Jerry, na quadra que ficava na laje do clube atlético no centro da cidade, o saque dele, por mais que Jerry tentasse sacar fraco, quicava alto e bem na altura da cabeça dela. "Oh, minha queridíssima!", ele gritava quando mais uma vez ela errava a devolução. A bola dele tinha mais efeito do que ela era capaz de manejar, era vergonhoso e, contudo, fazia-a vibrar tanto que ela se lembra agora da potência ejetada sem esforço do outro lado da rede na sua direção, enviando aquela bala felpuda saltando entre seus olhos; era típico dele. Onde foi que ele aprendeu, com seu passado estritamente judaico-nova-iorquino, sem as quadras de saibro de Maine Line, sem equipes de tênis no colégio, a bater na bola com um efeito desses? Ela sorri para si e declina compartilhar esta memória com Kathryn. Jerry tinha uma constituição musculosa — panturrilhas salientes e duras, abdome liso e nodoso — que seus ternos cinza de trabalho ocultavam. Ele tinha uma boa forma, era um competidor.

"Como seus filhos se relacionavam com Jerry?"

"Lindamente. Ele era mais caloroso que o pai deles, no mínimo menos preocupado. Organizava passeios, arranjava ingressos para os jogos dos Rangers ou dos Knicks durante as férias escolares, levava Dot para o Alvin Ailey, ela estava passando por uma fase intensamente liberal e falando em sair de Brearley e trabalhar para os pobres de alguma forma, ele passava horas escutando-a, eu mesma não tinha paciência, parecia algo muito pretensioso, com um subtom de agressividade contra o governo eleito que me lembrava o fascismo, um simples governo falível que não era bom o bastante para espíritos refinados como ela. E seu vegetarianismo fazia de cada refeição uma dor de cabeça adicional para eu preparar. Eu adorava, francamente, quando ela passava parte do verão com Guy e Gretchen. Os garotos estavam chegando aos vinte, idade de ir para a faculdade, e os víamos cada vez menos durante o verão, mas Jerry nunca deixou de lado seu envolvimento, seu interesse genuíno neles; seus filhos com a primeira esposa, Pearl — ele dizia que só tinha se casado com mulheres de nomes monossilábicos — a essa altura já eram adultos e estavam casados, envolvidos em coisas que soavam meio vagas e sem direção, como phd em mandarim e empresas *start-ups* de computadores e medicina holística e agricultura orgânica no Colorado, então acho que ele teve prazer quando meus dois garotos começaram a procurá-lo com perguntas sobre o mundo das finanças. Não que você deva formar a impressão, ou passá-la para os seus leitores on-line, ou seja lá o que for, que os filhos dele com Pearl fossem uns fracassos; todos se firmaram sobre os próprios pés, como filhos adultos tendem a fazer quando não estragaram sua cabeça irremediavelmente com drogas, o que poderia muito bem ter acontecido com um filho meu com Zack, se tivéssemos tido, mas meus filhos com Guy nasceram tarde demais para a ingenuidade dos anos 1960, e de qualquer modo tiveram demais do bom senso protestante, meu e dele. Na realidade, mandarim acabou se revelando uma coisa muito sensata de se estudar, o rapaz em questão mora em Taiwan e está sempre na China continental representando várias empresas, e seu irmão mais novo se deu muito bem numa *start-up* de computadores até a desaceleração do ano passado. Mas você não quer ouvir todas essas trivialidades

domésticas, esse *Küche und Kinder*,[6] você só se preocupa com a pintura, exatamente como eu quando tinha sua adorável idade.”

“Qual era a postura de Jerry em relação à sua pintura?”

“*Muito* entusiástica. Era de absoluto apoio. Ele exigia que eu cumprisse uma cota toda manhã, e um dos motivos por que compramos este lugar foi para fugir do telefone tocando, da vida social idiota de Nova York. A exposição que mencionei ter feito quando ainda estava casada com Guy recebeu notas tão mornas que precisei ser encorajada; não peguei num pincel durante anos, e quando o fiz, aqui em cima, tentei esquecer tudo que Hochmann tinha nos dito e fiz naturezas-mortas de cozinha, panelas e chaleiras nas prateleiras, a borda da prateleira exatamente horizontal e no nível dos olhos do espectador, em tons cinza puxando para o bege, nada brilhante, tudo fosco como argila não vitrificada. E outra vez janelas, só que agora janelas campestres, com vista para não muita coisa, nuvens de chuva com as bordas indistintas, tons de cinza mal distinguíveis mas de consistência cuidadosamente elaborada, como se tivessem sido feitos por alguém parado ali no primeiro plano meditando, eu tinha que rir por estar pegando tanto o estilo de Wyeth, todo mundo sempre torcera o nariz para ele, mas eu estava tentando me purificar da abstração antes de entrar nela novamente. Queria que as coisas parecessem feitas à mão livre, mas ao mesmo tempo tinha aquela fome do retilíneo e de subjugar as cores. Jerry, que tinha construído o estúdio para mim e jamais me diria algo que me desencorajasse, uma vez me perguntou se eu não deveria ser mais violenta. Zack, é claro, fora violento, aquele terrível espalhar de cores onde a gente consegue senti-lo simplesmente chicoteando o ar com o pincel, como se estivesse arrebentando algo, e aí, é claro, todo o emplastro e argamassa que Guy usava para juntar suas combinações e zombar da ideia de acabamento, e o que Hochmann pregara tinha sido violento à sua maneira, traços e retângulos de cor crua tendo que se debater dentro da moldura, empurra e puxa, e talvez agora, com Jerry me dando um senso de ser acalentada, um pouco como meu avô costumava fazer, eu estivesse livre para expressar uma falta de confiança na violência, um medo da cor como a mistura variegada do Diabo, como eu disse naquela declaração bastante hipócrita que hoje você começou lendo para mim. *Ou*”, Hope rapidamente se interpõe quando Kathryn faz um pequeno gesto como que para interrompê-la, “eu estava abastecendo Jerry, exatamente como abasteci meus maridos pintores imitando-os, mas neste caso dando a ele algo para colecionar: telas planas, calmas, de tamanho modesto que não se chocariam com nada dentro da sala. Veja, Kathryn, havia cada vez menos o que colecionar. A arte, Jerry costumava dizer, estava fora da parede. Como se coleciona uma *earthwork* — uma obra sobre a terra? Você não consegue nem chegar até ela, a não ser dirigindo quatro horas no Arizona. Ou uma peça de arte performática, todo o sangue de mentira e uma lambuzeira; uma moça fica nua e enfia seu longo cabelo numa lata de tinta — látex, esperemos — e anda de quatro para trás por uma longa tira de papel para simbolizar o fluxo menstrual ou a mentalidade sexista masculina unidirecional, ou seja lá o que for. O que sobra para guardar? A longa tira de tinta seca não significa nada se não sabemos que foi feita com o cabelo de uma mulher. Nos anos 1970 havia uma artista corporal japonesa que costumava enfiar o cabo do pincel na vagina, então se agachava e pintava alguns símbolos com ela, mas realmente não havia muito que ela pudesse fazer, um círculo, talvez uma cruz, ou algumas curvas ao acaso da mesma forma que elefantes podem ser treinados a fazer com um pincel na tromba, então precisávamos ser informados que aquilo significava que toda criação vem da vagina. Vi Zack ser chamado de pai da arte performática — aqueles filmes que o alemão mandão fez com ele naquele dia horrível, estava frio demais para ficar lá fora, especialmente de camiseta preta, uma ‘camiseta para os músculos’, como dizem agora, mas na época ninguém a chamava assim porém suas performances, assim chamadas, as danças que ele fazia quando estava sozinho, eram rotas para um produto, uma pintura abstrata absolutamente deslumbrante, tão explosiva, meticulosa, vazia e cheia como o próprio cosmo. Zack reinventou o sublime. Ele estava em busca da eternidade. Na sua

mente era como um muralista da Renascença, trabalhando para sempre. Permanência era a própria coisa que esses novos artistas não podiam sustentar, e a nea continuava injetando dinheiro em todas aquelas performances, aqueles vídeos e espetáculos de luzes e instalações frágeis desmanteladas e jogadas no lixo na semana seguinte. Oh, querida, estou parecendo uma adepta de Helms, não estou?"

"Ou como outro tipo de artista. Mas por que a arte haveria de ser permanente quando nada mais é? Por que ela deveria privilegiar a si mesma? Você acha que aqueles artistas da caverna tinham em mente algo mais que a caçada do dia seguinte? E olhe o estado real em que está a maioria dos murais da Renascença; Piero della Francesca é praticamente só restauração a esta altura, e *A última ceia*, apenas alguns fragmentos colados numa sala vazia em Milão."

Este é o discurso contínuo mais longo que Kathryn proferiu até agora. Ela está mostrando as garras, o intelecto esquivo por trás da deferência. Esse verbo desconstrutivista, "privilegiar". Ambas as mulheres estão cansadas. As duas cabeleiras, ruivo grisalho e negro tingido, estão se soltando na umidade enquanto a chuva martela lá fora. A luz desapareceu das janelas; as finas vidraças, com sua cor lavanda e bolhas de empenamento, devolvem à sala reflexos fragmentários de mobília, cintilações curvas da luz da lâmpada sobre superfícies cerâmicas, sombras pálidas e instáveis que são faces e mãos. A primeira vez que ela foi a uma das aulas de Hochmann havia aquela natureza-morta com luz lateral misturada ao celofane refletor. Hope levanta o queixo para repelir a invasora com uma explosão de energia: "Como você pode colecionar um grande emaranhado de corda pendurada sobre toda uma sala num museu? Ou uma pilha de tijolos usados, ou quatro metros quadrados de placas de zinco no chão? Ou uma lâmina de chumbo enrolada, com doze metros de comprimento — foi a obra-prima de alguém, esqueço quem, talvez aquele grosseirão que colocou uma grande lâmina de ferro enferrujado ocupando todo um pequeno parque no centro. Jerry tinha, sim, algumas peças minimalistas, alguns cubos muito bonitos de acrílico, e as pessoas viviam botando os copos de drinques em cima deles. Como se pode colecionar a assim chamada escultura de luz? Ou arte de grafite aspergida por toda a lateral de um vagão de metrô? É tudo tão liberal chique, tão falso popular. E todas aquelas fotografias que os artistas começaram a tirar de si, Cindy Sherman e todo o resto do pessoal, fazendo caretas ou esguichando água, ou rolando em vidro quebrado, ou cobertos de *body-piercing*, como você pode colocá-los na sua parede com a cara limpa? Ou bolas de basquete suspensas num tanque de água Perrier, ou vacas fatiadas em formaldeído? Quem iria querer possuir essas coisas?"

"Suponho", diz Kathryn, a voz retraída do seu surto de afirmação, "que se poderia argumentar que a arte não tem obrigação de honrar o conceito de propriedade. Não deveria ser possuída, deveria apenas *ser*."

"Bem, quem é que vai *pagar* para ela ser? Qual é o sentido de ela ser, se tudo expressa os rancores e neuroses do artista? Onde está a *transação*?"

A mulher mais jovem, sem dúvida não querendo que sua entrevista se deteriore numa briga, ou num debate que poderia ser realizado numa escola de arte, ou em qualquer equivalente do século xxi às cabines com revestimento de couro do Cedar Tavern, declina responder às perguntas de Hope e reverte ao pessoal; volta a cruzar suas longas pernas dentro do misterioso tecido com listras pretas, limpa a garganta de uma comichão seca e estuda suas já amassadas e embaralhadas páginas impressas a laser, antes de perguntar numa voz fortalecida: "Pode-se dizer que Jerry, na ausência de coisas para colecionar, colecionou *você*?"

Hope tem que rir, em admiração à audácia e a insensibilidade juvenis. "Isto *foi* dito sem dúvida", ela responde, "mas nunca antes na minha cara."

"Parece bastante óbvio", diz Kathryn, como se Hope fosse de fato um objeto a ser desapaixonadamente apreciado e não uma pessoa, que um dia foi criança, com sentimentos e uma visão

orgânica sentimental de seu próprio valor. “Zack, Guy; em você Jerry tinha os dois, artistas importantes em termos que ele podia entender, produtores de enfeites de paredes. E você era um enfeite doméstico.”

“Como você está sendo áspera, querida. Temos sido tão amigáveis.”

A face pálida da visitante, como uma folha de papel fotossensível, registra uma sombra de desânimo. Os jovens não creditam a si o poder de magoar os mais velhos, mais ricos e mais famosos do que eles; pensam que mesmo a mais tênue fama reside num mundo virtual que eles não podem tocar. “Eu me sinto *muito* amigável”, Kathryn diz com voz fraca, “tanto que posso estar ficando descuidada na maneira de colocar as coisas. E também a culpa está me cutucando, por ocupar o seu dia inteiro. Só estou tentando *ver* você e Jerry.”

“Por que se esforçar para ver? Ele era um homem de certa idade, eu era uma mulher de certa idade, nós nos entretínhamos mutuamente. E nos confortávamos; ele foi o único dos meus maridos que eu podia chamar para me *confortar*. Ele sempre sabia o que eu pretendia dizer, mesmo que eu tivesse dificuldade em dizê-lo.”

“Dorothy gostava dele?”

“Ele não podia ter sido mais bacana com ela, mas, não, suponho que não. Ela era leal a Guy, como uma forma de revide contra mim, apesar de ter sido Jerry, e não Guy, quem a fez passar por Stanford, garantindo todos aqueles anos na graduação em que ela estava ‘tentando se encontrar’. O que quer que isso significasse — as pessoas não costumavam se perder, você era o que você era e pronto, não dava para *perder* — ela conduziu a busca de forma bastante cara, me pareceu, ela e as putinhas de praia que vivam penduradas nela. Você acha que ela não estava tirando proveito de ser filha de Guy, com toda sua ‘independência’?”

“A sua própria autoeducação não foi exatamente carente de garantias, foi?”

Outro tapa. Minha nossa! A moça está brava. Hope faz uma pausa antes de responder. “Aceito seu ponto. Saciar os instintos criativos, a busca pela beleza, é um luxo que a maioria das pessoas não tem. Minha filha e eu somos ambas putas voluntariosas, não é? Meus pobres pais amantes da respeitabilidade — gente da Filadélfia, a mais discreta elite do Leste; meu pai detestava ver seu nome impresso em algum procedimento judicial —, jamais me ocorreu que constrangimento eu devo ter sido, longe em Nova York, fazendo coisas inomináveis e aí casando com um beberrão grosseiro de lugar nenhum. Eu acho que pensava, se é que pensava, que eles me amavam e que qualquer coisa que me fizesse feliz também os deixaria felizes.”

“E foi assim? Quero dizer, *você* era feliz?”

“Bastante feliz, querida. Tanto quanto alguém pode ser, dado o nosso hábito humano de querer mais do que temos. Eu adoraria ter uma reputação importante, em vez de ser uma espécie de nota de rodapé vitalícia.”

“Você *não* é uma nota de rodapé”, Kathryn diz a Hope com surpreendente firmeza. “Não para mim nem para um número de mulheres mais jovens. O seu trabalho — tão equilibrado e tranquilo e ao mesmo tempo vigoroso e terrivelmente feminino — significa muito para nós. É por isto que estou aqui.”

“Por isso? Que lisonjeiro. Pensei que você estivesse aqui para compartilhar Zack comigo. E Guy. Jerry não, um mero homem do dinheiro. Mas a arte está montada sobre dinheiro, entende?” Elogios tendem a deixar Hope agressiva, despertando um espírito de contradição, o diabinho cristão da autonegação.

Kathryn revida: “A arte do grafite? Jazz?”

“No final, sim. É como a palavra sai, é o meio do marketing, que está sempre procurando um produto novo para empurrar. O dinheiro tomou conta daqueles pobres garotos do grafite, os confundiu e os largou sem nada quando a novidade se esgotou, e deixou a droga e a aids levá-los embora. O dinheiro

de Jerry me levou à Europa, aonde meus geniais maridos anteriores quase não se deram ao trabalho de ir. Nós fomos várias vezes, os melhores hotéis, Veneza, Paris, Londres, mas também Grécia e Portugal, Dinamarca e Noruega, várias vezes à Inglaterra e Holanda, e finalmente vi o que Henry James dizia: para todo lugar que você olha na Europa, há algo contemplado e completado, aqueles séculos de vidas passadas todas contribuindo com algo de interesse, pequenos detalhes como uma escada curva ou uma velha praça com um poço no meio, uma construção torta para caber num terreno esquisito, e o jeito como as cidades italianas cresceram a partir dos morros como árvores sobre um penhasco, e como os centros das cidades só chegavam até certa altura antes de os elevadores serem inventados, só o número de lances de escada que uma pessoa sadia pudesse subir; tudo cortado na medida humana, e a beleza era simplesmente o desejo de toda aquela gente morta de viver decentemente, eles e seus pais e seus filhos, polindo as pedras do calçamento com as solas de seus pés. Eu sei, a América já não é mais tão nova, tem muitas das mesmas coisas, e sem a tirania e o sistema de classes que ergueram os palácios europeus, mas tudo aqui ainda é comparativamente apressado e ultrapassado e rapidamente gasto e *démodé*, é o que parece; a Europa dava a sensação, quando Jerry me levava para lá durante semanas de cada vez, alugávamos *villas* e apartamentos, a Europa dava a sensação de uma floresta antiga, tudo tendo crescido junto, vinhedos e cidades e museus, embora, é claro, tudo agora esteja virando um charco, como americanismo do tipo ínfimo, ínfimo porque eles não tiveram a única coisa que nós tivemos, nosso encontro particular com a imensidão selvagem, aquele trágico vazio. E as *pessoas*, o jeito que elas tratam você e se tratam entre si, as mulheres na rua em Florença com seus olhos redondos como atrizes, sempre representando um papel, e as mulherzinhas francesas muito precisas, mesmo as guardas de trânsito, de salto alto e meias de seda e elegantes terninhos escuros, os gestos decididos, a maneira como as mesmas palavras são usadas repetidamente, mesmo a maneira como os europeus humilham você, cobram preços exagerados, é tão humana, tão *prática*, como se tudo tivesse sido feito mil vezes antes e nada mais precisasse ser inventado. Na escola costumavam nos dizer que os americanos inventaram tudo, e apesar de obviamente não ser verdade, você pode ver porque *deveria* ser verdade. Oh, meu Deus, e daí?, você deve estar pensando. Mas trata-se de arte e dinheiro, você ainda vê ali as igrejas e os palácios, o mercado oficial de arte que nunca tivemos, você sente como ele se entrelaçava com, em vez de ser acrescentado, como sempre foi aqui, a algo extra e levemente tolo.”

A entrevistadora não estava escutando, apenas o gravador escutava, a entrevistadora ficara embaralhando suas folhas de perguntas, à procura de pistas. “Eis uma pergunta pessoal, se me permite. Por que a sua casa contém, pelo que posso ver, tão poucos exemplos de arte do pós-guerra, a arte da sua vida, por assim dizer? E o que foi feito da coleção de Jerry? Apesar de você dizer que não havia nada para colecionar, sei que ele possuía, sim, alguns quadros de David Salle e Eric Fischl, e continuou comprando Wayne Thiebaud o tempo todo, e possuía algumas esculturas em tamanho menor de Jeff Koons e Martin Puryear; nem tudo nos anos 1970 e 1980 era arte de museu e propaganda, embora pudesse parecer...” Kathryn tergiversa exausta. Pobre moça, veio de tão longe para terminar extraviada, dispersa e desapontada.

Hope lhe diz vivamente, tentando animá-la: “Respondendo a sua pergunta: Jerry deixou toda sua coleção adquirida antes do casamento comigo para os filhos do primeiro casamento. Nós discutimos a questão e pareceu justo. Suas melhores peças, as mais apreciadas, estavam nesse lote. Aí havia impostos de propriedade, quase a metade do valor, e foi preciso levantar dinheiro, houve uma liquidação quando ele morreu — não foi preciso cobrir só os impostos de propriedade, mas havia algumas dívidas insuspeitadas, inclusive mais de um milhão só para os *marchands*. Processos legais! Eu me tornei bastante *blasé*, uma ré empedernida. No fim, depois que os advogados receberam sua parte, havia menos que qualquer um esperava. Tive de vender a cooperativa na East Seventy-ninth Street e a casa de Jerry

em Southampton, além de sua metade no condomínio de Sarasota que ele e Pearl dividiram no acordo de divórcio; de toda maneira, não me serviam para nada. Subi para cá para viver o ano todo. Onde aqui em cima eu manteria essa arte valiosa a salvo de qualquer um que quisesse arrombar a casa e roubá-la? Um alarme contra invasores, na hora que a polícia local respondesse ao chamado, era inútil. Vendi os poucos McCoys importantes que eu guardara, e os Holloways que haviam sido parte do meu acordo, pus tudo num fundo para Dorothy, um fundo fiduciário caso alguma mulher mal-intencionada a fisgue de vez, elas podem ser tão predatórias quanto os homens — até mais, já que têm a desculpa de serem desfavorecidas nesta sociedade patriarcal. Os rapazes não precisam do meu dinheiro, estão se dando bem; os salários e os bônus que pagam em Wall Street, a gente fica se perguntando se sobra algum dinheiro para o investidor. Frequentemente não sobra. Então", Hope conclui esse turbulento relatório de perda de suas posses e herdades, "fiz da minha filha uma mulher de meia-idade rica um dia desses, e sei que não vou ouvir dela nenhuma palavra de agradecimento. Penso que você também não deve colocar isto no seu artigo. Deixemos Dot ficar surpresa."

"Meu artigo não vai ser tão extenso quanto você gostaria. Há muita coisa que vou ter de deixar de fora."

"Eu sei, eu sei", Hope a tranquiliza. Mas ela nunca aprendeu quão pouco o mundo precisa que a gente dê; sua beleza é uma beleza impenetrável, autoabsorta. Suas palavras impensadas acabaram por magoá-la: tornaram mais real do que ela gostaria a sua própria morte, que tornará Dot rica, embora a filha vá interpretar o fato sarcasticamente, como uma espécie de compensação a que teria direito, como outra tentativa de sua mãe de cortejá-la e romper seu silêncio de dona da verdade, como um suborno de além-túmulo, provando-lhe que sua mãe era culpada da acusação. E qual fora a acusação? Hope não consegue se lembrar, pois todos esses anos ela sentiu-se o foco de uma raiva que não tem quase nada a ver com ela, que tinha relação com algum processo químico com o qual a filha nasceu e que a mantinha acordada e que, mais tarde, acabou enfurecendo-a por sua mãe não ser obcecada com ela como ela era pela mãe, cujo único pecado, até onde Hope podia honestamente enxergar, era não rejeitar o mundo mas aceitá-lo com demasiada avidez, aceitar a promessa de liberdade que a América dava, aceitar seu sexo como outra peça de potencial, e acreditar, o que é cada vez mais difícil para essa gente jovem na medida que a evidência científica devora a religião, que você não está sozinho, que a voz que você escuta dentro de si é uma companheira. Guy veio, Guy se foi, um abstrato arremedo de pai, mas ela, que sempre esteve ali no apartamento, levou a culpa por ser ela mesma, o único pecado que ela não pode evitar cometer em cada minuto de vida. A menina ingrata nunca teve um dia de fome, nunca saiu para a rua sem roupas suficientes. Ainda assim, esse alheamento habita a área pantanosa de culpa visitada por Hope em seus pensamentos sobre sua morte próxima e a memória da morte de Jerry, que ela presenciou. Ela viu a luz morrer em seus olhos. Ele amava a vida tanto quanto ela e fora tão vigoroso; no entanto, quando a morte se esgueirou para dentro dele, sob o disfarce do mau funcionamento dos rins e enfraquecimento do coração, ele se entregou humildemente ao seu abraço, com meros setenta e cinco anos. Ele ofendeu Hope ao não lutar com mais força para ficar com ela. Ele teria de entrar na fila de um transplante de rim, a espera poderia levar um ano, e os médicos estavam preocupados que seu coração não aguentasse o esforço da operação. Poderiam, nesse meio-tempo, fazer uma ponte de safena, mas Jerry estava hesitante e estranhamente desinteressado; dizia que era um aborrecimento que beneficiava principalmente os médicos e o deixaria com intermináveis cuidados para com seu corpo. Ele tinha medo, ela percebeu — ele, que tinha medo de tão pouca coisa, que entrara de cabeça em toda experiência, inclusive sua experiência de Hope. Eles fizeram amor na segunda que vez que se encontraram, e o primeiro encontro não chegara a isso por pouco, ela estava recém-separada de Guy e ainda sem acreditar que jamais voltariam a estar juntos; ela se lembrava de Jerry do tempo em que tinham ficado lado a lado chamando

de linda a mesma máquina de escrever branca de vinil, e então em outras inaugurações gravitavam um para o outro, e ela começou a sentir a atração se acendendo sobre a cabeça deles como um balão de pensamento em neon num cartaz de Kienholz, e ela ligou para ele, sim, foi ela quem tomou a iniciativa, telefonou para ele no seu escritório, em vez de ligar para sua casa, e lhe disse que suas circunstâncias estavam mudando tanto que talvez ela precisasse de algum conselho financeiro, e ele a levou para almoçar no Lutèce, com seus dois degraus para descer e sua sala com luz natural cheia de um deslumbramento salpicado como um Bonnard, e ele pôs sua mão quente, macia e peluda nas costas, bronzeada do tênis e da praia em Southampton, sobre a mão dela quando o almoço terminou, e ela estava chorando e despejando seu choque e insegurança, repelida com desprezo sem ter feito nada de errado, simplesmente tendo envelhecido, cuidado dos filhos, nem mesmo Zack no seu estado mais abusivo, pelo menos ele lhe mandara flores no fim... A mão de Jerry deu um aperto que poderia ter sido mera solidariedade. Mas havia um brilho intenso, acolhedor em seus olhos — seu relato da deserção e da aflição o fizera rir em diversos pontos em que ela não tivera intenção de ser engraçada — que ela sentiu como uma espécie de dinheiro no banco, embora isso tenha sido meses antes do segundo encontro; ele havia esperado que sua separação de Guy fosse de conhecimento público e estivesse sob os cuidados dos advogados, e que sua própria esposa estivesse na sua temporada de inverno em Sarasota, ele voando para lá nos fins de semana. Aquela luz de interesse, de malícia, em seus olhos de férreo azul, olhos surpreendentes num judeu, haviam se apagado no hospital e se tornado de uma cor baça, como que misturada com finas cinzas, enquanto seus rins e coração corriam rumo a uma total deterioração, e os médicos vinham a ele como consoladoras de Jó, vendedores rogando a um freguês cabeça-dura, cabeça-dura ou surdo, a vida em seus olhos e ouvidos e boca carnuda com sua pequena cicatriz retorcida que parecia afundar quando ele relaxava sob os cuidados do hospital, seus limpos quartos brancos, seus delicados ruídos noturnos e as luzinhas piscando como na ponta de um enorme navio singrando, a enganadora azáfama de enfermeiras e internos, como se sua juventude e saúde eficiente pudessem ser repartidas entre os pacientes da mesma maneira equitativa e rápida que as refeições, pílulas e formulários de consentimento, ali, acima do lado leste do rio. Seu quarto dava para o rio, oito andares acima, os rastos se alargando dos reboques e balsas transbordando de sucata metálica enferrujada e barcos de turismo dando a volta pela ilha e lanchas da polícia cruzando velozmente a água e um ou outro iate ocasional a meia velocidade, as velas enroladas e duas mulheres jovens quase nuas tomando banho de sol na proa enquanto arranha-céus e todas as janelas de espectadores passavam voando. Jerry gostava do hospital porque era uma cidade dentro da cidade e zunia com a corrente impessoal da cidade o tempo todo; Hope ficava furiosa com ele por se sentir em casa ali, por não lutar com mais afinco para ficar com ela fora dessa sedutora fábrica de morte, por permitir tão passivamente que a cidade o reivindicasse e expusesse a mentira do idílio em Vermont que ela construíra, talvez a partir da memória de seu eu juvenil levando Zack para Long Island, trazendo Zack para os Flats inundados de luz no fim do mundo civilizado, onde ele precisava estar para fazer sua fama, com cinco anos gloriosos de trabalho duro, a obra-prima de Hope como esposa, ali em Gardiners Bay, à vista de McGonicle's Harbor. A Baía fundia-se com o Estreito, cujas mesmas águas por fim se concentravam naquele assim chamado rio, um rio apenas na medida em que suas águas circulantes eram emprestadas do Hudson. Mas Zack fora um garoto do campo, o espaço indomado estava em suas veias, enquanto Jerry tinha sido um menino de ruas asfaltadas e incessantes ruídos humanos. "Jerry. Não me deixe."

"O quê?" O apelo sussurrado o trouxe de volta de algum refúgio interior, um compartimento de drogada paz; suas pálpebras castanhas, com seus capilares rompidos como pequenos fios vermelhos e azuis embebidos em notas de dólar, curvas em torno de uma porção maior de seus globos oculares agora que sua face estava encolhendo, aderindo mais e mais ao osso.

Ela tornou sua voz mais penetrante. “Eu disse, ‘Jerry, por favor, lute com mais afinco por mim. Por *nós*. Não desista’.”

Ele se debatia para ficar acordado; as pálpebras pousavam sobre suas íris azul-cinzentas e ficavam piscando. “Eu tive uma bela viagem”, dizia. “Esta última parte foi a melhor. Muito obrigado, Tiger.” Ele a chamava de Tiger por causa de uma de suas primeiras vezes na cama, quando sua fome também a surpreendera. O apelido combinava estranhamente com a impressão dela naqueles primeiros encontros, do seu cabelo ficando mais fino embora ainda grosso e pungente, emaranhado como lã de carneiro. O cabelo se tornara mais esparso, mais branco, em nove anos, mas a risca dócil sempre fora sua marca. Ela o seduzira para longe de Pearl, e agora sua morte o estava seduzindo para longe dela.

“Os médicos querem lhe dar um coração novo, Jerry. E diálise até haver um rim disponível.”

“Você não acha”, ele perguntava, forçando os olhos a ficarem abertos, o esforço provocando um sorriso acanhado em seus lábios, com seu franzido remanescente de uma briga de rua quando jovem, “que seria botar um motor novo num chassis já enferrujado? E depois um carburador novo. Mais um homem biônico, levando o sistema de saúde à falência.”

“Jerry, você não quer ver seu próximo neto, o filho do seu enteado? E ver Piet virar sócio?” A esposa de Paul, Kay, estava grávida de novo, esperando que fosse uma menina daquela vez. Jerry passara a ter um interesse tão forte nos filhos de Hope como se fossem seus próprios filhos — ainda mais forte, pois até mesmo Dorothy ficava menos constrangida com ele do que seus filhos com Pearl. Os enteados podiam ser seus amigos, os filhos eram dolorosas extensões de si, quando tinha consciência deles, então não se desviava do caminho para tomar essa consciência, poupando-se do agravo. Hope o instava a comunicar-se mais com eles, mas ele a empurrava de lado: “Nós nos entendemos, eles sabem que estou aqui se precisarem de mim.” Era como se ela tivesse aberto uma daquelas passagens do Velho Testamento — linhagens, leis dietéticas, o Deus punitivo, vingativo, bárbaro — que nada tinha a ver com uma donzela quacre. Os judeus na América, por mais que tivessem conversado efervescentemente com o mundo gentio ao redor, retinham alguma coisa, havia um quarto que permanecia trancado, e neste quarto suas transações mútuas eram conduzidas e, imaginava ela, o segredo era mantido em seu tabernáculo. Eles raramente viam os filhos de Jerry; eram os filhos de Hope, suas mudanças de emprego e de apartamento, os nascimentos e promoções, que mantinham o casal de idade em contato com as aventuras elementares de viver esses nove anos que foram casados, viajando para Vermont e voltando para Nova York, realizando o pouco que precisavam para manter suas posições, no cenário artístico cada vez mais difuso e sem direção, como pintora e colecionador. Agora ela pendurava junto ao leito de Jerry no hospital aqueles bocados de vida vicária e ele não conseguia esconder seu tédio. Fechava os olhos, a orbe do globo ocular revelando-se sob sua frágil cobertura, os fios vermelhos e azuis dos capilares rompidos que nunca seriam remendados. Ela começou a chorar sua impotência em face dos limites da criatura, que incluíam, ela podia ver, um limite nesta, a mais plena, a menos deteriorada, de suas relações. Sem interromper sua graciosa fidelidade, Jerry a estava abandonando. Teria havido sempre algo de paternalista em seu bom humor: um desdém de dar-lhe a honra de um combate, de igual para igual, como ela dera a Zack, e Pearl devia ter lhe dado? Ele parecia determinado a ultrapassar esta última barganha e manter quaisquer déficits para si. Ouvindo o silêncio dela, ele abria os olhos, e estes vestiam um olhar de peixe que ela vira antes, nos olhos de Zack e de Guy, quando percebeu que tudo que uma mulher faz para um homem, todo aquele cuidado e amor, não basta, para ele é secundário, não essencial. A arte era o que aqueles homens tinham amado — isto é, eles próprios. Jerry a pegara barato, de boa proveniência. Ela se tornara, para Zack e Guy, onírica em sua inconsequência, como era agora para Jerry, chorando e implorando-lhe para viver por ela. Ela o entediava, aborrecia-o, minúscula como havia se tornado. Ele não tinha a força de mandá-la embora. “Dá um descanso, Tiger”, ele dizia. “Vamos ver como

as coisas vão estar amanhã.”

Hope diz a Kathryn: “Eu tenho, sim, algumas peças valiosas lá em cima. Aqui embaixo não queria ninguém olhando pela janela e vendo alguma coisa que valesse a pena roubar. Apesar de que quem olha por essas janelas não é capaz de saber a diferença. Penso que os moradores locais concluíram há muito, quando Jerry e eu íamos e voltávamos, que aqui não havia nada que pudessem revender. Na verdade, nesta sala e na sala de jantar atrás daquele canto há alguns quadros que costumavam ficar pendurados na casa dos meus avós em Germantown. Aquela aquarela de nastúrcios, por exemplo, perto do telefone, e a natureza-morta na parede do outro lado, e aquela velha certidão de casamento sobre a cornija, acima do relógio.”

“Fiquei imaginando o que seria.”

“Pennsylvania Dutch Fraktur. Uma certidão de casamento, em alemão. Quando criança eu costumava estudar as pequenas figuras que parecem bonecos, a noiva e o noivo. Eles parecem tão despreparados para o casamento, não é? Mais como bonequinhas de papel que as meninas costumavam vestir com roupas de papel. Há algumas miniaturas do século xix dos meus ancestrais de Ouderkirk na sala de jantar, que eu nunca mais uso: miniaturas ovais em caixinhas forradas de veludo. Elas têm as maçãs do rosto rosadas e olhos azul-claros, azuis como os olhos de dois dos meus três maridos. Parte do fino trabalho de pincel e pontilhado é maravilhoso; eles pintavam sobre finas lâminas de mármore, sabe, uma coisa preciosa finamente raspada, que não absorvia a aquarela de imediato. Você gostaria de dar uma volta e vê-las?”

“Não acho que seja necessário. Você as descreve tão bem.”

“Lá em cima, nos diversos quartos; deixe-me pensar. No quarto de hóspedes há algumas velhas gravuras, apagadas, nada caro. *Pinkie*, de Lawrence, numa moldura de bronze embaçada, e o Vermeer da mulher com o jarro de prata, no Met, com aquela maravilhosa faixa de azul refletido ao fundo, longe da janela; azul por toda parte, realmente, até mesmo a haste na base da toalha, a gente fica imaginando se ele não veio à tona queimando alguns outros pigmentos que desbotaram. E na parede branca, no patamar superior, um óleo confuso de uma floresta que ficava no estúdio do meu avô, a única parede sem livros ou janela; quando minha avó reclamava que não entendia como ele podia olhar para algo tão lúgubre, ele dizia: ‘Florestas são assim, cheias de árvores mortas tombadas. O pintor era um homem honesto’. E no meu quarto tenho alguns itens modernos, que valem alguma coisa para o colecionador certo, suponho; a primeira, uma versão mais grosseira do pastel que Ruk fez de mim e que está pendurado na Corcoran, e uma serigrafia que Bernie me deu, uma versão íntima de um dos seus óleos heroicos, um campo de azul quase quadrado, frio como a parte de baixo de um iceberg, com uma faixa única, bem deslocada para um lado, de garança rosa, feita com traços levemente irregulares, rápidos. Você gostaria de subir ao meu quarto para ver?”

“Não creio que seja necessário.” Ciente de possivelmente parecer pouco receptiva, Kathryn acrescenta: “Você deve estar cansada.”

“Você também, querida.”

Seu dormitório — ela teria gostado de exibi-lo a esta jovem intrusa de cabelo escuro, a visão da sua rendição noturna ao sono, sua arejada cela, a cama feita com esmero, a colcha *amish* de borda rosada puxada até embaixo com precisão linear, com a irrequieta meticulosidade dos velhos. A primeira coisa que Hope faz toda manhã, uma vez esvaziada sua inelástica bexiga e escovados os dentes — coroas e implantes, a maioria deles; seu sorriso é uma mentira —, é fazer a cama, tendo ligado na estação de música clássica de Burlington, uma afiliada da wnyc. Ela nunca pintou ao som de música, ao contrário de Zack e seu barulhento jazz — depois que levaram eletricidade até o celeiro, ele punha o som alto como se quisesse mantê-la afastada —, mas ela precisa da música para fazer a cama, com as juntas dos dedos

doloridas; isto ergue seu espírito acima da ignomínia das tarefas diárias, alimentar os confortos da nossa própria criatura, os tediosos ritos de higiene. Com frequência, molhada do chuveiro, ela faz a cama nua, seu velho e medonho corpo ossudo e bojudo, flácido e cheio de manchas, brilhando à luz fresca do quarto, o Senhor como única testemunha, e Ele, no olho mental de Hope, bastante contente com sua aparência de Schongauer; isto era arte protestante, Deus olhando para nós em vez de nós olhando para Ele, todo holandês e judeu na Holanda, um santo na escuridão para o pincel carregado de Rembrandt.

"Você não deve pensar", Hope diz a Kathryn, que mais uma vez inclinou-se para a frente ansiosamente, o corpo parecendo um canivete negro dobrado, para conferir se o Sony ainda está correndo, "e sei que soei como uma terrível resmungona e filisteia, que Jerry e eu desdenhávamos tudo na arte depois de 1975. Aquelas esculturas fotorrealistas que costumavam nos surpreender no Whitney porque pareciam demais com pessoas, em tamanho real e feitas de fibra de vidro, com olhos de vidro e cabelo de verdade, em roupas de verdade, uma delas era mesmo um guarda do museu, as pessoas ficavam fazendo perguntas, *oh*, qual *era* o nome do homem. Hanson. Duane Hanson. Eu deveria lembrar, porque ele morreu uns anos atrás, e era mais moço que eu. Bem mais moço, devo dizer. E havia um jovem artista britânico, talvez fosse australiano, se é que faz alguma diferença, Ron qualquer coisa, ele estava na exposição no Brooklyn Museum que deixou o prefeito Giuliani todo aborrecido, um nome tipo alemão, Monk ou Munck; ele teve a mesma ideia, só que não fez em tamanho real, fez uma réplica pequena *perfeita* do seu pai moribundo, não maior que um gato doméstico, e depois uma gigantesca da sua própria face, com cada poro exibido, cada pelinho sutil. Sempre fui tão grata — você não? — de não precisar começar o dia fazendo a barba, não creio que as feministas apreciem o suficiente aquilo pelo que os homens passam, mesmo que seja verdade que eles não precisem cuidar dos bebês, nem sofrer tanto no amor. Quando você olha para os homens do Oriente Médio, com aquelas barbas de cinco dias que os faz todos parecer terroristas, e agora também os lançadores de beisebol — para intimidar os rebatedores, suponho —, pelo menos *eu* fico grata. Mueck: o nome dele acabou de vir. m-u-e-c-k, creio."

Estará ela divagando para mandar a moça embora ou porque não consegue evitar esvaziar-se completamente para ouvidos cativos?

Ela continua. "Elas me afetam, essas esculturas literalistas. Contam-nos algo sobre o ser humano: nossa vulnerabilidade, principalmente. Só as nossas peles — tão despidas, tão fáceis de perfurar, mesmo sem uma arma. As unhas, os cílios, mesmo a cera dos ouvidos, todos os mínimos toques que em algum ponto da evolução aparentemente habilitaram algumas pessoas a sobreviver melhor que outras, ou a encontrar parceiros, embora eu não tenha certeza de como a cera no ouvido pudesse ajudar nisso, para não mencionar todas as delicadezas moleculares que notamos apenas quando ficamos doentes porque elas de repente funcionam ligeiramente errado. Olhando para trás", Hope confessa, "é difícil lembrar por que todos nós olhávamos o figurativismo de cima para baixo, o encarávamos com tamanho desprezo; não queríamos que a pintura fosse *fatual*, essa era a palavra assustadora, Clem ficava lívido com essa ideia, e aí precisava tomar mais um drinque para se firmar, e Hochmann, também, absolutamente sarcástico, daquela maneira que os alemães têm de desejar que algo saia da existência, mas eu me pergunto agora se toda pintura não é fatual, uma história que o pintor quer contar. O que ele não vai fazer, o que ele *vai* fazer, o que está morrendo de vontade de tentar, o que ele está externalizando de dentro de si no sentido de algum tipo de — o quê? — economia definitiva, digamos. A tela é uma aventura, Clem estava certo quanto a isso, e o artista é o aventureiro, contando sua história à medida que ele vai adiante. Sinto muito, Kathryn, receio não estar dizendo isto muito bem, é mais claro quando você volta para perto do começo, para Giotto e Cimabue e os sienenses começando a captar a perspectiva e a expressão humana, e então ver essas habilidades dominadas tão triunfalmente na Alta Renascença, onde o artista fica se vangloriando do que sabe fazer, Michelangelo dizendo que você pode fazer *qualquer* coisa. E também

Rafael, numa voz mais macia, e então essas habilidades tornam-se tão comuns que a arte por fim fica entediada delas, pense em Ingres e Copley, aquele acabamento doentio, e então, nos anos 1920 e 1930, a ilustração de revistas e o realismo social soviético, de fato terrivelmente habilidoso, com seu *gosto* de um tipo lúbrico, você pode ver isso em Rockwell, que, Deus nos livre, está marchando pelos museus do país neste exato momento em que estamos aqui sentadas, enquanto a linha mestra desde o Impressionismo tem sido correr no sentido oposto, dissolvendo a imagem, deixando-a ficar tênue e esvoaçar para longe, até chegar a Zack e Onno e Bernie, e não resta mais aonde ir a não ser a paródia. Sei que você pensou um bocado sobre decadência — como alguém pode não pensar nestes tempos? Um milênio inteiro acabou de se desintegrar — mas parece que a arte precisa tatear para não ser decadente, precisa estar exatamente a cúspide do possível, ou não podemos reagir a ela como algo... algo, você se importa se eu disser, 'sincero'? Ela precisa ser sobre nós, apenas a uma fina pele de distância de não ser nada. Não nada, talvez, não sei qual é a sua religião, mas tombar de volta para dentro do esplendor."

As janelas negras lhes dizem que por trás do véu da chuva constante o dia se moveu para além do crepúsculo. Os ponteiros quase invisíveis do relógio sobre a cornija mostram vinte para as sete. Se saísse exatamente agora a moça chegaria em casa, em Nova York, por volta da meia-noite, na melhor das hipóteses, os olhos turvos e cansados de forçar a visão através do para-brisa açoitado, ensurdecida pelo ruído abafado dos limpadores e o chiar dos pneus molhados e o tinido do rádio, uma coisa que Michelangelo não tinha para lhe fazer companhia no andaime, vozes e canções emitidas de uma gruta estreita, lacrada, revestida de isolamento, ondas eletromagnéticas que temos agora em lugar de anjos mensageiros, disc-jóqueis embalando a visitante de Hope, sentidos nos cueiros, suas pernas apertadas, uma dor nos ombros de segurar o volante com suas longas mãos brancas — mãos de *Mona Lisa*, primeiros estudos para o que pode ser visto no alegado retrato de Ginevra de' Benci na Galeria Nacional e o de Cecilia Gallerani em Cracóvia, mas sem as unhas pretas, ou melhor, cor de berinjela, de Kathryn. Como se já sentisse o confinamento do carro, Kathryn troca rigidamente de posição na cadeira xadrez de braços largos e baixa os olhos para o Sony. Tecnologia digital é o que está por vir, Hope leu, com armazenagem virtualmente infinita, mas quem escutará? Quem transcreverá e lerá a infinidade de dígitos?

"Você precisa ir", Hope lhe diz.

"Sim. Mas ainda não falamos dos quinze anos desde que Jerry morreu e a maneira notável como você ressuscitou a si mesma, com suas pinturas, é claro. Você criou para si uma nova reputação."

"Criei? Como é que Shakespeare chama isso; 'a reputação-bolha'? As pessoas acham interessante que a velha dama se mantenha ativa. Os críticos falam do delicado espírito quacre das minhas abstrações, porém sinto mais aquilo em que Bernie costumava insistir, a paixão. Aquelas suas grandes telas monotônicas, com uma ou duas listras em cor diferente, às vezes apenas ligeiramente diferente, as pessoas estranhavam como podia haver paixão nelas, inclusive eu estranhava, mas lá estava ela, uma tensão emocional incrível, como a superfície criada quando uma grande bacia de pedra é cheia até a borda, ou aquele neominimalista, na Costa Oeste, eu acho, que encheu um cubo preto de tinta preta, de modo que o lado de cima parece perfeitamente rígido, e você fica morrendo de vontade de tocar, mas é claro que não se atreve. Você sabe, a minha jovem oftalmologista — agora todo mundo é jovem, todo mundo que costumava ser velho, os médicos, os advogados — minha oftalmologista me explicou, e achei *fascinante*, que os nossos olhos adquirem a resolução fina que possuem porque sobre a película de água, que aplaina algumas das irregularidades microscópicas da córnea, pequenas glândulas sebáceas ao longo da borda dos cílios, literalmente *centenas* delas, secretam um revestimento de óleo que as aplaina ainda mais. O olho de um falcão é cinco vezes mais aguçado que o nosso; cinco vezes mais oleoso, pode ser. Ver *é* o sentido predatório, não é? Nós escutamos e cheiramos para nos proteger, mas vemos para capturar e matar."

Ela duvida, tão logo o diz, que isto seja realmente verdade; a voz da entrevistadora, inclinada para a frente com um fio de ansiedade, interrompe as suas dúvidas com outra pergunta: “Você acha que homens e mulheres veem da mesma forma? Pintam de um jeito igual?”

Hope se arrepia, começando a sentir-se esfolada pelas exigências deste encontro. A pergunta é feminista mas não necessariamente estúpida; ela quer responder da melhor forma possível e fecha os olhos, como se aquilo que os elisabetanos chamavam de feixes dos olhos pudesse se insinuar pela escuridão avermelhada rumo a uma resposta honesta. “Nós olhamos”, ela diz, “para aquilo que nos interessa, aquilo que nos diz respeito. Uma mulher, por exemplo, ao entrar numa sala, por ser dona de casa, vê sujeira à qual os homens são cegos. Ela vê como as outras mulheres se vestiram e se pintaram para realçar suas melhores qualidades. As mulheres temem o perigo de uma gama maior de direções que os homens, então suponho que haja menos, como posso chamar, *frontalidade* em seu trabalho. Mulheres teoricamente deveriam se interessar por falos, e há — me corrija se você não concordar — um momento fisiológico em que nos interessamos, mas há muito mais imagens fálicas nas pinturas masculinas do que nas femininas. Desde O’Keeffe e suas malditas flores, e não o contrário. Nós pintamos nós mesmas. Então não, não exatamente, mas bastante parecido, seria minha resposta. A espécie humana é menos diferenciada por gênero que muitos — macho e fêmea de certos parasitas intestinais, acredito eu, não se parecem em *nada*. Nós, homens e mulheres, somos ambos feitos para correr, e nos pendurar nos galhos, e comer nozes e frutinhas silvestres.”

“Que interessante.”

“Bem, é mesmo? Venho pensando na minha pintura desde que você me acertou na cabeça com aquela declaração que dei cinco anos atrás. Eu estava numa conjuntura religiosa mental bastante distinta, parece. Cor equivale ao Diabo; que coisa bruta de se dizer! Eu misturo *montes* de cores em tons de cinza para produzir apenas insinuações de lilás, de bege, até mesmo de rosa, para estabelecer uma vibração entre as listras, a *atividade*, a atividade atômica que está em tudo, aparentemente até na superfície de aparência mais achatada, se você consegue acreditar no microscópio, esse *fervilhar*, como os turbilhões e respingos de Zack, de certa maneira, ou as melecas de Guy na época em que fiquei atraída por ele, antes de se tornar uma fábrica, declarando que não podemos tirar a imperfeição da arte, que é parte da perfeição.”

“Elas são sua declaração de conclusão? As suas pinturas recentes. Elas parecem mais escuras, mais ricas.”

“Elas têm, suponho, o terror e a tristeza das últimas coisas, da morte, por que não dizer? Mesmo que seja impossível capturar, retratar.” Involuntariamente ela visualiza seu quarto, do qual está sentindo falta. Na mesinha de cabeceira, óculos de leitura de reserva num estojinho de pano xadrez escocês, um exemplar da última pequena novela de Muriel Spark, um relógio Braun quadrado preto com a face tapada para ela não ver os ponteiros brilhantes se acordar no meio da noite, o que lhe provocaria insônia, uma máscara para os olhos para mantê-la dormindo quando a luz da primavera penetra, cada vez mais cedo, pelas frestas das venezianas, tampões de cera para as orelhas numa caixinha plástica — quatro punhados espremidos em linha como no quadro de Roger Merebien — para espantar o barulho das corujas de Vermont e dos coiotes invasores e o murmúrio do tráfego. Estranhamente audível à noite, de algum modo soando mais próximo, vindo da Route 89. Sobre a pequena penteadeira, escovas com a parte de trás em prata que pertenceram à sua mãe e pequenas fotografias coloridas de seus netos, inclusive os três nascidos após a morte de Jerry. E então, nos anos 1990, Dot e sua companheira holandesa gigante adotaram uma menina vietnamita; Hope ficou sabendo disso por intermédio de Paul, que lhe deu uma cópia colorida de uma foto que Dot enviara a ele, já que ela não mandara uma para a mãe. A menina, com cerca de quatro anos na foto, tem aparência esquálida e apreensiva sob o clarão do flash, mas sorri

resolutamente, disposta a tornar-se mais uma americana. “Por outro lado”, continua Hope, “quando estou no cavalete, não penso no quadro em que estou trabalhando como minha última pintura, nem perto disso; no meu olho mental há toda uma série deles, uma fileira infinita de dominós, à minha frente.”

“Que encantador”, diz Kathryn, tendo esperado pela continuação da imagem. *Que interessante, que encantador*, a moça secou, como os homens. Os homens fazem o que vieram fazer e vão embora, e pelo mais longo dos tempos isto parecia impiedoso para Hope.

“Você deveria ir agora”, ela diz à hospede.

“Realmente deveria. Mas está tão gostoso aqui, eu tenho essa...”

“Inércia.”

“Sim. Exatamente.”

“Você precisa voltar à sua vida. Diga àquele seu rapaz para ele se abrir quando for com você a uma galeria. Se ele não consegue ver o prazer dela, talvez não seja o homem certo para você.”

“Acho difícil que Alec tenha prazer com tanta coisa na sua vida — sua carreira e tudo mais — sem estar decidida.”

“Quando tudo estiver decidido, será tarde demais. O momento é sempre *agora*. Não há *depois*, acaba-se descobrindo. Tudo que é real é uma espécie de agora.”

“Diga isso a *ele*”, diz Kathryn.

“Eu ficaria feliz em dizer. Nasci há muito tempo para ter vergonha de aprender com os homens, mas há coisas que eles podem aprender de nós, também, e os mais espertos sabem disso. Os homens veem o que está na frente deles, mas nem sempre todo o resto.” Kathryn está diante de Alec, é a impressão de Hope, e ele não vê bem que ela pode não estar aí para sempre, que está madura e que deve ser colhida.

As duas mulheres hesitam no limiar à sua frente: o fim das palavras, a retomada dos fardos. “Antes de desligar a máquina, há alguma coisa que você ainda queira dizer?”

Hope mantém a boca aberta e olha para a extremidade distante do teto, levemente vergado, descolorido aqui e ali, como algo estarrecedor. “Tenho a sensação de que há, mas não imagino o que possa ser.” E acrescenta: “Tenho sido uma mulher afortunada. Não acredito realmente que o mundo seja do Diabo. Ou *só* do Diabo.”

Kathryn se inclina para a frente com aquela sua despertada impaciência, como se superasse uma tendência mecânica de ficar emperrada, e aciona o botão de modo a silenciar o minúsculo Sony cinza, a terceira presença na sala, imóvel, em vigília, onisciente. Com um suspiro a entrevistadora se põe de pé, e Hope balança para a frente e para trás sua cadeira de muitas madeiras ao esplendor desse desdobrar — as longas pernas negras; as calças bem ajustadas em torno das coxas e alargadas acima do cano das botas; e a jaqueta curta de suave imitação de couro preto, que a moça nunca tirou, um comentário silencioso sobre o frio da sala em comparação a quase todo apartamento em Nova York. A contrastante gola rulê branca protege sua garganta, e sobre suas pequenas orelhas em concha dois pentes prateados prendem junto à cabeça seu longo cabelo acetinado tingido de hena. Das solas das botas de ponta quadrada até o topo da cabeça ela deve ter bem um metro e setenta e cinco; uma das coisas que prendem Alec a ela provavelmente é que ele seja tão alto quanto ou mais alto que ela. Hope, sendo baixa, teve sua cota de homens. Ambas as mulheres assumem o penteado puxado para trás, arrumado rapidamente, das seguidoras do campo da arte, daquelas que buscam, por meio de uma mistura de comércio, desleixo e envolvimento pessoal, uma reluzente atividade desinteressada, incorruptível e ardente. Kathryn enfia o Sony e suas anotações impressas na grande bolsa preta, quase do tamanho de uma sacola, que ficou esperando ao lado da poltrona, sobre o tapete de retalhos trançados.

Hope pergunta: “Você gostaria de levar seu meio sanduíche para a viagem? Eu poderia fazer um saquinho de nozes, passas e frutas secas. Estou preocupada com você; realmente não há muitos lugares

para parar entre aqui e a rodovia direta para Nova York; aquelas horríveis lojas de conveniência que vendem principalmente doces velhos e revistas *National Enquirer*. Você não adora as manchetes? *Amor verdadeiro de Julia sequestrado por alienígenas. Perda de peso de Whitney horroriza os fãs*."

"Não, ficarei bem, Hope. É o carro de Alec, e se eu deixar o volante melado de geleia, ele me mata."

"Ai, ai. Ele não parece ser muito fácil de agradar."

"Ele é um doce, basicamente. Mas, como expliquei, está numa fase difícil da vida."

"Bem, não estamos todos? Como seria uma fase fácil da vida? Tchau, Kathryn. Estupidamente eu me esqueci o seu sobrenome."

"D'Angelo. Com apóstrofo."

"É claro." Hope tem uma lembrança muito longínqua da conversa telefônica introdutória entre ambas, um sussurro distante no ouvido. Como ela foi estúpida, sentada ali todas aquelas horas, achando que a moça era judia. Bem, ela *é* filha do mediterrâneo, a passível mãe do vinho e das raças de pele cor de oliva e de todas as ideias segundo as quais ainda vivemos, nós, filhos das névoas do Norte.

"Eu lhe agradeço *muito*" a intrusa diz. "Você me deu tanta coisa, muito mais do que possivelmente posso usar. Sinto-me culpada de tomar o seu dia todo."

"Eu fiz a minha hora ou duas ao cavalete antes de você chegar. Depois disso, meu tempo vale muito pouco, e parece haver tempo de sobra. Receio ter cansado os seus belos ouvidos. Passo muitos dias aqui em cima sem falar com ninguém, exceto ao telefone — não que ele toque todo dia."

"Você devia ter um bicho de estimação."

Esta sugestão a toma de surpresa, mas talvez ela tenha pedido por isso, ao parecer mais desamparada do que se sentia. "Jerry e eu tínhamos cachorros aqui em cima, goldens adoráveis, muito amáveis, nós os levávamos de um lado para o outro quando íamos à Nova York, e os púnhamos num canil próximo a Bolton quando íamos à Europa, eles pareciam tão *magoados* quando o carro se afastava, e ficavam tão frenéticos de nos ver quando voltávamos, eu tinha medo que seus corações explodissem de felicidade, e falamos de paixão! Depois que Jerry morreu, Júpiter, o último dos goldens, morreu também, ele se desgastou muito indo até a porta à procura de Jerry. Os cachorros realmente não respeitam as mulheres como respeitam os homens, e eu pensei em pegar um gato, mas achei melhor não ter bichos de estimação e não deixar aos meus rapazes o problema de como se livrar deles. Meus bichos de estimação são as criaturas da vida selvagem. Até mesmo os ursos, embora eu não goste de ver as marcas de suas garras nos bosques muito perto da minha casa. Sabe, há mais ursos nestes bosques agora do que jamais houve desde o século xix."

"Eu não sabia."

Havia algo que Hope estava em vias de dizer ao ser interrompida e agora diz: "Para mim foi uma dádiva, poder falar tanto. Dar uma olhada na minha pobre vida em retrospecto."

Kathryn combina esta declaração um tanto afetada com uma declaração sua: "É tão incomum para alguém da minha geração", ela diz, "conversar com alguém tão contente com sua vida. Meus amigos, eles são bem alimentados, alguns deles ganham um bom dinheiro e têm sexo suficiente, acho, mas não estão de fato *contentes*. Eles não têm essa capacidade. Você *está* contente, não está?"

Hope ri, a coisa voltou a ficar tão estranhamente formal.

"Estou contente de conhecer *você*, srta. D'Angelo. E estou contente, acho, porque toda vez que fiquei sozinha na vida ainda tive uma razão para seguir adiante. A arte, se você tem alguma vocação para ela, não abandona você. Está sempre disposta a flertar. Agora, realmente, antes que você saia correndo, *deveria* usar o banheiro. Eu insisto. É tão difícil, mesmo sem chover, achar banheiros ao longo da estrada que não nos humilhem fazendo pedir a chave."

Ao mesmo tempo que Hope lhe diz essas coisas, Kathryn cruza a saleta até o hall de entrada e, com um único gesto largo, veste o manto de caxemira púrpura com que veio e que havia jogado sobre o canapé. O capuz lhe dá um ar sinistro porém cativante, o longo nariz agora sobressaindo da sombra, sua grande bolsa preta balançando no antebraço dobrado. Ela reflete e decide: "Sim, isto eu *vou* aceitar. Obrigada."

Mais uma vez, então, naquelas botas barulhentas, ela vai ao banheiro sob a escada dos fundos. Na cozinha, Hope tira rápida, furtivamente, uma embalagem plástica de sua caixa na gaveta e, abrindo a geladeira, pega, de um conjunto de recipientes plásticos na prateleira da porta, porções de uma modesta quantidade de castanhas-do-pará, amendoins crus, nozes-pecã torradas levemente salgadas, uvas-passas, minirosquinhas com cobertura de iogurte, e damascos secos. Ela lacra a embalagem com um doloroso aperto dos dedos; Kathryn aceita o gordo pacote de merenda sem protesto nem palavra de agradecimento, como uma criança que sai correndo para a escola. Sua cabeça já está na viagem pela frente; os olhos já estão olhando pelo para-brisa, os limpadores batucando. "Você é muito gentil", ela diz em seu torpor da partida. "Devo lhe mandar uma transcrição quando tiver uma pronta?"

"Oh, minha nossa, não. Eu não suportaria ler."

"Você gostaria de aprovar as citações que eu usar no artigo? Como eu disse, você me deu muito mais do que posso usar."

"Sinceramente não, querida. Tenho certeza de que você fará direito. Você tinha o gravador. E, sinceramente, não posso imaginar quem será o leitor desse artigo."

"É possível que tenhamos até mesmo algumas opções impressas, dependendo do tom que eu der. Minha agente está muito entusiasmada com as possibilidades."

"Nunca tive um agente; suponho que o negócio deles é ficarem entusiasmados. Se você começar a sentir cansaço e os olhos começarem a fechar, e se comer um damasco seco não adiantar, querida, você tem que me prometer que vai encostar o carro, e não simplesmente no acostamento ou num desses postos de descanso de caminhões onde acontecem coisas pavorosas, mas perto de um restaurante com as luzes acesas e gente entrando e saindo."

"Vou ficar bem, de verdade. Mais uma vez, até logo, sra. Chafetz." Kathryn vira a maçaneta da porta, mas não consegue abri-la; Hope, que conhece todos os truques desse trinco, em tempo úmido ou seco, escancara a porta para ela. O vívido sopro molhado da chuva, o som e a agitação dela no escuro, o lampejo sob a luz da porta de suas finas hastes verticais reluzindo com reflexos, sua presença avassaladora estendendo-se até fora da vista e penetrando na escuridão da qual ela cai: a fera confronta as duas mulheres. As lâmpadas da sala de estar revelam apenas alguns passos de grama morta, mais as copas reluzentes dos arbustos plantados perto da casa, teias de aranha brancas encharcadas e espalhadas sobre o teixo de corte reto como rendas sobre uma mesa. As pedras irregulares levam com dificuldade para a escuridão sussurrante, tamborilante, onde o carro da visitante está escondido. "Oh, não saia!", Kathryn grita, quando Hope pisa fora do abrigo do pequeno telhado sobre o alpendre de laje que vinte anos atrás substituiu as tábuas podres. "Você vai se molhar!"

"Só um minuto. Vai me fazer bem. Jerry sempre acompanhava as visitas até o carro."

Sem ter escolha, a menos que use seu tamanho e força juvenil para empurrar a mulher mais velha de volta para a casa, Kathryn vira-se com um giro talvez desesperadamente engraçado de seu braço, saltando para fora do negror da capa, e se dirige pelas pedras com passos no começo firmes e depois, no escuro, hesitantes. Hope, que conhece cada saliência e vão do caminho, pega o braço de Kathryn, sentindo através da caxemira a carne tensa, resiliente da outra, uma carne endurecida pela "malhação", correndo sobre o pavimento. Chuva, frio e um vento leve cobrem a face de Hope com uma sensação deliciosa. Sob a faia, os pingos são maiores, reunidos e largados pelos galhos nus. Eles batem

ruidosamente sobre o metal oco; o automóvel emprestado, o para-lama sem pintura reluzindo, compõe uma forma à noite menos distinta ao olho do que ao ouvido quando Kathryn chega ao seu lado e com a chave arranha a porta, que ela trancou sem motivo, pelo hábito da cidade, aqui nesta montanha de Vermont onde raramente passam mais de seis carros por dia. É um carro velho e barato, sem equipamento para travar e destravar com o aperto de um controle remoto eletrônico, como a Caravan azul-royal de Hope. Oh, ela sabe que o seu suv bebe gasolina, todavia o espaço interior, suficiente para telas de um e meio por um e oitenta, e a exaltação de sentar-se tão alto acima da estrada, parecem luxos que ela deve a si mesma perto do fim da vida: que os jovens herdem um mundo exaurido. Metano está chegando, e hidrogênio separado da água por energia elétrica gerada pelo vento, ela ouviu falar disso na estação npr num programa de ciências na sexta-feira.

Sob a faia ela sente a face inundada de um excitado calor de pena e inveja, como se encontrasse no escuro das gotas um eu mais jovem; quando Kathryn se vira, depois de destravar a porta, para dizer um último adeus formal, estendendo uma longa mão branca e molhada, Hope, em vez de fazer o mesmo, a abraça, apesar de que, sendo tão mais baixa, seus lábios pousam não sobre a bochecha da outra, mas sobre a angulosa curva de seu maxilar. Ainda assim, ela permanece firme, desfrutando desse outro corpo agasalhado, impaciente, nu e saboroso sob as roupas, mais quente que o ar: em meio às hastes de chuva, um aroma do espesso cabelo preto: "*Tenha* a sua vida", ela diz, num sussurro empurrado de dentro como um berro, "vá e tenha sua vida, querida. Não será a minha, não pode ser a minha, de certa forma éramos todos tão ingênuos, pensando ser tão importantes para o mundo, mas será a sua, a sua própria vida. Não fique parada. Não deixe esse Alec ou qualquer outro homem tirá-la de você."

Kathryn, momentaneamente rígida, retribui o abraço, talvez mais apertado do que ela pretendia, e baixa o rosto o suficiente para prometer: "O.K., tentarei não deixar." A bicada de beijo que sua face molhada dá na face molhada da mulher mais velha tem a qualidade severa, estatuesca, da sua boca: endurecida pela seriedade, pela concentração do esforço de uma entrevista, negando a si tudo exceto alguns poucos sorrisos. Agora ela parece, sim, sorrir de dentro de um ensopado capuz de lã macia. A invasora diz: "*Obrigada* por ser tão generosa com o seu tempo, e tão franca. Por favor, você *precisa* voltar para dentro."

"Obrigada a *você* por me deixar falar e falar, tornando tudo real para mim mesma outra vez." Será que ela *foi* franca? Franca demais? Sobre dor? Sobre Zack? Não importa. Tão pouco importa, é como acaba sendo. Por que ficamos tão aflitos? Hope solta o abraço; sente a chuva se infiltrando através da sua grossa camisa de lã até chegar à pele, e mais além, àquela sua camada onde um dia a morte se instalará. "Agarre sua morte" era uma frase de sua infância usada por adultos em relação a resfriados, que pairavam no ar como fantasmas, e a pólio e as ondas de rádio. Nossos ancestrais africanos pensavam que caminhávamos por entre enxames de espíritos e acontece que, de fato, estamos rodeados de micro-organismos.

Kathryn encontra a maçaneta da porta do carro de Alec; a escuridão e a chuva soltam o baque ruidoso da porta do lado do motorista se abrindo, espalhando uma cunha de luz sobre as botas de pontas quadradas de Kathryn, o fragmento de terra se transformando em lama debaixo delas, algumas lâminas de grama achatadas aqui na borda do gramado e um espalhar de seixos cada um com sua aguda projeção de sombra, como algo que o sr. Hartz gostaria que Hope visse. O que pensaria ele vendo-a, chegando perto dos oitenta e tão cega agora quanto aos dez anos! Sem ousar correr, ela abre o caminho de volta pelas pedras, cuja localização seus pés sabem de cor, embora ela ainda seja grata pela visibilidade ao se aproximar das janelas iluminadas da casa. Os faróis de Kathryn se acendem e aí giram no começo da curva, de maneira que a terra sob os pés de Hope parece rodar, deslizar numa onda de luzes que se mexem exagerando cada contorno e bolsão de sombra na relva incolor; as luzes sobem até ela como a

superfície lunar para um visitante da lua ao pousar, mas desaparece quando o automóvel da visitante faz outra curva, muda a marcha e segue descendo pela estradinha de terra com as lanternas traseiras vermelhas que piscam como olhos de um dragão zangado. A buzina soa uma vez, os cones de luz cheios de chuva cintilante param um instante e depois desaparecem atrás do muro de pedra na parte superior da estrada pública, asfaltada. Hope chegou à metade seca da varanda, faz um aceno invisível e entra em casa.

Você devia ter um bicho de estimação. Um gato mataria os passarinhos que vem para o comedouro. Um cão infligiria a ela a opressão de amor e necessidade de ser levado para passear, de ser alimentado, de ser agradado, de ser aceito como uma pessoa plenamente qualificada embora frequentemente intrigada. Depois de falar tanto, Hope sente-se enjoada consigo mesma, como depois de comer muito. Nada a fazer a não ser deixar o metabolismo expulsar do seu sistema; leva dias. Os ponteiros finíssimos do relógio sobre o console marcam sete e quarenta e sete, um pouco cedo para a cama, mesmo para ela, mas sua camisa verde-musgo está molhada, assim como o cabelo e as sandálias e as meias cor de algodão, e ela não quer agarrar sua morte. Pneumonia é o que acontece quando o câncer e a estenose arterial não fecham negócio. Quando ela tenta personificar a morte, visualiza um dono de galeria que sempre tem a vantagem, por mais que ele seja pequeno, corcunda e atencioso. Ela estende a mão atrás da cabeça e puxa o elástico cor de bala da loja de Montpelier que vinha mantendo no lugar seu fantasma cinzento de um rabo de cavalo, e distraidamente o coloca no pulso esquerdo enquanto entra na cozinha, onde fricciona vigorosamente o cabelo molhado num pano de prato azul xadrez sobre a pia. Desabotoa a camisa de lã, pesada pela chuva absorvida, e anda de um lado a outro na sua gola rulê amarelo-trigo, que está molhada só no pescoço, e, com uma mão apoiada sobre o balcão de mármore, tira as sandálias e as pesadas meias cinza encharcadas. Aumenta o termostato da cozinha em dois graus. Abre a geladeira, sua luzinha obediente que automaticamente se acende, lembrando-lhe a luz espalhada sobre as caras e desconfortáveis botas de Kathryn. Após contemplar a magra ração sobre as prateleiras de hastes de cromo paralelas, ela tira o meio sanduíche que embrulhou em papel-alumínio para Kathryn levar, mas que a moça desprezara. Ao desembrulhar o sanduíche, brilhos refletidos do alumínio que estala dançam despercebidos pela textura composta dos painéis do teto rebaixado com suas luzes embutidas, reostatadas. Desprezou seu sanduíche, ela pensa, desprezou seu café instantâneo, insinuou que amava Zack mais do que Hope jamais amou, e depois de tudo isso, de um dia inteiro de agressão, manifestou agradecimentos meramente formais. Hope morde o canto do pão de arroz selvagem com pecã, sentindo primeiro o sabor adocicado da geleia, depois a oleosa manteiga de amendoim, e desce o corredor até o estúdio comendo enquanto anda, espalhando migalhas. Alimentando os ratos. Um gato poderia matar ratos, também, outra coisa desagradável, trazendo os pequenos corpos peludos, mastigados, para que ela os admire, ou para ensiná-la como também matar ratos, como se fosse uma gatinha. Seus dias de gatinha já passaram. Seguramente, tendo dado à moça um dia inteiro do seu escasso tempo no planeta Terra, ela pode dar aos ratos algumas migalhas. Mildred Warren virá amanhã fazer a limpeza. Amanhã é um dia cheio — a mulher de limpeza e uma consulta dentária em Burlington com o dr. Weiss, para cuidar de uma cárie onde sua gengiva recuou de uma coroa numa bicúspide, expondo a raiz à deterioração. Talvez preenchê-la tire o gosto ruim na sua boca, que nenhuma quantidade de escovação e bochecho com Listerine parecem alterar. Sua boca é uma tamanha colcha de retalhos de coroas e canais tratados e implantes; em qualquer época anterior ela seria uma dessas idosas grotescas que Leonardo, com seu modo frio e distante, desenharia, com um ou dois dentes restantes e o perfil todo encavado. Pobre homem, o gênio dos gênios, o primeiro homem desde os gregos e romanos a ousar olhar para tudo, o corpo e seus ossos e entranhas e os aquosos saca-rolhas dos ventos e correntes dos rios, mas que evidentemente nunca tinha visto uma vagina; pelo menos aquela que está em seus cadernos de notas é

claramente a de um cadáver feminino, insensível e escancarada.

Hope esquecera de desligar as lâmpadas fluorescentes do estúdio desde que brevemente entretivera a entrevistadora ali. Seus tubos no teto derramam luz azul vívida em cada canto do grande espaço, uma luz fria não natural sob a qual ela prefere não pintar; mesmo num dia carregado de nuvens a luz setentrional quando cai, com seu arco-íris oculto, através das duas altas janelas e pela cúpula da claraboia de acrílico, é melhor, mais verdadeira. A claraboia tamborila com o som da chuva como um homem demente sozinho numa sala falando consigo mesmo. Hope sempre teve medo de que ela vazasse, mas até hoje não vazou, Jerry assegurou-lhe que isso não aconteceria quando mandou construir o estúdio para ela. Ela a deixou confortável. Sabia que ela ficaria sozinha de novo. O espaço é grande demais, ele não entendia que o seu tipo de pintura acontecia nas polegadas entre a mão e o olho, que ela teria se contentado em trabalhar no quarto extra que tinham em cima, exatamente como na casa dos Flats até o celeiro se tornar seu. Junto das paredes, atrás dela, há diversos cavaletes — pois ela gosta de trabalhar em dois ou três quadros ao mesmo tempo, cada um com sua própria música cinzenta como harpas sendo dedilhadas na neblina, o cinza do grafite e o das penas da pomba e da prata e da pedra e da espuma do sabão —, telas jaziam empilhadas com os lados dos esticadores para fora, seus próprios, secos e endurecidos e aguardando a viagem para Nova York e a próxima exposição, uma retrospectiva em homenagem ao seu octogésimo aniversário no ano 2002, e alguns dos seus primeiros dois maridos; de Zack, vários fragmentos tamanho cartão gotejados tão casualmente que ela nunca os colocou à venda, em seu modo caótico ele era um perfeccionista e destruía o que considerava um trabalho fracassado, trabalho que carecesse do ímpeto das profundezas junguianas, e de Guy, algumas obras lúdicas pequenas, em papel e pastel, uma em acrílico, madeira, arame e papel colorido formando um buquê pop entrelaçado com as palavras numa fita, primavera eterna, obras que lhe foram dadas em ocasiões de família, aniversários e datas de casamento nos dezessete anos que ficaram casados. Ambos, isto lhe ocorre agora, acreditavam que ordem e beleza deviam ser feitas pelo homem, obtidas com um titânico esforço consciente como o exibido nos musculosos murais dos anos 1930 que propagandeavam a visão trágica do humanismo socialista, enquanto ela sentava-se diante dos seus cavaletes esperando que, ao manter um recato quieto, ela conseguiria ouvir a música que está além do barulho humano. Que tolice, talvez. Mas todas as desculpas para a arte são tênues e fenecem; o que resiste é a arte em si, a pintura mantendo intacta qualquer que seja a esperança ou intenção trabalhada por aquele arriscado momento.

Ela esqueceu de desligar a pródiga iluminação que Jerry proporcionara e agora esquece por que veio até aqui, molhada e exausta e sentindo levemente a falta da visitante, aquela moça corajosa, tenaz, exasperadora, e então se lembra: para recolocar o telefone de parede da cozinha no gancho. Ela tem uma secretária eletrônica para pegar recados na cozinha, embora Hope soubesse que faria força para escutar da sala de estar o que diziam ao aparelho; e teria sido ainda mais impolido desconectar ali ou na sala, infligindo à visitante o periódico grasnido com que a companhia telefônica tenta dizer a você que o seu telefone está fora do gancho. Melhor grasnir sem ser ouvido no estúdio, em meio às pinturas não vistas. O receptor — tão menor que os antigos, que iam do ouvido à boca como naqueles pôsteres de pin-ups de Petty, ao passo que estes receptores novos e os telefones celulares com abas que se abrem sugerem que basta estar próxima dos lábios que falam, centímetros para o lado, talvez parte do embotamento geral da atenção, os filmes e programas de tv onde as falas cruciais são jogadas fora com o Método de atuação e a tela da cnn tenta nos dar três novas matérias de uma só vez, a cabeça falante e o texto correndo e os resultado dos esportes — a faz lembrar, enquanto ela o coloca de volta no gancho, dos antiquados telefones públicos de Guy em vinil flácido, flácido como os coelhos mortos de Chardin, apesar de que na época em que ele os estava fazendo ela estava impensadamente viva demais para se perguntar se a morte era a metáfora pretendida por Guy, e agora ele está caduco demais, o cérebro endurecendo numa

cartilagem inútil, conforme as publicações médicas descrevem, para responder se ela lhe perguntasse. Observando-se diariamente em busca de sinais do mesmo destino, ela frequentemente se pergunta como é a sensação de saber cada vez menos e sempre chega ao enigma de que não se sabe o que não se sabe, mais do que um cachorro entende a superestrutura da linguagem e da organização política e econômica por trás das presenças humanas para as quais o animal é tão alerta, suas narinas revestidas de camadas e matizes de odor humano. A analogia óbvia é entre nós e a mente de Deus; não temos a menor pista, ou melhor, pistas são tudo que temos.

Então. O telefone a reconecta com o mundo, com Mildred, que pode ter tentado ligar para cancelar — ela é toda amigável, com suas fofocas do vale e presentes de tortas e geleia de maçã na estação dessa fruta e repetidas ofertas de um filhote de labrador quase de graça, mas mantém o seu próprio cronograma e tem uma postura altiva, tratando Hope como igual, como se estivesse lhe fazendo um favor —, e com seus filhos, caso Paul ou Piet quisessem vir saber as novidades ou apaziguar suas consciências filiais, embora geralmente as visitas sejam nos fins de semana; Hope está potencialmente reconectada, com os operadores de telemarketing e arrecadadores de dinheiro, com alarmistas e fofoqueiros, com as outras várias mulheres idosas da região com predileções e passados metropolitanos não dessemelhantes, que cuidam da vida umas das outras, e com aquelas ocasionais vozes mais jovens, oportunistas ansiosos, filhos ou netos de velhos amigos — a neta de Jarl Anders apareceu no verão passado, com a sua cor da alta Escandinávia mas os traços finos e penetrantes de Frieda, e um leve ar de benevolência que foi o que restou dos terríveis êxtases proféticos de Jarl —, ou jovens bolsistas de arte ativos na esperança de embolsar ainda que um mínimo de atenção ou benção de qualquer um do passado com nome ligeiramente famoso. Ela está novamente plugada a tudo isso, embora duvide que o telefone vá tocar agora que já passa das oito. Apagando as luzes fluorescentes excessivamente claras de Jerry, deixando suas telas para as trevas e o monólogo balbuciante da chuva na claraboia, Hope sente ter se livrado de um peso, a moça alta e escura tendo ido embora, engolida pela tempestade, perdida no vórtice agora que o momento úmido é passado, quando ela sentiu-se sólida em seus braços, como Dot naqueles longínquos dias quando a criança está deitada se remexendo em seu berço solitário, morrendo de vontade de ser apanhada e segurada, e deu aquele beijo frio e molhado que a fez enrijecer-se ao lado do pálido para-lama do carro; Hope está aliviada de estar novamente sozinha, mas a longa entrevista a deixou com a inquietante sensação de que os eventos da sua vida estiveram próximos demais, comprimidos numa única fatia colorida de tempo, em vez de desenrolarem-se numa orgânica, sagrada e lenta procissão de noites e dias se alternando, fases de solidão e incerteza e desolação, mas também de um frutífero sonhar, devaneios entremeados de rompantes de atividade, de sociabilidade, de dançar convidativamente ao redor de um homem lindo e gastar a energia acumulada em indolência inerte.

Uma pequena lavanderia foi adicionada quando Jerry construiu a ala do estúdio para ela, e no seu pequeno espaço, bem instalada como uma bandeja de gelo com dois cubos enormes, dois utensílios gêmeos e prateleiras de detergente e lâmpadas de reserva e latas de spray de engomar e folhas/*feuilles*/*hojas* de amaciante de tecidos; Hope joga a camisa flanelada xadrez molhada e tira a gola rulê amarela, o pescoço encharcado como um garrote pegajoso, e suas calças marrom de veludo tendo ficado mais largas por estarem lá fora na chuva, e põe tudo na lavadora sem baixar a trava laranja ou tocar os comandos — o ciclo de lavagem seria de vinte e cinco minutos e secar poderia levar quarenta ou cinquenta, mas se a roupa é deixada na secadora a noite toda, tudo fica amarrotado, e ela não quer descer de novo ou ser impedida de cair no sono se a pequena novela de Spark a embalar. Mildred pode pôr para lavar amanhã, enquanto aspira o pó onde lhe der na telha e espana as superfícies mais fáceis de alcançar, sem nunca chegar às teias de aranha na base da cadeira ou nos cantos mais altos. A mulher, além disso, fuma, como fazem tantos desses vermontenses “de verdade”, e o áspero cheiro de não-dou-a-mínima na

casa lembra Hope afetuosamente dos dias em que todo mundo fumava, no Cedar na Praça da Universidade ou na Cafeteria Waldorf na Sixth Avenue, nas festas no galpão do Sindicato dos Artistas na esquina da Sixteenth com a Sixth, grossos rolos de fumaça, efeitos atmosféricos de Whistler, fumaça de depressão e guerra e temerária aspiração artística. Hope sente o ar na sua pele nua, o que lhe provoca arrepios. Se algum gatuno ou urso de garras longas olhar pelas janelas laterais, terá o que merece, a visão de uma velha senhora descalça em roupa de baixo — calçolas brancas estilo largo, não biquíni, não fio dental, e um sutiã da chamada cor da pele, embora não seja a cor da pele de Ticiano nem Fragonard nem Bonnard nem Modigliani.

Sua boca está seca e mole de tanto falar. Ela suga os dentes para ver o quanto seu hálito está ruim; ela nunca consegue saber direito. Lambe os dedos, ainda melados do sanduíche de geleia, e tira da caixa de pão dois frágeis biscoitos Carr's Hob Nobs e se serve de um pequeno copo de leite desnatado, verificando primeiro se há o bastante para o cereal do desjejum do dia seguinte mais uma dose na caneca de chá que ela leva consigo para o estúdio pela manhã. Ela se vê fazendo isto tão vividamente como se a noite já tivesse passado. A sensação de simultaneidade comprimida paira na sua cabeça como o deslocamento cerebral na manhã seguinte a uma noite tomando vinho e fumando maconha, uma espécie de ressaca derrapada. Com medo de estragar suas cabeças, ela e Guy largaram o fumo, pelo menos no apartamento da Seventy-ninth Street ele largou — indubitavelmente, como Jeanette Nova maliciosamente insinuava, no Hospício a coisa podia ter continuado mais do que ela percebia, fatos fora do campo de visão como uma infiltração de água que acaba por minar as fundações de uma casa — mas ela e Guy, descendentes do protestantismo radical, eram semelhantes na desconfiança de dourar o lírio da existência terrena, estar vivo era a própria viagem. No seu olho mental Zack parece mais distante que Guy, um ogro lastimável que virava mesas e batia carros, enfiado no canto distante da Ilha para onde ela o levara; ela deveria sentir-se próxima a ele, pois ele deixou traços claros e dinâmicos de sua mão nas suas pinturas gotejadas, mas aquelas telas derramadas e respingadas numa dança xamânica tornaram-se monumentos tão rígidos quanto os do Egito, construídos com blocos de pedra lapidada a mão.

Na sala de estar, por onde Hope vagueia com o último punhado de amêndoas não salgadas do dia, sua atenção gravita para os objetos resgatados das casas de Germantown e Ardmore, aqueles que seu irmão sobrevivente não reivindicou. Sobre o tampo de uma simples mesa de costura quadrada de bordo curvado ela vê uma gasta passadeira de algodão azul e vermelho cujas linhas desbotadas ainda descrevem duas estilizadas aves árabes cuja anatomia exata havia intrigado seus olhos infantis, e um cinzeiro de cobre torcido ainda contendo manchas de sujeira dos Chesterfields apagados por seu pai, e um candelabro de cerâmica rústica com esmalte brilhante e braços abertos, como os braços de um homem com as mãos nos quadris: o significado havia sido herdado por esses objetos antes que ela tivesse palavras para enfraquecê-lo, seus braços e olhos tendo-os explorado na silenciosa antessala bem ao lado da sua entrada no mundo. No fundo da penúltima prateleira de uma cristaleira com portas de vidro há dois curiosos vasos que ela tentou pintar em aquarela quando estava tomando aulas com Rudolph Hartz. Um era pesado e marrom, tão pesado que parecia estar cheio apesar de estar sempre vazio, com sua circunferência atarracada e listras púrpuras no esmalte, e o outro vaso, cilíndrico e com listras diagonais, lembrava vagamente a um poste de barbeiro com faixas de cores opacas, lembrando-lhe das guardas marmóreas de um livro fino ou, agora, as cores nas asas do anjo ajoelhado na Anunciação que Fra Angelico havia pintado na parede da galeria no alto das escadas no Convento de San Marco. Era uma obra imortal, mas exibicionista, com suas penas e, pilares e flores, o recluso pintor culpado de virtuosidade; Hope preferiu, quando passeou pelo convento com Jerry duas décadas atrás, a Anunciação mais severa na cela de um monge, duas criaturas femininas transfixadas num quarto vazio.

Como ela observara esses vasos sob a luz da varanda lateral em Ardmore! — observara e misturara

cores do conjunto de aquarela, seu arco-íris quebrado em quadradinhos côncavos, roubando com seu pincel molhado uma lambida de vermelho de um dos quadrados, e de outro, uma trêmula gota de azul, buscando na sua mistura o equivalente do reluzente castanho arroxeado do vaso cinturado de parede grossa, ou do turbilhão enlameado multicolorido do outro de lados retos. O mundo era todo cores, mas jamais cores sem mistura. Este mundo desaparecido continha peças de mobília que ela ainda pode visualizar — uma louceira de canto feita de pinho tingido de vermelho; um forno a carvão no qual sua avó cozinhara na casa em Germantown, puxando de suas entranhas crepitantes, com uma luva de asbesto florida, uma bandeja de biscoitos de passas; uma cama com quatro postes de dossel que sustentava seu colchão sobre cordas e rangia em vez de afundar quando se saltava em cima dele; o descanso para os pés, com suas longas fatias triangulares de couro colorido como cobertura, que "vivia", era a expressão usada, no solário do vovô, junto dos filodendros plantados em vasos e do suporte de revistas de bordo, partido ao meio por uma divisória com um buraco largo perto das bordas para ser levantado pelos dedos. Ali ficava ele, carregado de revistas fora de circulação havia mais de meio século, perto da cadeira xadrez; ele lia fielmente *The Saturday Evening Post*, romances e tudo mais, a cabeça reclinada para trás para tirar proveito de suas bifocais.

De roupa de baixo, Hope senta-se na cadeira xadrez de braços largos e abre os dedos de uma mão sobre o carvalho curvo. O polegar e o dedo mínimo alcançam facilmente de um lado a outro. As costas de sua mão estão sarapintadas e marcadas pelo sol e pela idade como se tivessem sido escaldadas, as veias mais proeminentes formando padrões como letras retorcidas que ela quase consegue ler, pequenos rios casuais que permaneceram em seus cursos toda sua vida. O inchaço da artrite em numerosas articulações fez com que os segmentos superiores de seus dedos se desviassem da linha reta. Ela se maravilha que esta mão deformada de velha seja dela.

Seu avô entra na sala com seu passo macio, manhoso. Embora não seja alto, ele se move pela sua grande casa inclinando-se furtivamente, ao ardiloso fingimento do proprietário de ser o mais manso dos homens. Hope se sobressalta culpada de ter sido descoberta na cadeira dele, mas ele parece achar graça, os olhos saltando de um grau de ampliação a outro enquanto ele move sua penteada cabeça cinzenta para cima e para baixo, inspecionando-a. Ele parece a Hope totalmente cinzento, o cabelo liso dividido ao meio e muito misturado com branco, o colete de lã cinza sobre sua camisa listrada sem colarinho, as calças que um dia foram pretas mas que agora, tão frequentemente passadas e gastas nos joelhos alargados, são foscas como uma sombra, suas botinas tão enrugadas que pegam brilho em listras. O buraco onde deveria estar o botão do colarinho está aparecendo, e as mangas compridas são conservadas no lugar por elásticos pretos acima do cotovelo. Dele vem um cheiro similar ao de roupas de inverno mantidas durante todo o verão num alto armário de cedro. Com cômica formalidade ele ergue uma mão, como que para reter o tráfego na mente de Hope, para dar seu texto: "Não te inquietes. O que estavas medindo com tua mão?".

A criança que ela foi há muito tempo carece das palavras para explicar.

"Só vendo uma coisa", ela começava, e parava.

Após uma pausa ele concedia:

"Esse é um assento agradável para observar a Criação. Meus planos tinham sido sentar com o *Evening Bulletin* de ontem, à procura de notícias que eu possa ter perdido, e esperar pelo correio vespertino. O bom sr. Brubaker geralmente faz a entrega às três horas e trinta, caso se omita de demorar-se em conferência com a viúva Kendall rua acima. Está escrito na Constituição, evidentemente, que o dever mais importante do Departamento de Correios é coletar a fofoca de cada domicílio."

"É mesmo?"

"É maneira de falar, criança. Assim parecendo, assim se torna. Eu fiz o que em linguajar comum

chama-se piada. Diga-me, não há, para as jovens damas, brincadeiras hoje, nenhuma visita de colega?”

Ele via dentro da vida dela. Lisonjeada, Hope fornecia um relatório completo:

“Freddy Traphagen veio aqui, mas teve de ir para casa. Vovó foi a pé até o açougue para comprar um assado e patê de porco, mas eu não quis ir junto, odeio todo aquele sangue e o jeito como o homem de avental grande sorri para mim. Mamãe está tirando um cochilo e disse que eu não devia fazer nenhum barulho. Você e eu poderíamos jogar Fish.”

Seu rosto estava quente de tentar aumentar a atenção que ele estava prestando, de forma tão grave e cortês.

“De fato poderíamos, embora eu tivesse que fazer um leve reajuste nos meus já mencionados planos. Em vez disso, poderíamos caçar um tesouro.”

“Caçar um tesouro?”

“Se eu fechar os olhos, tenho uma ideia de onde pode haver algum escondido. Mas terás de reajustar tua posição na nossa cadeira. Terás de ajoelhar-te ao lado dela. Tua mão é tão fina e pequena comparada com a minha; faz-me uma gentileza, minha neta, e coloque-a entre as duas almofadas.”

Ela olhou para a mão dele, pendendo meio fechada na altura do bolso da calça que continha seu canivete com cabo de osso, com o qual ele não só descascava maçãs e pêssegos em longas tiras espirais, mas também cortava as próprias unhas; quando aparava as unhas, sua boca, mais flexível que a dela porque os dentes podiam sair, enrugava de concentração, e os olhos ficavam enormes na metade inferior dos óculos. Ela viu que ele tinha razão, a mão dele era grumosa e enrugada, marrom como jornais guardados durante anos no fundo das gavetas, e seus dedos tinham bordas como as lombadas arredondadas dos livros ou palitos de chocolate quando tinham endurecido na bandeja do fabricante de doces. Hope assistira a doces sendo feitos da calçada na Chelten Avenue através da grande vitrine perto da loja de sapatos quando saía para fazer compras com a mamãe; o chocolate saía do panelão fumegante e pastoso, mas endurecia muito depressa, dando à gorda mulher sentada, cercada de toda aquela doçura, o tempo exato de rabiscar um desenho em cima com sua colher, rápida como a luz.

Obedientemente Hope ajoelhou-se ao lado da cadeira e empurrou sua própria mão, pequena e redonda com gordura entre as juntas, enfiando-a na fenda, que no começo estava assustadoramente apertada. Tateou em volta num espaço de pano secreto, rezando para que nenhuma aranha a picasse nem que uma centopeia, com suas horríveis patas oscilantes, subisse na sua mão. Sob o pano esticado havia os pedaços de metal que a mantinham firme por baixo, e sobre um dos lados, quando estava prestes a desistir, sentindo o braço apertado como que por um garoto maldoso, as pontas de seus dedos encontraram as bordas curvas e duras de um — não, dois — pequenos objetos circulares. Pinçando-os cuidadosamente, ela os trouxe para cima e os exibiu na sua palma: duas moedas, uma grande prateada e outra pequena marrom. A marrom ela conhecia, era um *penny*, mas a maior ela nunca pegara na mão antes.

“O que é isto?”, ela perguntou ao avô.

“Não sabes ler?”, indagou ele.

“Palavras ainda não. A professora do jardim de infância nos disse que isso vem no próximo ano, na primeira série.”

A srta. Fox tinha dentes grandes que se sobrepunham e estragavam sua beleza natural, dizia mamãe. Mamãe entendia de beleza e disse a Hope que ela nunca seria linda, mas um espírito radiante poderia compensar isso.

“Nem mesmo números e o alfabeto?”

“Talvez”, ela disse, sem ter certeza se estava mentindo.

A voz do avô tinha adquirido um arquejo suplicante.

“Leve a moeda grande até a luz da janela, jovem dama, e diga-me o que teus olhos detectam.”

O ar por aqui pegava emprestado um tom azulado das hortênsias do lado de fora, espremidas pétala contra pétala como se esforçassem para olhar janela adentro, tentando sair do sol que estava branqueando seu azul.

“Há uma dama entrando numa grande bola, o sol está se pondo...”

“Ou nascendo, diriam alguns.”

“E debaixo dos seus pés há alguns números pequenos... um, nove, dois, dois.”

“Esse é o ano em que ela foi cunhada, o mesmo que o teu. E o que há do outro lado?”

“Um pássaro amedrontador, indo na mesma direção.”

“Uma águia marcial. Nosso emblema nacional. Benjamin Franklin achava que o peru selvagem seria mais adequado.”

“Há um monte de palavras em volta dele.”

“Na base, você consegue soletrar essas letras?”

Isso era difícil. Por que faziam essas moedas para parecerem tão antiquadas e confusas? Ela sentia uma intrincada força divina pressionando o desenho, tornando-o obscuro.

“‘H’, eu acho, como o meu nome, e ‘A’, e... é aquela com uma perna só...”

“‘L’”, disse o avô. “Sem som, na forma ilógica da língua inglesa. Um meio dólar, minha criança. Uma peça de cinquenta centavos”, o avô anunciou, a voz outra vez mudada, mais assentada no peito. “É tua, com minha benção.”

Hope virou-se da janela e viu que ele se sentara na cadeira de braços largos. Era por isso que sua voz soara ligeiramente diferente. Ele lhe roubara o lugar. E já pusera os sapatos gastos confortavelmente sobre o descanso com tiras de couro enfeitadas, embora Hope tivesse ouvido mais de uma vez vovó dizer-lhe para não fazer aquilo, pois enchia as costuras de sujeira.

“Ei”, ela disse. “Essa cadeira era *minha*.”

O avô não pareceu ouvir. Recebeu seu protesto com um sereno olhar azul-cinzento dividido pelas lentes bifocais, um olhar dentro do qual os olhos da criança leram total aprovação, um amor bifocal de longe e de perto, próximo e duradouro.

Hope sorri, lembrando-se do truque do velho homem, e percebe que ele havia plantado as moedas ali, para que ela as descobrisse no dia que ele escolhesse. O meio dólar e o penny tinham uma simetria suspeita; a data na moeda maior era fortuita demais. Desse dia em diante ela procurava entre as almofadas com tanta sinceridade que às vezes não havia moedas — elas não tinham tido tempo de crescer — e raramente mais que uma de dez centavos. Às vezes havia um clipe de papéis, outra vez alguma pastilha preta mentolada para a tosse, com uma estrela estampada, e uma vez seu canivete, que escorregara do seu bolso para a fenda. Quando ela devolveu a faca com cabo de osso, as sobrancelhas grisalhas do avô se ergueram de surpresa, e ele a recompensou com uma moeda de um quarto de dólar. Hope pensa em ir explorar a fenda entre as duas grandes almofadas xadrez neste exato momento, mas as costas e o quadril doem com a antecipação de ter de se abaixar, gemendo, e ficar de joelhos sobre o tapete de retalhos oval, e ela tem medo de não achar nada.

[1]Pennsylvania Dutch: Grupo de imigrantes de língua alemã e seus descendentes que colonizaram a Pensilvânia. (n. t.)

[2]Correspondente às nossas lojas de R$1,99. Os artigos custavam 5 ou 10 centavos. (n. t.)

[3]O autor emprega o termo *basilisk*, um réptil mítico considerado "a rainha das serpentes" por sua capacidade de matar com um simples olhar. (n. t.)

[4]No original, "*Hopeless*", "sem esperança". (n. t.)

[5]Palavra iídiche já incorporada ao inglês: bobão, idiota, babaca. (n. t.)

[6]Literalmente, do alemão: "bolo e crianças". Referência irônica aos afazeres domésticos. (n. t.)